

A CRÔNICA INDUSTRIAL



L Vallejo

“Crônica Industrial”
© 1997 Luis V Vallejo
1ª Edição - 2020

O autor
não autoriza e proíbe a sua venda
ou comercialização em qualquer tipo de mídia;
impressão em papel ou em outra mídia
qualquer; bem como a realização de quaisquer alterações
no conteúdo ou forma do presente livro.

Contact:
lsvltn@gmail.com
<http://cloneclock.blogspot.com/>

CRÔNICA INDUSTRIAL

POR
LUIS VALENTIN VALLEJO



Primeira Edição
Baseada em Originais de 1997

2020

INDICE

Introdução	7		
1 O Portão	9	34	A Benzedura 149
2 A Promoção I	13	35	A Professora 157
3 O Dia da Caça	15	36	Cartas Anônimas 163
4 Uma Grande Quantidade	19	37	O Poder da Imagem 169
5 Os Exames	25	38	O Bombom 175
6 O Espião I	29	39	Empresa vai Parar 179
7 O Carnaval do Assistente	33	40	O Roubo do Carro 185
8 Santana I	37	41	O Passeio 189
9 Faça Só o Que Digo I	43	42	A Viúva Paga II 195
10 Tutti Buona Gente I	45	43	A Festa de Casamento 197
11 Esmeraldo	51	44	O Paneleiro 199
12 O Defeito da Calculadora	55	45	A Conta do Churrasco 205
13 A Blusa de Lã	57	46	A Confissão 209
14 O Espião II	61	47	O Casam. de Natale 1 213
15 Zazá	69	48	O Casam. de Natale 2 217
16 Jonilson	73	49	O Casam. de Natale 3 223
17 Natale	77	50	O Casam. de Natale 4 227
18 O Curso de Esmeraldo	81	51	O Casam. de Natale 5 231
19 A Banda	85	52	É Permitido Proibir 235
20 Que futebol que nada	89	53	O Tapa Buraco 239
21 A Viúva paga	91	54	A Mijada 243
22 O Espião III	93	55	Fui Eu “que fiz” I 247
23 A Doença da Mulher	97	56	Basicamente Tudo 249
24 Meu Cargo Minha Vida	103	57	O Seringuinha 251
25 A Escolha do Encarregado	107	58	A Orelha de Cachorro 255
26 Faça Só o Que Digo II	111	59	O Roubo I 259
27 Ação Sindical I	115	60	O Roubo II 261
28 Ação Sindical II	119	61	O Salgado Discórdia 265
29 Apelidos	125	62	O Jogo 269
30 Não Tomar o nome vão	129	63	A Conqsta de Jonilson 273
31 Tutti Buona Gente II	133	64	Natalino I 277
32 Dessa Agua não beberei	137	65	Natalino II 279
33 Atire para Matar	143	66	A Falha da Avó 283

67	Eles não valem nada	287	101	Qual é sua Opção?	457
68	A venda de Títulos	291	102	A alma da Empresa	463
69	A Sociedade	301	103	Brasilino	473
70	A Sala do Suplício	307	104	O Paco	479
71	Fiscalização	311	105	Pilotos	485
72	O Chefe	315	106	O Retrato da Derrota	489
73	O Ratocorps	319	107	Low profile	495
74	O Teste	321	108	A Premonição	501
75	Desgraça Total	327	109	A Quadrilha	509
76	Correio Sentimental	331	110	A Paulada na Mamãe	523
77	A Trama I	339		Epílogo	537
78	O Inimigo do Riso	343		Mensagens	541
79	A Trama II	347			
80	A Aliança	355			
81	O Descarte	359			
82	A Justa Punição	363			
83	Eu Me Responsabilizo	367			
84	Fui “eu que fiz” II	371			
85	A Viagem de Esmeraldo	377			
86	Os Sustos	381			
87	A Festa Secreta	387			
88	O Casamento	391			
89	Adail	397			
90	A Noite dos Casais	401			
91	A Fuga	407			
92	O General	417			
93	É de Berço	421			
94	O Mistério	423			
95	É Preciso Saber Jogar	427			
96	Braulio	433			
97	Parabéns Papai I	439			
98	Santana II	443			
99	Com ou sem álcool?	449			
100	A Escolha do Substituto	453			

Introdução

Em cerca de 20 anos de trabalho em uma unidade de uma grande multinacional, fui testemunha de uma quantidade de ocorrências que somente a capacidade do ser humano pode arquitetar.

Tudo narrado aqui É ABSOLUTAMENTE VERÍDICO.

A maioria dos fatos PRESENCIEI e alguns foram contados por fontes fidedignas e corroborados posteriormente por diversas testemunhas.

Todos os nomes são fictícios, por motivos óbvios, mas, quem trabalhou nesta unidade não terá a menor dificuldade em reconhecer os personagens e as situações explanadas.

Os fatos se passaram em décadas de 1960, 70 e 80. Durante a sua leitura, hoje, em 2020, você pode muito bem se identificar ou identificar vários personagens com pessoas que conhece ou que fazem parte de seu trabalho.

Como é possível isso? Como ocorrências de quase meio século atrás podem se repetir hoje? Uma época de baixa tecnologia, sem celular, computador, redes sem fio, etc, e você se identificando com ela?

A explicação é simples. Avanço tecnologico no trabalho, mas no elemento humano as mesmíssimas falhas de caráter, as mesmas psicopatias, as mesmas manias, os mesmos transtornos obsessivos compulsivos, as mesmas sedes de poder e de enriquecer que sempre acompanharam o homem.

Por esse motivo o mundo gira, os séculos voam, mas o ser humano jamais vai deixar de ser o que é, jamais vão parar de nascer gênios de vez em quando e jamais vão parar de nascer loucos, tolos e estúpidos com uma frequência assombrosa. Talvez você esteja lidando com um ou vários deles, cujos semelhantes aparecem nas histórias aqui relatadas.

Portanto, pensando nessas circunstâncias, somente posso lhe aconselhar que divirta-se!

(No capítulo "Desvendando a Crônica Industrial" existe a verdadeira identificação - com fotos - de todos os personagens aqui mencionados, que fica restrito aos detentores do original deste trabalho)

Atenção

Faça a leitura em ordem, pois há explicações nos primeiros assuntos que são necessárias ao entendimento dos que se seguem.

1

O Portão

Década de 60. Uma unidade de uma grande multinacional, sediada em Minas Gerais. Novo gerente chega para dirigir a fábrica. Logo de cara implicou com o portão principal. Assim que teve chance, chama os responsáveis pela área técnica e pede um estudo para se trocar o portão.

- *Esse negócio de portão manual, já era* - disse imponente - *Quero algo moderno. Aperta um botão, abre. Aperta um botão, fecha!* - completou.

Como sempre, o segundo escalão, ávido por puxar o saco do chefe, concordou plenamente e aplaudiu a "visão" do mandachuva. Os chefes, então, partem para a missão. É convocada uma reunião com os responsáveis da área de manutenção mecânica, elétrica e construção civil e projetos.

- *O problema é o seguinte* - explicou o chefe - *O homem quer trocar o portão e eu quero um estudo de vocês com o projeto de um portão automático, supimpa.*

O projetista vai para seu posto e inicia uma procura de modelos de portão, já pré-fabricados. Encontra uns catálogos, examina bem e escolhe dois modelos: um com motor no portão e outro com motor estacionário. Duas semanas depois tem o projeto

pronto, com os dois modelos. O chefe da área leva o calhamaço para mostrar ao gerente, que em reunião com toda a chefia os coloca em discussão. Ganha o projeto com motor estacionário.

Dentro de 20 dias, o material para a confecção do portão começa a chegar na fábrica. O encarregado da mecânica destaca dois dos seus melhores homens para o serviço. Limpa-se um local dentro da oficina, condizente com o tamanho do portão, abre-se espaço, colocam-se cavaletes e mãos a obra. Dez dias de trabalho, o portão enorme já está na fase de acabamento. Todos já tinham ido admirá-lo. Estava uma beleza!

Na portaria, o motor já estava instalado no seu berço, o trilho já estava instalado, os controles, com botões iluminados, já funcionavam, tudo somente aguardando a chegada do portão.

Mais uma semana, pintado de alumínio, chegou o dia de levar o bichão para seu lugar definitivo. São chamadas duas empilhadeiras para fazer o transporte. Tudo pronto. Vários homens rodeiam a jóia para retirá-la da oficina para que, no lado de fora, as empilhadeiras possam fazer o transporte.

Pega daqui, segura dali, força, o portão vai em direção a saída. Aproxima-se da porta. Segura firme ! Tá chegando ! Mais um pouco ! Vamos! Mais..... Épa!!!

- *Pára! Pára !* - gritam os que estão na frente - *O portão não cabe na porta !!!!*

Os homens param espantados.

- *Vamos arriar. Um, dois, três.*

Bum! O portão está encostado, pois junto à porta havia máquinas operatrizes, furadeira e esmeril, que não deixavam que se manobrassem com o portão. Ele somente poderia transitar por ali em uma posição e nessa posição, não passava pela porta da oficina. As outras portas da oficina eram somente para passagem de pessoas, e estavam fora de questão.

O encarregado se desespera.

- *Tem que dar um jeito !* - gritava, com um olho no portão e outro no chefe.

Este, já atravessava o pátio às carreiras, pois um puxa-saco já tinha telefonado e avisado do que ocorria.

- *Que merda!* - gritou - *Quem é o responsável por isso?* - O silêncio foi total.

- *Vamos! Quero saber! O quê que o homem vai pensar disso? Essa porra de portão preso dentro da oficina por causa de alguns incompetentes que só sabem fazer cagada. Tirem ele daí antes que o homem fique sabendo dessa pouca vergonha* - esbravejou ele.

Mas, mal acabara de falar, o homem, o gerente, aparece ali como por encanto. Também tinha sido avisado por um dos vários empregados que já estavam no pátio, deliciando-se com a aflição dos mecânicos.

O silêncio foi tumular. O homem olhou, olhou, entrou na oficina, saiu, olhou a porta, olhou novamente o portão, sem dizer palavra.

Por fim, olhou para o chefe da área técnica e falou baixinho:
- *E agora ?*

Ao lado estava Adamantino, um funcionário que fazia faxina, com mais de 25 anos de casa, totalmente analfabeto, mas esperto que ele só. Fofoqueiro e metido, não deixava escapar uma, e respondeu pelo chefe.

- *Doutor, se fosse eu, arrancava a porta da oficina, quebrava a parede e tirava o bicho de lá.*

O gerente fuzilou o falador com um olhar, olhou o chefe de um modo gélido, se virou e foi embora, mudo de ódio. Logo, o falatório voltou. Quase bateram no Adamantino, que saiu rapidamente de cena. Mede daqui, mede dali. O portão, pesadíssimo, não pode ser movimentado. As opiniões pipocam. Nada resolve.

Uma hora depois, com o cansaço estampado na face, o chefe olha para o encarregado da construção civil e fala entre dentes:
- *Traz o teu pessoal.*

Todos levantam a cabeça e olham para ele.
- *É isso mesmo! Rebenta essa porra de parede e vamos acabar com isso!* - gritou, enquanto se retirava.

E assim foi feito.



2

A Promoção - I

Todos os elementos da chefia do primeiro e segundo escalões eram ou se tornavam maçons. Ramalho começou na empresa juntamente com alguns amigos de infância, que entraram para trabalhar como escriturários no escritório administrativo. Todos cresceram juntos, estudaram juntos, freqüentavam o mesmo clube e eram do mesmo time de futebol de salão. Todos boas praças e farristas.

Ramalho porém deu sorte de se casar com a filha de um maçom. Este, logo conseguiu colocar o genro na ordem. Na empresa, um ano depois, ficou vago o cargo de chefe de recursos humanos - 2º escalão - e havia vários candidatos ao cargo.

Existiam funcionários com mais de 10 anos de casa que estavam de olho na vaga, mas o prêmio saiu para Ramalho, colocado ali por influência da maçonaria.

Logo Ramalho viajou, foi estagiar durante 6 meses em várias unidades da empresa em diversas cidades. Quando voltou, seus amigos estavam todos contentes, pois acreditavam que dali para frente teriam um defensor em alto posto dentro da empresa. Mas, não se passou uma semana e a ilusão se desfez.

Zazá era o melhor amigo de Ramalho e dois dias depois dele ter assumido o posto, adentrou na sua sala para bater um papo.

- *Oi, Tatá* - cumprimentou Zazá ao entrar na sala. Tatá era o apelido familiar de Ramalho e todos o tratavam assim, até aquele dia.

Este fechou a cara e com expressão séria encarou seu amigo fraterno e disparou:

- *Por favor: Sr. Ramalho. Daqui prá frente, Zazá, o Tatá que vocês conheciam morreu. Meu cargo exige respeito e, pelo menos dentro da empresa, exijo ser tratado como Sr. Ramalho.*

Zazá quase caiu da cadeira - já tinha se sentado sem ser convidado - olhou bem para Ramalho, que nem piscou, e falou:

- *OK, chefe.*

Levantou-se, saiu e voltou ao escritório, onde contou o ocorrido aos amigos, que logo se acostumaram com a expressão séria e carrancuda que Ramalho passou a ostentar daí em diante.



3

O Dia da Caça

Burt era um estrangeiro que chefiava a área técnica em nossa unidade. Orgulhoso, se julgava bastante superior aos macacos brasileiros que era obrigado a aturar. Tinha curso técnico, feito em seu país e ocupava cargo de engenheiro aqui. Dizia-se que ele recebia em dólar, direto da sede. Era abusado, não dando bola nem para o gerente da unidade.

Porém uma de suas raras qualidades era não admitir fofoca e não gostava de puxa saco. Se alguém ia para sua sala contar algo sobre outra pessoa ele imediatamente interrompia:

- "*Párra*", "*párra*". *O fulano fez realmente isso ? Então "esperra" que "fou" chamar ele e "focê" fala na frente dele.*- em seguida, pegava o telefone e chamava o fulano.

Dessa forma, se alguém fosse malhar o outro, deveria estar preparado para fazer isso na presença do interessado. Isso eliminava as fofocas e mantinha os puxa-sacos à distância.

Outra sua qualidade era não encher o saco de quem trabalhava. Se você estava dando conta de seu trabalho, não deixando furo, trazendo tudo sempre em dia, Burt não se incomodava se visse você lendo um jornal, dando uma "voada" em outra seção ou demorando muito no banheiro.

Morava em uma casa dentro da fábrica e nunca chegava ao escritório antes das 9 horas. O horário de início de todos era 7.00 horas. Não usava uniforme, capacete ou qualquer tipo de equipamento de segurança. Aliás, sua marca característica era andar pela fábrica calçando tamancos, de sola de madeira. Mas nenhum gerente, seu superior direto, tinha coragem de enfrentá-lo.

Era casado, tinha um filho e sua mulher, também de seu país, vivia trancada dentro de casa, por não se adaptar ao Brasil. Ele, não. Apesar de não gostar de brasileiros, adorava as brasileiras, principalmente as mulatinhas e era freguês de caderno do prostíbulo local. Gostava também de churrasco, caipirinha, feijoada e praia. Minto, gostava, não. ADORAVA!!

Depois de alguns anos, sua mulher, devia ter menos que 30 anos, o chamou e disse que não agüentava mais essa vida e queria voltar para seu país. Ela sabia que Burt, se quisesse, arranjava rapidinho essa transferência, mas ele estava apaixonado pela vida boa do Brasil e não queria deixá-la. A mulher lhe deu a decisão. Ela iria embora com ele ou sem ele. Sua resposta foi curta e grossa:

- *Que se vá!*

Ela foi e levou o filho. Ele ficou, solteiro.

Logo, criou o hábito de ir à zona, pegar uma putinha e deitá-la no banco de trás de seu carro, coberta com uma manta, trazendo-a para sua casa, dentro da fábrica. De manhã, todos viam, um pouco antes das nove, ele sair com aquele enorme volume no banco de trás. Antes de trabalhar ele levava a garota de volta à zona.

Mas, um dia a casa cai e esse dia chegou, quando tomou posse um gerente, velho, com mais de 30 anos de trabalho na empresa, do mesmo país que Burt e mais ignorante que ele.

Um belo dia o escritório inteiro escuta o velho gritando, pois a porta de sua sala estava aberta.

- ***ESTOU DE SACO CHEIO COM VOCÊ ! VOCÊ É UM INÚTIL ! PREGUIÇOSO ! VAGABUNDO!***

Era o gerente, que aos berros estava traçando alguém. Corremos para ver quem era a vítima e para nossa surpresa vimos Burt, sentadinho na frente do velho, humilhado.

- ***ESTÁ PENSANDO QUE NÃO VEJO A HORA EM QUE VOCÊ CHEGA NO TRABALHO ? QUEM VOCÊ PENSA QUE É?***

- *Cheguei tarde hoje, pois tive de trocar o pneu de meu carro....*

- desculpou-se de forma servil Burt.

- ***CALA A BOCA ! CALA A BOCA ! QUE PNEU, QUE NADA! IMPRESTÁVEL....***

Nessa hora, Burt perdeu todo o respeito que tinha entre nós e não pudemos escutar mais, pois o chefe de recursos humanos, também atraído pelos gritos, chegou, entrou e fechou a porta. Um mês depois, Burt era transferido.



4

Uma Grande Quantidade

A empresa funcionava dentro de um emaranhado de siglas. As siglas, copiadas dos reis das siglas – os americanos – teoricamente deviam economizar tempo nas relações internas das empresas, e se o faziam, não compensavam pelos efeitos colaterais que causavam, tais como a criação de uma confraria, onde se mede a competência dos seus membros pela sua capacidade de decorar e decifrar siglas, a ansiedade dos que não as conhecem para dominá-las e passar ser aceito no grupo e a falta de transparência para o público externo ou, mesmo para membros da empresa, de outros locais ou países.

Desse modo, ao chegar no Brasil, o presidente da empresa – europeu – achou insensato e retrógrado e um exemplo incontestável de preguiça a rede de siglas em que a empresa navegava.

“De RH para PTC. Favor tirar cópia da CI de 02/07/82 e enviá-la a CVF. A GBN que nos lê em cópia, favor entrar em contato com STY para implementar a ação 32 já autorizada por PRT e PHJ”.

O *big boss* ao receber relatórios, comunicados, cartas e o escambau, todos com essa linguagem cifrada, virou a mesa. Com menos de um mês de Brasil, reuniu a diretoria e informou

que não ia decorar esses milhares de siglas e que, por conseguinte, era ele ou as siglas. Resultado: fim das siglas.

Por falar em siglas, lembro-me agora de um caso, acontecido antes desse presidente, que tenho o prazer em repassar-lhes agora.

Década de 70. A empresa está com planos de construir uma fábrica nova no nordeste. Depois de aprovada a construção, resolveram, por questões jurídicas e tributárias, que tal unidade seria uma subsidiária da matriz e assim trataram de lhe dar um nome. Sua razão social era Companhia Produtora de Aparelhos Ltda e, logo ao ser feito o Contrato Social, os advogados trataram de abreviar esse imenso nome. Sugeriram várias siglas: CPDAL, CPAL, COPOAL, COPODAL, COPRODAL, COPDAL, etc. Em reunião de diretoria houve um consenso na escolha da sigla que melhor “soava” e era “mais marcante”: COPRODAL.

Assim, com a construção já iniciada, azeita-se a máquina burocrática para aplicar a sigla ao empreendimento. São confeccionadas dezenas de milhares de formulários, papeis timbrados, envelopes – dos mais diversos tamanhos – com a marca COPRODAL.

No canteiro de obras, nas placas enormes, além do famoso financiamento do BNDES, a sigla COPRODAL já reinava em letras garrafais. Os desenhos de arquitetura, as notas fiscais de entrada, as guias de impostos, todas já levam a marca COPRODAL.

Já perto da inauguração, são confeccionados milhares de plaquetas de inventário – para os móveis e utensílios da empresa – os veículos estão identificados nas portas, a fachada da fábrica grita em um outdoor gigante e as placas de sinalização na rodovia, tudo e todos, já ostentam a marca vencedora “COPRODAL”.

Os uniformes dos funcionários têm nos bolsos, os crachás de plástico trazem seu nome, os milhares de chaveiros, agendas e brindes, estão lindos, com a sigla COPRODAL.

COPRODAL pra cá, COPRODAL prá lá. “**COPRODAL a 1 km**”, “**COPRODAL- última saída**”; “**Inaugurada a COPRODAL que trará um enorme progresso para nossa cidade**”. Etc, etc. COPRODAL está em toda parte. VIVA A COPRODAL!

A COPRODAL está funcionando há quase um ano, dando um lucro fabuloso à empresa. Certo dia um dos diretores está num clube de S. Paulo, conversando com um amigo, um catedrático em línguas da USP. Conversa vai, conversa vem, e, num dado momento, pergunta o professor:

- *Outro dia vi uma reportagem na televisão, sobre a indústria COPRODAL. Parece-me que ela faz parte de sua empresa, não?*

- *É verdade – respondeu o diretor – E está fazendo um sucesso danado.*

- *Acredito que sim* – disse o professor – *apesar de haver um elemento destoante nessa história.*
- *Como assim?* – quis saber o diretor, curioso.
- *Bem, eu e meus colegas, que também viram a reportagem, não sabíamos da existência dessa indústria* – começou o professor – *Todos nos divertimos muito, no dia seguinte ao comentarmos essa tal reportagem. Você não acha que aí tem algo estranho?*
- *Por que, uai?* – o diretor era mineiro.
- *Vou te explicar* – o professor estava rindo – *Quando você encontra um lugar que tem muita lama, como é que você chama esse local?*
- *Lamaçal* – disse o diretor, sem entender nada.
- *Ótimo* – o professor esfregou as mãos – *E um, que tem muita areia?*
- *Areal* – o diretor continuava sem entender.
- *E um lugar com muitos pés de laranjas, de café, muitos cipós, muitos coqueiros?* – perguntou o professor de uma vez só.
- *Laranjal, cafezal, cipoal e coqueiral* – respondeu o diretor, acrescentando – *Que conversa mais doida é essa, amigão. Tá surtando?*
- *Nada disso* – o professor ria abertamente – *Então, me diga, por analogia com essas denominações que você me deu, que é COPRODAL?*
- *Sei lá* – o diretor pensou um pouco – *Por analogia é um lugar que tem muito COPRO. Mas, o que é "COPRO"? Essa palavra não existe.*
- *Ledo engano* – disse o professor – *Se você procurar no dicionário, verá que existe uma série de "COPROS": "coprófilo", "coprologia", "coprófago", todas derivadas da palavra grega KOPROS, que significa fezes. Assim,*

COPRODAL pode ser entendido como um lugar que tem muita...digamos, merda!

- *Tá brincando* – o diretor não acreditava no que estava ouvindo.

- *Só não dou muita risada por causa de teu doutorado em línguas. Se não...*

- *Pode pesquisar* – disse o professor – *É isso aí, sem tirar nem pôr.*

No outro dia o diretor manda averiguar o assunto e caiu na real. De tarde reuniu-se com o presidente da empresa e no dia seguinte, iniciou-se um gasto de milhares de dólares para apagar o COPRODAL da história da empresa.

QSL ?



5

Os Exames

Amanda era nossa enfermeira. Solteirona, eficiente, era uma espécie de conselheira da peãozada. Todos a respeitavam e a ouviam. Era madrinha de mais de vinte crianças, cujos pais a tinham honrado com o convite para batizá-los. Além disso, emprestava dinheiro a muitos, cobrando um juro insignificante. Ela tinha começado na fábrica numa época em que a mão de obra era totalmente ignorante e os empregados semi-analfabetos ficavam trabalhando na empresa até se aposentarem.

Certa vez, a empresa obrigou todos os funcionários a fazerem o exame de Wasserman (sífilis), mantendo em sigilo a finalidade e os resultados do exame. Somente quem foi positivo (5% dos funcionários) é que soube do resultado e foi obrigado a tratar-se.

Amanda sempre me colocava a par desses detalhes. Um caso chamou nossa atenção. Um mecânico, recém admitido, segundo grau completo, curso técnico de mecânica no SENAI, alto e forte, estava com grau extremo de contaminação.

Foi chamado diante do médico e de Amanda, que depois me contou.

"Quando o Dr. disse a ele que ele tinha sífilis em grau avançado, ele nem piscou e disse que já sabia disso. Aí o Dr. disse como ia fazer para tratá-lo. Então veio a surpresa. O cara disse que não ia fazer tratamento nenhum. Ficamos espantados e não houve conversa do Dr. que o convencesse. No final, bronqueado com a ignorância do sujeito, o Dr. foi grosso. Ou trata ou vai embora. Ele se levantou e disse: pode mandar apertar minha demissão. Realmente, foram frustrados todos os esforços para convencê-lo. O cara recusou-se terminantemente a fazer o tratamento, sob a única explicação de "não quero e pronto!". Foi demitido e todas as empresas da região foram alertadas sobre ele. Nunca mais tivemos notícia dele."

Comentando sobre a ignorância do pessoal, Amanda contou mais uma.

No começo, não havia laboratórios de análise na cidade e era ela própria quem fazia os exames de fezes do pessoal. Um certo dia avisou um funcionário, um senhor com mais de 20 anos de empresa, totalmente analfabeto, que chegara a sua vez de fazer tal exame. Primeiro teve que explicar o que eram fezes. Depois, explicar que ele deveria trazer a amostra em uma lata. Disse que o sujeito riu muito, desconfiado que ela estava querendo brincar com ele, pelo tipo de material que ia ser analisado. Depois, porém, se convenceu.

Amanda passou então esperar a amostra e o sujeito nada. Ao procurá-lo, ele disse:

- *Calma, Amanda. Você é muito apressada. A coisa não é tão rápida assim. Depois de amanhã, sem falta, prometo que trago sua bosta.*

Realmente, dois dias depois, o homem entra na enfermaria com um embrulho.

- *Taí, Amanda. Promessa é dívida – falou ele, saindo*

Amanda abriu o embrulho e encontrou uma lata de leite Ninho. Ao abri-la, viu horrorizada que estava completamente cheia, até a boca, do “material”.

Quase desmaiou de susto, porém depois pensou: Bem feito para mim. Esqueci de explicar também qual era a quantidade!

Os seus colegas, na maior alegria, comentavam que ele reclamou muito da pressa de Amanda:

- *Cortei uma volta para encher a lata em dois dias!*



6

O Espião - I

Estávamos em S. Paulo fazendo o curso de Técnico de Segurança. A empresa contratou mais de 20 funcionários para serem treinados nessa atividade e nos instalou no Lord Hotel, na rua das Palmeiras.

O curso ficava numa transversal da Av. Paulista, bem próximo a ela. De manhã, chegavam as Kombis ao Hotel para nos transportar até o curso, que era em dois turnos – de manhã e de tarde. Portanto, ao meio dia, cada um procurava um local para almoçar, onde a diária que nos davam fosse suficiente para pagar a despesa. Tínhamos duas horas para isso e à tarde, apareciam novamente as Kombis para nos levar de volta ao hotel.

Eu era completamente inexperiente e sem malícia e fazia o curso normalmente sem outras preocupações. Verificamos que todos nós éramos novatos na empresa, com exceção de 4, já antigos em suas respectivas unidades. Entre esses, estava Bernadelli, mecânico em uma unidade da empresa e sobrinho de um funcionário de confiança - com mais de 20 anos de empresa - de um chefe estrangeiro com uma altíssima influência na diretoria.

Certo dia, Berna (era assim que o tratávamos) chegou contando uma história bem estranha.

- *Eu soube que tem um espião entre a gente* – contou ele a mim e dois outros colegas – *Vocês fiquem de bico fechado, pois essa informação eu tive em caráter confidencial.*

- *Espionar o quê?* perguntei com inocência.

- *Sei lá* – disse ele – *Acho que é se a gente faz bagunça, se tem gente que mata aula ou outra coisa... só sei que um sujeito sai daqui, todo dia, na hora do almoço, e vai até a Sede da empresa e se reúne com Petrin (o chefe do serviço de segurança).*

- *Como é que você sabe disso?* - perguntei novamente, bobalhão.

- *Deixa isso prá lá* – disse ele – *Só posso dizer que é verdade.*

- *Quem é o cara?* – perguntou outro.

- *Ninguém sabe quem é, pois é um novato* – respondeu ele – *mas que foi visto na Kombi com a gente, portanto é um dos nossos.*

Na realidade - isso Petrin me contou na célebre conversa que tivemos quando ele foi demitido - ele, que também era novato na empresa, tinha sido aconselhado pelos mais velhos, que, para ter controle da situação, era sempre bom ter um informante de

confiança, em todas as atividades em que isso fosse possível. E, como ele estava começando com essa atividade nova na empresa – segurança industrial – isso seria de extrema valia. E, realmente, o sujeito vinha, na hora do almoço, diariamente, fazer um relato de tudo que tinha se passado, não só no curso, como no hotel e nas saídas do pessoal, à noite.

Voltando ao curso, montamos um plano para pegar o sujeito com a boca na botija. Foi simples. Na hora do almoço, deixamos transcorrer 10 minutos e, três de nós, pegamos um táxi e fomos até a sede. Entramos e no imenso hall de recepção, num canto, estava o nosso colega, sentado diante de Petrin, conversando animadamente.

Fizemos um escarcéu, Petrin gaguejava, gaguejava, vermelho como um pimentão e o espião, com a maior cara de pau, sorria, divertindo-se com a cena.

Finalmente fomos apaziguados por Petrin, dizendo que aquilo tinha sido coincidência, que não havia nada de espionagem e que o colega, com exceção de hoje, não costumava sair do curso na hora do almoço.

Toda essa cena foi testemunhada pelos atendentes, seguranças e pessoas – funcionários e terceiros – que estavam no hall. Petrin, também, na época, um grande inexperiente, recebia o sujeito na hall da empresa, na hora do almoço, todos os dias, sendo também espionado e, pagando por isso, um alto preço.

Voltamos para o curso e ficamos de olho no sujeito, que, entre nós, ficou queimado e segregado. Alguns meses depois soubemos que fora demitido em sua unidade.

Petrin, apesar das negativas, com essa desastrada atitude, que se tornou pública, foi queimado pelos seus chefes estrangeiros (não pela espionagem, mas por ela ter sido descoberta pelos espionados), que passaram a tratá-lo com desprezo e humilhá-lo.

Acredito que a razão maior disso tenha sido a pressão que o tio de Bernadelli fez junto ao chefe estrangeiro e a pressão que este fez junto à diretoria.

Nesse dia, comecei a perder minha inocência, constatando que tinha adentrado num grande jogo, bem no meio do ninho da serpente.



7

O Carnaval do Assistente

Em nosso setor trabalhavam eu, o Livramento - um cearense sacana, encarregado do arquivo técnico - o Esmeraldo - um projetista garanhão, metido a comer todas as meninas que passavam por sua frente (ambos com mais de 15 anos de firma) - e um escriturário, o Jonilson - um neguinho esperto e malandro, subordinado ao Livramento. Além disso, nossa sala, por conter todo o arquivo técnico tinha uma mesa grande, onde as reuniões eram feitas com o staff técnico.

Arbassi era um assistente de um dos chefes de produção, mineiro bronco, medroso e extremamente puxa saco. Logo que entrou em contato conosco, notamos que ele era meio jeca e então, todos não perdiam uma chance para tirar uma casquinha de sua ingenuidade. Certa vez, ele estava vendo uns catálogos de uma máquina, quando escutou que estávamos conversando sobre o carnaval no Rio.

- Este ano, não escapa - entrou na conversa Arbassi - Vou assistir o desfile das escolas de samba no Rio. Já pensou quando eu contar pro meu pessoal ? Vai ser o maior sucesso!

Livramento olhou para Esmeraldo, que olhou para Jonilson, que olhou para mim e, todos, com uma cara sinistra olharam para Arbassi.

- Vai aonde, Arbassi ? - perguntou Esmeraldo candidamente.

- *Ver o carnaval no Rio* - respondeu despreocupado - *Por quê?*
- *Nada, nada* - disfarçou Esmeraldo - *Aliás é um programa e tanto, não é Livramento?*
- *É uma loucura, Esmeraldo* - reforçou Livramento - *É uma das maravilhas do mundo. Todo brasileiro deveria ver* - acrescentou.
- Esmeraldo já estava com um sorrisinho maroto nos lábios. Jonilson mostrava os dentes abertamente. Livramento compenetrado, continuou:
- *Mas isso é sério mesmo, Arbassi?*
- *Claro, seu Livramento. Sempre tive essa vontade e agora tenho a oportunidade de realizá-la. Programei minhas férias nesse período de propósito.*
- *E as mulatas, hem Esmeraldo?* - meteu a colher Jonilson - *Tudo de peitão de fora. Tem branca também, Arbassi. Cada uma mais gostosa que a outra.*
- *Ah, eu não tou muito interessado nisso não* - resmungou Arbassi - *Eu sou casado, né. Eu quero ver o espetáculo global, por inteiro.*
- *Tá certo Arbassi. Esse macaco Jonilson só pensa nisso* - falou Esmeraldo como se fosse um santo - *Você já fez a fantasia ?*
- *O quê?* - se surpreendeu Arbassi - *Precisa fantasia ? Na televisão a gente não vê ninguém com fantasia assistindo ao desfile.*
- *Não, é que eu pensei que você ia entrar no clima* - sorriu Esmeraldo - *Se você já tivesse fantasia, aí seria garantia que você iria mesmo.*
- *Olha aqui, Esmeraldo. Eu sou mineiro e todo mineiro acorda cedo. Prá falar a verdade, já comprei até um pacote na agência de turismo. "Vai" eu e minha mulher. Sacou?*

- *Nossa, Arbassi - cortou Livramento com um falso espanto - Mas você fez mesmo isso ? Não acredito !*

- *Fez o quê, seu Livramento?* - Arbassi parou de rir

- *Vai levar a mulher junto?* - continuou Livramento

- *Uai, claro, né. Por quê?* - Arbassi fechou a cara

- *Mulher nesses locais só atrapalha. Tá se vendo que você não entende de cidade grande. Esmeraldo, lembra do Ari ?* -

Livramento estava fazendo uma cara de tristeza.

Arbassi se voltou para Esmeraldo.

- *Lembro sim. Se fodeu de verde e amarelo! Ele foi com a mulher ver o carnaval e se deu mal. Não é mesmo, Livramento?*

- *Quem era Ari ?* - perguntei, para por lenha na fogueira.

- *Ari trabalhou na manutenção há uns dez anos atrás. Nem viu o desfile. Um negão, na hora de entrar nas arquibancadas, passou a mão na mulher dele. O babaca foi reagir e levou a maior sova do negão e mais uns quatro que estavam com ele. Baixou o hospital na mesma hora. E o Juvenal ? Aquele eletricista da Cooperativa? Lembra dele Esmeraldo ?* - contou Livramento.

- *Juvenal ?* - Esmeraldo fez cara de pensativo - *Ah! Lembro sim. O Juvenal foi ver o carnaval no Rio e foi confundido e seqüestrado. Ele, a mulher e a filha. Quando os bandidos descobriram que ele era um fodido, estupraram os três e deram neles a maior surra. Todos três foram também pro hospital. Foi isso, né Livramento ?*

Arbassi arregalou os olhos e ficou visivelmente nervoso.

- *Mas, mas, isso acontece mesmo, seu Livramento ? Até homem ?* - gaguejou ele, fazendo aquele gesto de se ferrar.

- *Olha aqui, Arbassi. Isso é pouco. Pega o jornal e veja a quantidade de crimes que ocorrem nessa época. Agora, os*

bandidos estão bem mais sádicos. Eles estão matando mesmo! - Livramento estava solene.

- *E as drogas* - interrompeu Jonilson - *Cê tem que cheirar mesmo que não queira. Depois volta viciado na branquinha e não sabe o porquê.*

- *Parece que a barra lá é pesada, né?* - Arbassi estava quase chorando.

Olhou para um, olhou para outro, folheou o catálogo, devolveu-o ao Livramento, tentando disfarçar:

- *Bem, gente, vou indo. Té logo.*

Logo que a porta se fechou, irrompemos em uma grande gargalhada.

- *Ari! Juvenal!* - Esmeraldo chorava de tanto rir.

- *Esse babaca acreditou em tudo!* - Jonilson batia na mesa

Isso aconteceu em janeiro. Esquecemos o assunto até março, quando Arbassi voltou das férias.

- *Olá Arbassi !-* Livramento estava alegre - *Como é que foi no Rio ? Gostou do carnaval ?*

- *Ah, seu Livramento, nem lhe conto* - Arbassi falou sério - *Não é que minha sogra adoeceu? Aí minha mulher teve que ir prá Minas e eu desisti do carnaval. Passei minhas férias por lá mesmo, né?*

Todos ficamos torcendo para ele sair da sala logo, pois estava difícil conter a gargalhada.



8

Santana

Sua vida foi uma luta. Menino pobre, muito cedo, precisou trabalhar para ajudar em casa. Trabalhando, não tinha tempo para escola. Conseguiu concluir o primário. Entre as diversas funções, foi ajudante de sapateiro. Colocava saltos e a famosa meia-sola em sapatos.

Nessa época, adolescente, já fumava um maço de cigarros por dia e, passou a freqüentar a zona da cidade, onde se viciou em boleros, prostíbulos e os habitantes que giravam em torno dele.

Inocente, incapaz de fazer uma maldade, bonachão, puro de coração, sentia pena das moças da vida e, antes de usufruto, pensava mais em ajudá-las. Por este motivo, quando adentrava em suas casas, era conhecido e festejado. Somente tal reconhecimento para ele, já era uma recompensa.

Porém, como diz Chico Buarque (“Folhetim”): *“... te direi meias verdades, sempre à meia luz e te farei, vaidoso, supor que és o maior e me possui”*, assim faziam com Santana, que acreditando que era amado e o “bom da boca”, se sentia um rei no seu reinado, distribuindo gentilezas e depois, ouvindo confissões das desamparadas, ajudando-as monetariamente, quando podia.

Saindo das lides de sapateiro, ingressou na empresa, como auxiliar geral. Oh, bons tempos aqueles, em que se conseguia emprego em uma indústria multinacional, apenas com boa saúde e sendo meio alfabetizado.

Trabalhando durante anos a fio, foi aprendendo o ofício e tornou-se um prático em refrigeração. Foi promovido a encarregado do setor de utilidades que envolvia tratamento de água, tratamento de esgotos, caldeiras, fornos, e refrigeração.

Jamais andava apressado. Andava lentamente, gingando. Colecionava boleros – era metido a cantor – copiados em um grosso caderno, com as letras retiradas principalmente da “*Revista do Rádio*” e “*Vamos Cantar*”.

Por cantar boleros – e tangos – em castelhano, acreditava que dominava essa língua. Então, em conversas quotidianas, sempre incluía algum termo espanhol, tais como: “*Ahora no quiero*”, “*despacito*”, “*Pablito*” (sinônimo de corno, para ele), “*Yo me voy*”. Certo dia, entusiasmado, para enfeitar a frase, soltou um “*carrorro*”, que supostamente seria cachorro em espanhol (*perro*).

Era o rei dos trocadilhos e ditados:

- “Não confunda conhaque de alcatrão com catraca de canhão”;
- “Não confunda cafetão de gravata com capitão de fragata”;

- “Não confunda rifle de matar rolinha com bife de caçarolinha”;
- “Faca de dois “legumes”;
- “estar em “papos” de aranha”;
- “macaco velho não mete a mão em cumbuca”

e daí por diante.

Gostava muito de jogar futebol e se julgava um ótimo ponta esquerda. Ele participava do time de futebol de salão de nosso setor. Temos até fotografia. Só que o cigarro e a idade lhe retiraram o fôlego e pelo meio da partida, ele parava de correr e sua respiração, como um fole de ferreiro, era escutada nas arquibancadas.

Seu azar foi conhecer Esmeraldo que, aproveitando-se de sua placidez, o envolvia em todo tipo de trapalhada, fazendo-o crer que as aventuras que davam certo compensavam as enrascadas que se metiam.

Semelhante a Esmeraldo, vivia às turras com a mulher, a qual chamava de “*jararaca*” Assim, se enamorou de uma garota do prostíbulo mais famoso da cidade, “*New Capital*”, cujo nome de guerra era Araceli, a qual dizia que o amava, que ele era diferente, seu único amor, etc, etc, e, de vez em quando aparecia na portaria da fábrica, para logo sair com um cheque na mão.

Todos tentavam fazê-lo cair na real, mas ele, irredutível, continuava amando Araceli. Até que um dia, oh, desgraça, Araceli se mudou para “trabalhar” em S.Paulo. Santana ficou

inconsolável, porém, Esmeraldo e Celinho tinham uma amiga, já quase cinquentona, sem mais condições de arranjar fregueses, que precisava de um apoio e fizeram um “meio de campo” para que os dois se encontrassem.

A prenda, chamada “Bardot” jogou toda a sua experiência de vida nessa empreitada e conseguiu fisgar Santana. Devo admitir que Bardot tinha estudo e cultura acima da média, tinha apartamento, não trabalhava em prostíbulos e era cativante.

Assim, Santana foi um pato fácil de ser apanhado. Ele esqueceu de Araceli e passou a dedicar-se a Bardot. Acontece, que Bardot, precisava de um provedor, não de um amante. Assim, chifrava Santana sem dó nem piedade.

Mas uma vez, o avisamos disso, mas Santana, apesar de beirar os cinquenta anos, era de uma candura pueril. Certo dia, eu o estava aconselhando sobre esse relacionamento, que durava mais de dois anos.

Estava em sua sala, um cubículo junto às caldeiras, no meio da fábrica, com as janelas totalmente fechadas (devido ao barulho ensurdecador das máquinas) e Santana, envolto numa nuvem de fumaça (fumava dois maços de cigarro por dia) abriu a gaveta, completamente atulhada de cartões, tipo marcador de livro: mais de 400.

- Todo dia útil da semana, Bardot me manda um cartão, cada um com uma mensagem diferente. Ela é o máximo, isso é amor verdadeiro – falou ele passando-me alguns.

Os cartões não tinham mensagens impressas, Bardot as escrevia, do tipo “*sua vida hoje passará por uma transformação, desde que você saiba amar*”. Desconfiei que ela as copiava de horóscopos de jornal, mas fiquei calado. Achei engraçada a dedicatória.

- *Mas, estes cartões não são para você* – disse eu, para perturbá-lo – *Em todos está escrito “Ao Doçurinha”. Que raio de “doçurinha” é esse?*

- *“Doçurinha”* – disse ele com um largo sorriso – *é o jeito carinhoso que ela me chama. Legal, né?*

Balancei a cabeça e sai correndo da sala, primeiro porque estava sufocado pela fumaceira e depois, para contar para os colegas a novidade do apelido. Esmeraldo já sabia. Livramento e Jonilson riram muito e depois prometeram que iam ajudar a tentar tirar Santana das garras dessa vampira.



9

Faça só o que eu digo

Arbassi vem verificar uns detalhes de uma máquina com Livramento. Conversa vai, conversa vem, e Arbassi deixa escapar que foi o responsável por um erro numa operação em determinada área da fabricação, que deu um prejuízo considerável para a empresa. Nós estávamos cientes desse prejuízo, que tinha sido abafado pela chefia.

Livramento, então, em tom paternal, perguntou ao assistente:

- *Arbassi, nêgo véio, tu não sabia que é contra a norma da empresa proceder dessa maneira?*

- *Olhe seu Livramento, prá ser sincero, eu sabia...*

- *Mas, se sabia, por que fez, rapaz. ?* perguntou espantado Livramento

- *Porque o chefe mandou, uai!* - respondeu ele inocentemente

- *Péra aí, Arbassi* - replicou Livramento - *Deixa eu entender. Tu sabias que o procedimento era errado, mas fez porque o chefe mandou ?*

- *Isso mesmo.*

- *Por que você não avisou o chefe que ele estava dando uma ordem errada?* - perguntou Esmeraldo

- *Tá se vendo que vocês nunca chegarão a cargo de chefia* - filosofou Arbassi - *Sabe como cheguei até o posto de assistente da chefia ? Obedecendo ordens. Nós estamos aqui para*

obedecer e não para discutir. Só quem tem isso na cabeça é que sobe. Certo?

- Quer dizer que se o chefe der uma ordem errada, mesmo que você saiba que ela está errada, você a executa assim mesmo ? -
duvidou Livramento

- Exato - respondeu Arbassi com convicção *- Isso mesmo!*

Nos entreolhamos, sabendo que isso acontecia, mas nunca imaginamos que íamos ouvir alguém confessar. O silêncio era pesado.

Arbassi notou nosso espanto e sorriu, como que dizendo: Dessa vez tapei a boca deles.

- É isso aí, galera, aprendam! - falou alegremente e saiu da sala sorrindo, se julgando superior.



10

Tutti buona gente...

Helber era o chefe da oficina mecânica - 3º escalão, que chamávamos de chefetes - tinha Senai e segundo grau e era bastante inteligente. Era o tipo que resolvia qualquer rabo de foguete e, portanto, tinha o respeito e apoio de Burt. Além disso, Helber arranhou uma sua sobrinha para ser amante de Burt. Era uma moreninha novinha e bonitinha e Burt se babou todo. Desse modo eles ficaram quase parentes. E tem mais: a mulher de Helber era irmã de Esmeraldo.

Acontece que Helber era mais putanheiro que Burt e suas horas de folga eram reservadas para correr atrás do "pessoal", como ele chamava as putinhas que conseguia. Era casado e tinha três filhos, mas não estava nem aí. Nessa época ainda não existia a AIDS e a coisa corria solta. Sua seara eram as moças que trabalhavam na fábrica, que eram assediadas por todos os chefes, chefetes e encarregados (4º escalão). Só mantinha o emprego quem atendia os desejos do chefe.

Porém, Helber se enrabichou por uma moça da lavanderia. E a moça era uma fera ciumenta. Parava de trabalhar para fiscalizar o amante.

Muitas vezes, apareciam as garotas de programa na portaria para falar com Helber e a moça deixava o trabalho para ir lá, verificar o que havia, causando uma cadeia de paradas, pois elementos de várias seções abandonavam o serviço para assistir o bate boca que fatalmente ocorria.

Outro detalhe eram os telefonemas. Mais de 30 diariamente. Helber reinava sobre um exército de prostitutas via telefone. Só que as ligações eram primeiramente atendidas no PABX da fábrica e a telefonista anotava essa grande quantidade de ligações que o chefe recebia e depois passava o relatório para o chefe de recursos humanos, que estava de saco cheio com as aventuras de Helber.

Um, belo dia a fábrica recebe a visita de um amigo meu que trabalhava na sede, na área de recursos humanos. Depois do expediente, me ofereci para levá-lo para o hotel e no caminho, no meio da conversa me referi a Helber.

- *Helber?* - estranhou meu amigo - *Ele ainda é nosso funcionário?*

Quase parei o carro.

- *Ele vai ser demitido?* - perguntei na maior surpresa, pois Helber também era meu amigo.

- *Ihhh, acho que falei demais* - replicou meu amigo - *Mas agora já foi. Ele, para nós, na sede, já está demitido há muito. Não sei por que ainda não efetivaram a sua saída.*

- *Você tem certeza disso?* - perguntei incrédulo - *Ele está trabalhando normalmente.*

- *Certeza absoluta. Agora, vou pedir sua discricção, pois deve haver algum motivo para ele continuar aqui.*

Claro que não fiquei calado e no outro dia falei com Livramento e Esmeraldo, para ver qual decisão iríamos tomar.

- *Devemos alertar Helber, sem que fiquemos comprometidos e sem comprometer o rapaz da sede* - disse Livramento

- *É, tá bom* - Esmeraldo se manifestou - *mas como fazer isso? O cara é esquentado e vai fazer o maior escândalo se souber essa trama.*

Fomos conversar com o Santana, que era chefe do setor de utilidades e companheiro de farras de Helber. Contamos a história para ele, que achou nossas conclusões precipitadas.

- *Ele é um profissional de primeira. Nunca deixou a peteca cair. Tira o Burt das maiores enrascadas, é carne e unha com ele. Vocês acham que o Burt vai demiti-lo ? Não acredito.*

- *Ô Santana!* - cortou Esmeraldo - *Você sabe como esses caras são traíras. Eles podem estar armando uma prá cima do Helber, sem que o Burt saiba.*

- *Eu sei, eu sei, mas o Burt é muito forte* - teimou Santana - *E a*

garota dele? É sobrinha do Helber. Não, não. Isso não vai acontecer.

- Tá legal. - disse Livramento - Mas, pelo menos, sonda ele, pede para ele ter cuidado, mas sem levantar a lebre e sem mencionar nossos nomes. A informação da sua demissão vem de fonte quentíssima e, apesar de tudo, deve ser considerada.

- Tá bom - prometeu Santana - Vou levar um papo com ele.

Santana conversou com Helber, mas sabe-se lá como e o que disse, pois o chefe ficou mordido e foi pedir satisfações com Burt.

- Está correndo um zum-zum pela fábrica dizendo que o facão vai passar no meu pescoço. Que história é essa? - perguntou ele a Burt.

- Você é um idiota, Helber - respondeu surpreso Burt - Quem falou isso? Eu não estou sabendo de nada.

- Ouvi esta história pela peãozada. - explicou Helber

- Bobagem. Minha avaliação é a melhor possível. Ninguém demite alguém que tenha uma ótima avaliação de seu superior imediato. Fique tranquilo. Não ligue para estas fofocas - encerrou Burt

Helber saiu todo alegre e contou essa conversa ao Santana, que nos contou e emendou:

- Viu? Vocês estavam procurando chifre na cabeça de cavalo. O cara está é muito prestigiado!

Até eu fiquei meio sem jeito, mas, calado, resolvi esperar, acreditando mais em meu amigo da sede.

Em nossa empresa, para se demitir um chefe, a ordem tinha que ser dada pelos diretores na sede social. O superior imediato fazia o pedido, que era analisado pelos diretores, que emitiam seu parecer, geralmente concordando. Daí que Burt estivesse seguro.

Passam-se mais ou menos vinte dias e Burt sai de férias. Uma semana depois, o diretor de recursos humanos juntamente com o diretor da área técnica chegam à fábrica, de surpresa.

Chamam Helber para a sala de reuniões e ali é procedida a sua demissão sumariamente. Helber ficou arrasado. Os caras estavam só esperando que Burt saísse do caminho para poderem agir livremente.

Curiosidade ?! O irmão de Helber, Helbio, também trabalhava na fábrica e se casou com a amante de Helber, a moça da lavanderia, antes da demissão de Helber. Assim, ela saiu da fábrica sem ser demitida.



11

Esmeraldo

Esmeraldo vivia às turras com sua mulher, Aninha, - uma morena bonita, com 4 filhos e 3 abortos - devido às suas aventuras com qualquer uma que caísse em sua rede. E o sujeito era insaciável.

Assim como Helber, recebia mais de uma dezena de telefonemas diários, pelos quais controlava a sua agenda de encontros. Sua mulher reagia violentamente, com agressão física, quando pegava os furos do pilantra, mas ele não se emendava.

Sempre de bom humor, era um profissional extremamente capaz e eficiente e tinha umas manias estranhas. Uma delas era ficar de mau humor o resto do dia, quando, na ocasião do pagamento, via as mulheres separadas dos maridos, no caixa, recebendo a pensão de colegas nossos, por ordem judicial.

- Eu jamais irei dar pensão! - dizia amargurado - Me demito e vou pedir esmola, mas pensão, nunca!

Outra mania era o medo da morte. Era só alguém começar a falar em morte, enterro, defunto, etc, que Esmeraldo, silenciosamente, se levantava, atravessava a sala e sumia. Às vezes fazíamos isso de propósito, só para ver ele se retirar.

Por último, era a mania de não estender a mão para cumprimentar alguém, o que, depois de ouvir seus argumentos, até que passamos a concordar.

- *Isso é um hábito nojento, disseminador de doenças - pregava ele - Onde é que o cara pôs a mão, para depois vir apertar a minha? Vocês já repararam que poucos nesse escritório, lavam as mãos depois de cagar?*

- *Como é que você sabe disso, Esmeraldo?* - perguntei rindo, estranhado essa afirmação.

- *Sei, porque presto atenção nas coisas. Todo mundo aqui esconde revista e jornal embaixo da roupa e vai ler no banheiro, sentado no vaso, certo?*

Concordamos, pois até os chefes faziam isso.

- *Daí - continuou ele - que estou trancado, fazendo minha leitura, quando entra um cagão numa das cabinas anexas. O sujeito faz suas necessidades, empestia o ambiente, dá descarga, sai, e não escuto o barulho da torneira e da água, indicando que o cara lavou as mãos. Pode passar a notar isso. A maioria não lava. E quase ninguém lava quando usa o mictório. Nesse escritório só dá porco. E olha que todos têm curso superior!*

A torneira da pia - só havia uma - fazia um barulho enorme, pois a água tinha muita pressão e era audível em todo o

banheiro e de fato, passamos a controlar isso. Fizemos até um placar. Sempre que voltávamos do banheiro - quando tínhamos algo para ler e gastava-se um certo tempo de leitura - anunciávamos:

"Três cagadas. Quatro mijadas. Uma lavada de mãos".

Um belo dia, um dono de uma empreiteira entra em nossa sala, gripado, espirra - Esmeraldo já olhou feio - e assoa ruidosamente o nariz por três vezes, emplastrando um lenço, que guardou no bolso e partiu para nos cumprimentar, estendendo a mão. Cumprimentou Livramento - Esmeraldo estava aterrorizado - Jonilson, a mim e se dirigiu a ele, que, sem saída, teve de apertar a mão do catarrento.

O homem, então se virou para conversar com Livramento e não viu Esmeraldo sair da sala como um foguete, seguido por mim, que o encontrei no banheiro com as mãos envoltas em espuma, esfregando vigorosamente.

- Eu não tô falando, eu não tô falando - repetia, quase chorando - tá tudo errado nesse mundo! Essa foi demais! Que porcaria! Que nojeira ! Eu nunca mais dou a mão prá filho da puta nenhum.....

Também lavei as minhas por cinco minutos.



12

O Defeito na Calculadora

Um dia o telefone toca. Eu atendo e do outro lado era o Celinho, o auxiliar de escritório no departamento de recursos humanos.

- *Cara, você manja dessas calculadoras novas ?* - perguntou ele
- *Um pouco* - respondi modesto - *Por quê?*
- *É que a minha, novinha, que recebi ontem, veio com um defeito. Cê pode vir até aqui prá dar uma olhada?*
- *Daqui a pouco passo aí* – respondi

Quando cheguei lá, Celinho estava falando com um peão, fazendo um discurso contra essas novidades.

- *.... já tão falando até que vão por computador aqui. Aí vai ser o fim. Ah, aí está o técnico. Olha a calculadora aqui...* - falou, se dirigindo a mim e me entregando uma calculadora Sharp, bem simples, que fazia somente as 4 operações, porcentagem, raiz quadrada e tinha uma memória. Fiz vários cálculos, testei a memória, tudo bem.

- *Ô Celinho* - eu disse - *a máquina está boa. Perfeita.*
- *Porra, tu é cego mesmo* - disse, pegando de volta a máquina - *Olha aqui, olha essa tecla aqui. É só apertar e ela enche o visor de números. Tenta, tenta.*

Quase desmaiei quando olhei para a tecla que ele apontava. Era pi - π - e os números que ela fazia aparecer era 3,141592.

- *E aí? Tô certo ou não?* - perguntou - *Tá estragada ou tem jeito de fazer sumir esses números?*

Olhei para ele e como não vi nenhum vestígio de gozação, então expliquei:

- *Ô Celinho, isso é pi. Um número para fazer cálculos matemáticos. Pode ficar descansado que a máquina não tá com defeito. Pode fazer seus cálculos e esquece que essa tecla existe.*

Fui embora, pensando na frase de Esmeraldo: "**E essa merda ainda dá lucro!**"



13

A Blusa de Lã

Livramento tinha uma qualidade: ele não conversava. Ele perguntava. Quem quer que fosse que iniciasse uma conversa com ele, era bombardeado com uma série infinita de perguntas. E todos respondiam, pois ele tinha o dom de saber ouvir, saber perguntar e saber arrancar respostas, que eram dadas alegremente.

Numa dessas "enquetes" ele ficou sabendo de um caso ocorrido com o chefe de produção Misael, um mineiro da gema, rústico e de poucos conhecimentos. Parece que houve uma reunião em sua casa e o Sr. Trali (o chefão) esqueceu a blusa de lã ali.

Um dia conversando no escritório, em nossa presença, Misael estava se gabando de seu bom relacionamento com a diretoria, notadamente o sr. Trali. Nesse momento, Livramento, querendo ser bem informado comentou:

- Acredito, Misael. O sr. Trali até já esqueceu a blusa em sua casa, não foi ?

- É mesmo, Livramento - respondeu sorrindo Misael - Cê lembra dessa história, não é ?

- *Cê mesmo que me contou, Misael* - respondeu Livramento todo satisfeito.

A conversa continuou por mais um tempo e Misael foi embora.

Mas, passando-se uns quinze minutos, a porta da sala se abre com violência. Entra Misael, soltando faíscas nos cascos.

- *"Seo" Livramento!* - falou com voz rouca - *Desde quando lhe dei o direito de ser canalha comigo?*

- *Meus Deus, Misael!* - Livramento estava espantado - *O quê que eu fiz?*

- *Você sabe muito bem!* - Misael estava fora de si - *Não adianta querer bancar o santo! Eu não tomo liberdade com ninguém e não admito isso comigo!*

- *Calma, Misael!* - Livramento não entendia nada - *Você pode me dizer que canalhice eu fiz?*

- *É, não sabe, hem? Essa história de esquecer a blusa na minha casa. Na hora eu não maliciei, mas depois, pensando bem, do jeito que cê falou dá impressão de outra coisa. E você fez isso de propósito!*

Aí todos entendemos o que Misael tinha maliciado. Todos - eu, Esmeraldo, Jonilson e Livramento, ficamos com um sorrisinho nos lábios.

- *O que é bom dizer, e você sabe disso muito bem, Livramento, é que a blusa foi esquecida durante uma reunião em minha casa. E eu estava presente - justificou com raiva Misael.*

- *Ah, agora é outra coisa - cortou, pondo lenha na fogueira, Esmeraldo - Isso o Livramento não falou.....*

Todos rimos e Misael ficou com mais raiva ainda:

- *Só quero avisar que, se o caso se repetir, a coisa não vai ficar boa - e saiu da sala, em passos largos, batendo a porta.*

- *Juro que não foi por querer.... - desculpou-se Livramento, com a maior cara deslavada*

Caímos na gargalhada.



14

O Espião - II

A unidade em nossa cidade era a segunda mais antiga do Brasil. Na década de 50, tinha a fama de ser uma esbórnica, tanto na empresa quanto na cidade.

Conta-me encarregado da portaria, que lá entrou na década de 40, como ajudante geral.

“A fábrica era uma zona. As mulheres que trabalhavam aqui eram consideradas putas e ficavam com essa fama na cidade. O roubo era geral, imperava um vale-tudo e o descontrole total. Havia oito casas de chefes dentro do terreno da fábrica e os filhos dos chefes nem sempre eram boas biscoas. Um deles, nós o pegamos em flagrante, jogava sacos de 60 quilos de matéria prima, por cima de um muro, para que um comparsa, do outro lado, o pegasse e vendesse, depois dividindo o lucro.

Havia uma fabricação paralela de um produto, que, com a conivência de diversos funcionários e agentes na portaria, era transportado para fora da fábrica, em um carrinho de mão e deixado na guarita de um guarda-cancela de uma passagem de nível, próxima à fábrica, de onde era depois apanhado e vendido na cidade.

Chefes do segundo escalão saíam com produtos, máquinas e ferramentas nos porta-malas de seus carros. Funcionários saíam com produtos dentro dos bolsos. Certa vez, uma funcionária antiga, já preste a se aposentar, passou a entrar e sair da fábrica com um sobretudo imenso, quer estivesse frio ou calor. Todos estranhavam esse comportamento, mas alguns achavam que ela não estava regulando bem, devido a idade. Um certo dia, ao sair, os guardas da portaria estranharam quando de repente, de dentro de seu casacão, choveram produtos. Ele tinha exagerado na carga e o forro do casacão se rasgara, deixando cair o produto do roubo, bem diante da portaria. Ela só não foi demitida, devido à sua ficha com mais de 30 anos de serviços e pela proximidade de sua aposentadoria.

A chefia e os encarregados tornavam a vida das moças um inferno. Quem não cedia era sumariamente demitida. Na época não havia motel e os encontros eram feitos dentro da fábrica, na hora do expediente, geralmente no turno da noite, no vestiário feminino ou em um imenso porão, mal iluminado, de acesso difícil, onde ficavam estocados, numa tremenda bagunça, materiais pouco utilizados na produção. Nele se podia encontrar um canto, discreto, armar uma cama de sacaria, e... “relaxar”.

Eu mesmo peguei chefes tanto nos vestiários quanto no porão. Mas nunca relatei tais fatos e os caras se tornaram meus amigos.

Quando fui trabalhar no setor onde havia a produção clandestina – sempre de madrugada – notei que por volta das duas horas da manhã meus dois companheiros de seção sumiam e eu ficava sozinho até às 5 ou 6 da manhã. Isso acontecia sempre e ninguém me dava satisfação. Certo dia, chutei o pau da barraca e, abandonando a seção, fui descobrir onde estavam os caras. Pensei que estivessem dormindo, mas, para minha surpresa, estavam trabalhando na produção do material clandestino. Aí, descobri todo o esquema e, não passou muito tempo para que um vigilante, me pegasse dentro do vestiário e, com a arma em punho, me ameaçasse caso eu abrisse o bico”.

Esse é o relato do encarregado da portaria, que entrou na empresa para trabalhar num local infernal. Nesse setor, trabalhavam apenas pessoas altas, grandes, pesadas, pois o serviço consistia em pegar nas costas sacos de 60 kg de matéria prima, subir uma escada de três degraus e despejá-lo em um grande tanque, durante as oito horas de trabalho. Era um serviço brutal e uma pessoa sem compleição física adequada não conseguia executá-lo.

Os gigantes desse setor eram verdadeiros "ípsilons" de Huxley (ver "Admirável Mundo Novo") brancos, analfabetos, fortes como touros. Conta-me Amanda, a enfermeira, que, depois de

mais de dez anos nessa atividade, eles desenvolviam uma estranha atitude. Quando paravam de trabalhar, em qualquer descanso, ao ficarem parados, imediatamente pegavam no sono.

Nosso bom encarregado, que vamos chamar de Andrade, que não era nem forte, nem alto, não agüentou o tranco e o encarregado o transferiu para o setor que fazia a próxima fase da produção. Lá ele descobriu a produção paralela.

Estava, pois, nesse dilema, fazendo o trabalho de 3 pessoas, ameaçado – não podia deixar escapar esse emprego, pois era um camponês, semi-analfabeto, bronco, honesto e sem malícia – quando a sorte lhe sorriu.

Houve uma mudança de gerente e o novo chegou com instruções expressas para moralizar a unidade e com carta branca. Era um estrangeiro, casca grossa, decidido, justo, religioso e humano. Quase sem saber falar português, estava alertado para o quadro que ia encontrar.

Como sempre, quem lhe deu o cargo deu-lhe também a logística para desempenhá-lo bem. Um dos pontos chaves era estar bem informado do que se passava, com informações certas e seguras, para poder tomar decisões adequadas. E como conseguir isso? Com um espião no meio dos empregados.

Passou um mês analisando o terreno, seu segundo escalão, os esquemas de controle e não gostou do que encontrou. Começou tomando providências de teste, para avaliar sua eficácia e viu que a contaminação era muito maior que pensava. Enquanto

fazia isso, analisava os perfis dos empregados, procurando um informante fiel. Conversou, às escondidas com vários e o escolhido foi Andrade.

Conta-me ele:

“Tivemos uma primeira conversa e ele pediu o máximo segredo dela. Foi num domingo à tarde em minha casa. Passou quase um mês e ele apareceu novamente. Então abriu o jogo:

- Preciso de sua ajuda, Andrade. Sei que você é um sujeito direito, honesto, trabalhador, de palavra e, principalmente fiel e não vai trair minha confiança. Você sabe melhor do que eu, da bagunça que existe nessa fábrica e, estou lhe dando a oportunidade de ajudar a acabar com ela e fazer uma limpeza. Você topa?

Pensei um pouco e vi que essa era a saída para o sufoco que eu estava passando. E aceitei.

- Muito bem – disse ele – Vamos combinar como vai ser sua atuação. Todo fim de seu expediente, você, antes de sair, vai me contar o que você notou de estranho no seu setor e nos outros por onde você passar. Vai me contar tudo o que escutou nas conversas, no vestiário, nas folgas, nos corredores, em todo lugar. Vai me contar os boatos que correm pela fábrica. Sem ninguém perceber você vai telefonar para minha sala. Se não der para telefonar (não havia telefone na cidade e a fábrica

tinha poucos ramais internos) vá até o boliche (havia uma pista de boliche no quintal da casa do gerente, que qualquer um podia acessar da fábrica) e deixe, no armário das bolas, um papel com o dia e hora que você vai estar ali, que vou te encontrar. Não assine, só escreva o dia e hora, que eu já sei o que é. Fora isso, você, diante dos outros funcionários, somente deve me cumprimentar e jamais se aproximar de mim. Se a coisa funcionar bem, não vou te esquecer.”

E assim começou. A empregada da casa do gerente (não era funcionária da fábrica) recebeu a função de, diariamente, trazer para a esposa do gerente todo papel que encontrasse no armário do boliche. Andrade passava toda informação e com ela, o gerente sabia como agir, principalmente com relação a sua chefia do segundo escalão. Cerca de um ano após, tendo a limpeza se completado, Andrade foi promovido a um nível acima e transferido para o setor de limpeza, para poder ter mobilidade em toda a fábrica. Ninguém desconfiava dele. O segredo e cuidados eram absolutos. O tempo passa e seu trabalho informante foi tão bom que, mesmo com o controle total da situação, com a unidade completamente saneada e eficiente, o Gerente não quis liberá-lo dessa função.

Desse modo, o gerente o promove a chefe da portaria, onde agora Andrade teria maior desenvoltura. Isso, porém, fez cair sua eficiência, pois os operários consideravam os funcionários da portaria, puxa-sacos e delatores. Porém, Andrade tinha uma informante de peso: Amanda, a enfermeira, que possuía a confiança irrestrita dos empregados, emprestava dinheiro a

juros baixíssimos e, era vista como uma espécie de anjo bom, devido à sua própria função.

Esse gerente ficou mais de dez anos nessa unidade, sendo respeitado e estimado por todos, principalmente por seu senso de justiça e humanidade; e, quando foi transferido, no dia de sua partida, muitos funcionários estavam com lágrimas nos olhos. Eu já estava lá, nessa época e testemunhei tal fato. Essa tristeza, em parte, se devia aos empregados pressentirem que a era de justiça havia terminado. Realmente, os gerentes brasileiros que iriam aparecer, seriam, todos, sem exceção, uma amostra de decaimento, constante e veloz, da competência e do caráter em detrimento de um, também veloz, aumento de “fidelidade à empresa” e falta de escrúpulos.

Andrade perdeu seu posto de informante e passou a sofrer os efeitos do governo pelo padrão “fidelidade”. Logo, vendo a injustiça e o puxa-saquismo explícito campearem, tornou-se calado do tipo “não vi, não ouvi, não falei”, cumprindo suas obrigações e esperando a aposentadoria.

★ ★ ★

15

Zazá

Ele era um pregador de peças nato. Andava por toda a fábrica, pois como cronoanalista sua função era percorrer as linhas de produção. Não tinha chefe e respondia direto ao gerente. Por isso, em suas andanças, a ociosidade era uma constante.

Com o serviço em dia, sem nada para fazer, atazanava a todos, ou, quando se aquietava, escrevia versinhos sobre as escorregadelas dos colegas. Esmeraldo era seu preferido. Possuo mais de 10 desses versinhos, manuscritos e assinados pelo próprio Zazá.

Certa vez, em uma saleta de máquinas de reserva, um chefe estava mostrando uma tarefa a um encarregado. Zazá entrou lá para conferir a placa de um motor e estava compenetrado nessa tarefa quando sentiu uma grande vontade de expelir gases. Então teve uma idéia. Aproximou-se dos dois, comentou sobre o futebol e a produção, enquanto soltava uma bomba, silenciosa e poderosa. Assim que terminou, disfarçadamente, sacudiu a roupa e escafedeu-se.

Ficaram somente os dois, que dali a alguns instantes começaram a sentir um cheiro horrível. O chefe olhou feio para o encarregado, e este disfarçou, xingando mentalmente seu

superior, cada um pensando que tinha sido o outro. Ninguém comentou nada sobre o cheiro.

Zazá ficou do lado de fora rindo, aguardando a saída. De repente sai apressadamente o chefe, seguido, logo após, do encarregado. A cena foi hilária e Zazá não agüentou e caiu na gargalhada. Os dois se voltaram e compreenderam que tinham caído em mais uma peça de Zazá. Xingaram-no muito e depois o acompanharam na risada.

Porém sempre há o troco e conseguiram descobrir que Zazá tinham uma fobia extrema de barata. Seu medo era tanto, que, diante do inseto ele, literalmente, enlouquecia. Assim, pegaram três exemplares, gordos e bem criados, colocaram numa bela caixa e despacharam para Zazá pelo correio.

Alguns dias depois, de manhã, escuta-se, em todo prédio administrativo, um enorme estrondo e barulho de objetos se quebrando. Alvorço geral, todos – gerente, chefes, funcionários - saem de suas salas e acorrem ao local do estrondo: a sala de Zazá.

O que se encontrou foi cômico. A cena era impagável: a enorme mesa de Zazá virada de pernas para cima, derrubada no chão, poltronas viradas, telefone, calculadora e copos quebrados no chão, papéis espalhados por toda parte e, num canto, aterrorizado, Zazá gritando as berros: ***Mata a barata, mata a barata, mata a barata!***

Deu um trabalhão tirá-lo do canto - ele ficou paralisado - e arrastá-lo para a enfermaria, onde foi tratado com calmantes.

Deu um trabalhão afastar a romaria de gozadores que vinha até a enfermaria para tirar um sarro do pregador de peças.

Ele tinha aberto o embrulho em cima da mesa e ao ver as baratas vivas na caixa, tomou tanto susto que, pegando a mesa pelo tampo, atirou-a para cima, virando-a. E depois, gritando histericamente, correu para o canto da sala.

A notícia se espalhou e várias de suas vítimas diárias, dentro da fábrica, além de se deleitarem, passaram a andar com baratas de borracha no bolso, só para espantá-lo.

Até hoje, ninguém sabe quem foi o autor da façanha.



16

Jonilson

Ele era um crioulo enjoado. De uma inteligência acima da média, muito bem falante, ótima caligrafia, teve a grande sorte de ter o Celinho – aquele da calculadora – como o “analista” das fichas de pedido de emprego.

O cargo de assessor do Livramento ficara vago e estava sendo cobiçado por quase mil pessoas. Passaram uma montanha de fichas para Celinho selecionar algumas, mas o malandro, ao ver o tamanho da pilha em cima de sua mesa, sofreu um ataque de preguiçite e, desanimado, começou a OLHAR uma por uma, sem lê-las (essa história, o próprio Celinho nos contou).

De repente, se depara com a de Jonilson e fica espantado pela boa qualidade de sua letra. Então, teve um estalo: iria fazer a seleção pela caligrafia. Assim, dentre as centenas, escolheu as quatro melhores letras e passou para o chefe de RH. Esse, marcou entrevistas com os quatro e aí, foi mole para Jonilson, que bem articulado e inteligente, ganhou a vaga.

O grande diferencial de Jonilson é que ele tinha uma PROFUNDA sede de aprender. Ao começar a trabalhar em nossa sala, a primeira coisa que descobriu era que não entendia o que falávamos. Nosso dialeto era muito diferente daquele em que fora criado, um ambiente de favela. Assim, comprou um

pequeno dicionário e, enquanto conversávamos, logo nos acostumamos a ver Jonilson sacar o dicionário para descobrir o significado de uma palavra que ouvira e não entendera. Com o passar do tempo, ficou desinibido e quando não entendia perguntava logo: Que é “acintoso” ? Que é “cornucópia”? e assim por diante. E detalhe: Fazia questão em usar as palavras novas nas suas conversas.

Um certo dia fiquei assombrado. Eu era assinante do Círculo do Livro da Editora Abril e recebia os livros pelo correio. Estava abrindo o pacote com uma remessa, quando Jonilson se acercou. Lembro-me até o nome do livro. Era "O Navegante" de Morris West. Enquanto o folheava, Jonilson, em pé, olhava em silêncio... para o livro. Aí falou:

- *Depois que você ler, me empresta?*

Sempre detestei emprestar livros e discos, aliás, sempre detestei os pedidos de empréstimos, pois raramente os atendia. Naquele momento, notei que havia um sincero interesse dele e como sabíamos de seu gosto pelo estudo, perguntei:

- *Por quê?*

- *É que em casa não existe um só livro desses - somente livros da escola - e sempre quis ler um - respondeu com humildade*

- *Empresto com duas condições - falei - Tomar cuidado com o livro e devolver em 2 semanas.*

- *Feito - falou ele sorrindo abertamente*

E assim, ganhei um parceiro de leitura, que continuou até que eu me desligasse do tal Círculo, quando passou a publicar lixo consumível ao invés de obras decentes.

Voltando ao nosso intelectual, em breve, nos dizia, seus vizinhos o chamavam de “crioulo metido” e “caga-goma” entre outros adjetivos. Ele os esnobava, ainda mais, quando explicava o significado do termo desconhecido.

Em um ano, falava um português castiço, com termos rebuscados e perfeitas concordâncias verbal e nominal. Com despeito, os funcionários lhe arranjaram o apelido de “nêgo society”. Daí, abreviaram para “soçaite”. Nós, porém, jamais o tratamos por qualquer apelido, por uma questão de classe e por isso não ser do nosso feito.

Seu único defeito era beber. Quando bebia, não havia medidas, ficando primeiramente, alegre, depois, insuportável e por fim queria brigar com todo mundo. Um saco! No outro dia aparecia com os olhos injetados e vermelhos. Como eram grandes, o pessoal avisava: “O soçaite hoje tá com as lanternas acesas”. Eram seus dois olhões vermelhos.

Seu encarregado, Livramento, começou a não gostar dele quando surgiram as discussões sobre procedimentos, com Jonilson querendo fazer mudanças e Livramento querendo mantê-las. O certo é que seu trabalho também era impecável, não havendo reclamações sobre ele.

Certa vez estava comendo dentro da Fábrica, o que era proibido.

Misael o viu, repreendeu e mandou parar. Insolente, além de não parar, ainda bateu boca com o chefe.

Então, Misael furioso – ele era uma fera com seus funcionários - disse que ia reclamar com seu chefe, Burt.

- *Pode ir* – disse Jonilson, com atrevimento – *Meu chefe é estrangeiro!*

Sem saber, cunhou a frase que iria ficar famosa por vários anos dentro de nossa fábrica.

Se reclamou, não se sabe. O fato é que Burt jamais tocou nesse assunto com ninguém e Jonilson continuou suas andanças, orgulhoso como sempre.



17

Natale

Natale era o inspetor de caldeiras. Viajava no avião da empresa durante todo o ano ficando uma semana em média para cada caldeira.

Italiano da gema, chegou ao Brasil no final da década de 30, trabalhou com Matarazzo e agora já tinha quase sessenta anos, mas não perdera o sotaque e falava um português carregadíssimo.

Adorava fumar charuto ou cachimbo, dos quais tinha uma coleção. Sua principal característica era o exagero. Tudo que contava, exagerava. Passara a vida inteira solteiro, numa vida de putanhagem e conseguira casar-se recentemente com uma moça 25 anos mais nova (ver "O Casamento de Natale")

Logo, nasceu Natalino. Ele não cabia em si de orgulho e assim que chegou à nossa fábrica, jogou em nossa mesa de reuniões um álbum com as fotos do rebento.

- *Taí* - falou em voz alta - *Prá tutti mondo ver. Occhi Natalino. Forte como um touro. Saco roxo. Isso é que é garoto!!*

Sentou-se, acendeu o cachimbo e enquanto olhávamos as fotos, Natale contava - orgulhoso - as travessuras do filho.

Numa das fotos o bebê estava deitado de barriga pra cima, nu, em uma mesa de uma sala que parecia um consultório.

- *Aqui, o menino estava com algum problema?* - provocou Livramento

- *Que problema nada! Qual! Aí estava na clínica sendo pesado. Tinha três "mês". Nessa hora aí, já tinha mijado na enfermeira*

- *falou Natale, com falso desinteresse.*

- *Tem razão* - continuou Livramento - *Os bebês são danados pra mijar no colo das pessoas.*

- *Que colo? Que colo? Que colo? Quem aqui falou em colo?* - Natale verberou bem alto - *Foi na cara!*

Aí a sala parou. Todos olharam para Natale, que adorava ser o centro das atenções.

- *A enfermeira tava fazendo o quê, embaixo do moleque?* - perguntou Esmeraldo, bancando o sonso

- *Que embaixo? Que embaixo? "Ma" que embaixo nada!* - Natale se exaltava - *A enfermeira tirou as "fralda" dele, colocou ele deitado, como na foto e estava tirando sua blusa quando Natalino deu uma mijada tão forte que esguichou na cara dela*

- *Claro* - apoiou Livramento - *quem mandou ela se curvar muito?*

- *Nada de curvar* - atalhou Natale imediatamente - *Natalino deu*

uma pressão tão forte que o jato subiu a mais de 50 centímetros, atingindo a cara da moça.

A vaia foi geral.

*- Essa não, Natale. Conta outra. Três meses! Isso só em filme -
ria Esmeraldo, provocando Natale*

*- Que filme! Io tô te dizendo! Io vi a cena. E digo mais: se não
bate na cara da enfermeira, chegava ao teto! - exagerou, com a
maior cara de sério.*

A vaia foi tão grande que Livramento teve que pedir ordem no recinto.



18

O Curso de Esmeraldo

Esmeraldo bolou um esquema para justificar sua chegada em casa em horas tardias. Conversando com seu concunhado Ismael, ficou sabendo que ele tinha ganhado várias apostilas de um curso de desenho mecânico que era realizado em uma cidade vizinha.

- Tenho uma idéia, Isma - falou ele - Vamos falar prá jararacas que nós nos matriculamos nesse curso. Aí, vamos ter todas as noites da semana livres!

Ismael gostou da idéia, pois também tinha problemas quando queria enganar a esposa. E assim fizeram. Combinaram horário, duração do curso, mensalidades, tudo certinho e contaram a patranha às respectivas esposas. Elas desconfiaram, mas, acabaram concordando.

Depois de um mês de gandaia, com tudo correndo bem, Esmeraldo começou a abusar e chegar à casa muito tarde, encharcado de cerveja. A desculpa que dava é que tinha ficado no bar bebendo com os colegas de curso. Numa dessas vezes, Aninha não deixou por menos e quase lhe dá uma surra com o cabo de vassoura.

No outro dia, Esmeraldo vai confabular com Ismael.

- *Ontem sujou* - disse ele - *A cascavel está desconfiada prá caramba. Acho que a gente vai ter que parar com isso.*

- *Que parar, que nada* - se revoltou Ismael - *A culpa é sua, que não sabe a hora de parar de beber e toma todas. Vamos chegar cedo a casa, sem tomar com exagero. E, para dar um clima de estudo, vou trazer umas apostilas e você coloca elas, de maneira descuidada, no banco de trás do carro. Assim ela vai pensar que esquecemos o material de ensino no carro e o estamos utilizando realmente.*

- *Boa idéia* - aprovou Esmeraldo - *Manda as apostilas.*

Fizeram isso e, durante um bom tempo, as mulheres sossegaram. Num certo dia, Esmeraldo chega todo faceiro em casa, às 21:30, pensando que ia abafar, por chegar tão cedo. Mal pôs os pés na sala, Aninha apareceu, com uma enorme faca de cozinha, pondo fogo pelas ventas:

- *Ah, chegou, cachorrão?* - falou, enquanto se aproximava, mostrando a faca.

Esmeraldo, já calejado, correu e ficou na defensiva, atrás da mesa de jantar.

- *Que é isso, Aninha?* - falou fazendo cara de inocente - *Que houve? Eu não tenho culpa de nada. Olha a hora que tou chegando!*

- *Canalha! Hoje você não me escapa! Hoje eu vou prá cadeia, mas vou ver essa casa lavada com teu sangue, filho da puta!* - Aninha estava tentando alcançar Esmeraldo, que ficava sempre atrás da mesa.

- *Que é que eu fiz?* - gritou Esmeraldo - *Você pirou, tá maluca....*

- *Tá bom. Vou escutar, antes de tirar teu couro.* - Aninha parou e espetou a ponta do facão na mesa - *Onde cê estava?*

- *No curso, porra. Tu tá cansada de saber* - Esmeraldo se aprumou.

- *Ah, no curso. E onde fica esse curso?* - Aninha parecia calma e Esmeraldo pensou rápido: descobriu! Mas como? Onde foi o furo ?

- *No Senai da cidade tal* - lembrou-se ele de ter visto isso na capa da apostila.

- *Seu mentiroso, filho da puta, safado, putanheiro. Te cuida, que se eu te pegar, vou te picar* - Aninha voltou a empunhar a faca - *Eu peguei a apostila no teu carro e liguei para o telefone que estava nela. Esse curso foi ministrado há dois anos atrás. Até demorou para o pessoal lembrar dele. Ainda riram na minha cara. Hoje cê não me escapa!!!*

Foi atrás de Esmeraldo, que rápido, conseguir fugir, desceu as escadas correndo e desapareceu.

No outro dia ameaçava Ismael.

- *Ismael, se tu aparecer na minha frente* - falou pelo telefone em nossa sala - *eu vou te porrar até cansar, filho da puta. Trata de te esconder....*



19

A Banda

A empresa inaugurou uma fábrica em uma pequena cidade bem no interior de Minas. A única indústria em um raio de centenas de quilômetros. Desnecessário dizer que o gerente da fábrica mandava mais que o prefeito da cidade e emprego bom, depois daqueles cabides da prefeitura, somente na indústria.

A empresa enviava para todas as suas unidades uma modernidade avançada: uma copiadora a álcool, marca BANDA.

Nas fábricas mais velhas era muito usada e foi incorporado no jargão da empresa o termo "banda" (aliás, na década de 60, em boa parte do mundo "Banda" era sinônimo de copiadora). Quando se queria distribuir cópias de documentos dizia-se: "roda na banda".

O chefe do escritório da nova fábrica, precisando do aparelho, pediu urgência no seu envio. E encheu tanto o saco do pessoal de compras que, resolveram mandá-la pelo piloto da fábrica, que, por acaso estava voando em dois dias para lá. E para acabar com a agonia do chefe, mandaram uma mensagem pelo rádio.

SEM TINTA, STENCIL E GELATINA
o Duplicador

Banda reproduz
textos datilografados,
manuscritos, desenhos do
mesmo original, de uma até
sete cores - numa só operação



©2006 L. Valentin

Banda é o duplicador mais simples para cópias de pequena tiragem. Pode ser aproveitado com grandes vantagens para a mecanização do faturamento. Com um só original obtêm-se da Nota Fiscal até a Fatura e tantas duplicatas quantas forem as prestações.

Peça uma demonstração sem compromisso à

ORGANIZAÇÃO Ruf S. A.

Rio de Janeiro: Rua Debret, 79 - A - Loja - Tel. 32-6767
São Paulo: Rua da Consolação, 41 - Tel. 36-8196
Curitiba: Rua 15 de Novembro, 567 - Tel. 4183
B. Horizonte: Av. Afonso Pena, 941 - Loja 4 - Tel. 2-1902

Duplicando com **Banda** duplicará seus negócios

Representantes em todos os Estados 9.045

Outra explicação: a empresa se comunicava via rádio entre suas unidades. Telefone era ainda uma aventura e interurbano tinha que ser pedido a telefonista e, geralmente demorava de quatro a cinco horas para completar a ligação, isso com sorte. Assim, a uma determinada hora da manhã, todas as fábricas se conectavam pelo rádio e trocavam mensagens. O operador

ouvira as mensagens e as transcrevia em formulário próprio e depois as encaminhava à gerência.

Acontece que na nossa pacata cidadezinha o operador era uma mocinha da terra e ao receber a mensagem “a banda chega na quarta feira de avião”, além de transcrevê-la, comentou em casa, com irmão, pensando ser uma banda de música.

Por infelicidade, esse personagem era assessor de um vereador da cidade e logo contou a novidade ao edil.

- A empresa tal vai trazer uma banda para a cidade, na quarta feira. Vai chegar de avião.

O atento vereador, logo comunicou o evento ao prefeito, que decretou que todos os funcionários da prefeitura, bem como alunos da escola pública, estivessem no “aeroporto” (era um campo gramado, com uma casinhola), para dar boas vindas aos músicos.

Conta-nos o piloto, que, ao se aproximar do campo com seu paulistinha, notou que havia um aglomerado de pessoas e carros perto da casinha.

Pousou, pegou a caixa com a banda e um malote foi para a Kombi da empresa.

Ao chegar lá, foi cercado por uns senhores de terno.

- O senhor é da empresa tal ? - perguntou um deles

- Sou sim – respondeu o piloto

- *Será que o senhor pode nos informar quando chega o avião com a banda?* – perguntou outro de terno

- *Já chegou* – falou o piloto, sem entender nada do que estava acontecendo

- *Como?* – a autoridade também não entendia – *E onde está a banda?*

- *Acabei de pôr ela dentro da "perua" (a Kombi)* – disse o piloto apontando para a caixa de papelão

- *O senhor acha que estamos brincando?* – a autoridade estava ficando nervosa – *Estou falando da banda de música da sua empresa.*

- *Minha empresa não tem banda de música* – respondeu o piloto
– *A única banda que tem é essa copiadora aí. Pode ler a marca na caixa.*

De fato, em letras trabalhadas estava bem visível na caixa: BANDA.

O homem leu e viu que tinham caído numa peça. Chegou perto dos outros, todos de terno, confabularam e entraram depressa dentro de um carro preto oficial, e se mandaram.

O povo em volta está observando sem entender nada. O piloto entra na Kombi e manda tocar para a fábrica.

No campo ficam mais de vinte adultos, além de quase uma centena de crianças da escola pública, olhando para cima esperando o avião com a banda chegar.



20

Que Futebol que nada!

Copa do mundo de 74. Meu pai tinha comprado uma TV a cores – uma raridade na época – e juntamos uma turma do escritório para assistir o jogo de abertura, acho que Brasil e Alemanha.

Éramos cerca de dez pessoas e chegamos em sua casa, com um estoque de cervejas e tira-gosto, bem na hora de começar o jogo. Cada um se acomoda como pode, a imagem da TV está um espelho, a grama brilha num verde intenso e começa a partida.

Mal se passaram dez minutos, Jonilson começa a conversar e a rir, atrapalhando a narração do jogo.

- *Cala boca, crioulo !* – diz um
- *Fica quieto, macaco !* – diz outro
- *Psiuuuuu!* - a turma está incomodada.

Mais dez minutos, o jogo está zero a zero e Jonilson resolve se levantar e passar em frente a televisão.

- *Ô crioulo filho da puta!* – se exasperou Celinho – *Quem teve a feliz idéia de trazer ele pra cá?*

E atrapalha a visão de novo, quando retorna e passa novamente

na frente da TV. Senta-se sob as vaias e xingamento de todos. O jogo continua zero a zero. Mais alguns minutos, Jonilson arranja uma confusão, porque acha que tomaram sua cerveja. Começa a bater boca, e aí quase é linchado.

Finalmente acaba o primeiro tempo. Zero a Zero. Todos saem da sala comentado a má atuação da seleção. Jonilson corre para a cozinha se esconder, pois tinha gente querendo encestar sua cara.

Vai começar o segundo tempo. Todos em seus lugares, menos Jonilson, que me chama na varanda.

- *Escuta aqui, cara. Cê acha que pega mal se eu for embora?*

Jonilson tinha pouco mais de um mês de firma e estava querendo se enturmar.

- *Por que, Jonilson?*

- *Pô, cara, eu fiquei terrivelmente angustiado nessa sala – falou ele*

- *É assim mesmo. Não é só você. Todo mundo aqui está sofrendo, com essa seleção jogando tão mal.* - respondi

- *Não é isso não, cara. É que eu NÃO suporto, abomino, DETESTO futebol!* - acabou confessando ele.

Não esperou minha resposta e foi embora.



21

A Viúva Paga – I

A mulher de Burt, que vivia trancada em casa, lembram, implicou com a cozinha. Aquilo era uma "porcarria". Mas, como a casa era da empresa, dentro do terreno da fábrica, não cogitava em comprar uma nova. A solução encontrada foi colocar no orçamento a compra de novas cozinhas para todas as residências da empresa. O pedido passou e as cozinhas foram compradas na Sears, no Rio de Janeiro. Projetadas sob medida, era o melhor que havia na época. Tudo luxuoso e de primeira.

Passam-se quase dois anos e acontece a demolição de uma das casas. Os aparelhos e móveis da casa, tudo novo, são disputados a tapa e como havia muitos funcionários interessados, Burt resolveu que iria vendê-los pela melhor oferta, que deveriam ser feitas em envelopes fechados.

A cozinha da Sears foi arrematada inteirinha, pelo..... Ramalho, o chefe de recursos humanos, que tinha comprado um apartamento na praia e estava precisando equipá-lo. Só com um detalhe. Ao examinar a contabilização da venda, um curioso notou que tudo estava lá, discriminado, quantidade, com o preço de venda, etc, menos a cozinha.

Onde estaria contabilizada a venda da cozinha? Depois de fuçar, descobriu que tinha entrado como "material de demolição" e

fora adquirida por um valor de 2 salários mínimos. Fogão, geladeira, freezer, forno elétrico, utensílios elétricos, panela e talheres, armários, pias e até as torneiras formaram um pacote (tudo novo e pouco usado) que o Ramalho faturou a preço de banana. Sempre sob as benções da chefia.

Mas, se isso estava por baixo dos panos, como descobri?

Acontece que ladrão amador é burro e Ramalho, querendo se utilizar de mão de obra de favor, convocou um pintor da fábrica, chamado Filinto, para pintar o apartamento no fim de semana.

Filinto foi, pintou, cobrou uma merreca e voltou contando para todo mundo onde estavam os aparelhos da casa demolida, que foram objeto de desejo de muitos e que ele reconheceu de imediato.

É isso aí: fidelidade acima da competência!



22

O Espião - III

A empresa notou que o funcionamento do novo departamento criado – Segurança do Trabalho – somente seria eficaz se ele estivesse subordinado diretamente ao Gerente, o que foi feito.

Assim que assumi o meu cargo nele, passei a estruturá-lo (inclusive o formulário de estatística de acidentes de toda empresa foi desenvolvido por mim) e a gerência estava satisfeita. Logo fui promovido ao nível de encarregado e certo dia sou convocado à sala do gerente, Alfredo.

Conversa informal e de repente, depois de alguns elogios, Alfredo pediu para que eu lhe fizesse um “favor particular”: comparecer a uma assembléia geral do sindicato dos empregados e depois lhe relatar o que ocorreu.

Eu detestava sindicatos. Eles eram a ponte que os indivíduos mais desclassificados se utilizavam para adquirir benefícios próprios, fama, dinheiro e poder. Era a vitória dos que não queriam trabalhar. Parasitas, bajuladores, agitadores, cafajestes, sem instrução, sem cultura, todos querendo enriquecer fácil.

Inexperiente, sem malícia, concordei; e na noite marcada dirigi-me à Câmara dos Vereadores, onde a reunião seria realizada.

Fazendo um parênteses, nessa época eu ainda não sabia, mas uma das políticas mais sacrossantas da empresa era ter o sindicato dos empregados sob controle. Faziam questão que seu presidente fosse um empregado de nossa empresa, o que sempre tinham conseguido até então. Faziam questão de aprovar e editar a lista de candidatos a diretoria do sindicato. A direção da empresa escolhia os nomes, fazia a eleição e mantinha a diretoria do sindicato com “mimos”.

Quando a assembléia geral começou, quase desmaiei ao ver a diretoria: era composta por um “ípsilon” da seção dos brutamontes (o presidente) totalmente analfabeto, por um encarregado de um setor, também analfabeto (secretário) e por outro analfabeto da portaria (vice-presidente). Note-se que quando digo analfabeto, é analfabeto mesmo.

Mal o secretário começou a tentar ler a ata da reunião anterior, o presidente, sentado no centro da mesa, cochilou. A platéia divertindo-se com a cena. O secretário, em luta feroz com o texto, começa aos trancos e barrancos:

“... em seguida o senhor presidente mandou que se pro... pro... pro-ce...procedesse a leitura da ata da reunião anterior, a qual foi por mim realizada e ao seu final foi aprovada por u...u...u...uma...umani...u-na...unami...u-na-ni...u-na-ni-mi-da-de – soletrou lentamente e olhando sorrindo para a platéia – Êta palavrinha...”

A casa veio abaixo. Eleutólio, o encarregado do armazém que assistia em pé, num canto, teve um ataque de riso e, encostado na parede, deslizou lentamente para o chão, onde, sentado, ria convulsivamente.

A leitura foi continuada, a algazarra e tumulto eram gerais, o presidente tinha ataques de despertar para cair novamente no torpor e nada houve digno de nota na assembléia, a não ser aceitar a proposta da empresa, na íntegra, para o dissídio coletivo que se aproximava.

No dia seguinte relatei o fato a Alfredo e inocentemente comentei que aquilo ali podia ser chamado de tudo, menos de sindicato. Eram uns bonecos, fantoches, sem noção do que faziam, tentando desempenhar o papel de representantes dos empregados.

Ele sorriu de modo enigmático e mudou de assunto. Nunca mais me convidou para espionar.



23

A Doença da Mulher do Gerente

Alfredo foi promovido a gerente de nossa fábrica. Boa gente, do sul do país, filho de alemães, engenheiro, chegou e logo conquistou a simpatia de todos.

Acontece que a mulher de Alfredo, Clóris, era doente. Tinha duas moléstias: era diabética e ninfomaníaca. Logo na sua primeira viagem, se encantou com o motorista. Esse era um casca grossa e motorista da fábrica. Quando a dona atacou, o motoca não rejeitou.

Acontece que o sujeito era um falastrão e começou a contar vantagens para toda a fábrica.

- *Estou comendo um pessoal finíssimo. Ninguém acreditaria se eu contasse.* - falava se gabando

Enquanto isso, Clóris começa a pesquisar dentro da fábrica, se insinuando para uma série de homens, dos quais, contou Betina (sua amiga e confidente), ela fez até uma lista dos que seriam "proveitáveis".

Alguns meses depois o motorista já demonstrava sinais de cansaço.

- *É, no começo tava bom, mas agora eu já estou é pulando fora.*

- *Quem é a dona ?* - todos perguntavam, mas ele não contava.

Mas, apesar de não contar, começou a ficar displicente. Seus encontros, antes escondidos, passaram a não ser tão disfarçados até chegar ao ponto de Clóris ir esperá-lo na porta da garagem dos veículos dos funcionários que ficava em uma rua próxima à fábrica. Isso em plena tarde, ainda com sol.

Sempre tem alguém observando e o contador da empresa morava em um prédio de onde se podia ver a entrada da garagem dos funcionários. Um belo dia, sua mulher estranhou muito que Clóris estivesse ali, parada. Ficou interessada e viu quando chegou o motorista, que tirou seu fusquinha do estacionamento e em plena rua, apanhou Clóris.

Já viu, né? A mulher vigiou mais alguns dias e pegou todas. Então chamou umas amigas que foram testemunhas do flagrante e a história finalmente se espalhou entre as mulheres dos chefes. Sim, porque, vários empregados, freqüentando motéis, já tinham se cruzado com o motoca e a mulher do gerente dentro deles e tinham entregado o ouro para todo mundo.

Desse modo terminou a aventura do motorista e Clóris começou a se encostar no chefe da área administrativa, Robello, que morava em uma casa, dentro da fábrica, ao lado da casa do gerente. Eram vizinhos.

A mulher de Robello - Marialva - era uma fera e sabia das andanças da vizinha, mas mantinha uma amizade grande com eles. Era almoço na casa de um, jantar na casa do outro, churrasco juntos nos fins de semana na piscina do gerente, e assim por diante. Clóris aproveitou e atacou. E o careta gostou. Mais uma vez, logo, logo, alguém da fábrica os viu no motel e a notícia se espalhou. Mas os dois pombinhos continuaram com o romance por uns três meses, até que Marialva os flagrou.

Conta-nos e empregada dela, com quem desabafou.

Jantar na casa do gerente. Tudo bom, de primeira, vinho, música suave, velas e os dois casais numa boa. Antes da sobremesa, veio um telefonema. Estavam chamando Alfredo. Ele se desculpa e sai.

Ficaram os três conversando amigavelmente, até que o telefone toca de novo. Estão chamando Robello ao aparelho. Acontece que o telefone ficava em um cubículo, no corredor, perto da sala de estar, projetado para ser semelhante a uma cabina telefônica. Você entrava, fechava a porta envidraçada e fazia a ligação. Só cabia uma pessoa ali. Robello foi atender e estava demorando.

Aí Clóris deu uma desculpa e saiu, deixando Marialva sozinha.

Os minutos passam-se. Marialva já tinha acabado de comer. Sozinha, começou a pensar e algo estalou em sua cabeça. Rapidamente levantou-se e foi até o telefone, para ver com quem Robello falava tanto. Ao chegar lá, encontrou Clóris agarrada com Robello, dentro da cabina, num amasso infernal.

Meu amigo, a mulher virou fera e fez o maior escândalo. Disse que ia se separar e o escambau. Alfredo, que ainda não voltara, não testemunhou a cena.

Alguns dias depois, mais calma, foi convencida por Robello para pôr panos quentes na coisa, se não, podia pintar uma demissão e eles estariam ferrados. Marialva assim fez, mas exigiu que Robello pedisse transferência, que logo aconteceu.

Enquanto isso, Alfredo, com um peso enorme na cabeça, fingia que nada estava acontecendo. O cara era manso demais.

Ato contínuo, Clóris começou a sair com um mecânico. Depois com um espertalhão, um vagabundo que tinha um trailer de cachorro quente, perto da faculdade. O cara, explorando a parceira, contando com seu dinheiro e status de mulher do gerente da fábrica, estava mais feliz que pinto no lixo.

Clóris, enganada, pensou que tinha encontrado o homem de sua vida e largou o marido e seus dois filhos pequenos (3 e 4 anos) para viver com o malandro.

Todas as noites, podíamos encontrá-la preparando lanches no trailer do garanhão. Alfredo até que gostou, mas isso foi a gota d'água e a diretoria o transferiu para S. Paulo.

O malandrão do trailer, sem mais ter a renda e o status proveniente da amante, começou a aplicar-lhe freqüentes e

violentas surras, que a obrigaram a abandoná-lo e ir viver com uma irmã.

As últimas notícias que tivemos foi que Alfredo aceitara Clóris de volta.



24

Meu Cargo, Minha Vida

Serapião era nordestino e foi promovido a chefe da área técnica (cargo que exigia engenheiro) e enviado para nossa fábrica.

Acontece que antes da promoção trabalhava em uma unidade de nossa empresa no nordeste de S. Paulo e eu estava nessa unidade nessa época. Conversando com os funcionários, fiquei sabendo de sua história ali.

Ele era mecânico de manutenção formado no Senai, tinha segundo grau e era assistente do chefe da área mecânica naquela unidade.

- *É um péla-saco* - disse um dos funcionários - *um aproveitador, puxa-saco e chifrudo.*

- *O quê?* - eu não acreditava no que ouvia - *Não é possível ! O cara vai ser do segundo escalão !*

- *Pois é* - disse meu amigo - *assim é que funciona essa merda. Sua capacidade nada vale, se você não puxar o saco do chefe. Esse cara, além de tudo é muito esperto e perigoso. Vocês devem ter cuidado com ele lá.*

- *Tá legal* - falei - *Mas por que chifrudo ?*

- *Ah, essa todo mundo aqui sabe - riu com safadeza - Presta atenção. O gerente aqui era o Sr. Trali. Hoje está na sede*

(Trali, um estrangeiro, mal educado, bruto, mandão, achava brasileiro a escória da escória e tratava todos a pontapés. Era temido até pelo presidente da empresa no Brasil).

- *Aconteceu um festa de veteranos e ele se engraçou com a mulher do Serapião, que era um simples e desconhecido mecânico. Todos notaram o interesse do big boss pela dondoca - era feia, mas tinha uma bundona - inclusive Serapião. Logo, Trali deu um jeito de traçar a feiosa e Serapião, caladinho, resolveu tirar partido da situação. Ao consentir com esse estado de coisas sem reclamar, fez com que Trali lhe desse o cargo de assistente de chefe da oficina mecânica e depois de chefe da área técnica na sua unidade*

·
- *Não é possível - me escandalizei*

- *É a pura verdade. Pode perguntar prá qualquer um aqui. Isso não era segredo, não. Era feito abertamente.*

Voltando a minha fábrica, contei para os colegas essa história, que ficaram boquiabertos.

Alguns dias depois, chega Serapião para assumir o posto. Era nosso chefe, de agora em diante e, logo nos convocou para uma reunião em sua sala. Lá fomos nós: eu, Livramento e Esmeraldo.

- *Muito bem. Talvez vocês já saibam da minha história - disse sem constrangimentos - Eu não sou engenheiro, mas a diretoria considerou que tenho aptidões para assumir este posto. Eu comi o pão que o diabo amassou para chegar até aqui, e para não cair, faço tudo, até pisar no pescoço de minha mãe. Se vocês me ajudarem, terão tudo. Se me atrapalharem terão em mim um inimigo. Fui claro?*

Todos concordamos e fomos dispensados. Essa foi a reunião de boas vindas que tivemos e a comprovação de tudo que tínhamos ouvido da figura.



25

A Escolha do Encarregado

A área mecânica precisava de um encarregado e os mecânicos estavam todos de olho nessa vaga, querendo uma promoção.

Serapião, aproveitando-se disso, conversou em particular com cada um dos mecânicos:

- Meu amigo - confidenciou ele - estou observando seu trabalho e concluí que você é um sério candidato para ocupar o posto de encarregado. Dentro de mais alguns dias terei sinal verde para a efetivação e seu nome é quase certo que vai ser o escolhido. Basta você ser fiel a mim. E, não conte para ninguém essa nossa conversa, OK ?

O peão saía dessa conversa rindo à toa.

Depois disso, notamos que Serapião começou a ficar na sua sala depois do expediente e, um dia descobrimos que nessa hora ele conversava com um dos mecânicos. Desconfiados, fomos saber da história e a faxineira entregou o ouro:

- Ah, seu Serapião agora deu para conversar, todo dia, depois do expediente, com os mecânicos. Cada dia vem um diferente - contou ela

Depois ficamos sabendo que os que iam lá, faziam um relatório

do que acontecia dentro da oficina. Assim Serapião ficava a par de tudo que lá se passava.

Porém, a coisa ia bem demais e Serapião nada de escolher o encarregado. Isso tornou a oficina mecânica um inferno. Cada um, com a promessa de ser encarregado, já queria mandar nos demais, e surgiram vários atritos.

Até que um dia, um dos sujeitos com sangue quente, irritado por pensar que o colega estava encostando o corpo, começou uma discussão violenta, quase briga, dentro da oficina. Todos pararam para assistir o bate boca, que no seu auge, fez com que um dos contendores gritasse:

- Pode esperar ! O Serapião prometeu que eu seria o encarregado e quando esse dia chegar, você vai cortar uma volta comigo!

Um silêncio tumular baixou no recinto. Um olhou para o outro.

- Você, encarregado ? - riu o outro - Fique sabendo que EU é que vou ser o encarregado. O Serapião também prometeu isso prá mim !

Logo um dos espectadores cortou:

- Ué! Prometeu prá mim também!

E outro, mais outro e assim todos ficaram sabendo que tinham sido manipulados pelo esperto Serapião e ficaram com ódio.

Uma revolta se alastrou. Um dos mecânicos, mau caráter, puxa-saco, vendo a situação ficar preta, não ficou com a turma, xingando o chefe. Ele correu para avisar Serapião.

Alguns dias depois, Serapião lhe deu o posto de encarregado.



26

Faça só o que eu digo - parte II

Misael, compreensivelmente, foi promovido a assistente de diretoria, indo assessorar o sr. Trali, na sede em S. Paulo (nada de insinuações, certo?)

Na produção de nossa unidade havia uma máquina que estava com uma peça com defeito e isso causava uma perda de qualidade no produto. A máquina era francesa e para examiná-la veio uma junta de técnicos da França que condenaram a tal peça. Imediatamente foi feita uma guia de importação solicitando uma peça nova, que só era produzida naquele país. Passam-se os meses e nada da peça chegar.

Um belo dia, aporta na fábrica, Misael. Carrão da empresa, motorista e o escambau. Depois dos cumprimentos de praxe, se dirige à fabricação.

Um pouco antes do almoço, entram em nossa sala Omar - o novo chefe de produção - Misael e Serapião. Sentam à mesa de reuniões, pediram catálogos da máquina defeituosa e quiseram ver o processo de importação da peça que ficava ali arquivado.

Discute daqui, discute dali, e Serapião fala para Livramento:

- *Livramento, telefona para a sede e vê o que está acontecendo com a importação dessa peça.*

- *Já tem mais de seis meses...* - emendou Misael

Livramento liga, conversa com vários setores e por final declara:

- *Olha gente, ninguém sabe do paradeiro da peça. Parece que é um problema da Cacex. Outros dizem que na França a peça está extraviada e ninguém sabe em que porto ela foi colocada.*

- *Aí, Misael - falou Omar - o rolo é lá com vocês. Nós aqui já fizemos o que podíamos....*

- *Eu não quero saber de nada - cortou Misael, em tom ameaçador - Eu só vou transmitir um recado que o sr. Trali me deu antes de eu sair. Ele disse que na semana que vem vai adquirir nosso produto no mercado. Se ele apresentar baixa qualidade, vão rolar cabeças aqui.*

- *Escuta aqui - se queimou Osmar - Você não era chefe de produção aqui e não conhecia a deficiência da máquina ?*

- *Sim - respondeu Misael*

- *Você não sabia que só uma peça nova, importada, é que resolve o problema ? - continuou irado Omar*

- *Sim - respondeu Misael*

- *O processo de importação não teve que ter sua autorização e você tem cópia dele lá na sede?- Omar crescia na cancha.*

- *Sim - mais uma vez concordou Misael*

- *Então, que é que você veio fazer aqui ? Se sabia disso tudo, por que não explicou pro Trali ? - concluiu vitorioso Omar*

- *Olha aqui, Omar* - Misael agora estava nervoso - *Eu fiz tudo isso, mas assim mesmo o homem mandou eu vir aqui, e nossa função na empresa é, antes de tudo, obedecer ordens. Ele mandou que eu viesse até aqui e verificasse isso e desse esse recado....*

- *Eu já acho que sua obrigação é não fazer a empresa gastar tempo inútil. Tempo é dinheiro . O nosso, o seu e o do Trali. Prá isso, bastava telefonar* - retrucou violentamente Osmar - *E*
...

Nesse momento Serapião se voltou e nos pegou, os quatro, sentadinhos, parados, assistindo com a máxima atenção o bate boca.

- *É melhor a gente ir para minha sala* - cortou ele, impedindo que Omar continuasse.

Saíram e Esmeraldo comentou:

- *E essa merda de empresa ainda dá lucro.....*



27

Ação Sindical - I

Já contei aqui que uma das linhas mestras de relacionamento da empresa era controlar a diretoria do sindicato dos empregados. Para tanto, não se poupavam “esforços”, plenamente recompensados pela mansidão e obediência recebidos em troca.

Por uma questão que não vem ao caso e quase por brincadeira, fui envolvido por uma pessoa de outra empresa do ramo e concordei em colocar meu nome numa chapa para eleição sindical. Por azar, ganhamos e a diretoria do sindicato agora tinha membros de outras empresas, inclusive o presidente.

Isso gerou pânico na nossa empresa que andou punindo pessoas da alta cúpula por terem permitido que as coisas chegassem a tal estado. O fato é que começamos a fazer algo insólito dentro do sindicato: trabalhar pelos empregados e tentar cortar a onda de propinas que a antiga diretoria recebia.

Porém, se três ou quatro queriam honrar o mandato sindical, a maioria da diretoria somente tinha um propósito: levar vantagem da situação. Qualquer que fosse.

Infelizmente, ser diretor de um sindicato de empregados, cargo entregue aos mais despreparados, analfabetos, incultos e sem caráter, que se candidatam de olho nas futuras vantagens que

poderão auferir ou arrancar dos patrões, é algo que vicia o cidadão. E, quem nunca comeu melado, quando come se lambuza.

Depois de alguns “agrados” o sujeito não mais quer largar o filé e, ao mesmo tempo em que trabalha junto aos colegas para não perdê-lo, realiza esforços inauditos para fazer média com o patrão – até aliando-se a ele em causas cruciais – e continuar com suas “vantagens”. Isso sem falar no famigerado imposto sindical que é utilizado, quase sem nenhuma exceção, para o enriquecimento da diretoria.

Em resumo, fomos sabotados, ficamos excluídos dentro da diretoria corrupta e nada pudemos fazer a não ser testemunhar diretores se vendendo e fazendo o jogo da empresa. Sem pudor apareciam de carro novo, pessoas de suas famílias eram brindadas pela empresa e aumentavam seu patrimônio.

Cena rápida em dois atos:

Primeiro Ato:

A negociação salarial era uma piada. Os diretores de RH tinham uma cartilha imutável: Chegavam um dia antes, analisavam as informações sobre os membros do sindicato na mesa de negociações.

No dia da reunião, começavam “quebrando o gelo” falando sobre o clima – “*Aqui está muito quente (ou frio)*” – daí passavam para perguntas sobre a cidade – “*Na outra vez que*

estive aqui, não havia um semáforo na esquina do hotel. O prefeito é bom?” – O passo seguinte era indagar sobre a família dos peões – *“Soube que seu menino fez vestibular”*...

Isso era rotina. O peão, julgando que o diretor estivesse mesmo interessado, abria a guarda e falava do tempo, criticava o prefeito e se babava todo quando seu filho era elogiado.

Na terceira vez que participei dessa tal reunião e percebi que, pela terceira vez o sujeito estava recitando a mesma cartilha, no momento em que acabou falar sobre o tempo, cortei a conversa e perguntei:

“Soube que a empresa vai dar um aumento de 25% ? É verdade?”.

Isso fez os colegas saírem do transe e ficassem atentos. O diretor fitou-me fixamente, com uma cara em que estava escrito: *“Grande filho da puta”* e negou tal notícia. Então passamos a discutir o que interessava deixando de lado aquela pantomima repetitiva e chata.

Por isso eles me detestavam.



28

Ação Sindical - II

Segundo Ato:

Além de propinas habituais, a empresa, anualmente fazia uma confraternização dos sindicatos que atuavam em suas fábricas distribuídas pelo país. Eram convidados três diretores de cada sindicato, os presidentes da confederação e federação.

Todos com passagens pagas – até de avião – no dia marcado, chegavam a S. Paulo, eram hospedados em hotéis de três estrelas, para, no dia seguinte participarem da festa, cujo programa incluía uma apresentação feita pelo Presidente da Empresa, uma palestra na qual ele destacava os rumos da empresa para o futuro e depois partia-se para um almoço – sempre um churrasco ao ar livre – que durava até a noite. No dia seguinte, cada um retornava ao seu local de origem.

A empresa mantinha na época um centro de treinamento (descontava as despesas com ele em dobro do IR e o fechou quando o governo cortou esse incentivo) e de manhã cedo, na porta do hotel, embarcamos em um ônibus de luxo com destino ao CT, que era fora da capital.

Em lá chegando, fomos conduzidos a um salão, onde foi servido um *coffee break* reforçado. Todos os sindicalistas ali estavam.

Gente grosseira, inculta, ignorante, sem educação – principalmente os nordestinos (não é preconceito: infelizmente, é a pura verdade). Fiquei espantado no “ataque” que fizeram aos comestíveis.

Duas horas antes tínhamos tomado café da manhã no hotel, porém, parecia que os caras estavam passando fome há dias. Todos, sem exceção comiam salgadinhos, biscoitos, pãezinhos e bolos empurrados por imensos copos de refrigerante, iogurte e sucos. Ninguém saía do lado da mesa, mais parecendo um exército de formigas.

Fazia muito calor e peguei uma garrafa de água mineral e fui conversar com Petrin em um canto da sala. Aliás, nos cantos, estavam se reunindo dezenas de pessoas engravatadas que observavam a cena com espanto e desprezo.

O barulho era de torcida de futebol. Uma algazarra imensa. O diretor de RH bate palmas e convoca a turba lambuzada para se reunir e assistir a palestra do presidente. Os “representantes dos empregados” se dirigem à sala determinada, levando salgadinhos e copos cheios nas mãos para comer durante o evento. Todos riem muito e fazem piadas.

A palestra evolui e - ar condicionado ligado e refestelados nas poltronas - grande parte dos convidados entra em um torpor, quase sono. Lá pelas tantas, levantei a mão e fiz uma pergunta sobre o assunto que estava sendo explanado.

À frente da sala, ao lado de telões onde apareciam os gráficos

da explanação, estava uma mesa onde se sentavam o diretor de RH, o Presidente da Empresa e o diretor que estava palestrando.

Ao ver minha mão levantada, o palestrante como que tomou um choque e depois de concluir seu raciocínio, me deu a palavra. O diretor de RH e o Presidente não tinham percebido que eu levantara a mão, também estavam quase cochilando, e quando comecei a perguntar, eles quase que saltaram da poltrona, de susto.

Isso aconteceu também com o plenário. Todos acordaram. Esse fato era, realmente, um acidente. Não estava previsto no script nenhuma pergunta da plebe. Perguntei, o diretor respondeu e, algum tempo depois a reunião foi encerrada.

A animação voltou a reinar. Fomos conduzidos a um pátio, onde a comilança se daria. Churrasqueiros já tinham carnes prontas, uma imensa mesa suportava travessas de farofa, salada de maionese, molho à campanha, ovos de codorna, camarões, bebidas e em um quiosque onde dois barmen, estavam de braços cansados de fazer caipirinhas e outros drinques. A quantidade de garrafas de bebidas fortes (uísque, vodka, gim, conhaque, etc) era imensa.

Mal chegamos ao pátio, os homens engravatados apareceram novamente e se misturaram com os engravatados da diretoria.

Então, para minha surpresa, para cada membro do sindicato apareceram duas sombras que se grudaram neles: um diretor e

um engravatado, apresentado também como diretor de algum setor secundário.

Não se podia mover, que os dois lhe seguiam. Para qualquer lugar, até no banheiro. Eu não acreditava no que via. Não dava para conversar com os colegas, pois cada um tinha os dois acompanhantes ao lado.

Meus dois sombras eram dois diretores. Fizemos os pratos, respectivamente, e fomos nos sentar nas diversas mesinhas espalhadas no recinto. O presidente do meu sindicato aparece também de prato na mão, acompanhado de seus dois sombras.

Quando percebi a situação e estava ensaiando um protesto, desisti, ao ver o que acontecia ao redor. Os “sindicalistas” diante de tanta fartura e boca livre, tinham se atirado ao banquete e à bebida, formando grupos grotescos com os sombras engravatados, que os estimulavam a comer e beber mais. A algazarra era enorme. As risadas, gritos, brincadeiras de mau gosto se sucediam e aumentavam, à medida que o álcool fazia efeito.

Enquanto almoçava, tomando cerveja bem gelada (diga-se de passagem, os gêneros ali servidos eram de primeiríssima qualidade) pensei que aquela amostra deprimente era o verdadeiro retrato do sindicalismo brasileiro e eu jamais me adaptaria a tal coisa.

O rega-bofes continuou até o entardecer, quando pessoas

completamente embriagadas e desalinhasdas começaram a encher o ônibus para voltar ao hotel.

Anos depois, quando Petrin foi demitido, contou-me que naquele dia, logo depois da palestra, foi chamado a uma rápida reunião com o Presidente e mais alguns diretores.

Eles tinham estranhado que eu tivesse feito uma pergunta durante a palestra – algo que nunca acontecera com sindicalistas - e disse que me denominaram de “*elemento extremamente perigoso*” e que todos tomassem cuidado comigo.

Que ironia: eu, querendo distância daquela corja imprestável de sindicalistas e a chefia achando justamente o contrário. *C'est la vie...*



29

Apelidos

Quando cheguei à Fábrica, achei incrível a quantidade de apelidos que eram usados. Havia dezenas de baixinho, careca, gordo, magrão, dentinho, crioulo, negão e preto. E nomes verdadeiros, históricos, também apareciam. Houve ano que tínhamos, simultaneamente, na fábrica, Péricles, Temístocles, Sócrates, Júlio César, Leibnitz, Winston Churchill e Plutarco.

O Churchill era um crioulinho que vivia embriagado, sendo chamado por todos de “Churcha”. O Plutarco, cujo nome era escrito “Plutarcho” tinha o apelido de “Tacho” e tinha perdido um pedaço do crânio e massa cerebral em um acidente de lambreta. Era famoso seu estranho hábito de morder a perna de pessoas distraídas que estavam perto dele. Porém era um mago no torno. Por mais complicada que fosse a peça, Tacho a executava com uma perfeição invejável.

Apelidos específicos eram “Azul” – um negão que de tão preto era azul – “Boca”, uma abreviação de “boca de caçapa” dado à Josias, que se irritava quando o ouvia; “Zé Boceta”, dado a outro funcionário.

Como tal apelido não podia ser usado livremente em qualquer parte e diante de todas as pessoas (principalmente mulheres) a peãozada o apelidou com um equivalente: “Zé Coisa Boa”. Abreviado, passou a ser “Coisa Boa”, que o usuário até se

orgulhava dele, com pouca gente sabendo seu verdadeiro nome. O difícil era explicar às moças a origem de tal apelido estranho.

Outro apelido estranho e chulo, idêntico ao “Coisa Boa”, era o de um funcionário de Euletólio, um espécie de curinga do armazém. Era o “Diburro”, que, quando tomei conhecimento dele pensei tratar-se de “*dibujo*” que significa desenho em espanhol.

Depois algum tempo vendo todos chamarem o sujeito de Diburro, perguntei para Euletólio:

- *Esse cara é espanhol?*

- *Não* – riu ele – *Brasileiríssimo. Por que?*

- *Pelo apelido. Dibujo em espanhol significa desenho.* – respondi – *Qual é a dele?*

- *Que espanhol, que nada. É simples de explicar* – continuou rindo Euletólio – *Seu verdadeiro apelido é “Cu de Burro”. Porém para poder ser usado livremente, nós abreviamos para “Diburro”. Gostou?*

Havia também o “Pé de Cana”. Era um funcionário de uma empreiteira, ajudante de pedreiro. Sua marca registrada era ser sempre visto com um inseparável carrinho de mão e suando de uma forma tão surpreendente que as pessoas paravam para vê-lo, completamente molhado e pingando. Era um alcoólatra crônico, em estado terminal. Mas trabalhava como um leão, circulando sem parar com seu carrinho de mão sempre cheio. Todos diziam que ele bebia de uma forma fantástica, mas, durante o expediente, ele não parecia bêbado. E nós ficávamos admirados dessa energia que ele demonstrava.

Certo dia quentíssimo, 32° C à sombra, por volta das quatorze horas, eu estava me programando para não sair do escritório naquela tarde, onde reinava uma agradável temperatura de 23° C, quando o telefone toca:

- Venha depressa, o “Pé de Cana” sofreu um ataque, em pleno pátio – era um porteiro aflito

Ao descer as escadas, enxerguei no pátio dois porteiros retirando Pé de Cana de cima do carrinho de mão, desfalecido, completamente molhado de suor. O levaram até a enfermaria, onde Amanda ordenou que o transferissem para um hospital.

Ao fazer o devido registro, testemunhas contaram-me que ele estava empurrando o carrinho normalmente quando se inclinou sobre ele e caiu. Sua sorte é que ficou com a cabeça para o lado de fora do carrinho, que estava lotado de entulho de concreto.

Agora, podia-se saber como Pé de Cana funcionava. Seus colegas contam que ele, diariamente, bebia álcool puro (etanol a 99,9° GL) desviado do almoxarifado. Depois de conseguir o álcool, colocava um pouco de Ki-Suco em pó e bebia uma quantidade equivalente a 100 ml por dia. Isso lhe dava energia para suportar o dia de trabalho pesado.

Acredita-se que o álcool era entregue por um funcionário encarregado de fornecê-lo ao laboratório, que era o usuário desse produto. Os inflamáveis ficavam em um prédio separado, por medida de segurança. Estava sempre fechado à chave e lá dentro somente podiam entrar pessoas autorizadas. O álcool

ficava em um latão de 200 litros e o laboratório o requisitava diariamente, levando cerca de dois litros por vez.

Na retirada, sozinho, o funcionário do almoxarifado devia encher também algum recipiente com cerca de 500 ml e repassá-lo escondido para Pé de Cana. Como era uma quantidade pequena, durando, na mão do Pé da Cana, cerca de uma semana, não se percebia esse extra no consumo.

Ah! E esse funcionário também era alcoólatra, mas, seguramente ainda não estava no estágio de beber álcool puro.

Nunca mais tivemos notícia do Pé de Cana.



30

Não Tomar o Nome em Vão

O Sr. Galba era professor de português. Entendia bem francês e tinha curso de oratória, além de uma voz de barítono estrondosa. Adorava fazer discursos em solenidades da empresa, onde caprichava no vernáculo e na impositação. Era sério, não admitia brincadeiras de mau gosto, não usava palavrões nem expressões, como costumava dizer, “chulas”. Ele comandava o secretariado da fábrica.

Explicando melhor, o sistema de organização da empresa não previa uma secretária para cada setor, como era costume na época, principalmente em fábricas de origem americana. Assim, obtendo uma série de vantagens, onde as principais eram a produção de documentos sem erros de português e economia de funcionários, além de uma centralização rigorosa, funcionava um secretariado central que gerenciava todo o fluxo de documentos da empresa, além de telefones e portaria. O único defeito desse esquema era o acúmulo de trabalho para as secretárias, que, sempre em número insuficiente, eram literalmente sugadas por uma carga de trabalho violenta.

Eu ficava admirado pela rapidez que elas tinham em datilografia. Uma delas disse que o serviço era tanto, que depois de alguns anos, não conseguia mais ler o que estava datilografando. Ela tinha se transformado em uma simples

interface de transferência de dados do rascunho escrito à mão para a máquina de escrever.

Regendo três ou quatro datilógrafas, estava o Sr. Galba. Sua principal função era revisar os rascunhos de cartas dos diversos setores, corrigindo-os, tirando dúvidas sobre o assunto, quando o autor não se explicava claramente e repassando-os a suas funcionárias para a datilografia. Depois de prontas, as cartas iam para a Gerência, que as examinava e, as liberava ou retinha, conforme a necessidade.

Nessa atividade, Galba se desencantava:

- Não há mais quem saiba escrever um único parágrafo sem erros. E, para piorar, reina a falta de coerência e de lógica. É alarmante a frequência com que tenho que chamar a pessoa aqui e escrever uma carta nova, com o assunto que ele queria transmitir na sua, que estava completamente ininteligível.

Eu era novato e sabia do zelo de Galba sobre a redação, quando vi num quadro de avisos, uma recomendação para a limpeza onde, em certa parte se lia “*os papéis usados devem ser colocados no SEXTO de lixo...*”. Corri para o secretariado, para tirar uma casquinha nele.

- E, aí, Sr. Galba – falei alegremente – seu aviso tem um erro crasso de português....

- Impossível – bradou ele, como se estivesse sido atingido por uma flecha – Que aviso? Onde?

Descemos e mostrei-lhe o aviso no quadro e ele riu.

- Você ainda é novato e vai demorar um pouco para parar de dar foras como esse. Saiba que o setor Pessoal (RH) é o único que tem autorização para ter datilógrafa e expedir avisos como esse, que, por sinal veio de lá. Veja as iniciais de identificação da datilógrafa, no pé da página.

Realmente, a “obra” era de Ramalho, que ficou uma fera, quando foi gozado por Galba. Imediatamente o aviso foi retirado do quadro.

Certo dia Galba pede que eu vá até seu setor. De manhã cedo eu tinha enviado um rascunho de uma carta e tinha certeza que nela não havia erros. Em lá chegando, Galba convidou-me a sentar.

- Achou erros na minha carta? – perguntei rindo

- Você ri, porque sabe que escreve bem. Aliás, eu somente tomei a liberdade de ter essa conversa por achar que você merece receber um conselho para aprimorar mais a sua redação.

- Estou sempre pronto a aprender, mestre – disse-lhe eu, com falsa solenidade.

- Muito bem. – começou ele – Você conhece a pessoa a quem você dirigiu sua carta de hoje?

- Não – respondi surpreso

- Pelo menos já conversou com ela, por telefone? – continuou ele

- Não – respondi

- *Portanto, é um total estranho para você, certo?*

- *Certo – respondi*

- *Então, por que você escreveu “peço ao amigo...” ? Se não o conhece, por que o trata de amigo?*

- *Porque li várias outras cartas e todos escrevem amigo prá cá, amigo pra lá, e julguei que essa fosse uma forma cortês e padrão dos funcionários da empresa se tratarem. – respondi*

- *Muito bem. Eu também estou farto desse uso indiscriminado da palavra amigo. Se você quer um conselho, jamais a use em vão. Você vai notar, quando tiver mais de quarenta anos, que em sua vida, você terá possuído poucos ou nenhum amigo verdadeiro. Isso porque eles são raríssimos, raríssimos... Hoje você é jovem e pode não acreditar nessa afirmação, mas, quando estiver velho, lembre-se dela e verifique sua veracidade. Portanto, somente use a palavra “amigo” quando a pessoa realmente o merecer. Lembre-se o que disse **Ciro, o Grande, Rei da Pérsia: “A prosperidade faz amigos. A adversidade os põe à prova”**. Você terá que passar por adversidades para poder descobrir se tem amigos verdadeiros ou se não tem nenhum. Pense nisso.*

Pensei, e, a partir desse dia jamais escrevi “amigo” nas cartas da empresa. Hoje, verifico quão verdadeiro foi o conselho do Sr. Galba. E por absoluta falta de prática, não mais consigo pronunciar a palavra “amigo”.



31

Tutti Buona Gente - 2

A empresa estava na onda da organização. Gelson era o representante do departamento de Organização Industrial. Era o chefe de Zazá. Bonachão, putanheiro, com conhecimentos gerais acima da média, um senso de humor aguçado e um crítico mordaz dos deslizes que viravam notícia dentro da empresa.

- Estamos cercados de idiotas e mentecaptos – dizia ele - uma epidemia que grassa na chefia. Caso os empregados também fossem desse calibre, a empresa já tinha falido há muito! Isso é um paradoxo: para contratar um peão, se exigem as mais altas qualificações. Para se colocar um sujeito desses na chefia, parece que acontece o inverso.

Gelson gostava de conversar conosco e apoiava nossas teses. Gostava de discutir com Esmeraldo as idéias de higiene que ele pregava. Nessas ocasiões, o trunfo de Esmeraldo era Marlene.

Marlene, a copeira do escritório, que também fazia a faxina, ao saber da nossa campanha contra os porcos, sempre nos alertava sobre a sujeira no banheiro.

- Hoje passou das medidas – ela estava nos chamando para testemunharmos o fato – Vamos até ao banheiro e vocês vão

ver.

Nós gostávamos de Marlene, e, ao contrário dos outros funcionários, conversávamos com ela e a tratávamos como um igual. Por isso ela nos considerava muito.

Fomos ao banheiro e a situação era deplorável: uma das privadas estava com o vaso entupido de fezes e papel higiênico. Os usuários não se deram ao trabalho de apertar o botão da descarga e fizeram suas necessidades umas por cima das outras. Na parte dos mictórios, havia mais urina no chão que nas bacias. E o lavatório estava com três emplastros de escarro.

- Só queria saber quem são esses imundos – falou revoltada Marlene – A casa deles deve ser um chiqueiro. O pior é que os mais porcos são aqueles que menos parecem.

Grande verdade. Eu conhecia a casa de Gelson e sabia que ele não era porco. Tudo limpo e higiênico. Mas, a perfeição não existe. Quando Gelson foi transferido, depois de vários anos de trabalho, Zazá ocupou sua mesa.

Qual não foi a sua surpresa ao descobrir, embaixo do tampo da mesa, uma verdadeira “plantação” de melecas. Era inacreditável. Gelson passara vários anos retirando melecas do nariz e as colocando em baixo do tampo da mesa, num raio onde seu braço alcançasse. Não havia espaço para mais nenhuma. Uma imensa porcaria, um campo em forma de semicírculo, repleto de melecas secas!

Marlene foi olhar a “obra” e comentou:

- O Sr. Gelson! Quem diria... Depois dessa não me espanto com mais nada.

Livramento comentou:

- Não é espanto nenhum. O sujeito encontrou um lugar para depositar seus dejetos. Onde é que vocês põem as melecas que retiram do nariz?

Todos deram uma risadinha amarela e mudou-se de assunto.



32

Dessa água não beberei...

Em minha auditoria pelas fábricas cheguei na unidade de uma região serrana de São Paulo. A fábrica ficava em um vale, em meio à mata nativa da serra da Mantiqueira. O clima é maravilhoso.

Estava eu na portaria quando escuto um imenso barulho de motocicleta. Era Burt, que tinha sido transferido para esta unidade e estava descendo a serra, em uma potente moto, com escapamento aberto, sem capacete e cujo barulho ecoava nas montanhas do vale.

Meu acompanhante balançou a cabeça, desanimado, ao ver Burt entrar como um foguete, passando pela portaria em alta velocidade.

- Essa merda é o presente que vocês mandaram para nós. O sujeito parece dono do mundo. É incrível...

Fomos nos apresentar ao gerente, que era ninguém mais que o sr. Fox. Foi nosso primeiro encontro e não imaginava que ele seria transferido para a minha fábrica, num futuro próximo. Muito falante, jogo de cintura, deixou-me à vontade para fazer o meu trabalho.

Na sala de meu acompanhante estamos estudando o que nos interessava quando o telefone toca.

- *Era o Sr. Fox* – disse ele, depois de terminar a conversa – *Está te convidando para almoçar com a chefia. Tá com cartaz, hem?*

- *Onde eles almoçam?* – perguntei eu

- *Aqui mesmo, no restaurante da fábrica. Comem a mesma comida. A única diferença é que o fazem em sala separada, onde peão não entra.*

O tempo passou. Cerca de uma hora depois, meu acompanhante recebe outro telefonema. Não falava e olhava para mim com uma expressão de angústia Ao desligar, falou:

- *Não sei como vou te dizer o que ouvi agora* – ele estava completamente constrangido – *O telefonema era da secretária do Sr. Fox.*

Fez uma longa pausa.

- *Olhe* – continuou ele – *sou obrigado a te falar. Não pense mal de mim, mas, a secretária me avisou que o Sr. Fox deu-lhe ordens para te DESCONVIDAR do almoço.*

Fiquei calmo, pois isso não me surpreendia. Tratei de contornar o constrangimento de meu colega e passei três dias na unidade, até terminar meu serviço.

Mais tarde, ele me contou que não conseguiu dormir naquela noite com a falta de cortesia do chefe. E depois que fui embora procurou saber o acontecido, que me contou.

Na realidade Fox, que não me conhecia, pensando estar diante de um funcionário da diretoria da empresa, resolvera puxar meu saco, quase que instintivamente. Porém quando comentou o fato com Burt, esse lhe disse que eu era um estranho no ninho, não fazia parte das panelas e era odiado pela diretoria. Fox, então, imediatamente, resolveu mostrar que não estava me apoiando e cancelou o convite para o almoço.

No ano seguinte, Fox foi transferido para nossa unidade. Estava nela já uns bons oito meses, quando estoura um movimento do sindicato ameaçando fazer greve. Ele se desespera, pois sabia que uma greve em sua administração o queimaria junto à diretoria.

Chama o presidente do sindicato que me convida a participar da reunião. Sem disfarçar a preocupação, tenta usar os mais diversos argumentos para que o presidente do sindicato terminasse tal movimento.

Este faz reivindicações e Fox fica aflito.

- Vocês sabem muito bem que quem decide sobre tais pedidos é a diretoria. Eu não tenho esse poder – choramingou ele

O presidente está inflexível e diz que não tem como parar o movimento.

- *Vou fazer algo que não deveria – Fox se humilha – Minha obrigação é contornar tais impasses e convencer vocês a trabalharem com nossa diretoria e não contra ela. Se vocês agem assim, isso vai demonstrar a eles que não sou capaz de cumprir tal tarefa. Portanto peço um favor extremamente pessoal: Me ajudem! Peço que tenham humanidade e não me joguem na boca do leão. Me encarem como um trabalhador igual a vocês, que tem família, compromissos e patrão. Essa ameaça de greve está pondo em perigo minha carreira.*

Nesse momento me recordei do seu convite cancelado e da sua sala de refeições separadas dos peões. E saboreei o gosto doce da vingança.

- *O Sr. não se parece nada com um igual a nós. Nós sabemos que o senhor não gosta de se misturar com o trabalhador comum – disse eu.*

- *Você não pode dizer isso – negou ele – Eu prezo muito todo trabalhador. Eu mesmo comecei de baixo. Jamais faria uma desfeita a qualquer trabalhador, seja ele peão ou diretor. Portanto, peço novamente a consideração de vocês.*

- *Sinceramente – disse o presidente – definitivamente, sem o atendimento de, pelo menos algumas propostas, nada poderemos fazer.*

- *Eu já disse que não tenho esse poder. Vocês vão acabar comigo...*

Nesse momento, surpresos, notamos que Fox começou a chorar. As lágrimas brotaram de seus olhos e ficamos constrangidos. Rapidamente me levantei, no que fui seguido pelo presidente do sindicato.

- Vamos ver o que podemos fazer – disse ele – mas não prometemos nada.

Saímos da sala da gerência e deixamos o movimento continuar.

Fox durou bem pouco na gerência depois disso. Nem sei se foi transferido ou demitido.



33

Atire para Matar!

Os vigilantes da empresa não eram terceirizados. Aliás, nessa época, a terceirização estava engatinhando. Eram nossos empregados e pessoas sem qualquer treinamento. Nos quase vinte anos que lá estive somente uma vez foram ao stand de tiro do exército para fazer treinamento. Quem testemunhou, ficou preocupado.

O armamento do vigilante era um revólver 32, com seis balas. Essa munição tinha dezenas de anos, pois nunca foi necessário disparar as armas em serviço. No stand as balas davam “chabu”, ou seja, faziam fumaça e a bala voava alguns metros. Outras se negavam a disparar. Falhavam simplesmente.

Igualmente os vigilantes, cuja maioria (eram oito) nunca tinha disparado uma arma na vida. Eles eram boas pessoas, pais de família, sem qualquer noção de segurança. Foram contratados apenas para preencher a vaga de vigilante. Seu despreparo ficou evidente no treinamento.

A filosofia era tipicamente brasileira: em 30 anos nunca fomos assaltados, portanto não é necessária grande preocupação com esse sistema. Assim, parece que compraram 50 balas novas, como única providência para melhorar a situação. Isso significa que somente irão colocar trancas depois da porta ser arrombada.

Os preclaros gerentes não percebiam que os tempos mudam. A empresa comprou um terreno junto aos fundos, para servir de garagem para os funcionários. Cabiam nela cerca de 20 carros, o terreno era murado com um enorme portão de aço. Cada usuário tinha a chave do portão e era obrigado a abri-lo ao entrar e fechá-lo ao sair. Manualmente.

Apesar de fazer limite com os fundos da fábrica, não tinha ligação com ela nesse ponto, pois a divisa era murada. Assim o usuário colocava o carro lá e tinha que andar cerca de 200 metros para entrar pela portaria da fábrica. Mesmo assim as vagas eram disputadas e o sistema de distribuí-las, nebuloso.

O tempo passa e os ladrões colocaram essa garagem em sua mira. Certa noite, madrugada, um deles pula o muro e começa arrombar os carros para levar o som. Havia cerca de dez carros e o sujeito já estava no terceiro.

Um vizinho, notando o barulho estranho, ligou para a portaria da fábrica e um vigilante (o mais pacato e boa gente) foi, receoso, investigar. Chegou, abriu o portão. Não havia luz no estacionamento e a iluminação parca vinha de um poste da rua.

Todo ladrão profissional, quando entra em local, antes de tudo, sempre procura deixar sua rota de fuga preparada. No caso, com os muros altos, o meliante amador não tinha como sair do estacionamento com rapidez. Então, assim que o portão se abriu, se escondeu dentro do carro em que estava “trabalhando”.

O vigilante, de arma em punho, examinou o primeiro carro e viu que estava arrombado. Nesse momento chega o vizinho para ajudar. O vigilante manda que espere na porta e vai vistoriar o segundo carro. O ladrão estava no terceiro e viu que seria descoberto e sai do carro tentando fugir para os fundos da garagem.

O vizinho nos conta a cena. Na hora em que o ladrão abriu a porta do carro de supetão, o vigilante tomou o maior susto e pulou para a área de manobra dos carros.

Na correria o ladrão ficou à vista e o vigilante, ainda tremendo de susto faz um disparo, não para o ar, mas para o chão. Acredita-se que o disparo foi na base do susto. A bala ricocheteia e atinge a bunda do ladrão, que cai gritando desesperadamente.

Chega outro vigilante e os populares, atraídos pelo bafafá, logo arranjam uma corda e amarram bem o ladrão, que era um pé de chinelo, bem conhecido da polícia, que roubava toca-fitas na cidade.

Todo mundo conhece o esquema. De cada três aparelhos roubados dois eram da polícia. O safado nunca ficava preso e era até visto lavando carros de policiais perto da delegacia.

Chega a polícia. Retiram as cordas, algemam o boneco e o levam para a Santa Casa. Os dois vigilantes são levados para a delegacia.

Já está quase amanhecendo quando são liberados das formalidades legais. Antes de sair, o delegado de plantão chama nosso bravo vigilante em um canto.

- Olha, eu sei que vocês são mais empregados da empresa do que seguranças, e vou te dar um conselho. Jamais repita o que tu “fez” hoje. O bandido marcou tua cara, sabe onde tu “trabalha” e, amanhã ele vai estar solto e, se for sangue ruim, vai querer se vingar. Aí, pode te pegar ou pegar alguém da tua família. Se acontecer isso novamente e tu “ficar” de frente prá um vida torta, atira prá matar.

Tu “faz” um favor prá gente e prá todo mundo, além de não correr risco nenhum com a lei, ainda mais sendo empregado de uma empresa importante como a tua. Ouve o que te digo: passa o rodo no filho da puta. É a melhor solução e tu “vai” poder dormir tranqüilo.

O vigilante me conta isso, todo preocupado, já pensando em abandonar o emprego.

- O pior é que ele “tava” certo. Já “tou” várias noites sem dormir direito, com medo do cara, que já deve estar solto.

Felizmente, o bandido era tão mixuruca que nunca mais foi visto nas vizinhanças. Sobrou apenas a gozação dos companheiros do vigilante, quando as coisas se acalmaram.

Alguns diziam que ele ficou com tanto medo que deixou a arma cair, disparando então ao bater no chão. Outros diziam que a munição era tão velha que ele mirou na cabeça, mas a bala, sem

força, em sua queda, somente conseguiu atingir a bunda do sujeito.

- *Da próxima “cê” mata o sujeito?* – perguntei

- *Deus me livre!* – disse o pacífico – *Eu sou cristão e não conseguiria matar alguém. Rezo todo dia para que eu não passe por isso de novo. E, se acontecer, pode escrever aí: **EU FUJO!***



34

A Benzedura

Na empresa havia três irmãos, já passados dos 50. Um trabalhava num setor terrivelmente barulhento, e era sub-encarregado. O outro trabalhava no armazém, sendo chefe dos escoteiros da cidade. E também era gay e desencaminhava os lobinhos de seu grupamento. O terceiro trabalhava no setor de utilidades e tinha o apelido de “Risadinha”, com propriedade: ele sempre estava sorrindo.

Risadinha, semi-analfabeto, era benquistado por todos, por sua alegria, humildade, prestatividade e por uma outra importante característica: era benzedor.

Essa virtude o tinha elevado a uma posição respeitável na comunidade onde morava e para a maioria dos empregados da fábrica. E, era muito requisitado para fazer suas orações enquanto costurava o mal que depois se jogava fora. Suas atuações como “rezador” de “cobreiro” eram famosas e as façanhas corriam de boca em boca.

Para quem não sabe “cobreiro” é herpes. Mas o vulgo acredita que é uma doença transmitida por algum animal peçonhento, como cobras ou sapos. Quando é facial e aparece ao redor da boca, chama-se também de “sapinho”. Como se sabe, esse tipo

“benigno” de herpes não tem cura e esporadicamente irrompe no hospedeiro.

Quando isso acontece o ciclo do vírus dura sete dias. Então, depois que as pequenas bolhas aparecem, no prazo de sete dias, também secam e desaparecem, naturalmente. O curandeiro nada sabe sobre isso, apenas sabe que precisa contar os sete dias do aparecimento das bolhas. Quando vai benzer pergunta ao “paciente” quando surgiram. “*Ontem, terça feira*”. Então, contando os sete dias, depois da benzedura o charlatão profetiza: “*Segunda feira que vem, você já estará curado.*” Como realmente, na segunda ou terça feira, as bolhas secam, a fama do sujeito é imediatamente divulgada.

Eu era novato na empresa e desconhecia essa “aptidão” de Risadinha. Zazá sabendo de meu ceticismo resolveu me pregar uma boa peça. Foi até o setor do Risadinha e o chamou em um canto.

- *Risadinha, nós estamos precisando de tua ajuda* – falou ele com ar de desespero
- *É só falar* – disse o bondoso, já antevendo mais um serviço metafísico
- *Tu “conhece” esse novo cara da segurança, não é?* – perguntou Zazá
- *Esse branco?* *Conheço sim* – respondeu ele
- *Ele é um cara legal, tu não “acha”?* – continuou Zazá
- *Acho que sim. Pelo menos trabalha prá gente não se acidentar, né mesmo?* – Risadinha é reconhecido

- *Pois é* – continuou Zazá – *Tu “reparou” nele alguma coisa estranha, nos últimos dias?*

- *Não...Não* – falou Risadinha, depois de fingir que estava forçando a memória

- *Mas tem uma coisa grave. O cara tá querendo se suicidar* – Zazá estava preocupado – *Ele pegou a noiva saindo do motel com outro. Levou uma corneada super-legal.*

- *Foi de surpresa?* – Risadinha ficou interessado

- *Claro!* – Zazá estava enfático – *Nesses casos, tu “sabe” muito bem que o cornudo sempre é o último a saber. Ele pirou e acho que vai fazer uma besteira. Ele está totalmente descontrolado.*

- *E “aonde” é que eu entro nessa história?* – quis saber Risadinha.

- *Nós “tamos” acreditando que somente uma benzedura vai tirar essa idéia da cabeça dele. Tu “acha” que tua reza dá conta desse recado, ou a gente tem que procurar alguém mais forte?* – Zazá mexeu com os brios do pajé.

- *Mas claro.* – Risadinha não se fez de rogado - *Isso é moleza “prá mim”. Já fiz coisas muito mais difíceis. Pode considerar o “pobrema” resolvido*

- *Vamos marcar o dia, mas tudo tem que ficar em segredo. Não comenta com ninguém, tá?* – Zazá advertiu.

Claro que tudo isso era mentira e Zazá esfregou as mãos. Pegaria dois patos de uma só vez. Com efeito, combinou com Amanda, a enfermeira, para que cedesse a sala do médico, que ficava em frente à minha. Alegou que eu estava pedindo a “consulta” ao Risadinha.

O médico ficava diariamente das sete às nove da manhã.

Depois, no resto do expediente, quem ocupava a sala era Amanda, e esta concordou com o pedido.

Certo dia, estou distraído em minha sala, quando Zazá entra e diz que Risadinha queria denunciar os perigos de acidente que estavam existindo em sua seção de trabalho, e está me esperando na sala do médico.

Sem desconfiar de nada, vou até a sala e vejo Risadinha sentado na cadeira do médico, atrás de sua mesa. Estranhei essa audácia, mas entrei assim mesmo. Zazá nos deixa e encosta a porta, deixando uma fresta aberta. Fora da sala do médico ficava o salão da enfermaria e Zazá convocou alguns desocupados para escutarem a “consulta”

- *O Sr. pode se sentar* – Risadinha apontou a cadeira do paciente, em frente à mesa

Como eu era novato, ingênuo, mesmo achando tudo muito estranho obedeci.

- *O que você quer me contar?* – perguntei desconfiado

Risadinha me olhou com pena, deu um sorriso e falou.

- *Não precisa ficar nervoso. Eu já sei de teu “pobrema” e garanto que ele vai ser resolvido hoje.*

- *Não “tô” entendendo nada.* – falei, mais desconfiado ainda.

- *Eu sei, eu sei, eu sei* – Risadinha estava paternal – *Compreendo teu estado. É chocante passar por isso, mas Nosso Senhor Jesus Cristo está aí mesmo para resolver nossas aflições. Você não pode é se desesperar.*

Ouvi um ruído abafado do lado de fora – Zazá e a platéia estavam se esforçando para prender o riso - mas não prestei atenção, pois agora eu estava completamente por fora e não entendia nada. Pensei que Risadinha fosse louco. Ele percebeu meu espanto

- *Não é vergonha ser chifrado* – Risadinha, o consolador – *Isso acontece com todo mundo. Você não “tá” sozinho. Isso eu posso garantir. E ninguém pensa em se suicidar ou se desesperar, por uma coisa tão normal...*

Eu continuava sem entender nada, pensava que o cara tinha pirado e, pasmado, vi que ele, enquanto falava, tirava objetos dos bolsos e os colocava cuidadosamente na mesa. Abriu uma espécie de lenço branco, com uma cruz vermelha bordada no centro. Depois colocou duas finas tiras de pano de cor creme sobre o lenço. Acima do lenço, colocou então agulhas com linhas coloridas de vermelho, azul e branco.

Agora eu estava era curioso para ver o que ele faria com aquela tralha.

- *Você quer mesmo resolver esse “pobrema”?* – perguntou ele

- *Não sei que problema* – respondi, atalhando logo, curioso – *Depende do que você vai fazer agora.*

- *Você só precisa ter fé* - explicou ele - *e o que eu vou fazer somente vai lhe trazer benefícios.*

- *Sim* – respondi – *mas para que é isso aí?* – apontei para suas “ferramentas” de trabalho

- *Sinto que você está receoso. Não precisa* – disse ele – *Somente vou orar para alguns santos, escrever o “pobrema” em uma tira e o pedido na outra, costurar as tiras e...*

Risadinha falava como um padre no confessionário e ouvi uma risada do lado de fora. Então vi que tinha caído em uma peça.

- *Olha aqui, Risadinha* – falei me levantando – *me disseram que você ia relatar perigos de acidente na sua seção? É verdade?*

- *Calma, calma* – Risadinha ficou sério – *Não há risco a relatar. Somente estou querendo ajudar você com seu “pobrema”*

- *Eu não tenho porra de problema nenhum* – aí fiquei furioso e arrastei a cadeira, abrindo a porta.

Nesse momento vi Zazá na enfermaria com os outros estourarem numa imensa gargalhada. Notei que bancara o pato e o jeito foi rir também.

- *Cambada de filhos da puta, desocupados. Vão arranjar serviço!* - falei, enquanto saía de cena, sendo gozado pela chusma.

Depois Amanda me contou que Risadinha quase chorou, quando soube que tudo fora uma armação, fugindo rapidamente da enfermaria enquanto também era ridicularizado por Zazá e sua turma.

No outro dia, Risadinha entrou em minha sala e, humildemente, se desmanchou em desculpas.



35

A Professora

Este aqui não foi na indústria. Foi no colégio. Eu coordenava um curso técnico profissionalizante de eletrônica de 2º grau. Noturno. Não havia alunos de sexo feminino nesta atividade e eu exigia o máximo dos professores.

Entre eles havia uma professora, Clara, aquele estereótipo de professora primária do século passado. Fala mansa, carinhosa, caridosa, emotiva, cheia de “*inhos*”: coitadinho, provinha, bonitinho, educadinho, etc, etc. Fina, educada, uma perfeita dama, perfeita para ser preceptora dos filhos da família real inglesa.

Mas a nossa clientela era outra. Jovens sem freios, acreditando que por estarem pagando, eram donos do colégio. De certa forma tinham razão, pois a diretoria era pressão constante para preservarmos os “clientes” que, no final, sempre têm razão.

A nossa boa professora cortava uma volta. Sem autoridade, tentando levar tudo na base do amor e compreensão era crucificada pelos alunos. Não passava semana sem que ela, na sala dos professores, chorasse lágrimas de sangue:

- Eu tento ser cordata, mas eles são bárbaros. Parece que estamos na idade da pedra. São incontroláveis – falava ela de

alunos da área de informática (classes mistas), onde eu também lecionava.

Eu me calava, pois todos me conheciam e sabiam que as únicas aulas sossegadas, silenciosas, sem baderna e onde realmente a matéria era apresentada, eram as minhas e de um outro professor.

- Ela é uma ótima pessoa - o chefe de disciplina reclamava de Clara – mas quando está nas turmas de informática, em todo o corredor ninguém mais dá aula, tamanha é a algazarra nas classes dela. E o pior é que os alunos abusam da boa vontade dela.

Realmente, frequentemente Clara era vista com os olhos vermelhos, chorava escondido, pelas maldades que faziam com ela.

Certa vez, estou na sala de coordenação, dando plantão, quando Clara entra como um foguete. Mais uma reclamação, pensei.

- Algum problema, professora? – perguntei eu, pois fazia menos de 10 minutos que as aulas tinham iniciado.

- Hoje passou dos limites – disse ela nervosa, irrompendo no choro – Vou para casa agora.

Jogou os diários em cima da minha mesa e saiu soluçando, pela porta dos professores.

Chamei o chefe de disciplina, que não podia vir no momento pois estava lidando com uma revolta numa turma de informática com cerca de cinquenta alunos.

Eu estava com uma estagiária e tinha que passar o serviço para ela e assim não pude sair naquele momento, mas logo, logo, entra o chefe de disciplina.

- *A Clara foi embora?* – perguntou ele

- *Saiu chorando* – disse eu – *O que aconteceu dessa vez?*

- *Ela entrou para dar aula no segundo ano B de informática (turma mista) e a sala estava um circo. Gente gritando, arrastando carteiras, uma zona. No quadro negro, pendurado em um prego na moldura havia um boné. Clara sentou, fez a chamada, e a bagunça continuava. Se levantou e foi até meio da sala e tirou o boné do prego. Embaixo dele, também pendurado havia um Modess, encharcado. Ela deu um grito, pegou as coisas dela na mesa e saiu correndo. A turma urrava. Parou todo o andar. Quer ver o Modess?*

- *Claro que não* – falei – *Que providência você tomou?*

- *Tirei o Modess, e esvaziei a sala pondo os alunos no pátio e vim para cá. Quais são as ordens?*

- *Faça um relatório, assine e mande para mim. Esvazie o pátio e mande os alunos para casa. Toda turma está suspensa até que o coordenador de Informática decida o que vai fazer com eles.*

No outro dia, o coordenador de Informática, tentou achar quem fora o autor da façanha. Ninguém confessou e ninguém acusou ninguém. O coordenador ameaçou, disse que ia suspender a turma na semana de provas, etc, etc. Mas a direção, com medo de perder “clientes” o obrigou a nada fazer. Assim, a bagunça e a tortura à Clara continuaram.

Depois do ocorrido, na minha primeira aula com essa turma, passei a metade do tempo espinafrendo-a. O silêncio era sepulcral. Eu falava cobras e lagartos diante de uma turma de olhos baixos. Mas eu sabia que no fundo aquilo era atitude de bandido algemado na delegacia. Os sanguinários ficam humildes quando são presos e querem passar por vítimas.

- Clara – perguntei eu, algumas semanas depois – *você não vai dar o troco nesses animais?*

- *Ah! Professor!* – falou ela com ar angelical – *Coitadinhos. Isso é coisa de jovem e a gente tem que entender. Eles não fizeram isso por mal. Já perdoei tudo.*

- Clara – tentei argumentar – *Você, quando era jovem, faria uma coisa dessas?*

- *Deus me livre* – respondeu assustada.

- *Então* – continuei eu – *Isso é uma atitude criminosa e tem que ser coibida e castigada. Se isso passar em branco, eles vão extrapolar com você.*

Não adiantou e Clara parecia ser masoquista e estar gostando do que faziam com ela. Ela perdera o controle e a moral sobre os alunos. Não entendo como conseguia aturar aquilo.

Chegamos ao fim do ano. Clara está estressada no limite e na última prova, arrebenta com os caras. Estamos na sala dos professores e Clara está corrigindo as provas. Terminou e, maquiavelicamente, passou as notas para o disciplinário, mandando que ele mostrasse aos alunos. Tinha reprovado 20% da turma.

Ainda estávamos conversando quando se ouve uma algazarra na escada. Eram os alunos em massa que queriam subir, revoltados com a reprovação.

O disciplinário não deixa. O protesto cresce. Clara então desce para conversar com eles.

Os alunos a cercam no pátio e agora, imploram que ela revise as notas. Passam-se cerca de 40 minutos de discussão e Clara volta à sala dos professores.

- *Tudo bom?* – perguntei

- *Está* – disse ela calmamente – *Estou com pena desses coitadinhos. Muitos trabalham e não podem perder ao ano. Vou revisar as notas*

- *Não faça isso* – pulei de minha cadeira, espantado – *Pense no que eles fizeram com você durante o ano. Se você revisar as*

notas você será uma derrotada. Eu lhe peço encarecidamente para não fazer isso. Eles merecem muito mais chumbo nas asas.

Clara pensou, mas disse que não era vingativa, que devemos amar o próximo, perdoar as ofensas, etc, etc.

- Isso tudo que você está dizendo é muito bonito, mas vai de encontro à justiça. Acima desses conceitos escravizantes, está a justiça. E justiça é dar a cada um o que cada um merece, independente de critérios emocionais. - continuei tentando.

Não adiantou e Clara revisou as notas, passando toda a turma.

No final de novembro a diretoria, como fazia todos os anos, enviou o pedido de avaliação dos professores, inclusive requisitando a lista dos que deveriam ser demitidos para o próximo ano. Na minha lista, Clara era a primeira. E assim foi feito.



36

As Cartas Anônimas

Para que Amanda saísse de férias era necessário encontrar outra enfermeira que cobrisse sua ausência. Geralmente, quem fazia esse trabalho era Cleide, uma enfermeira da Santa Casa, que ficava conosco nos dias de férias de Amanda.

Cleide era uma morena opulenta, oposto de Amanda que era branca e muito magra. Estava beirando os quarenta, era divorciada e atiçava os ganhões da fábrica. Zazá estava entre os admiradores.

- *Que mulherão!* – observou ele, na hora do almoço, quando Cleide entrou no refeitório – *O quê que eu não faria com uma máquina como essa...*

Porém Zazá era o que Jonilson chamava de “*moscão de padaria*”: aquela mosca que vê os deliciosos doces na vitrine, mas não tem como entrar nela e o máximo que faz é se chocar com o vidro da vitrine. Na realidade, Zazá era tímido e não tinha estratégia para abordar o sexo oposto, ficando pois, só na vontade. E essa era tão grande que deixou o bom Zazá desatinado. Foi então que ele resolveu escrever uma carta anônima para a morena. A história que se segue foi contada pelo próprio Esmeraldo.

Cleide estava na segunda semana na fábrica. Após a saída do médico, foi para a enfermaria e notou um papel dobrado na bandeja de instrumentos. Pegou e viu que era um bilhete:

“A luz do sol é a luz sagrada que tudo aquece e dá vida ao mundo. A luz de teu olhar é como a luz do sol em minha vida. Ela fortaleceu meu coração enfraquecido pela tristeza e deu-me esperanças de que a felicidade existe. Será que a luz de teu olhar poderá, algum dia, se corresponder com a luz de meus olhos? De um admirador apaixonado.”

Cleide achou lindo e, como toda mulher, morreu de curiosidade para descobrir quem seria esse “admirador”. Dois dias depois, no mesmo lugar, encontrou outra carta:

“Tu és minha musa inspiradora. Fico diante de ti, mas não me vêes. Somente o receio de desmerecer tua atenção é que me obriga a não me identificar. Tua indiferença faz aumentar o meu receio. Teu eterno admirador”

Malandro, não te conto! Cleide endoidou! Passou a ficar inquieta e, nos momentos que saía da enfermaria, procurava nas pessoas algum indício, alguma pista, que lhe indicasse quem seria esse tal admirador. “Ele esteve perto de mim”, pensava ela, “eu não olhei para ele. Quando foi isso? Quem será? Como não percebi seu interesse?” Todas essas perguntas voavam pela cabeça de Cleide, que se desesperava sem encontrar respostas a elas.

A primeira semana se passou. Na segunda, Cleide esperou algum contato, mas nada aconteceu. O desespero aumenta.

Zazá, que estava satisfazendo seu voyeurismo, chegou à conclusão que melhor que isso, só havia outra coisa: sacanear Esmeraldo. Pensando nisso, escreveu a terceira carta:

“Cleide, tesão de minha vida. Não suporto mais ficar longe de ti. Sou teu admirador e teu escravo.guardo ansiosamente teu chamado. Esmeraldo”

No final da terceira semana depositou a carta embaixo da porta da sala de atendimento e fugiu rapidamente do local. Pouco tempo depois, Cleide achou a carta e, dando pulos de alegria, leu seu conteúdo e quase caiu de costas quando viu quem era o missivista.

Quarta e última semana.

Cleide entra em nossa sala com a desculpa de falar com Livramento. Disfarçadamente, de vez em quando, olha para Esmeraldo, que, em sua prancheta, está alheio a tudo em sua volta. Cleide não entende sua indiferença: nem um olhar, nem uma piscadela, nem um sorriso, nada, nada. Meio desanimada volta à enfermaria, mas fica vigiando o movimento no pátio, pois sabe que Esmeraldo desce frequentemente para a fábrica.

Depois de várias horas de plantão, descobre que ele tinha descido. Então ficou a vigiar o pátio ostensivamente. Depois de alguma espera, Esmeraldo aponta no final do pátio e se dirige às

escadas que levam ao seu local de trabalho. Cleide, assim que o vê, corre para as escadas e quase que lhe fecha o caminho.

- *Oi Esmeraldo.* – cumprimentou ela com voz dengosa

- *Oi Cleide* – Esmeraldo responde, sem parar, quase que se desviando dela e indo pelo corredor em direção às escadas.

Cleide fica chocada com sua indiferença e então entende: “*Não foi ele quem escreveu as cartas. Algum filho da puta está se divertindo às nossas custas*” pensou ela.

Mas, a idéia não era má e ela resolveu tentar tirar proveito da situação. E tinha que ser rápido, pois na próxima semana não mais estaria aqui. Foi a portaria e pediu ao porteiro para que chamasse alguns funcionários do escritório para resolverem problemas de receituário. Entre eles, Esmeraldo.

Cleide está na sala do médico e atende um por um, quando chega a vez de nosso herói. Ela o chama manda fechar a porta e pede que ele se sente. Esmeraldo, sem nada perceber senta-se à mesa, de frente para Cleide, que pega as cartas e entrega a ele.

- *Foi você quem escreveu isso?* – pergunta ela, com olhar fixo nele.

Esmeraldo pega as cartas e lê a primeira. Um sorrisinho safado aparece em seu rosto. Lê a segunda, e fica vermelho como um pimentão quando vê a terceira com seu nome. Coloca as cartas na mesa e encara Cleide, sempre com um sorrisinho nos lábios.

- Bem.... – gagueja, pensando no que vai dizer – Bem..., na verdade..., quero dizer..., bem, na verdade não fui eu – confessa, atalhando rapidamente – *mas você pode considerar como tivesse sido, pois é assim que eu me sinto na realidade.*

- “Cê” tá falando sério? – pergunta Cleide, sorrindo feliz

- Claro! –Esmeraldo está na glória e não deixa por menos – E se “cê” quiser, podemos sair hoje à noite.

Nem precisa falar que Cleide aceitou de imediato

- *Esse caso durou um tempão. O babaca do Zazá quis me sacanear, mas o que fez foi colocar um máquina em minhas mãos – finalizou Esmeraldo – Esse é um grande exemplo de tiro pela culatra!*



37

O Poder da Imagem

Estamos no final da década de 50, em uma cidade do interior do sudeste brasileiro. A televisão é totalmente desconhecida. A diversão máxima são os seus dois cinemas. Não existem muitos automóveis. Somente pessoas de muito boa situação podiam comprá-los. Não existem táxis. Apenas meia dúzia de “banheiras” americanas, que ficam estacionadas em volta da praça da matriz e são chamados de “carros de praça”. Lembram-se da música de Luiz Gonzaga “Chofer de praça”? É isso.

Não existem telefones. Há uma estação central da CTB – Companhia Telefônica Brasileira – que gerencia umas vinte ou trinta preciosas linhas, distribuídas a repartições públicas, hospitais, colégios, indústrias e a alguns comerciantes abastados.

O telefone era aquela caixa enorme, pendurada na parede, com uma manivela do lado, a qual o usuário dava várias voltas para chamar a telefonista na central pedindo para que ela ligasse com alguém. Depois de 5 ou 10 minutos de espera, com sorte, a ligação era efetuada. Já para interurbanos, a coisa complicava. A espera era de 5 ou mais horas, quando se conseguia falar.

Existiam as moças “direitas”, “de família” e as de “vida fácil”. Uma separação nítida e bem delineada, pois casar era a meta de vida e quem não era virgem somente por milagre arranjava casamento. A separação, o desquite e o divórcio eram estigmas que marcavam os cônjuges, principalmente as mulheres. Mulher separada do marido tinha o status de prostituta.

Não havia motéis. Não havia publicações com fotos de nus. Pornográficos e totalmente proibidos eram os “catecismos” de Carlos Zéfiro, que guardados como preciosidades faziam a alegria dos moleques masturbadores.

No cinema, não existiam as “porno-chanchadas”, nem filmes eróticos, mesmo porque a própria sociedade não permitiria que fossem exibidos. A classificação dos filmes pelo Departamento de Censura Federal – no começo de qualquer filme sempre aparecia a autorização da censura – era rigorosa.

Um filme que mostrasse sangue ou violência moderada, já era proibido para menores de 14 anos. Outros, como “**Peyton Place**” (A Caldeira do Diabo-1957) que contava a vida de moradores da cidade, com adultérios e “*otras cositas más*” eram RIGOROSAMENTE proibidos para menores de 18 anos.

Enfim, alguns como “**Elmer Gantry**” (Entre Deus e o Pecado - 1960) que a revista “*Variety*” classificou como “*excitante, repleto de poder, bonito, oportunista e imoral*”, no qual se mostrava um pastor de araque arrancando dinheiro dos fiéis e

cenas com uma moça só de combinação de seda, com as coxas de fora, era RIGOROSAMENTE proibido para menores de 21 anos.

Desse modo, a rapaziada era obrigada a dar vazão a seus impulsos biológicos com a única opção que havia: o meretrício. Não havia “trottoir”, pois as moças de “má vida” eram procuradas e não precisavam caçar clientes. A famosa zona do meretrício – abreviada depois para simplesmente “zona” – existia em todas as cidades. E eram frequentadíssimas!

As moças que trabalhavam nesses locais – chamadas por Juca Chaves de “meninhas pobres que fazem tudo com menininhos ricos que não fazem nada” - eram chamadas de “prostitutas”, “de vida fácil”, “perdidas”, “mundanas”, “barregãs”, “raparigas”, etc. As casas que as abrigavam eram chamados de vários nomes, passando por “lupanar” até “casas de tolerância”. Usar palavras como “puta”, “merda”, “zona” era impensável em qualquer conversa que não fosse entre moleques.

Foi nesse cenário que Agenor cresceu. Nessa época estava começando na empresa. Conta-nos ele que todos os jovens solteiros ficavam ansiosos pelo dia do pagamento para, pelo menos uma vez por mês, passar uma noitada na zona.

A mais luxuosa da cidade tinha por leão de chácara um sujeito que ficou folclórico na cidade, o Exedito. Era enorme, musculoso, lutador e... homossexual. Sua fama na cidade perdurou por muitos anos. É notória a história de um encontro seu com um “besouro”. Estavam no apartamento bem montado

de Expedito e, quando acabaram a função, este se voltou calmamente para o companheiro e disse com uma entonação sinistra: “*Agora é minha vez!*”

Meu amigo, o sujeito se desesperou e correu para a porta, que estava trancada, e depois, apavorado foi até a janela. Expedito, de pé, na sala, bastante calmo lhe deu então uma opção: “*Estamos no terceiro andar, a porta está trancada, a chave está comigo. A janela está aberta. Sabes voar?*” Pano rápido.

Foi nessa casa que Agenor, no brilho de sua juventude, chegou certa vez, com uma sanha terrível e um tesão de minotauro. Sua agonia cresceu, quando notou que o movimento – era sexta feira, começo de mês – estava acima do normal e as “atendentes” não estavam dando conta da multidão de clientes.

Conta-nos Agenor que, depois de quase desistir, uma profissional, já meio desgastada pela idade, ficou dando moleza e ele não pestanejou. “É com essa que eu vou!”, pensou ele, e foi mesmo.

Entraram no quarto e a moça foi rápida. Antes que Agenor terminasse de se despir ela já estava deitada e nua. Ao lado da cama, no criado, além de um abajur com luz vermelha, estava uma penca de bananas. A moça pegou uma, descascou pela metade e começou a comê-la, com a maior naturalidade do mundo.

Agenor, já peladão, quando viu a cena, levou um choque e sofreu um colapso total.

- *Ali estava eu – conta ele – sob uma luz vermelha diante de uma cama, com uma mulher nua, deitada e comendo banana. Broxei na hora.*

- *Como é ?– falou ela – Tá olhando o quê? O tempo tá correndo...*

Agenor então disse que estava passando mal, pagou e fugiu dali.

- *Fiquei com trauma de zona – fala rindo – Só voltei lá quase um ano depois, mas a tal da banana não saía da minha cabeça. Quase broxei de novo!*



38

O Bombom

Apesar das baratas, Zazá não perdeu a pose. Certo dia apareceu com um delicioso bombom que tinha comprado em S. Paulo. Era um “Sensação”, chocolate com recheio cremoso de morango. Uma delícia que não havia chegado ainda na cidade.

De caso pensado, andando pela fábrica, procurou três dos funcionários mais fofoqueiros e deu-lhes um pedaço para experimentarem. Os sujeitos comeram, subiram ao paraíso e depois.... espalharam por toda a fábrica que Zazá estava com a coisa mais deliciosa do planeta.

Logo, logo, este era parado por pedintes que suplicavam também por um pedacinho da iguaria. Zazá, durão, respondia:

- Isso é um lançamento de teste. Consegui algumas barras com muito custo e não tenho para todos. Vou pensar sobre o que vou fazer com o que sobrar.

O que ia fazer, ele sabia muito bem. Foi até ao laboratório e conseguiu azul de metileno. Dissolveu o pó em pouca água, fazendo um creme grosso. Aspirou em uma seringa e injetou, cuidadosamente um pouco do preparado dentro de cada bombom. Fechou a picada da agulha na capa de chocolate,

ajustou o invólucro de alumínio e colocou tudo dentro de sua gaveta. Preparou três tabletes, num total de nove bombons.

Para quem não sabe, o azul de metileno é um poderoso corante azul, inócuo, que, em pequenas quantidades, não faz mal a quem o ingere, mas deixa sua cor azul forte em tudo que entra em contato e só some depois de alguns dias de lavagens constantes.

Depois dessa preparação, Zazá deixou o pessoal, por vários dias, na expectativa de comer tal bombom, dando esperanças a todos. Então, num belo dia, sai a flamar pela fábrica, para resolver de vez essa angústia. Escolheu as vítimas a dedo: os mais chatos, os mais metidos e os mais tolos.

- Olha, daqui a meia hora vou estar na minha sala. Passa lá que eu te arranjo um, mas não fala pra ninguém, pois só tenho 3 de resto. – segredava para os “escolhidos”

Passado esse tempo, começaram a chegar os premiados, que pegavam a delícia e corriam para se esconder a fim de comê-la sossegados. Em menos de vinte minutos a “obra” estava terminada, Zazá desceu e ficou rondando o pátio perto da enfermaria.

O primeiro a aparecer lá, foi, para satisfação geral, o cara mais metido a gostoso da fábrica.

Ele comeu o bombom e foi para sua seção. Logo ao chegar lá,

notaram que seus lábios estavam roxos, quase azuis. Ao falar com uma colega, ela deu um grito e chamou a atenção de todos.

O bonzão estava com os lábios azuis, a boca azul, a língua azul e ...os dentes azuis. Pavoroso!

Assustado, pensando estar sendo vítima de um ataque, nosso herói corre para a enfermaria. Amanda também se assusta, tira a pressão do cara, que está alta. Sem saber o que fazer, chama o médico. Vinte minutos de agonia, chega o médico, que, macaco velho, examina a boca do infeliz. “Hum...apareceu de repente, dentes azuis...” – pensou – “só pode ser corante”.

- *O que foi que você comeu?* – perguntou ele rispidamente, pois também antipatizava o cara.

- *Nada* – respondeu, tremendo, o azulão – *só tomei café de manhã e há pouco comi um bombom que o Zazá.....*

Parou de repente e ficou olhando pensativo para o médico

- *Que bombom? Bombom do Zazá?* – o Dr. perguntou sem entender a história.

- *Putá que pariu* – choramingou o comilão, compreendendo que tinha sido feito de otário – *é sacanagem daquele puto. Eu mato ele!*

- *Vocês são mesmo uns trouxas!* – disse o médico, rindo da pilantragem – *Isso é corante colocado no bombom. Volta pro trabalho, que sua única doença é burrice.*

Nesse momento, a enfermaria estava cheia de curiosos que não perderam a chance de tirar uma casquinha no bonzão de boca azul. Mas logo esqueceram dele, pois os outros azulados estavam começando a aparecer. Porém, nem chegaram a entrar na enfermaria, pois, avisados e gozados pelos colegas, logo entenderam que eram os patos do Zazá e correram até aos banheiros para, inutilmente, tentar retirar o azul lavando a boca.

Este negava qualquer manipulação.

- Dei os bombons na embalagem original. Pergunta a eles se havia qualquer anormalidade. Se os bombons estavam adulterados, isso já veio de São Paulo assim e eu nada sabia. Tem muita gente aí que comeu deles e não ficou azul... – defendia-se ele, negando a autoria com a cara mais séria do mundo.

Era maravilhoso ver os sujeitos, evitando rir e falando o mínimo possível para não mostrar a goela azul. Diversão geral na fábrica, por vários dias.

Na outra semana, as bocas dos caras ainda não tinham recuperado a cor natural.



39

A Empresa Vai Parar...

Chegou a vez de Livramento sair de férias. Estávamos no início da década de 80 e, geralmente, ele viajava para sua cidade natal, bem no centro de um sertão bravo, em um estado do nordeste.

Para os mais jovens se inteirarem, nessa época, não havia celular e nem mesmo linhas telefônicas decentes, nas grandes cidades. No interior, principalmente do nordeste, nem sinal de TV existia. Portanto, era totalmente IMPOSSÍVEL comunicar-se com rapidez com alguém nessas paragens.

Pois bem, bastou que Livramento estivesse fora por uma semana, quando Burt invade nossa sala como um furacão. Falando uma mistura de alemão, francês e português – estava sob tensão – queria encontrar um dossiê que sabe-se lá porque, Livramento, que era responsável por ele, tinha guardado em algum lugar que ninguém conseguia descobrir.

Antes de sair de férias, Livramento passava todo o serviço para nós quatro: Burt - o chefe - eu, Esmeraldo e Jonilson. Macaco velho, ainda nos avisava – todos os anos fazia a mesma coisa:

- Na minha mesa não existe nada de interesse para o serviço – começava sua ladainha de sempre – Não adianta procurar nada nas gavetas que não guardo serviço nelas. Tudo está nos

arquivos oficiais, cujo índice fica na mesa de reuniões. Vou para o nordeste e só volto daqui a 30 dias.

Realmente, sua mesa possuía três gavetas: na primeira, ficavam os seus instrumentos de trabalho: canetas, borrachas, cliques, carimbos, lápis, apontador, canivete e apetrechos similares; na segunda ficavam seus carnês de prestações de compras feitas nas lojas, contas de luz e outros papéis particulares; e na terceira alguns objetos pessoais: escova de dentes, sabonete, cortador de unhas, tesoura e algumas ferramentas de uso geral, tais como alicate, chave de fenda, martelo, fitas adesivas, etc. Burt, tresloucado, abre todas essas gavetas, fazendo estardalhaço.

- A empresa fai parrarr, esse dossiê é vital. Fai parra a matriz internacional. Eles o querem lá até amanhã. Não fiquem aí parrados. Procurrem, procurrem! Schnell! Schnell!

Já tínhamos abertos os gavetões dos mais de 10 armários de aço dos arquivos e nada. Burt também os abre e bagunça todas as pastas, o que nos custou depois quase um dia de trabalho para arrumá-las novamente.

Depois de quase duas horas de busca, Burt se convence:

- Não “famos” achar nada. Qual é o telefone da casa de Livramento?

Esmeraldo dá um sorrisinho de sacana.

- *Não há ninguém lá. Todos viajaram. Levaram até o papagaio – fez piada*

- *“Focê” é um idiota, Esmeraldo. Isso eu sei muito bem. Quero o telefone dele no nordeste. Fou falar com ele agora!*

Esmeraldo riu abertamente

- *Ô Burt! Você não está na Europa! Lá onde Livramento fica, mal tem energia elétrica. Telefone, nem pensar!]*

- *Não há telefone? Não há energia? – Burt se espanta – Mentirra! Focês são todos uns sacanas. Vejam como se faz, fou falarr com ele agora...*

Dizendo isso saiu para providenciar uma ligação com a telefonista. Depois de algum tempo e de vários telefonemas se convenceu que não podia ligar para Livramento.

- *Me diserram que comunicação somente por telegrrama. Já mandei passarr um para que ele folte imediatamente – falou, ao voltar para nossa sala – E focês, continuem procurando o dossiê. Não quero verr ninguém parrado!*

Todos nós rimos da ingenuidade do gringo. Livramento estava a quase três mil quilômetros daqui e não iria interromper suas férias nem se Jesus mandasse. Só a viagem de ônibus durava três dias!

Resumo da ópera: Não se achou o tal dossiê, Livramento passou seus 30 dias tranqüilo e no dia do seu retorno ao trabalho todos queriam ver a reação dos dois: de Burt e dele.

De manhã cedo, Livramento já se encontrava em seu posto. Sorridente, nos contava fatos pitorescos da viagem, enquanto aguardávamos que Burt chegasse, lá pelas nove horas.

- *Você recebeu o telegrama?* – Esmeraldo estava curioso

- *Claro que não!* – mentiu descaradamente – *Mas para vocês eu posso falar. Esses caras pensam mesmo que somos escravos. Recebi, sim, e rasguei. Voltar? Eu mal tinha chegado! E qual era o motivo?*

- *Ele queria o dossiê tal, que a matriz estava pedindo* – expliquei eu

- *Ah!* – riu Livramento – *Era isso, então. Minha volta não ia adiantar. O enviei para o departamento tal na sede em S. Paulo, há uns 40 dias. Vocês não o acharam porque ele não estava mais aqui.*

- *Mas era justamente esse departamento que estava pedindo o dossiê* – esclareci

- *Não é nossa culpa se eles são desorganizados. O dossiê foi para eles.* – riu Livramento.

Burt, nesse dia chegou mais cedo. Veio direto até nós.

- *Livramento, “seu” idiota, focê não pode sair sem deixar um canal de comunicação aberrto. Fiquei mal com a diretoria com essa história. Por que focê não voltou quando recebeu o telegrama? Não obedece mais as ordens? – começou ele, já se contaminado com o hábito brasileiro de obediência cega.*

- *Olha aqui, Burt. Para onde vou só existe esse canal mesmo, o telegrama, e isso quando chega até lá. Acontece que não fico na cidade, vou para o sítio de minha família, na zona rural e só tomei conhecimento do telegrama quando estava com as malas prontas para voltar – disse Livramento sarcástico – Se vocês querem que eu fique perto de um telefone, paguem minhas despesas em Paris, Londres, Viena, Acapulco, Bariloche, que eu tiro férias nesses locais.*

- *Querr bancarr o engraçadinho, não é? – Burt se irritou com o argumento – Em que burraco focê enfiou o dossiê?*

- *Já estou sabendo dessa história – respondeu Livramento com alto astral – Mandei para o departamento tal, antes de sair de férias.*

- *Noooooon! O sujeito desse departamento até me ameaçou – Burt estava lívido de ódio – Eu sabia que o erro não era nosso. Até nos criticaram pela falta de organização. Algum idiota vai pagar “carro” por isso...*

Assim falando saiu para beber o sangue de algum infeliz. Como já dissemos, Burt era muito influente junto a diretoria, dizia-se,

até, que seu pai era um dos grandes acionistas da empresa em seu país. E, adorava chamar todos de idiotas.

- *Eu não quero estar no lugar desse babão* – disse rindo Livramento – *Bem feito...*

E ficamos um bom tempo ouvindo as peripécias de Livramento em sua terra natal e vendo as fotografias que ele trouxe.

Ah! Ia me esquecendo. Nem por um segundo, a empresa parou...



40

O Roubo do Carro

Maldonado era uma pessoa elétrica. Tinha começado na empresa como contínuo e depois de alguns anos já estava trabalhando na área administrativa, no setor de custos. Esperto como ele só, fazia de tudo para subir, inclusive, puxar o saco do chefe ostensivamente.

Lá pelos idos de 1989, estava fissurado pelo novo computador que chegara na empresa: um potente XT, com 640 kb de memória e um "enorme" disco rígido, capaz de armazenar até 20 Mb de dados. Logo, começou aprender o Lotus 123 e passava o seu tempo de serviço montando um aplicativo que pudesse calcular os custos da produção.

Com essa preocupação, estava ficando bastante distraído e se esquecendo de coisas banais. Ao ser interpelado, costumava proferir um jorro de argumentos e dizer que somente esquecia aquilo que para ele não era importante. Sua mulher confirmava que realmente ele só pensava no computador e no programa que estava desenvolvendo.

Um belo dia, manhã de segunda feira chuvosa, Maldonado resolve ir de carro para o trabalho. Ele morava no centro da cidade, a 500 metros da empresa e nunca usava o carro nos dias úteis, pois estando perto de tudo, ele e a mulher não tinham

necessidade de tirar o veículo da garagem. Esse foi, portanto, um dia atípico.

Ao chegar no trabalho, resolveu estacionar o possante na rua principal, um pouco a frente da portaria, no outro lado da via pública. O carro ficou a 20 metros ao norte da portaria. Ele atravessou a rua correndo e entrou na empresa. Na hora do almoço, como de costume, saiu e dirigiu-se a pé para sua casa, no sentido oposto ao local onde o carro estava parado. Voltou do almoço, trabalhou e no final do expediente, foi para casa, a pé. O carro continuou estacionado na rua.

Na terça feira, foi à pé para o trabalho e retornou da mesma forma. E assim aconteceu na quarta, quinta e sexta feira.

Sábado, manhã de sol, Maldonado todo faceiro se arruma para ir à feira. Toma banho, coloca bermudão, óculos escuros, perfume, pega carteira e outros badulaques e toma o elevador para a garagem. Vai direto para sua vaga e espanto: a vaga está vaga!

Cadê o carro? Maldonado se assusta. Rapidamente percorre toda a garagem do prédio e constata que seu carrinho ali não se encontra. "Fui roubado" pensou. "E dentro da garagem do meu próprio prédio" Fica furioso e sobe rosnando, com a intenção de estraçalhar o porteiro.

A confusão foi grande. O porteiro, nada sabia. Chama-se o vigia da noite. Nada. Chama-se o síndico e o bate boca cresce. Maldonado acusa todos de incompetentes e proclama aos berros que vai acionar o condomínio do edifício para que lhe pague um

carro novo. Os porteiros e vigias garantem que nada anormal aconteceu. O síndico defende seus empregados. Chegam os vizinhos. A confusão se arma, a polícia é chamada e logo Maldonado vai para a delegacia para fazer um BO.

Ao voltar, estava arrasado. Ele gostava muito do carro, um Passat todo equipado. Ficou emburrado o resto do sábado e o domingo inteiro. Sempre que descia, dava um esculacho no porteiro.

Segunda feira, chega à empresa todo jururu. Estava triste e a quem perguntava, contava como foi o roubo e as medidas que estava tomando para punir o síndico e os porteiros incompetentes. Conversa daqui, conversa dali, e a notícia se espalha pela fábrica.

Um pouco antes do almoço, um porteiro chega em sua sala.

- *Com licença Maldonado?*

- *O que é ?* - perguntou Maldonado, mal humorado

- *Sabe o que é* - começou o porteiro - *eu soube que seu carro foi roubado, mas acho que deve haver um engano muito grande nessa história.*

Maldonado ficou curioso.

- *Que engano ?* - perguntou

- *O carro roubado era aquele Passat?* - perguntou o porteiro

- *Era sim* - Maldonado começava a se irritar

- *Cê tem certeza ? Não trocou ele por outro?* - continuou o porteiro a perguntar

- *Porra - se queimou Maldonado - Claro que não. Era aquele mesmo de sempre. Se você não sabe quem roubou, não fica enchendo meu saco e te manda! Sabe de alguma coisa?*

- *Eu tô achando estranho uma coisa - falou então o porteiro - Na segunda feira passada, cê chegou de manhã e estacionou aí em frente... - Maldonado arregalou os olhos e seu cérebro começou a funcionar a mil por hora, sem escutar o que o outro falava -e hoje, ao ouvir a notícia do roubo, achei que era piada, pois o carro continua lá, no mesmo lugar em que você deixou, desde a semana passada.*

Maldonado, levantou-se, pálido, recordando-se de tudo. Como ia explicar à polícia? Como ia encarar o síndico e os porteiros de seu prédio? E os vizinhos? Para quê ele fizera tanto escândalo?

- *Vamos lá, que cê vai ver com seus próprios olhos - convidou o porteiro*

Maldonado, assentiu com a cabeça e com as pernas bambas foi até à portaria, de onde pode avistar seu carrão, coberto por uma camada de poeira, estacionado rente à calçada, logo ali. O desconsolo que se estampou no seu semblante foi tão grande que o porteiro mais tarde contava:

- *Nunca vi ninguém mais triste! É a primeira vez que vejo um cara ficar por baixo ao descobrir que não foi roubado! Tem gente muito estranha nesse mundo! Ah, isso tem mesmo....*



41

O Passeio

Como geralmente acontece, fora de casa a personalidade do sujeito é outra. Esmeraldo não fugia à regra. Dentro da empresa era muito considerado. Todos os colegas o viam como um boa praça, amigo prestativo, colega de festas, bem humorado, enfim um amigão do peito.

Além disso, criou-se um folclore à sua volta por sua sede incansável por sexo, suas trapalhadas fora do serviço com todo o tipo de mulher, que acabavam chegando aos ouvidos dos colegas pela rede interna de fofocas ou por escândalos que as mais nervosas faziam na portaria da fábrica.

Todos sabiam também de sua aversão a dar a mão em cumprimento a qualquer um, seu pânico diante da morte e sua simpática falta de palavra nos compromissos fora do trabalho, ou seja, o cara era um “furão” de marca maior. Não se podia confiar em nenhum compromisso que se marcasse com ele, quando se tratava de diversão.

Uma de suas características nas suas aventuras era sempre levar alguém – geralmente uma pessoa bem simples e sem recursos – para realizar funções tais como levar recados, fazer o meio de campo com alguém, segurar a barra quando pesava, enfim, era um espécie de logística para sua ação.

Em troca, esse soldado de apoio ganhava, geralmente o passeio, a oportunidade de freqüentar lugares mais sofisticados e, ainda ajudava a rachar a conta das despesas. Quase sempre escolhia o assessor de Livramento ou o Santana (por sua inocência), que se encaixavam perfeitamente nessa atividade.

Dentro da fábrica contavam-se às dezenas aqueles que tinham sido vítimas das “furadas” de Esmeraldo, geralmente nos fins de semana, que, na segunda feira apareciam em nossa sala para pedir uma satisfação e ouviam desculpas esfarrapadas tais como “o carro enguiçou, a esposa ficou doente, chegou visita em casa, etc, etc”. E a pessoa sempre saía sorrindo, com o jeitinho de enganar do larápio. Mas a façanha ficava gravada na memória de todos.

Certa vez, conversando com um eletricitista, Zé Daniel, um negão simpático, forte, com quase dois metros de altura, a verdadeira encarnação do pacifismo, Esmeraldo ficou sabendo que sua cidade natal, no sul de Minas, era um bom lugar para arranjar garotas. E logo tratou de combinar um passeio até lá.

Zé Daniel, mesmo sabedor da fama do furão, parece que se esqueceu dela e ofereceu a casa dos pais para hospedar nosso herói no sábado e domingo. Combinaram tudo e a aventura ficou para ser marcada numa semana que Zé Daniel estivesse de folga. Zé Daniel tinha interesse em ir de carro, pois de trem (a única condução disponível) perdia toda a manhã na viagem e no automóvel chegava lá com uma hora e meia.

Enfim, chega o tal dia. Na sexta feira, Zé Daniel vai até nossa sala e na frente de todos combina os detalhes da viagem. Tudo acertado, Esmeraldo fecha o assunto.

- *Então, tá combinado.* – falou seriamente – *Amanhã, à sete da manhã você esteja aqui na Portaria da fábrica, que passo para lhe apanhar. Mas, presta atenção: não “vai” se atrasar, tá bom?* Zé Daniel prometeu e se retirou.

Durante o dia, Esmeraldo tratou de arranjar programa para a noitada de sexta. Telefonou, telefonou, marcou e convidou o auxiliar de Livramento, de nome Dário, que o acompanhasse. Dário era do Piauí e tinha Esmeraldo na categoria um pouco abaixo de deus. O acompanhava para todos lugares e Esmeraldo abusava de sua boa vontade, fazendo-o de empregado.

Acontece que a noitada foi excelente e Esmeraldo combinou com as moças passarem o sábado em uma praia. Sábado de manhã, completamente esquecido do primeiro compromisso, apanhou Dário e foi buscar as companheiras. Elas moravam numa rua que passava nos fundos da fábrica e ao ver a sua chaminé, Dário lembrou-se de Zé Daniel. Eram 7:50h

- *Esmê* – falou ele – *E o Zé Daniel?*

- *Nossa !!!!*– Esmeraldo encostou o carro – *E agora?*

Pensou um pouco e falou

- *Dário, vou chegar perto da portaria por essa rua. Ai tu “vai” até lá e fala pro Zé que o carro fundiu o motor ontem a noite e aí não vai “dá” mais prá ir prá Minas.*

Na portaria Zé Daniel está desesperado. Sua família o está esperando em Minas. Arranjaram acomodações para Esmeraldo e Dário, e estão preparando uma recepção a altura: boa comida, bebida, etc. Já são quase oito horas e nada do furão aparecer.

Ele não pode deixar de ir e, a única condução para lá – fora o carro de Esmeraldo – é o trem mineiro, que parte da estação no centro da cidade, à oito horas e passa a menos de 100 metros da fábrica.

Pensando no trem, Zé Daniel ouve o apito da locomotiva advertindo para a partida. Faltam cinco minutos. Então repassa mentalmente a fama de furão do calhorda e fica imaginando se ele não é a bola da vez. O apito ainda ressoa em seus ouvidos, quando avista Dário andando apressado em sua direção. Esperando o pior Zé Daniel vai para a calçada, segurando sua mala. Dário se aproxima e de longe vai falando.

- *Ô Zé! O Esmeraldo....*

Não continuou. Zé Daniel ao ouvir isso, gritou:

- *Já sei! Já sei!*

E começou a correr em velocidade máxima na direção da linha

férrea para pegar o trem andando, que se aproximava lentamente.

Segunda feira, Dário comentava sorrindo, divertindo uma platéia que tinha se formado para escutar o mais novo furo do “canalhinha” (era assim que Zazá o tratava):

- A fama de Esmeraldo é tanta, que o negão nem deixou eu falar. Quando eu disse “Esmeraldo” seus pés criaram asas. Nunca vi ninguém arrancar de tal forma. Nem o Emerson na fórmula um!

- É mesmo um canalhão! – reprovou em tom de gozação Zazá

- Nunca vai tomar jeito! E ainda ri do malfeito! – completou Celinho também rindo– *Olha só a cara dele!*

Esmeraldo, sentado em sua mesa, sorria de forma safada, preparando-se para enfrentar Zé Daniel, que logo, logo, viria pedir uma satisfação.



42

A Viúva Paga - II

A fábrica foi obrigada a construir uma ETE (Estação de Tratamento de esgotos). Para isso, adquiriu um terreno distante uns 800 metros. Para se chegar nele tinha-se que sair da fábrica e seguir por uma via pública. Assim, toda manhã, era uma romaria de empregados das empreiteiras que batiam ponto dentro da fábrica e depois saiam para se dirigir à obra da ETE. Da mesma forma, havia uma circulação grande de materiais. Isso gerou um trânsito intenso e a vigilância perdeu sua eficiência em realizar suas funções.

Um primeiro sinal de alerta foi o início - concomitante ao da obra da ETE - da "reforma" de uma casa velha, adquirida por preço de banana, por um chefe. Ao, casualmente, passar em frente a essa casa, notei que havia empregados da empreiteira da obra da ETE trabalhando nela. Isso me alertou e passei a seguir disfarçadamente a saída dos empregados para a obra, na parte da manhã.

O que descobri foi inacreditável. A obra da ETE ficava ao norte da fábrica e a casa em reforma, ao sul. Os empregados da empreiteira saiam da fábrica, se dirigiam ao norte. A uns 500 metros, três deles, atravessavam a rua e começavam a voltar, dirigindo-se ao sul, pela calçada oposta à da portaria da fábrica. Passavam em frente a ela - na maior cara de pau - e dirigiam-se até a casa em reforma, onde passavam o dia trabalhando.

Chamei Livramento e Esmeraldo e passamos a nos divertir, vendo essa pantomima se repetir todas as manhãs.

Os vigilantes da portaria fingiam não ver nada e logo concluímos que essa armação estava abençoada por toda a chefia. Assim, também ficamos na moita, só computando o prejuízo que a empresa ia levando.

Para encurtar a conversa, a tal casa, de original, só ficou com o desenho. Foi TOTALMENTE reconstruída, inclusive tendo seu forro de madeira substituído por laje batida, cujo concreto foi ali despejado pelo caminhão betoneira de uma empresa de concreto, antes de descarregar o restante do concreto na obra da ETE, à vista de todos, em plena luz do dia. Outra coisa: instalações elétricas e hidráulicas, azulejos e pisos também foram "doados" gentilmente pela viúva.

Todo mundo viu, mas ninguém falou.....



43

A Festa de Casamento

Santana, o chefe de utilidades, era um cara bonachão, incapaz de fazer uma maldade, meio inocente. Adorava fazer trocadilhos e piadas e não perdia a chance para isso. Tinha cabelos escuros, bastante enrolados e era bem moreno. Também era metido a conquistador e vivia competindo com Esmeraldo nessa área.

Aconteceu o casamento de Jonilson, cuja noiva era uma negra retinta, muito mais escura que ele. As bodas foram em Nova Iguaçu. No dia, o pessoal do escritório aprontou uma caravana para assistir o enlace e fizeram lá uma farra danada.

Na outra semana, perguntamos ao Celinho, um gozador que tinha ido nessa caravana:

- *E aí, Celinho, como foi o casamento?*

- *Cara, nem te conto. Nunca vi tanto preto junto e nunca vi uns pretos tão pretos. Eles eram tão escuros que, num dado momento eu estava de bobeira no salão, quando uma crioulinha perto de mim perguntou para outra:*

- *Cê viu a Selma ?*

A outra respondeu:

- Tá ali, conversando com aquele louro... - e apontou para um determinado ponto

Olhei para onde ela apontava e vi uma negona conversando com o Santana! Para eles, o Santana era louro!!!!

Esmeraldo quase caiu da cadeira de tanto rir.



44

O Paneleiro

Esmeraldo logo adotou Jonilson. Ambos tinham interesses comuns. Esmeraldo precisava de um moço de recados, um servo fiel que executasse todas as suas ordens sem discutir e um cafetão que arranjasse uma boas garotas; e Jonilson, queria estar perto das farras que Esmeraldo fazia, freqüentar os mesmos lugares que ele, andar no seu vistoso carrão – um Alfa Romeo 2000 – e se divertir como nunca.

Acontece que Jonilson só ganhava um terço do que recebia Esmeraldo e, este fazia questão de rachar todos os gastos meio a meio. Assim - galinha que acompanha pato, morre afogada - Jonilson começou a ficar inadimplente.

Aliás, em matéria de dinheiro, Esmeraldo era um pão duro incrível, gastando somente o essencial, verificando todas as contas e, sempre que podia, enganando os colegas ao dividir contas de farras, através dos mais diversos expedientes.

Jonilson, certo dia, passou pela Arapuã e se encantou com um paneleiro. Chegou ao trabalho e nos contou do seu desejo e, com jeitinho pediu nossa ajuda.

- *Quê que a gente tem com isso?* – ficou na defensiva Esmeraldo

- *Vou explicar – Jonilson caprichou na oratória – Como todos aqui sabem, meu salário é uma merreca comparando com o de vocês. Assim, a gente vai fazendo carnês, um daqui, outro dali e acaba se esquecendo de algum e fica com o nome sujo. Isso aconteceu comigo e por isso meu crédito está suspenso na praça. Por isso, eu queria fazer uma média com a dona Maria, lá em casa, e dar o paneleiro para ela. Assim estou pedindo que um de vocês o compre num plano de 24 meses e passe o carnê para mim, que me comprometo honrar todas as parcelas.*

- *Tô fora!* – pulei rapidamente

Esmeraldo sorria. Jonilson olhando para ele esperando uma resposta.

- *E você, “cabreirito”?* – era assim que chamava Esmeraldo

- *Precisa responder?* – perguntou rindo Esmeraldo

- *O caso é sério!* – falou Jonilson – *Será que os amigos vão me negar sua mão nessa hora de desespero?*

- *Olha aqui, Jonilson* – Esmeraldo estava com um sorriso amarelo – *Eu nem devia te responder, mas já que você insiste, é NÃO. MIL VEZES NÃO! E trata de cortar já esse papo.*

Jonilson ainda tentou, mas não adiantou. Inconformado, passou vários dias insistindo, sempre levando cortadas. Então, fez dezenas de desenhos do paneleiro e, todos os dias de manhã,

colocava um na mesa dele e um na minha. Livramento estava de fora disso, pois sendo seu superior, Jonilson não se atrevia a tanto.

Durante um bom tempo, continuou com isso, porém, como não dava resultado, começou a usar outra tática. Passou a não mais servir a Esmeraldo.

Tudo que ele pedia, Jonilson deixava de fazer. Como Esmeraldo tinha um filho com uma vizinha dele, Carlinha, e o usava para acalmar a fera, quando a mulher se revoltava com sua falta de assistência, ficou meio perdido, quando ele deixou de lado essa tarefa.

- *Ô Jonilson!* – falou certo dia Esmeraldo – *Tu não deu meu recado para aquele pessoal?*

- *Eu, não* – falou Jonilson, fingindo desinteresse – *Por que vou ajudar vocês, se aqui ninguém me ajuda? Comer a mamãe todo mundo quer. Dar para o papai, ninguém, né?*

- *E quando a gente não te ajudou, seu ingrato?* – falou Esmeraldo, já esquecido do paneleiro

- *E o meu paneleiro?* – lembrou Jonilson – *Também agora é dente por dente, olho por olho. Não dou recado para mais ninguém, nem seguro a barra de ninguém. Mil vezes não!*

Esmeraldo pesou bem a situação e falou:

- *Quanto custa esse paneleiro?*

Jonilson deu o maior sorriso de sua vida, se levantou e foi até a mesa de Esmeraldo.

- *Boa, cabreirito! Eu sabia que podia contar com você. Hoje mesmo vou lá na loja para trazer um plano a longo prazo.*

- *Tá legal – disse Esmeraldo, visivelmente contrariado – Mas o carnê vai ficar comigo. Todo mês cê me dá o dinheiro que eu mando pagar.*

- *Sem problemas – respondeu Jonilson esfregando as mãos.*

Fizeram a compra no nome de Esmeraldo, em 24 meses. Jonilson pagou dois meses e então o destino obrou contra Esmeraldo.

Uma outra unidade, em expansão, necessitava de um projetista e Burt emprestou Esmeraldo por 6 meses. Esmeraldo foi e deixou o carnê com Jonilson. Sobrou também para mim, que por saber desenho técnico, tive que cobrir a área de Esmeraldo, acumulando duas funções, sem qualquer adicional.

Resultado: Jonilson gastou o dinheiro e deixou de pagar as prestações. Esmeraldo teve que ficar mais seis meses emprestado.

Certo dia, Ramalho recebe uma carta da Arapuã, solicitando

que ele interferisse para que as prestações fossem pagas. Ramalho telefona para Esmeraldo, que fica tiririca.

Esmeraldo voltou somente para resolver esse caso e os levei no meu carro, numa maratona, para fazer o refinanciamento, novamente em 24 meses, fazendo com que o preço final do paineliro triplicasse.

Esmeraldo, ficou com o carnê e prometeu que esfolaria o neguinho se ele falhasse um mês. E ele não falhou mesmo.



45

A Conta do Churrasco

Esmeraldo era mestre em fazer churrascos em sua casa, durante o dia, nos fins de semana. Como se sabe, as noites ele reservava para as suas caçadas. Porém seu sistema de cobrança era larápio ao extremo.

Digamos que fossem dez pessoas a participar do churrasco. Quando a carne começava a ser servida, apareciam seus cunhados, com namorados, cachorro e papagaio. Isso sem contar sua esposa e os quatro filhos. Comiam, bebiam e no frigrir dos ovos, na segunda feira, Esmeraldo aparecia com uma conta marota, elaborada com rebuscados artifícios.

Seu controle era sobre o dinheiro que saía de sua carteira. Assim, se gastara 100,00 reais, e eram 10 pessoas, excluindo ele e toda a sua cambada, a cobrança seria feita aos 10 tolos que bancariam a despesa dos que comeram grátis, ou seja, dez reais para cada.

Mas, ele não poderia apresentar tal conta para os dez incautos, que logo reclamariam porque os membros de sua família não estavam incluídos nela. Assim, somava os participantes de sua família, digamos que fossem mais 10. Assim, os incluía na despesa e refazia a conta dando um total de 200,00. Isso dividido por 20, dava os mesmos dez reais.

Desse modo, tendo um valor total como ponto de partida, colocava os gêneros gastos com valores condizentes e apresentava a conta, agora relacionando tudo que foi comprado e o nome de cada um dos vinte participantes. Os caras pagavam os dez reais, pensando que o total era realmente 200,00. Assim, o rega bofes saía grátis para ele e toda a família, inclusive os eternos cunhados. Isso sem falar nas sobras, que sempre existiam.

Depois que descobri isso, passei a recusar seus convites. O pessoal, igualmente achando um exagero de gêneros listados contra o que realmente era visto na festa, passou também a abandoná-lo.

Num dos últimos churrascos que ele organizou, estava um chefe de produção, o Joel, mineiro, mão de vaca e esperto como ele só.

Na segunda feira, Esmeraldo fez as contas, armou seu esquema e distribuiu as quotas de cada um. Detalhe: ele fazia todas as contas a mão. Não tinha calculadora e nunca errava.

Na terça feira, hora do café, Joel, com um sorriso bonachão, adentra nossa sala.

- *Esmeraldo* – pergunta ele – *Ontem eu paguei uma conta do churrasco. Hoje você mandou outra. Que merda é essa?*

- *É, Joel* – respondeu o esperto com a cara mais limpa do mundo – *isso é de um material excedente, que esqueci de computar na primeira conta.*

- *Ah! Que raio de material é esse?* – perguntou Joel olhando a primeira conta – *Tá tudo aqui, na primeira conta.*

- *Na verdade, "tá" faltando umas coisinhas...* – Esmeraldo estava com o famoso sorrisinho

- *Quais?* – Joel estava curioso e nós também

- *Pão, carvão e sal.* – Esmeraldo falou sério

- *Pão carvão e sal.* – repetiu pausadamente Joel, com o olhar parado como se tivesse levado uma pancada na cabeça.

Estouramos na gargalhada enquanto Joel saía da sala repetindo: ***pão, carvão e sal - pão, carvão e sal - pão, carvão e sal...***

E assim Esmeraldo perdeu mais um pato.



46

A Confissão

Petrin era o engenheiro chefe do departamento de segurança. Aliás, é bom observar que esse departamento somente existia por força de lei. Pela empresa, nunca teria sido criado, pois a diretoria estrangeira se lixava solenemente se o operário brasileiro se acidentava ou morria no trabalho. Continuo a afirmar que eles viam o brasileiro como uma escória, pior do que escravos.

Certa vez, o gerente Alfredo, me chamou em sua sala. Ele estava satisfeito com meu desempenho e tinha me promovido a encarregado de setor com menos de um ano de empresa. Perguntou o que eu estava achando, da empresa, do trabalho, da função, etc e depois ofereceu:

- Há uma vaga no departamento de recursos humanos, e, se você quiser, pode mudar de área, saindo da técnica e entrando em RH.

O que ele não disse foi que segurança era uma imposição e não uma vontade da empresa e por isso era uma área desprezada. Isso fui aprender depois, porém, nesse pouco tempo já havia notado a resistência.

- *Se não fosse obrigatório, a empresa continuaria a manter esse departamento?* – perguntei a ele, abertamente

- *De forma alguma* – foi sua resposta – *Pense nisso e depois me de uma resposta.*

Ora, eu era totalmente inexperiente, nunca tinha trabalhado, muito menos numa multinacional desse porte, portanto, não tive condições de avaliar sensatamente a questão e preferi ficar na área técnica. Fatal!

Por essas e outras, imagina-se o que Petrin passava. Para começar, a contratação dos supervisores de segurança nas fábricas obedecia o critério econômico. Salário baixo e qualidade idem. Puseram na mão de Petrin um bando de analfabetos e incompetentes, que lhe tiraram toda a chance de se afirmar e manter o respeito do departamento.

Seu diretor era um europeu, o Sr. Clarer, que não perdia chance de humilhá-lo, em qualquer lugar. Um exemplo disso foi o constrangimento que todos passamos, quando no jantar de encerramento de um curso, na churrascaria Rubayat, em S. Paulo, ficamos aguardando a sua presença. Eram cerca de 20 homens, na calçada do restaurante, esperando a chegada de Clarer. Petrin, aflito, sumia para ligar – ainda não havia celular – e voltava dizendo: “*Vamos aguardar mais um pouco*”.

O tempo foi passando, a noite tornou-se mais escura, a ROTA passava devagar, com os policiais nos encarando, e nada de

Clarer chegar. Depois de mais de duas horas, enfim, entramos no restaurante. Nos sentamos eaguardamos mais um bom tempo. Por fim, Petrin se desiluiu e mandou começar o jantar.

Terminamos e Clarer não apareceu.

Quando Petrin foi demitido de surpresa, entrou em parafuso. Ficou arrasado. Conta-nos seus amigos que, durante mais de dez dias ficou trancado em casa, tomando Lexotan e chorando incontrolavelmente. Quando conseguiu superar essa fase e sabendo da sede da diretoria em beber o meu sangue, telefonou para mim e perguntou se eu podia ir encontrá-lo em S. Paulo, juntamente com o presidente do nosso sindicato, pois queria conversar conosco.

Fomos e então soube de inúmeros fatos, alguns dos quais conto aqui. Foram quase três horas, em que Petrin relembrava cada caso que se passou comigo e contava o que se arquitetava nos bastidores.

Contou também a série de humilhações que sofreu - inclusive essa do churrasco, em que Clarer o fez de palhaço, e como ele chorou de ódio nesse dia - e de humilhações diversas em vários outros.

Desnudou a "politicagem" da diretoria. Os golpes, as rasteiras, o "cobra comendo cobra" dentro da sede da empresa. E principal: deu a ficha completa do quem é quem ali.

Se dispôs a ser testemunha do sindicato, caso este movesse ação de insalubridade contra a empresa, levando todos os laudos que fizera em mais de 10 anos de trabalho.

Um detalhe: o homem estava com os nervos em frangalhos. A cada caso que contava, se debulhava em lágrimas. Chorou tanto, que ficamos totalmente constrangidos.

O maior erro nessa jogada foi a presença do presidente do sindicato, que, como sempre acontece, na hora de se vender diante de uma oferta da empresa, não vacilou em aceitar e ficou fazendo jogo duplo, além de contar tudo o que Petrin fizera.

Mas isso é outra história.



47

O Casamento de Natale - I

Belinda era uma moça triste. Era concunhada do gerente do Banco Nacional da cidade e tinha enviuvado com menos de 25 anos. Bem cheia de corpo, sem ser gorda, era muito simpática. Trabalhava no escritório e, como uma boa mineirinha, era tímida e recatada.

Ninguém sabia que ela já fora casada e todos brincavam com ela por sua dificuldade em arrumar um namorado. Quando cheguei à empresa fui trabalhar com ela no mesmo setor e, logo me acostumei a ouvir as brincadeiras dos colegas tentando desencilhá-la.

Os anos passam e fui promovido. Certo dia, vi Belinda conversando com nossa enfermeira, Amanda, também uma solteirona, já com mais de 45 anos. Entrei na conversa, e Amanda falou:

- Belinda tá estressada – riu – Não consegue arranjar um namorado e seu saco já está cheio das brincadeiras desses babacas do escritório.

- É mesmo – falou Belinda com cara triste – Isso aqui tá um saco! Nem to querendo mais companhia nenhuma de homem de merda. Antes só do que mal acompanhada.

- *Eu não posso ajudar* – disse brincando – *pois já sou comprometido. Mas vou fazer o possível.*

Certo dia, Natale estava em nossa sala, irritadíssimo. Ele tinha a mania de jogar. Loteria Esportiva, Loteria Federal e jogo do bicho (nessa época não havia Sena e nem essa enxurrada de jogos federais e estaduais que temos hoje).

Bem em frente a nossa fábrica havia um apontador de jogo do bicho e Natale gastava um bom dinheiro com ele. Às vezes ganhava o equivalente a 100 ou 200 reais. Nesses dias, chegava, jogava o dinheiro na mesa e ficava insuportável, gabando-se de sua boa sorte.

Gostava também de acender um cachimbo ou um charuto cubano (nessa época era permitido fumar dentro do escritório, com ar condicionado central que espalhava a fumaça por todas as suas dependências. Nós, os não fumantes, precisamos mais de 10 anos para conseguir que a gerência proibisse o fumo nesse local)

Pois bem. Sua irritação era porque eu tinha feito um resultado falso da loteria esportiva – idêntico a um jogo seu que conseguimos ver – e deixado perto de sua mala. Ao conferir, pediu para alguém lhe fornecer o telefone da casa lotérica.

Tínhamos combinado com Zazá para que, nessa hora, ele desse um número de um amigo, que confirmaria o resultado. Chamamos Zazá, que lhe deu o número. Natale ligou e o cara,

se passando pelo agente lotérico, lhe deu o nosso resultado falso. Então, depois de fazer uma festa espalhafatosa e pensando estar milionário, largou o serviço e foi a pé até a casa lotérica – quase 1 km dali – para reclamar o prêmio. Voltou uma fera, querendo brigar e xingando todos os palavrões que conhecia.

O pessoal do escritório, que tinha sido avisado, não parava de vir até ele e tirar um sarro. Natale ficava nervoso e os mandava todos, no mínimo, a puta que pariu, entre torrentes de imprecações e injúrias.

Diversão garantida para o resto do dia.



48

O Casamento de Natale - II

No outro dia, ele ainda estava zangado conosco, querendo descobrir quem tinha sido o autor da sacanagem. Zazá deu um jeito de sumir do mapa e nós fingíamos que nada sabíamos.

Para deixá-lo um pouco mais calmo, resolvi tocar no seu outro ponto fraco: as mulheres. Ele adorava a zona de nossa cidade e quando lá chegava, todo mundo fazia festa. O piloto do avião – ele se deslocava entre as fábricas de avião – dizia que era assim em todas os lugares.

- *Aí, Esmeraldo – falei para puxar assunto – chegou uma nova gata na "New Capital" (nome do bordel). O Santana disse que é papa fina.*

Natale, que estava de cara feia, escrevendo, parou e olhou interessado.

- *É mesmo – disse Esmeraldo – Eu próprio já fui lá ver. É um peixão.....*

- *Como é o nome dela?* – não resistiu Natale, entrando na conversa, como rosto iluminado

- *É Margot* – disse Esmeraldo - *Mas não vai com qualquer um....*

- *E, io sono qualquer um? Sono? Fala, babaca!* – Natale entrou na discussão, já esquecido da loteria – *Io mando naquela espelunca, saiba disso. Quando Natale chega lá, pára tudo. Pergunte a qualquer um lá. Vá, vá, vá.*

Aí Livramento meteu sua colher.

- *Natale, cabra véio, pára com essa vida!* – aconselhou ele, com voz de padre – *Tu não acha que já tá na idade de sossegar esse facho?*

- *Que sossegar, Livramento. Italiano só sossega no caixão!* – rebateu depressa

- *É, sei não....* – disse Esmeraldo com cara de pena – *Na idade de Natale, pouca gente ainda dá no couro....*

- *O quê? O quê?* – Natale ficou em pé, agora sim, pondo fogo pelas ventas – *Quer que lhe mostre quem está broxa? Vecchio é teu pai! E tu, parece um sapo, com essa barriga de chope. Vai ver que é tu que não dá mais no couro.*

Natale estava possesso, gritando. Para amenizar a situação, mudei o rumo da conversa.

- *Natale, se tu encontrasses uma mulher pra casar, cê casaria?*

- *Esse é outro gozador!* – virou-se para mim – *Olha prá minha cara. Olha prá meu físico. Acha que não tenho espelho. Qual mulher vai querer um traste desses? Não casei até hoje, por quê?*

Realmente, Natale era muito feio. Baixo, sem pescoço, olhos esbugalhados, cabeça enorme e ralos cabelos brancos, parecia o mestre Yoda de Star Wars.

-*Tu tá sendo radical. Aqui mesmo, eu conheço uma gata que já andou falando bem de você* – lembrei, de estalo, de Belinda.

Natale deu um sorriso, o primeiro do dia, e perguntou com um interesse indisfarçável.

- *Onde, quem.....* – parou no meio da frase e fechou a cara – *Se for outra sacanagem comigo, digo a vocês que nunca mais falo com ninguém aqui. Tutti inimigo!*

- *Deixa disso, Natale* – falei em tom amistoso – *O papo é sério. Não posso dizer quem é, mas trabalha no escritório.*

- *Aqui?????* – perguntou ele

- *Aqui mesmo* – confirmei

- *Diga já quem é!* – exclamou Natale impaciente

- *Não posso. A pessoa pediu reserva.* – menti descaradamente

No escritório existiam seis moças e Natale levantou-se e foi para lá, fazer uma sondagem.

Assim que saiu, Esmeraldo perguntou.

- *Que história é essa?*

- *Vamos fazer uma sacanagem dupla* – disse eu, com espírito de porco – *Com Belinda e Natale.*

Todos riram e aprovaram. Decidimos cozinhar o Natale em banho-maria. Nessa vez, nada de informação adicional. Como tínhamos três caldeiras, ele vinha em nossa unidade três vezes por ano.

Ele voltou do escritório, e depois nos contaram que ficou lá, mal disfarçando o interesse, observando fixamente todas as moças. Porém ninguém estranhou.

- *Vocês vão me dizer quem é ela AGORA! Se isso for outra brincadeira, não vou me segurar....* - falou nervoso

- *Você viu as moças?* – desconversou Livramento

- *É claro! Acha que fui até lá olhar marmanjo?* – se irritou

- *Tem uma que é mãe solteira* – Esmeraldo estava cutucando – *Cê casaria com ela?*

- *Com qualquer uma delas* – respondeu rápido Natale – *Tô vecchio e não posso ficar escolhendo muito. É essa?*

- *Não podemos dizer* – falei – *Vamos conversar com a pessoa e se ela autorizar, revelamos seu nome.*

Natale ficou inconformado, mas como tinha muito serviço, não pode ficar bancando o detetive. Seguramos a barra e ele partiu da fábrica sem saber o nome da odalisca.



49

O Casamento de Natale - III

Na outra semana, chegou a vez de Belinda. Na primeira ocasião entrei de sola.

- *Você notou que Natale andou xeretando pelo escritório? –* perguntei

- *Ah, sim. Quinta e sexta feira. Ele parecia estranho. Não falou nada. Só sei que ficou um tempão me olhando. Fiquei até encabulada –* contou ela

- *Vou te contar um segredo. Ele disse prá gente que está gamado por você. –* o plano começou, pensei

- *O quê? –* reagiu ela – *Ficou maluco? Cê acha que fui achada no lixo? Nem morta!*

- *Só to repetindo o que ouvi –* falei com cara de santo – *O sujeito pode ser feio, mas também pode ter um coração de ouro. Ganha muitíssimo bem. O que mais que se pode querer?*

- *Sai pra lá, seu cachorro –* Belinda estava pê da vida – *Casa ele com tua irmã!*

Eu estava rindo e resolvi sair para que ela não desconfiasse da mentira.

- *É um partidão* – arrisquei, enquanto saía

- *Vai te foder....* – explodiu ela

O tempo passou. Belinda, agora, até ria, quando avisávamos que Natale estava chegando. E Natale chegou. O piloto entra em nossa sala e fica olhando para todos.

- *Quem foi que fez essa maldade?* – foi logo perguntando – *Natale até parou de ir à zona. Tá transtornado. Só fala e pensa nessa garota daqui, que ele nem conhece. Aqui só dá filho da puta e isso não se faz.*

Protestamos com veemência, afirmando que a história era verdadeira. O piloto, que era também um sacana de mão cheia, entrou na onda e confessou que todos estavam incentivando Natale nessa conquista e, principalmente, se divertindo muito.

Natale, assim que teve uma folga, partiu para o escritório. Belinda, agora já no clima, resolveu dar corda e foi toda sorrisos e até bateu um papo com ele, que chegou em nossa sala eufórico.

- *Descobri ! Descobri! É Belinda, não é?* – perguntou olhando em volta

- *Não podemos revelar – respondi – Quando você foi embora, falei com a moça e ela disse que não está a fim de compromisso e não quer que falemos seu nome. Disse também que não falou nada a seu respeito. Só perguntou qual era sua ocupação.*

- *Meno male – sentou-se Natale – Se perguntou qual era meu trabalho é porque tem algum interesse....*

- *Acertou em cheio – apartou Esmeraldo – Por isso que te demos um toque. Mas se ela não quer ser revelada, paciência.*

- *Isso, agora, não tem muito interesse – Natale estava alegre – Se Belinda quiser, largo a outra e caso com ela. Já!*

Caímos na gargalhada e Natale nos acompanhou, logicamente rindo por outra razão.



50

O Casamento de Natale - IV

De novo, Natale foi embora, desta vez, porém, todo esperançoso. Belinda veio até nossa sala e todos riram muito do que ela contou. Agora, ela estava totalmente envolvida com a brincadeira e Livramento não gostou.

- Isso é crueldade. É bom vocês pararem com isso. Eu, a partir de agora, não quero mais saber dessa história, que já foi longe demais. Quando ele descobrir que tudo não passa de molecagem, a coisa vai ficar séria. Escrevam o quê tô dizendo.

Todos protestaram, dizendo que Livramento era coroa e medroso.

Novamente, o tempo passa e em breve, Natale está de volta. Dessa vez, Belinda caiu na besteira de jogar um charme pra cima dele.

Natale chega em nossa sala, nos cumprimenta, e em silêncio, começa a preencher seus relatórios de inspeção. Todos estranham. O que será que aconteceu? Livramento olha para mim e para Esmeraldo e balança a cabeça em desaprovação. Parece que quer dizer: “Ele descobriu e agora vocês vão se ferrar!”

Fingimos que estamos envolvidos, cada um com seu trabalho, na ansiedade da espera. Porém, cobra não come cobra e ninguém fala nada. De repente, Natale, não suportando mais o silêncio, pára de escrever e fala:

- *A brincadeira acabou!*

Ficamos gelados.

- *Io no quero nada com essa tal moça do escritório que não quer dizer quem é.* - Natale estava calmo.

- *Mas de que brincadeira você está falando?* – não se conteve Esmeraldo

- *Brincadeira de gato e rato!* – Natale estava rindo – *Acabou ! Finito! Cês pensam que são muito espertos e queriam me deixar curioso, mas io sono mais esperto. Capicce? Digam pra essa megera que não quero nada com ela, pois encontrei quem eu procurava.*

- *E quem é?* – perguntou Livramento, cuja curiosidade era maior que a precaução.

- *Belinda!* – anunciou Natale – *Acabei de conversar com ela e acho que tenho todas as chances do mundo.*

Um alívio geral. Risadas e mais risadas. Piadinhas. E Natale, soberano, mais feliz que pinto no lixo, achava que tinha tirado a

sorte grande. Lógico, que o incentivamos ao máximo. Até Livramento deu conselhos.

Mais uma vez, Natale foi e voltou. Agora, estava decidido. Começou a procurar Belinda com frequência, que perdeu a paciência, e mandou o pobre apaixonado passear.

Porém, o estrago já tinha sido feito e Natale não estava disposto a perder a guerra sem lutar.

No dia seguinte ao “rompimento”, Belinda aparece em nossa sala, fura de raiva.

- *Não é possível!* – ela estava soltando faíscas nos cascos – *Esse sapo ficou na frente do meu prédio, até meia noite, parado, olhando para minha janela!*

- *E daí ?* – perguntou Esmeraldo, acostumado a presenciar “risca-faca” entre marido e mulher

- *Quer mais do que isso?* – esbravejou ela

- *Mas, o que ele disse?* – insistiu Livramento

- *Nada!* – a raiva de Belinda aumentou – *Nada! Nada! Nada!* *Só ficou ali, parado, que nem estátua.*

- *Mas isso não é crime* – atçou Esmeraldo – *Em que isso lhe afeta?*

- Eu não gostei, só isso – Belinda abaixou a voz – Fiquei muito incomodada, tá legal? Prá mim acabou essa brincadeira. Vocês podem ir parando por aí. Definitivamente TÔ FORA!!!!



51

O Casamento de Natale - V

Natale foi embora, mas não desistiu. Para todos dizia que ainda ia se casar; e quando chegava aqui, passava as noites na frente do prédio de Belinda.

Ultimamente, ela, que já se acostumara com o plantão, dizia que ele, de vez em quando falava “Liiiiiiindaaaaaaaa” e dava um assovio. E ela, não respondia e nem mesmo aparecia na janela. Depois de uns dois anos nessa agonia, Natale estava desistindo. Seu plantão era raro e ele ficava ali um pouco mais de uma hora.

Um belo dia, tudo deu errado para Belinda. O trabalho a estressava, o escritório a enjoava, as mesmas brincadeiras, a mesma falta de perspectiva, um porre. Ela estava tomando um calmante na enfermaria e chorando as mágoas para Amanda, que lhe deu também um copo de café com leite.

A cena está vívida em minha mente até hoje. Belinda entrando na minha sala, com o copo fumegando na mão, sentando-se na minha frente.

- *Em qual setor da técnica o Natale trabalha?* – perguntou ela, bem calma, enquanto assoprava o líquido quente.

- *Para quê?* – perguntei espantado

- *Chega dessa vida de merda.* – disse ela – *Vou ligar agora e dizer que aceito casar com ele.*

Quase caí da poltrona. A mulher está ruim mesmo. Pirou total!

- *Vai fazer o quê?* – eu não acreditava no que tinha ouvido

- *Casar com ele* – respondeu bem calma

- *E o sapo, velho babão, anão, e outras coisas mais?* – lembrei dos apelidos que ela colocava nele

- *Veja se eu estou pensando certo* – explicou ela – *Aqui, estou envelhecendo, com um salário de fome, sem poder ter nada na vida. Nem casa eu tenho, pois moro de favor. Não vejo nenhuma outra perspectiva. Com Natale, posso ter um lar, filhos, carro, uma vida decente de classe média; e, o mais importante, todos dizem que ele me ADORA.*

- *Sem qualquer dúvida!* – disse eu – *mas você não gosta dele.*

- *Para mim, no estado atual das coisas, ser amada é mil vezes mais importante que amar. Quem sabe, no futuro, todos fiquemos felizes?* – falou pensativamente – *Me dá o nome do setor, que vou ligar já.*

Dei e ela ligou. Casaram-se, tiveram dois meninos e uma menina e Natale se transformou no homem mais apegado e orgulhoso da família que já existiu.

Livramento comentava o que era a vida. Uma brincadeira de mau gosto se transformou num belo conto de fadas, pelo menos para Natale.

Quando visitei sua cidade, fez questão de que eu fosse jantar em sua casa. Belinda estava toda alegre, e preparou o melhor pernil de carneiro que já comi.

Longos anos após, Natale está sentado em nossa sala, com várias cartelas de pílulas na mão: ginseng, vitamina C e E, óleo da alho, niacina e o escambau.

Esmeraldo observou, com galhofa:

- *Eh, carcamano. Tá tocado a pílula, hem?*

- *Que nada* – respondeu ele com um sorriso, nunca dando o braço a torcer – *Isso é para garantir. Mas, se eu sofrer um ataque aqui, agora, e morrer, podem vir olhar minha cara: Vou estar rindo. Io sono un uomo felice!*

E era mesmo!



52

É Permitido Proibir

Com a troca em postos de chefia, saindo chefes estrangeiros ou brasileiros competentes (raridade) e chegando em seu lugar, pessoas escolhidas por sua característica de "fidelidade" à empresa, vários setores, que sempre tiveram sua produtividade em bom nível, foram alvos de restrições, que em nada contribuíram para melhorá-los.

Assim, foram proibidas as compras de comestíveis na portaria, alguns setores iniciaram o controle de saída dos funcionários do seu local de trabalho. Não se permitiam mais os funcionários efetuar ou receber telefonemas durante o expediente. Não se permitia mais o funcionário ir até a portaria para atender pessoa de fora e as saídas para se ir ao banheiro passaram a ser controladas.

Para o pessoal da área administrativa, foram instituídos controles sobre telefonemas - para se fazer uma ligação externa era necessário preencher um formulário, fazer com que o chefe assinasse e depois encaminhá-lo ao PABX- Idem para se fazer cópias xerox, cuja máquina só funcionava em dois horários por dia. No escritório, para sair do recinto, colocou-se um livro na mesa do contador destinado a se registrar a saída do pessoal, que deveria anotar a hora de saída, o destino e a previsão da

hora da volta. O contador visava na coluna apropriada. O tempo gasto no gerenciamento dos controles era maior que o gasto pela saída do funcionário.

No setor técnico, o nosso, soubemos que em uma reunião do segundo escalão, foram apontadas as seguintes falhas, que deixaram Serapião preocupado prometendo que acabaria com esses pontos "negativos".

- nossa sala era muito alegre e todos que ali se encontravam sempre estavam sorrindo

- os chefes do terceiro escalão, vinham para nossa sala, tomar café, ler jornal e se demoravam muito ali, batendo papo.

O problema do café, diplomaticamente, foi resolvido da seguinte forma: foram compradas várias garrafas térmicas, e colocadas com café, na sala dos chefetes, dentro da fábrica, com a desculpa que esse café era para os funcionários. Um chefe grosseirão, semi alfabetizado, em uma reunião na mesa em nossa sala, logo após a colocação das garrafas, reclamou ofendido:

- Olha aqui, Serapião. Se você quer que a gente não venha tomar café aqui no escritório, é só falar. Pensa que nós não notamos essa jogada de garrafa térmica?

Serapião, sorrindo, soltou sua vaselina:

- Nada disso, nada disso. Essas garrafas são uma prova do melhoramento da qualidade de vida do funcionário. O café é para eles. Vocês podem vir até aqui na hora que quiserem. Deus me livre de proibir isso.

O certo é que, dos seis chefetes, somente dois continuaram a tomar café no escritório.

Quanto ao problema dos sorrisos.... depois eu conto.....



53

O Tapa Buraco

Esmeraldo tinha um esquema para escolher seus acompanhantes. Quando levava Santana, fazia de tudo para que Jonilson não soubesse. Se me convidasse (raramente eu aceitava) então escondia de Santana e de Jonilson. Quando era com seu cunhado Ismael, então nós três não ficávamos sabendo.

Para cada um de seus acompanhantes, ele escolhia um tipo diferente de companhia feminina. Geralmente, todas de baixíssimo nível (por isso eu não ia). Esse era também um dos aspectos de sua fama. Todos diziam que seu controle de qualidade era zero.

Jonilson gostava muito dos inferninhos que ele freqüentava, onde podia se encher de vodca e, com alguma sorte, conhaque ou campari. Ele detestava uísque. Tomava muito drink Dreher e Fogo Paulista. Para lavar, cerveja. Nessas ocasiões, Esmeraldo ficava temeroso da baixaria do bêbado e antes que ele começasse, tratava de sumir com sua companheira.

Já com Santana, a coisa era diferente. Esmeraldo o usava, geralmente como tapa buraco. A coisa começava assim: Esmeraldo telefonava para alguém recém conhecida. Ficava longos minutos ao telefone, marcava encontro e desligava. Depois, ligava para Santana.

A conversa era invariavelmente essa:

- *Santana, amigo! Tenho um grande programa para sexta a noite. Arranjei uma gatinha espetacular, mas ela só vai se a tia dela for também. Ela é uma coroa enxuta, e aí pensei em você para acompanhar. Tu "encara" essa?*

Santana quase sempre aceitava e passavam o resto da semana combinando tudo detalhadamente.

Um belo dia, segunda feira, Esmeraldo está sentado, tomando seu café, quando chega Santana. Cumprimenta todos, olha Esmeraldo, senta-se e começa a tomar seu café em silêncio.

- *E aí, Santana – começou Livramento – deu tudo certo no fim de semana?*

Santana estava sério, olhou Livramento e se virou para encarar Esmeraldo, que deu um sorriso cínico.

- *Olha bem nessa sala, Livramento, e vê quem tá rindo – Santana continuava sério*

Esmeraldo balançava a cabeça, tentando ficar sério. Nessa hora todos nós paramos e concluímos que Esmeraldo tinha sacaneado Santana.

- *Ô Santana – falou rindo Esmeraldo, vendo que todos na sala também estavam sorrindo – Você é um dos meus melhores amigos, mas está mudando. Tá ficando muito radical.*

- Ahhhhh!- Santana estava verde – *Radical, né? Eu, radical? Então vamos perguntar prá galera aqui quem é radical. Livramento, sabe quê que esse viado fez comigo?*

- *Santana, não fala nada...* – interrompeu Esmeraldo

- *Ah! Eu sou radical, né? Tá com medo, né? Agora é que eu conto mesmo....*- quem ria agora era Santana

- *Não, não, não....* – Esmeraldo gesticulava, em vão

- *Todo mundo aqui sabe que nós saímos sexta feira* – começou Santana – *E que a garota desse safado tinha uma companheira que se dizia sua tia. Certo?*

Balançamos a cabeça

- *Santana, cala essa boca* – tentava Esmeraldo – *Esses caras só querem tirar sarro de nós...*

- *Que tirem* – Santana continuou – *Sabem como era essa tia? Uma gorda que só queria comer. Enquanto esse traíra estava no bem bom com um filézinho, a jamanta só queria ficar perto de um trailer de cachorro quente, comendo tudo que tinha direito. Além de pagar uma nota – pensei que a baleia não ia parar de comer nunca – depois de encher a barriga ela bateu o pé e quis voltar pra casa. Nada de motel. Por isso que esse cachorrão tá rindo. E o pior é que ele já me ligou de manhã bem cedo, querendo rachar a conta do barzinho. Aqui procê!*

Esmeraldo ria abertamente e nós também.

Santana era mesmo um ingênuo. E, depois de acalmado, pagou também a metade da conta.



54

A Mijada

Jocelos era um colega da área de uma fábrica da Bahia. Nordestino, sincero, sem qualquer jogo de cintura, diplomacia ou refinamento, era o exemplo vivo do contraste de culturas entre as regiões do Brasil.

Estamos em um curso em S Paulo. Em um cinema lá no alto da Consolação estava levando um festival de Hitchcok.

Jocelos estava com um firme propósito: descobrir se realmente as japonesas tinham o órgão sexual com abertura na horizontal, fato que era propagado entre seus conterrâneos como sendo uma verdade absoluta. Depois de nos divertimos bastante com suas explicações e justificativas, dissemos que isso não tinha menor fundamento, o que não o convenceu. Ele tinha que ver para crer.

Na primeira noite, parte sozinho para a “boca do lixo”. Entrou atrás do Hilton, desceu a Major Sertório e, de manhã chegou atrasado para tomar café.

- *Perdi meu dinheiro* – foi seu cumprimento, enquanto se sentava na nossa mesa com um prato cheio de presunto, queijo, abacaxi e mamão – *É tudo igual...*

- *Mas pelo menos foi bom?* – perguntou alguém

- *É....* – Jocelos deu uma mordida num imenso sanduíche – *Já passei por piores.*

O dia se passou e a noite eu disse que ia ao cinema rever “Janela Indiscreta”. Jocelos, ressabiado, perguntou se podia me acompanhar.

- *Acabou sua pesquisa?* – perguntei – *Talvez cê tenha pegado uma japonesa aleijada...*

Todo mundo riu e Jocelos respondeu triste:

- *Nem me fale mais nisso!*

- *Olha que o filme não tem soco, nem luta, nem tiro, nem perseguição. É meio parado* – avisei eu

- *Fazer o quê?* – disse ele

- *Eu também vou* – falou Moacir, um colega de Minas.

E lá fomos os três. O filme, para quem não sabe, passa quase todo tempo com um cara de perna quebrada olhando pela janela e realmente não tem movimentação. Os dois detestaram e quando acabou queriam me porrar.

- *Eu avisei* – dizia eu – *Eu avisei...*

Começamos a descer a pé a Consolação, já quase meia noite. Nosso hotel ficava perto da praça Roosevelt e paramos em um barzinho para comer um misto. Continuamos a descer e, em breve Jocelos disse.

- *Pára um pouco aí, que vou mijar*
- *Onde?* – perguntou Moacir
- *Aqui mesmo* – Jocelos respondeu com a maior simplicidade
- *Na rua?* – eu não estava acreditando
- *Não* - respondeu ele – *Nesse poste aí.*

Apontou um poste na beira da avenida.

- *Ô Jocelos* – disse eu – *Se passar um camburão os homens te levam*
- *Por quê?* – Jocelos não entendia – *Na Bahia a gente mija onde dá vontade. Segurar a urina faz um mal danado...*
- *Aqui é diferente* – eu falei – *Segura aí, que a gente chega logo no hotel*

- *Ou em algum bar* – falou Moacir
- *Tá bom* – disse Jocelos – *Vamos parar num bar*

Acontece, que daquele ponto para baixo, não havia bares e os que tinham estavam fechados. Fomos descendo, passos rápidos.

- *Ô Moacir! Cadê o tal bar?* – perguntou desconfiado Jocelos depois de dois quarteirões
- *Sei lá* – respondeu Moacir – *Eu não sou daqui, mas acho que por aí deve ter um. Bar tem em todo lugar*

Continuamos a descida e estávamos em frente aos portões do Cemitério, quando Jocelos parou e falou:

- *Não dá mais. Eu não vou ficar doente por prender o mijo. É ali que vai ser* – disse apontando o portão do cemitério.

Sem esperar qualquer comentário, atravessou as pistas da avenida, se encostou no portão e deu uma solene mijada. Sob seus pés se formou um rio.

Do outro lado, eu falei:

- *Se a policia passar aí, leva ele*

- *E a gente finge que não o conhece* – acrescentou Moacir

Quando acabou a “obra” Jocelos voltou e disse todo feliz

- *Viu? Moleza. Agora tou bom.*

No outro dia contei a façanha para os colegas e Petrin ouviu a história, escandalizado.

- *Ele mijou no portão do cemitério da Consolação?* – perguntou ele, espantado e furioso.

Todos disseram que sim na maior alegria.

Foi a maior dureza convencê-lo a não demitir o Jocelos ali, naquela hora.



55

Fui eu "que fiz" - I

Serapião era muito esperto e falso. Sua expressão facial era sempre um sorriso. Com todos, em qualquer hora. Um verdadeiro vaselina. Podia estar querendo ferrar o cara, mas ao encontrá-lo, sempre sorria e dava tapinhas nas costas. Dessa forma, nunca se sabia o que estava pensando e arquitetando.

Uma de suas exigências para ocupar o cargo foi trazer de outra fábrica um mecânico de mão cheia, um perito em montagens industriais, que ele conhecia. Essa pessoa, o Regard, era um mineirão, grosseiro e sincero e foi ocupar a chefia da área mecânica.

Analisando uma área da produção, juntamente com o chefe de produção e os operários que lá trabalhavam, Regard visualizou algumas modificações na linha que poderiam ser úteis. Projetaram as modificações e ao serem implementadas verificou-se que foram responsáveis por um aumento de cerca de 40% na produtividade do setor. Isso deixou a diretoria feliz, que logo planejou verificar in loco essa novidade. Ao saber disso, Serapião se ouriçou.

Chamou Regard e, com jeito, pediu para que ele lhe mostrasse tudo o que foi feito. Passaram juntos dois dias, Serapião decorando a função de cada parafuso. Mais um dia com o chefe

de produção e Serapião ficou conhecendo detalhadamente o que se produzia antes e depois da modificação.

No dia da visita, estão a diretoria, o gerente, o chefe de produção e... Serapião, que, como cicerone, ia mostrando a nova linha, apontando:

- *Aí, eu imaginei que se fosse feita uma curva de 45 graus.....
aí, eu planejei instalar esse controlador nesse ponto..... Mandei substituir os alimentadores.....*

Resultado: a diretoria saiu espantada com a capacidade daquele chefe. Uma jóia rara.....

Quem contou isso foi o próprio Regard, que, de bom humor, comentava:

- *O filho da puta levou a fama de todo o nosso trabalho. Ele não sabia nem por que o cabrito caga em forma de bolinha.... Mas, não faz mal, ele disse que ia conseguir um aumento prá mim, e aí já valeu a pena.*

E o aumento pintou realmente!



56

Basicamente Tudo!

Serapião notou que Esmeraldo andava meio sem serviço.

Na realidade, Esmeraldo estava concentrado na nobre função de copiar (fazia tudo com normógrafo!) alguns salmos da Bíblia em papel vegetal - ele andava doido para comer umas irmãs numa igreja evangélica - e depois tirava centenas de cópias heliográficas, recortava uma por uma e no sábado levava para distribuir na Igreja. O pastor já estava todo agradecido a Esmeraldo, que, com paciência, aguardava o momento propício para atacar.

Um certo dia, Esmeraldo estava escolhendo um trecho de um salmo, folheando a Bíblia dentro da primeira gaveta, quando Serapião entrou de repente na sala e foi direto à sua mesa. Este, mal teve tempo de fechar a gaveta e pegar uma escala para fingir que media um desenho aberto na mesa.

Serapião notou a farsa, chegou, olhou o desenho, e perguntou:

- *Esmeraldo, que é que você está fazendo agora?*

Esmeraldo, sem saber o que responder, saiu-se com essa pérola:

- *Especificamente, nada. Basicamente, tudo!*

Diante de tão estapafúrdia resposta, Serapião ficou sem fala. Olhou para o desenho, olhou para Esmeraldo, que estava com um sorrisinho safado, balançou a cabeça, se virou e saiu da sala sem dizer mais nada.

Estouramos de rir.



57

O Seringuinha

A nossa fábrica tinha um portão, lacrado, que era usado antigamente para entrada de veículos de carga em uma doca num armazém. Essa doca, na época, servia como depósito e, agora, o portão não podia mais ser aberto. Mas, havia uma fresta de cerca de dez centímetros entre o portão e a parede, que permitia que se enxergasse quem passava pela calçada, muito movimentada, no lado externo da fábrica.

Certo dia, chega na portaria um homem, todo molhado. Estava fazendo um sol danado e o sujeito foi direto para o guarda:

- Olha aqui, a pouca vergonha - disse, mostrando a camisa toda molhada - Eu estava passando perto do portão de vocês, quando me jogaram água, aí de dentro, pela fresta.

O guarda chamou seu chefe, que pediu desculpas e prometeu investigar. Mandou alguém examinar o local e esqueceu do caso.

Quinze dias depois, uma menina, nas mesmas condições. Um mês depois, uma senhora. E, de vez em quando, aparecia alguém molhado na portaria. A coisa já estava incomodando, quando uma vítima (a nona) ameaçou chamar a polícia.

Aí, resolveram dar um basta na coisa. O único problema é que

os intervalos das molhadas eram aleatórios. Sempre duravam mais de quinze dias e já tinha havido um intervalo de cerca de 80 dias. A única característica do ataque era ser feito durante o dia.

Mesmo assim, resolveram fazer o seguinte: Fizeram uma pilha de estrados de madeira junto ao portão. Essa pilha, quase atingia o teto. Em cima dela, colocaram um colchonete de espuma. E nesse colchonete, ficou deitado, 24 horas por dia, um vigilante, de olho no portão. Do solo era impossível enxergar se havia alguém no topo da pilha. (Na época, não existiam câmeras de vídeo. Por aqui, nem aparelho de vídeo cassete havia)

Os vigilantes se revezaram ali durante 30 dias e nada. Mandaram suspender tal atividade e 18 dias depois apareceu uma negona molhada, que fez um escândalo fenomenal na frente da fábrica. Então, reiniciaram a vigília, que, depois de quase dois meses, deu resultado.

Nesse dia, o vigilante flagrou o funcionário, com uma garrafa de plástico de álcool, com um grosso bico, cheia de água, dando um potente esguicho num transeunte.

A identidade do funcionário - Edmundo Almeida - espantou a chefia - era um sujeito pacato, obediente, trabalhador, elogiado por todos, evangélico, não fumava, não bebia, não farreava, casado, pai de 2 filhos, freqüentador assíduo do culto, vestindo terno e gravata e com a Bíblia embaixo do braço - enfim, seria o último suspeito a se cogitar.

Ao ser chamado tentou negar, mas ao ser levado ao local e ver a armação de estrados e o guarda lá em cima, começou a chorar e pedir perdão, dizendo que era uma brincadeira infantil e não sabia porque fazia aquilo.

Foi advertido por escrito e escapou da demissão por sua ficha exemplar. Ficou conhecido pelos colegas, daí por diante, como seringinha.



58

A Orelha de Cachorro

Jovelino era um nosso funcionário aposentado que vendia pastéis. O grosso de sua freguesia era o pessoal da fábrica, que diariamente o aguardava, às 9 horas da manhã, para degustar o gorduroso pastel (também conhecido como "orelha de cachorro", ou simplesmente "orelha").

Quando começou suas vendas, não houve nenhuma manifestação. O pessoal da área administrativa, geralmente, comprava pão com manteiga nos bares próximos para tomar café nesse horário. Uma pessoa recolhia o dinheiro, descia até a portaria e pedia a alguém que estivesse ali, do lado de fora, que fosse até um bar e trouxesse a encomenda. Nunca falhava.

Quando Jovelino apareceu, os pães foram substituídos pelos pastéis e cada um descia para comprar o seu.

Jovelino ficava na portaria, do lado de fora, por cerca de 45 minutos. Depois de alguns meses, o comércio se firmou e nesse horário havia até fila, dentro da fábrica, para comprar os pastéis, que eram entregues por sobre o portão principal. Cientes da movimentação, que poderia incomodar algum chefe, o pessoal fazia a coisa o mais rápido possível, trazia dinheiro trocado, sacolinha, tudo para agilizar a operação.

Essa era também a hora de se fazer café clandestino dentro da fábrica, que não dava essa regalia aos funcionários. Na oficina

mecânica era esquentada uma vasilha com cerca de 3 litros de água - geralmente no maçarico de corte oxi-acetilênico - e se usava café solúvel. Pronto a bebida, vários funcionários passavam por ali, com uma vasilha menor, que enchiam e levavam para suas seções. Paralelamente, alguém se dirigia à portaria, para trazer os pastéis. Assim, mesmo sem ser oficial, os funcionários tinham também sua pausa para o cafezinho.

Burt sabia disso e, como dissemos, não se importava com esses detalhes e não admitia que alguém o criticasse por não tentar reprimir esse hábito. Os funcionários de sua área, reconhecendo que Burt os defendia, diziam orgulhosos, quando se discutiam o caráter dos chefes: "meu chefe é estrangeiro!", numa clara alusão aos chefetes brasileiros, que, incompetentes e inseguros, a qualquer crítica reprimiam o peão de todas as formas possíveis.

Os chefes do segundo e terceiro escalão, nessa hora, subiam para o escritório administrativo, onde tinham o direito de compartilhar do café servido no local. Aí, aproveitavam também para adquirir e degustar a preciosa orelha. Jovelino ria à toa, pois estava ganhando com os pastéis bem mais do que retirava com a aposentadoria; porém, alegria de pobre dura pouco.

O gerente estrangeiro que dirigia a fábrica foi substituindo. Burt foi transferido juntamente com o gerente de recursos humanos. Em seu lugar, foram colocados chefetes brasileiros, vindos de postos mais baixos, sem competência para assumir o posto e promovidos por puxa-saquismo explícito.

A filosofia dos diretores da empresa - agora também quase todos brasileiros - era que, em postos de comando, compensava mais a fidelidade irrestrita de um incompetente puxa-saco, que a competência de alguém independente. Logo que assumiram, tomaram a primeira providência: proibir a compra das orelhas. Quem fosse flagrado nessa compra, sofreria sérias sanções.

Dava tristeza ver o coitado do Jovelino, chegar com sua cesta cheia e ficar na calçada, parado, vendendo um ou outro pastel a algum passante.

O pessoal da área administrativa começou então a pagar por mês. Jovelino embrulhava os pastéis e deixava o pacote fechado na portaria endereçado ao escritório. Os vigilantes, ajudavam e pediam ao primeiro que para lá fosse, que levasse o pacote.

Assim Jovelino continuou com sua venda, porém, sem o pessoal da fábrica, a queda foi desastrosa e em breve ele parou com a atividade.



59

O Roubo-I

O comprador se espantou quando pegou uma requisição de compra: duas dúzias de rolinhos suporte de papel higiênico.

Chamou o responsável pela requisição e perguntou:

- Tá construindo, mano? Prá que tanto rolinho assim?

- Sabe o que está acontecendo, Zé - respondeu o encarregado da limpeza - É que esta noite, roubaram todos os rolinhos de todos os banheiros, inclusive os femininos. Vamos ver se a gente pega esse ladrão.

O comprador achou engraçado e fez a compra.

Meio ano depois, a mesma situação. Fizeram de tudo, mas não conseguiram descobrir quem fez a safadeza.

Quando me desliguei da empresa, já tinham sido 3 vezes que fizeram o mesmo tipo de roubo, sem que se descobrisse o autor da façanha.



60

O Roubo-II

O encarregado da produção estava todo orgulhoso. Tinha chegado e estava sendo instalado um belo armário, medindo 60x40x15 cm, que ele havia projetado para guardar objetos para fazer limpeza química de sua área. Todo em esquadria de alumínio, ficou lindo, depois de pendurado no local escolhido.

Mas, assim como ele, a peãozada também achou o armário uma beleza e muitos estavam imaginando como ele ficaria bem melhor se estivesse instalado nas suas respectivas casas.

Como, sempre tem um mais ousado, em 15 dias o armário desapareceu. A princípio, julgou-se que o mesmo tinha sido retirado por alguma equipe de manutenção e enquanto se verificavam esse fato, decorreram-se alguns dias.

Finalmente, chegaram a terrível conclusão: foi mesmo roubo! Isso movimentou a chefia, pois espantados com o tamanho da peça, começaram a ficar preocupados com o possível sumiço de materiais mais valiosos. Assim, a segurança foi reforçada e a vigilância sobre veículos que entravam e saíam se tornou crítica.

Aqui sou obrigado a abrir um parênteses. Apesar de todos os meus esforços, de chamadas ao bom senso, de exposição de argumentos vários, a gerência nunca quis acatar meu conselho

de fazer revista nos carros dos chefetes (2º e 3º escalões) que tinham acesso livre ao interior da fábrica inclusive aos sábados, domingos e à noite. Assim, havia um enorme furo no sistema de segurança da fábrica, mas isso é para outra ocasião...

Voltando ao armário, depois de algumas semanas de estudos, verificou-se que o único meio da saída do armário seria através dos sucateiros que compravam papelão, sucata de plástico e ferrosos e retiravam a lavagem do restaurante.

Assim, como no caso do seringuinha, foi colocado um vigilante, escondido a cerca de 100 metros do depósito de sucatas, que com um binóculo vigiava constantemente a área.

No terceiro dia, foi descoberto o sistema, quando ele flagrou um funcionário, trazendo um carrinho repleto de sucata de papelão, passar junto de um latão de 200 litros, cheio de lavagem do restaurante e jogar dentro dele um objeto.

Rapidamente, correu até lá, deteve o funcionário e chamou ajuda. Ao se esvaziar o latão verificou-se que o objeto era uma ferramenta (uma chave inglesa - 8", marca Stanley), muito bem acondicionada, para não se sujar de lavagem.

Foi assim que saiu o armário e sabe-se lá o que mais. O funcionário foi demitido, mas não foi lavrada ocorrência policial.

O sujeito que transportava a lavagem, jurou e jura, que nunca achou nada dentro dos latões, a não ser a lavagem. Como não se

pode provar que isso era mentira, decidiram mantê-lo nessa coleta.

Mas, continuaram a sair objetos da fábrica.....



61

O Salgadinho da Discórdia

O novo chefe da área administrativa era o Summit. Dizem que junto com sua promoção veio também a ordem de acabar a bagunça no escritório administrativo.

Assumindo as funções, Summit verificou que não podia detectar qualquer bagunça naquele setor. Tudo corria bem, a equipe era boa e a produtividade ótima. A não ser pela movimentação que ocorria na hora do café às 9 da manhã. A copeira servia o café e todos paravam para comer pão ou o famoso pastel.

Ele foi um dos que lutaram para acabar as vendas na portaria e, com a proibição, agora somente comia quem trazia algo de casa. E isso ninguém fazia, e o pessoal, que geralmente também não tomava café pela manhã, ficava estalando de fome. Summit estava, pois, tranquilo e pensava que seus problemas tinham terminado.

Esmeraldo farejou um bom negócio se ocupasse o lugar de Jovelino. Desse modo, anunciou a todos que iria trazer salgadinhos finos para vender na hora do café. Os famintos apoiaram imediatamente a idéia e ficaram aguardando o dia da estréia.

No dia certo, às 9 horas, vimos a empregada de Esmeraldo aparecer na portaria, com um pacote muito bem feito. Dentro, um recipiente com tampa hermética contendo 50 salgadinhos. Cada dia era um tipo: coxinhas, rissoles, pasteis, esfihas, empadas e quibes.

Esmeraldo recebia uma ligação da portaria dizendo que havia uma encomenda para ele. Ele ia lá pegava o embrulho e colocava o recipiente dentro de sua primeira gaveta. Devido ao seu tamanho, a gaveta não podia ser fechada, mas dava para disfarçar.

Atraídos pelo cheiro - sim, assim que se abria o recipiente, o ar condicionado central aspirava o aroma e o distribuía para todo o prédio administrativo - logo a freguesia chegava, encostava na mesa enfiava a mão no pote e retirava o petisco, sempre sob as vistas de Esmeraldo, que anotava cuidadosamente a quantidade, para cobrar no fim do mês. Resultado: a romaria das 9 horas era agora para a nossa sala.

Um belo dia, Summit querendo sacanear seu pessoal, um pouco antes das 9 horas entrou em nossa sala e começou a jogar conversa fora com Livramento.

O tempo passava, a encomenda de Esmeraldo chegou e o Summit nada de ir embora. Logo aparece o primeiro freguês, funcionário de Summit, que ao vê-lo ali, dá meia volta e retorna depressa. Summit percebe e começa a sorrir disfarçadamente.

Esmeraldo preocupado recebe um telefonema. O vigilante, já sabendo e sendo também freguês, só falava uma palavra:

- *Chegou!*

Esmeraldo fica mais preocupado ainda. Summit percebe seu embaraço, sorri abertamente e alonga mais a conversa com Livramento.

Esmeraldo, desesperado, vai até a mesa de Jonilson e fala baixinho:

- *Esse filho da puta quer sacanear meu negócio. Jonilson, faz um favor. Vai até a portaria, pega a encomenda, um bloco de papel e caneta e leva para a sala de depósito de publicações no último andar. Depois avisa ao pessoal que cada um deve retirar o que quiser e anotar a quantidade no bloco. Self-service, morou?*

Jonilson, que adorava uma sacanagem, logo concordou e avisou ao pessoal. Em dez minutos voltava à sala e fez um sinal de positivo. No corredor, o pessoal do Summit se movimentava para chegar ao depósito e pegar o lanche.

Eu e Esmeraldo, começamos então a puxar conversa com Summit, que sem desconfiar de nada, sentou-se à mesa para melhor papear, crente que nesse dia a venda fora frustrada.

Depois de alguns minutos, o ambiente foi invadido - trazido pelo ar condicionado - pelo inconfundível cheiro dos salgadinhos. Esmeraldo, no meio da fala, deu um sorrisinho maroto, que alertou Summit. Este parou um pouco, sentiu o

cheiro, olhou para Esmeraldo - que, rindo sem motivo, não podia se controlar - percebeu que nós o estávamos fazendo de trouxa e que os salgadinhos já tinham sido distribuídos. Fechou a cara, levantou-se e saiu sem dizer mais uma palavra.

A partir daí, o self service funcionou, nunca ninguém deu calote e Esmeraldo estava todo feliz. Um mês depois, Ramalho, o chefe de recursos humanos chama Esmeraldo em sua sala.

- Esmeraldo - começou ele - você é um cara que a empresa reconhece como altamente competente, além de já contar com mais de 20 anos de serviço. Assim, ninguém pensa em atrapalhar sua vida, mas, esses seus salgadinhos vão te prejudicar. Veja bem, que não estou mandando nada nem pedindo nada. Só vou lhe dizer que a chefia está dividida entre aqueles que querem acabar com essa venda e aqueles que não se importam com ela. Eu e seu chefe não nos importamos. Eu até como e posso dizer que são muito bons. Mas, outras pessoas fazem pressão constante para pôr fim nisso. Para não haver constrangimento de alguém ordenar o fim desse comércio, sugiro que você pare com ele, espontaneamente. Você ganha bem, salário maior que chefe de 3º. escalão, e portanto não precisa desse dinheiro. Pense nisso.

Nesse mesmo dia, Esmeraldo ligou para todos os seus fregueses, informando o fim da comilança.



62

O Jogo

Jonilson estava impossível. Só vivia duro, gastando todo o seu salário em futilidades. No meio do mês já estava tentando fazer vale com os colegas. Claro que ninguém mais emprestava, pois tinha arranjado a fama de péssimo pagador.

A loteca tinha acumulado e todos estavam fazendo uma fezinha, pois era o último dia. Até Livramento, que era extremamente “controlado” resolveu entrar na onda e fez também um jogo.

Jonilson, sem dinheiro, não queria ficar de fora e se encostou na mesa de Esmeraldo.

- Me arranja um volante aí – pediu ele

Esmeraldo, que estava preenchendo os seus, passou um para ele. Jonilson preencheu e ficou em sua mesa calado.

O dono da loteria passava na portaria, pegava o jogo de todo mundo e no outro dia trazia os comprovantes e recebia o dinheiro. Zazá passou recolhendo os volantes.

Esmeraldo, estranhamente, não deu os dele. Jonilson igualmente.

- *Que houve, Esmeraldo?* – perguntou Livramento

- *Vou mandar meu menino fazer esse jogo hoje à noite* – falou Esmeraldo com uma voz abafada.

- *Boa, Cabreiro* – entrou Jonilson, rápido – *Então manda ele fazer este meu joguinho também.*

Esmeraldo olhou para ele, deu um sorrisinho.

- *Mando sim, Jonilson. Cadê o dinheiro?*

- *Cê sabe muito bem que tô duro! Mas, assim que receber te pago. Cê me conhece, né...*- falou com a maior cara de pau

Esmeraldo riu abertamente enquanto pegava o jogo. Eu e Livramento não conseguimos entender esse gesto de bondade e pensamos que Esmeraldo estava delirando. Jonilson voltou para sua mesa, com um sorriso de jacaré.

Dia seguinte, Zazá, na hora do café recolhe o dinheiro para pegar os jogos já feitos na portaria. Aí, Jonilson se lembra do seu.

- *Legal, heim turma. Cabreirito, fez os jogos?* – falou todo contente se virando para a mesa de Esmeraldo

Esmeraldo estava calmo demais. Santana, largou a xícara e olhou para nós. Regard olhou para Esmeraldo. A sala ficou em silêncio. É agora, pensei eu.

- *Fiz sim!* – respondeu Esmeraldo com uma ponta de sorriso no rosto

- *Pode me dar o meu?* – Jonilson falou super desconfiado, enquanto sentia o clima de picadeiro da sala

- *Jonilson, tenho que te contar um fato* – começou a enrolar Esmeraldo

- *Ai, ai-ai, ai-aiiiii* – Jonilson gemeu, já com certeza que ia levar uma rasteira

- *Sem sacanagem!* – Esmeraldo não conseguia conter o riso - *Quando cheguei em casa, os cunhados estavam lá (Aninha tinha 3 irmãos e uma irmã) e tive que comprar uns badulaques para o lanche e gastei quase tudo que tinha. Quando mandei o menino fazer o jogo, vi que a grana só dava para fazer quatro. E contando com o seu, eram cinco. Aí, para ser justo, falei com ele: Pega esses cinco jogos e embaralha. No caminho, sem olhar, rasga um....*

- *Já sei* – atalhou, quase gritando, Jonildo, cinza de ódio – *rasgou o meu!*

A gargalhada na sala foi geral, Esmeraldo ria abertamente e tentou explicar:

- *Foi sorteio....*

Não concluiu, pois ninguém conseguia parar de rir e Jonilson se retirou da sala tremendo de raiva.



63

A Conquista de Jonilson

Esmeraldo tinha uma grande “clientela” entre enfermeiras. Não conseguimos descobrir como conseguia esse fã-clube, mas ele telefonava para várias delas, nos dois principais hospitais da cidade.

Certa vez, iniciou um romance com uma delas. Primeiro foram longos telefonemas, depois saídas para curtir barzinhos e por fim encontros amorosos. No primeiro mês, só falava com Rosa. Não atendia as ligações das outras.

Porém, conta-nos Jonilson, a moça queria compromisso e assim que desconfiou das intenções dela, Esmeraldo começou a afastar-se.

Uma característica nos rompimentos de Esmeraldo é que ele movia céus e terra para fazê-los de forma amigável. Jamais brigava ou discutia. Fazia absoluta questão de sair de cena, ganhando uma amiga. Mesmo porque, dizia ele, nunca se sabe o dia de amanhã.

Por falar em Jonilson, foi Rosa quem pediu a Esmeraldo que arranjasse uma companhia para uma colega dela, Kátia, que já estava perto dos quarenta e andava muito solitária. Esmeraldo, super-atencioso, colocou Jonilson na jogada.

Assim, os dois começaram um animado namoro por telefone. Kátia, encantada pela voz e pelo modo correto de Jonilson falar se animou.

Depois do primeiro telefonema, Esmeraldo chegou no outro dia todo animado:

- *Jonilson, cê tá com sorte. Fiquei sabendo que a “gazela” está de asa caída* – falou ele rindo

Jonilson esfregou as mãos e tocou o barco para frente. Assim correu a semana. Na sexta feira, tinha combinado buscá-la no hospital onde trabalhava, depois do expediente. Esse hospital ficava do outro lado de um rio e podia ser alcançado atravessando-se uma ponte de cerca de 200 metros.

Assim que acabou o expediente, Jonilson com sua melhor roupa, saiu desabalado, para não se atrasar e chegar no local na hora marcada. Porém o destino faz das suas.

Estava Jonilson no meio da tal ponte, quando desaba um aguaceiro de matar sapo. Um pé d'água violentíssimo que, em um segundo, ensopou completamente nosso herói. Sem opção, tratou de correr, sendo molhado pela água do céu e da sarjeta, jogada pelos carros.

Chegou ao hospital molhado, enlameado e cansado. Dirigiu-se á portaria sujando o chão por onde pisava e perguntou por Kátia. A atendente ligou e disse para ele aguardar que ela já vinha. A moça veio, sem uniforme, de bolsa e falou algo com a atendente

que apontou para o ensopado. Diz Jonilson que a atendente estava com um sorrisinho nos lábios.

A moça veio ao seu encontro.

- *Você é o Jonilson?* – perguntou séria

- *Sou!* – Jonilson arreganhou os dentes – *Você é Kátia, certo?*

- *É, sim. Parece que tá chovendo. Onde está seu carro?* – perguntou ela

- *Vou chamar um táxi* - desconversou ele

- *Péra aí, então, que vou buscar uma coisa que esqueci lá dentro* – disse Kátia, entrando no corredor do hospital

Jonilson ficou ali parado, por cinco, dez, quinze, vinte minutos. Estava estranhando aquilo, quando a atendente bateu no vidro.

- *Psiu, ei, cara!*

- *Eu?* – perguntou Jonilson

A moça assentiu com a cabeça. Jonilson se aproximou e ela falou

- *Acabei de receber uma ligação da Kátia. O chefe da obstetrícia precisou dela agora para ajudar num parto de emergência. Ela mandou dizer que hoje não vai dar. Certo?*

Jonilson saiu do hospital e entrou na chuva novamente. Nunca mais ouviu falar de Kátia.

Esmeraldo contou-nos depois em off.

- *Pessoal, não conta pro Jonilson mas, diz Rosa, que se eu aparecer lá, Kátia vai me capar com bisturi cego. Kátia tá pê da vida, pois ela não sabia que o Jonilson era preto. E magro, e feio, e sem carro. Ainda por cima o babaca chegou lá igual um*

pinto molhado. Devia estar mesmo uma figura! Kátia diz que quase desmaiou de susto quando viu ele. Parecia um cavalo véio, com aquela cara comprida e uma bocona e depois, por causa dos olhos grandes, achou que ele era um gremlin que tinha caído dentro de uma lata de tinta preta.

Todos rimos do azar do nosso mascote e Esmeraldo acrescentou:

- O pior é a gozação das outras colegas. Kátia está mesmo uma fera. Não sei porque a culpa caiu em mim. Eu só quis ajudar....



64

Natalino - I

Natale chega para mais uma inspeção. A cena se repete. Senta-se, acende o cachimbo, abre a pasta e saca mais alguns álbuns de fotografias de Natalino, que são logo passados de mão e mão. Os comentários se sucedem.

- *Ele está uma peste ! Não dá sossego a ninguém. Anda por tutti la casa. É um foguete. E la forza ? E la forza?*

- *Mas, Natale - reagiu Esmeraldo - quantos anos tem esse menino?*

- *Que anni? Que anni? - esbravejou Natale - Tem onze "mês", capisce, onze "mês"!*

- *Essa não - duvidou Esmeraldo - Aí, Livramento! O moleque só tem onze meses e já anda por toda a casa!*

- *Essa não, Natale - Livramento fazia cara de sério - Vamos pechinchar um pouco e você retifica essa história.*

- *Que retifica, que nada! É a pura verdade. Essa semana mesmo, tive que comprar uma televisão nova. - Natale nunca perde a discussão*

- *É? Por quê? - perguntou Esmeraldo*

- *Natalino quebrou a velha* - falou calmamente Natale, enquanto limpava as unhas

- *Essa não, Natale* - falou Livramento - *Vai dizer que você comprou uma TV nova porque o Natalino quebrou um botão?*

- *E quem que falou em boton aqui ? Hem? Que boton? Que boton? Quebrou tutti TV. Toda. Jogou ela no chão. Não deu prá aproveitar nada.* - Natale aumentou o tom de voz

- *Com onze meses ?* - se espantou Esmeraldo - *Essa não !*

- *"Ma", io tô te contando* - resistiu Natale - *O moleque tem forza. Molto. Puxou o fio do estabilizador, que ficava no chão e a TV veio abaixo. É vero! Vocês é que não conhecem Natalino!*

A sala se transformou num tumulto, nós duvidando e Natale sustentando a discussão com veemência italiana.



65

Natalino - II

Natalino cresceu, estava agora com cinco anos.

Nós esperávamos a visita de Natale, para colocá-lo na roda e fazer com que contasse os exageros de sempre.

- *E aí, Natale* - iniciou Esmeraldo - *Como tá a família?*

Natale, estava fazendo um relatório em nossa mesa, parou, descansou a caneta e disse:

- *A família va bene, bene demais, até. Natalino está me preocupando. Anda impossível. Sempre que chego a casa, a mãe vem me contar o que ele apronta. Não é prá qualquer um não.*- Natale fingiu preocupação

- *É mesmo?* - perguntou Livramento - *Que que ele anda aprontando? Já tá comendo a empregada?*

- *Quase isso, quase isso* - respondeu Natale, aparentemente sem notar a ironia - *Vocês acreditam que ele foge e vai para o zoológico?*

- *Vocês moram ao lado do zoológico?* - quis saber Jonilson

- *Quase. Um pouco. Duas quadras* - respondeu com naturalidade Natale - *Mas só fugir, não é nada. Ele chega lá, e vai direto para o lago, nadar.*

- *Então não é lago* - Esmeraldo riu - *É uma banheira.*

- *Vá brincando! Vá brincado! Pergunta ao piloto, (piloto do avião em que Natale viajava entre as fábricas) que também mora lá, qual é o tamanho do lago. Saiba que tem mais de 100 metros. E é bastante fundo.*

- *E o menino, com cinco anos, já nada bem?* - Livramento estava curioso

- *Nada bem? Nada bem?* - Natale se levantou e foi para seu lado - *Olhe Livramento, ele é um peixe, capisce? Um verdadeiro peixe. Belinda, outro dia, pegou ele no flagrante. Ele acabava de atravessar o lago a nado. Mas nesse dia levou uns tapas.*

- *Ué?* - estranhou Livramento - *Se ele nada bem, por que apanhou?*

- *Ora* - respondeu sério Natale - *Nadar é uma coisa. Mas atravessar o lago embaixo d'água é bem diferente. Por isso apanhou!*

Soltamos uma vaia e protestamos, mas Natale não dava atenção para a torcida.

- *Vocês não acreditam, porque são uns murrinhas. Quando vocês conhecerem Natalino, aí vão acreditar em tudo que conto.*

Sentindo que essa conversa ia render, Livramento cutucou mais:

- *E as feras? Nesse zoológico tem bicho? Não há perigo de acontecer um acidente com Natalino?*

- *Claro que tem fera - respondeu prontamente Natale - Tem leão, elefante, tigre, cobra, só fera perigosa. Mas Natalino já está acostumado e conhece tutti jaula. E digo mais, ele enche tanto o saco daqueles "bicho", que quando o leão vê Natalino se aproximando, corre para se esconder dentro de sua toca!*

Duvidamos e fizemos tanta pressão que Natale fugiu da sala



66

A Falha da Avó

Jofre Lagos era de Minas Gerais, da zona rural de uma cidadezinha do interior. Aprendeu a ler sofrivelmente à duras penas e, pulando de emprego e de cidade acabou em São Paulo, onde trabalhou na Companhia de Trolebus da Cidade. Tornou-se um prático em eletricidade e, mesmo com imensas dificuldades de leitura, conseguiu ser encarregado de turma. Foi contatado por nossa empresa em São Paulo e veio dar com os costados aqui.

Sua característica era ser direto, duro e sem qualquer traquejo social. Se achava alguém feio, dizia isso na cara e na frente de outras pessoas. Se achava que alguém tinha mau hálito, observava sem a menor cerimônia: “*Puxa, você está com um baita <bafo de jaula>*”. Ou: “*Fulano fecha o zíper da calça, senão o passarinho foge*”, para a pessoa, que sendo alvo de risada geral, constrangida, apressada tratava de cumprir a ordem.

- Veja se não tenho razão – explicava ele - Faço isso com a intenção de ajudar a pessoa. Todos são hipócritas, vendo o sujeito com uma meleca no nariz ou com uma casca de feijão preto no dente e, ao invés de avisá-lo, ficam disfarçando, fingindo que nada está acontecendo. Depois, fazem piada do infeliz. Isso eu não admito e aviso na hora. Todos deviam é me agradecer por isso.

- *É, por esse ponto de vista, até que você tem razão – disse eu – acontece que a maioria das pessoas não entende a coisa desse modo.*

- *É verdade – disse ele – minha mulher mesmo, quando perguntava o que eu queria para o almoço eu sempre respondia: “comida”. Um dia ela se revoltou, dizendo que eu era grosso. Mas, realmente, a minha intenção era elogiá-la. Isso significava que qualquer coisa que ela fizesse estava bom para mim. Acho que ela não entendia.*

E assim se passavam os dias. Serapião, para variar, perseguia implacavelmente Lagos, pois queria, de qualquer forma, que ele fosse transferido. Por sua sinceridade e independência, não podia se enquadrar na equipe de puxa-sacos que Serapião estava agrupando em torno de si. Ele era chefe do terceiro escalão e um bom profissional. Não era possível demiti-lo.

Mas, Lagos não era bobo. A casa que foi reconstruída com material e mão de obra da fábrica (ver “A Viuva Paga II) era dele e a “ajuda” da viúva foi coordenada por ele e por todos da área técnica (com exceção de nós e Serapião). Lagos também era muito considerado pela peãozada, primeiro, porque falava como eles e segundo porque era um dos que retirava pequenos objetos feitos nas oficinas (isso é assunto para outra história)

Certo dia, Serapião passou dos limites e, dentro da sala de Lagos, o enfureceu de tal maneira que este pegou uma cadeira para atingi-lo. Ao ver que seria alvo de uma cadeirada, pulou

para trás, derrubando a sua cadeira e fugiu correndo da sala. Três eletricitistas viram a cena pelas janelas de vidro. Ao notar isso, Serapião se compôs, parou de correr, mas escapou rápido da oficina, enquanto Lagos era contido pelos funcionários.

Lagos estava nos contando essa história, rindo.

- *Perdi a cabeça com esse corno. De repente tudo ficou escuro e só me vi segurando a cadeira no alto, enquanto ele fugia. Larguei a cadeira e corri atrás, mas me seguraram. Porém valeu a pena.* – falou

- *Por que?* – perguntei.

- *Porque descobri como lidar com essa ameba.* – todo mundo riu – *Depois disso, Serapião ficou cortês como uma dama, parece um velho amigo. Ele é um cagão, um medroso e covardão. Quando sofreu uma ameaça à sua integridade física, botou o galho dentro. Portanto é só falar grosso que ele põe o rabo entre as pernas.* - e continuou, ficando pensativo – *Esse traste foi o único que contradisse minha avó.*

- *Como assim?* – perguntou Livramento

- *Minha avó* – explicou ele – *era analfabeta, e a gente morava no meio do mato lá no interior de Minas. Não tinha luz elétrica, nem rádio, nem água encanada. Mas ela era esperta e vivia fazendo frases. Uma delas é que "só se conhece mesmo uma pessoa, depois de se comer junto com ela, uma saca de sal".*

- *Não entendi.* – disse Esmeraldo
- *É simples. Como é que você come sal?* – perguntou ele.
- *Com a boca.* – sacaneou Esmeraldo.
- *Tu “é” um babaca* – Lagos riu – *Tô perguntando a quantidade de sal que cê come, palhaço!*
- *De 2 a 5 gramas por dia.* – respondi
- *E quanto tem uma saca de sal?* - perguntou Lagos
- *Sessenta quilos* – dissemos os três.

- *E quanto leva para duas pessoas sozinhas comerem a saca de sal, nessa base?* - continuou Lagos

- *Num cálculo rápido* – disse eu – *de 20 a 25 anos.*

- *Essa é a verdade. Somente depois desse tempo é que se pode dizer que se conhece uma pessoa. Minha avó nunca tinha errado, até agora* – disse Lagos – *pois, no caso desse aborto da natureza, seu ditado não se aplica.*

- *Por que?* – perguntamos

- *Porque ele é tão asqueroso, tão sacana, tão filho da puta, que para se “conhecer bem ele”, bastam apenas 20 minutos* – conclui Lagos irritado.

Mais uma vez, a lógica caipira de Lagos estava absolutamente correta.



67

Eles Não Valem Nada

Evaldo era filho do diretor de RH da Empresa. Paulistano, engenheiro recém formado, foi colocado como assistente de Serapião. Baixinho, nós o chamávamos de “Valdinho” e chegou na mesma época de Clemente.

Esmeraldo estava precisando de um auxiliar pois estava sendo instalada uma nova linha de fabricação. Para resolver o problema contrataram um desenhista terceirizado, o Clemente.

Ele era um negão alto, forte, quase cego de um olho, calmo, quieto, ingênuo, sem quase nenhum conhecimento geral, não articulava bem as palavras e bebia muito. E, bom desenhista, havia sido colega de Esmeraldo em outra empresa.

Logo nos acostumamos com o jeitão de Clemente. Chegava de manhã, se posicionava atrás de sua enorme prancheta e passava o dia inteiro silencioso, trabalhando. Escutava nossas conversas e em raras vezes se intrometia nelas. Geralmente só fazia isso quando era interpelado. Frequentemente nós nos esquecíamos dele, pois a prancheta o encobria e não o víamos, nem ele a nós.

Com tempo, notamos que ele falava aos trancos, precisando de algum tempo para encontrar a palavra certa para compor as frases. É aquele famoso “ééééé” que muita gente coloca em

sua fala enquanto procura mentalmente a palavra. Quando parava nessa procura, Clemente não emitia “ééééé”, mas sim uma série de grunhidos e ganidos, semelhante a um cachorro pequeno, quando chora com fome.

Certo dia, ao chegar, estava com os olhos avermelhados. Livramento perguntou:

- *Tá passando bem, Clemente?*

- *Ihn, ihh, ihh,ihh, Mais ou menos – guinchou ele – Ontem bebi um café de garrafa térmica que está me fazendo mal...*

- *Mudou de nome – riu Esmeraldo – Então a bebida que faz mal é café de garrafa térmica?*

- *Não é cachaça, não, ihh, ihh, ihh – guinchou Clemente – Tô ruim do estômago, ihh, ihh, ihh,ihh, é café velho mesmo que faz mal.*

Rimos e deixamos Clemente curtir sua bebedeira em paz. O tempo passa e Clemente, agora se acostumou a emitir opiniões, bem curtas, sobre o assunto que está sendo comentado na sala. E, fazia isso, sem sair de trás da prancheta e sem aparecer. De vez em quando se ouvia seus guinchos e sua voz, lá de seu canto, escondido, como se fosse um fantasma, metendo a colher na conversa.

Certo dia, o assunto gira em torno de um conhecido que trabalha em outra empresa. Nesse momento, sem dizer palavra, Valdinho entrou e se agachou junto a um armário para procurar um documento.

- *Existe gente boa e ruim em toda a parte – fala Livramento – A pessoa tem que dar sorte de não pegar um chefe ruim*

- *É mesmo – confirma Esmeraldo – Nós pegamos uns caras bens safados, não é Clemente?*

De trás da prancheta, sem ver quem estava na sala, Clemente soltou um guincho e falou demais, espantando a todos.

- *Nossa mãe – disse ele – Ter chefe ruim é um tiro no saco. Porém o pior é quando o chefe é paulista. Ô raça maldita. Não tem nenhum que preste. Paulista é a pior gente do mundo. Eles não valem nada...*

Ficamos paralisados e Clemente falou tão rápido e articulado que não deu tempo de avisá-lo que Valdinho estava ali.

Este levantou-se e falou calmamente:

- *Clemente, eu sou paulista.*

Clemente, levantou-se como um raio e olhou por cima da prancheta e deu de cara com Valdinho.

- *Não, ihn, ihn, ihn, Valdinho – Clemente guinchava e gania como um cão espancado – Ihn, Ihn, Ihn, fora você, ihn, ihn, ihn, ihn, não quis dizer, ihn,ihn,ihn, ruim de tudo, ihn, ihn,ihn...*

A situação era cômica. Clemente se atrapalhava para pedir

desculpas e não conseguia articular uma frase. Guinchou tanto que fomos obrigados a rir de sua aflição.

Valdinho, também rindo, espremeu mais o coitado:

- É bom eu saber que você pensa assim. Mas, você está errado. Existem paulistas bons.

Nós continuamos rimos, Valdinho saiu sorrindo da sala, enquanto Clemente se sentava em sua banqueta quase chorando, guinchando como nunca.

- Ô Clemente! – observou Livramento – A vida é assim mesmo. Perdeu uma boa ocasião para ficar calado. Quando você consegue falar uma frase inteira de modo normal, fala o que não deve.

Clemente grunhiu mais ainda, sem ter condições de falar. E turma toda rindo de sua desgraça.

Depois desse dia, cachorro mordido de cobra tem medo de lingüiça, Clemente sempre saía de trás da prancheta e examinava bem a sala, antes de falar.



68

A Venda dos Títulos

Um dos mais extraordinários bajuladores que encontrei foi Francirosa. O sujeito excedia no puxa-saquismo explícito, que praticava sem pejo pública e abertamente. Existe um ditado popular que diz que “quem nunca comeu melado, quando come se lambuza”. Ele se aplica principalmente a novos ricos que, com dinheiro, mas sem cultura tentam demonstrar alguma *finesse*.

Francirosa porém não tinha dinheiro e tentava aparentar não só o que não tinha, como também que era fino e culto. Era o típico que come angu e arrota caviar.

Acontece que sua cultura se resumia em andar com roupas razoáveis e simular ser rico. Gostava de usar cinto combinando com os sapatos e descia as calças para que víssemos que a cor de sua cueca combinava com a cor das meias. Isso fazia de manhã, quando nos visitava em nossa sala.

- *Hoje estou calçando sapatos de couro de jacaré* – dizia ele, nos mostrando os pés, sem que pedíssemos – *Vejam o cinto. Idêntico. Aprendam, ralé.*

Diante disso, todos se faziam de humildes e pediam “conselhos”

como se vestir bem, que ele fornecia, dando uma aula de mais de dez minutos.

Esmeraldo ficava com um sorriso irônico e Livramento pedia detalhes sobre o couro de jacaré. Ele percebia que estávamos nos divertindo à sua custa, mas não dava o braço a torcer.

- *Vejam o requinte – mostrava a cueca – Olhem agora as meias. São da mesma cor.*

Depois nos deixava rumando para seu trabalho. Na hora do almoço, a cena se repetia. Estávamos na sala, batendo papo, aguardando a hora de reiniciar o trabalho, quando chegava Francirosa.

- *Gostaram do bandejão de hoje, seus pobres? – dizia ele com ares de superioridade – Adivinhem o que almocei.*

Cada dia era um prato: camarão com catupiry, bacalhau a Zé do pipo, filé a Chateaubriand, lagostas *au vin*, etc.

- *Qualquer dia destes almoço aqui com vocês – dizia, como se estivesse sofrendo – estou enjoado de camarão...*

- *Quem é que faz essas comidas? – perguntou Esmeraldo – Tua mulher também trabalha fora...*

- *Claro que não tenho cacife para esses banquetes – respondia ele, com falsa modéstia – sempre almoço na casa de meu cunhado.*

Esse tal cunhado havia acertado na loteria esportiva e era o sustentáculo de Francirosa, que puxava seu saco, até mesmo fora de sua presença. Todos sabiam que os tais almoços eram fanfarronadas e nos divertíamos ouvindo as descrições dos cardápios.

Por outro lado, profissionalmente, Francirosa era um desastre. Um autêntico zero à esquerda. Sabedor disso, colocava todas as suas energias na bajulação.

A empresa tinha um clube para seus funcionários. Em todas as fábricas esse clube era no terreno da empresa e mantido por ela. Menos na nossa, cujo clube foi comprado pelos funcionários e, originariamente numa fazenda, hoje estava encravado no bairro mais luxuoso da cidade, valendo, por baixo, 3 milhões de reais.

A empresa que não é boba, quis anexar esse patrimônio e para isso queria que os funcionários DOASSEM o clube a ela. Acontece que ainda havia empregados que tinham comprado o terreno, como Livramento.

- Não vou doar em hipótese nenhuma. Isso é um absurdo: o mais fraco sendo obrigado a doar para o todo poderoso. Durante dois anos foi descontado em meu contracheque um valor razoável para pagar esse terreno, que me fez muita falta. Comprei e não vou doar.

Livramento estava fulo de raiva. Nós também, pois para cada benfeitoria feita no clube, éramos obrigados a comprar títulos

patrimoniais, que passavam a ser descontados em folha, às vezes, por vários anos seguidos.

A decisão da empresa de tomar o clube foi passada aos funcionários pelos chefetes, que se esforçavam para “convencer” o pessoal da doação. Acontece que, para que fosse legal, a doação deveria ser por unanimidade. Se houvesse um funcionário contra, o negócio não poderia se realizar. Diante disso, as pressões foram intensas e, quando perceberam que quase todos estavam “convencidos”, marcaram uma assembléia geral no clube, com a participação de representantes do departamento jurídico da empresa para sacramentar a doação.

Chegou o dia. Todos foram convocados para a assembléia geral. Na fábrica ficaram apenas os que faziam serviços essenciais. Quem estava de folga também foi obrigado a comparecer. O salão do clube ficou repleto. Não cabia mais uma mosca. No palco, os representantes do departamento jurídico, o presidente do clube e Livramento, como representante do sindicato. Em uma palhoça, no lado de fora, Misael, que era o gerente da fábrica, ficou sentado, acompanhado de meia dúzia de puxa-sacos, esperando o término da reunião.

O diretor jurídico fez uma longa explanação, dizendo que a empresa não mais disponibilizaria verba para pagar as taxas do clube (luz, água, IPTU) e que, com isso, o mesmo entraria em falência.

Acontece que as pessoas que moravam no bairro, todas com alto poder aquisitivo, viviam solicitando que abrissemos o

quadro de associados para elas, o que poderia ser a fonte de renda salvadora. A empresa discordava disso veementemente e somente pagava as taxas receando que a diretoria do clube tomasse tal atitude.

Por outro lado, quando fui vice-presidente do clube, uma famosa empresa de construção ofereceu um valor estonteante pelo clube, para construir no seu campo de futebol um conjunto de três torres de apartamentos, aproveitando sua piscina quadras, salão de festas e churrasqueiras para compor o pacote.

Francirosa sabia da nossa intenção de não doar e assim que o diretor terminou seu discurso amedrontador, pediu a palavra. A platéia se voltou para ele admirada.

*- Nesse momento crítico – falou ele em alto e bom tom – não há possibilidade de se negar as verdades que o nosso ilustre diretor acabou de demonstrar. A salvação do nosso clube somente se dará por um único caminho: a doação dos títulos patrimoniais à nossa querida empresa que, vem, ano após ano, dispensando pesadas verbas para a sua manutenção. Se existir alguém entre nós que seja contrário a essa medida, na certa é uma pessoa terrorista que quer nosso mal e a desgraça do clube. Eu quero afirmar, diante de todos os funcionários da empresa aqui reunidos que desejo e **VOU DOAR** meus títulos. E digo mais: se por acaso a empresa quiser comprá-los **EU VOU RECUSAR-ME A RECEBER DINHEIRO DELA** e continuarei no firme propósito de fazer tal doação.*

Houve um silêncio geral de constrangimento. A grande maioria

estava ali, aceitando doar seus títulos, sob ameaças dos chefetes, com receio de prometidas demissões ou perseguições.

O diretor agradeceu o “apoio” e perguntou se mais alguém queria se manifestar. Ninguém apareceu. Então fez a famosa pergunta:

- Vejo que todos aqui entendem a posição da empresa. Os que são contrários à doação queiram se manifestar.

Dizendo isso, em tom de vitória, obrigava o sujeito a se declarar abertamente. Ele acreditava que ninguém apareceria.

- Eu sou contra – Livramento, ao lado do diretor, na mesa do palco, se manifestou.

Contou como teve as mensalidades descontadas em sua folha de pagamento para comprar o terreno do clube e como era descontado sempre que se faziam melhoramentos (construção de churrasqueiras, quadras, sede, piscina, campo de futebol, etc). Quando Livramento terminou o silêncio era sepulcral. Intimamente, todos vibravam de contentamento.

- Quero advertir que, por força de lei, se houver uma única pessoa contra, a doação não poderá ser feita e a empresa vai cortar as verbas que destina à manutenção desse clube. Existe mais alguém contra? - o diretor continuava ameaçador.

- Eu – dizendo isso, me levantei – *Sou contra pelos mesmos motivos explicados por Livramento e acho que o clube não vai acabar. Se ficarmos inadimplentes, vamos abrir o quadro para*

associar terceiros – todo bairro aqui quer ser sócio – e vamos ter verba sobrando. Garanto que o clube não falirá. Proponho que a empresa COMPRE os títulos dos funcionários, mesmo que seja por um valor simbólico. Nesse caso concordo em VENDER meus seis títulos

O diretor me fuzilou com o olhar. O silêncio continuava pesado.

- *Mais alguém?* – perguntou com voz arrastada.

Ninguém se moveu, enquanto o diretor percorria o salão como olhar.

- *Dessa forma, dou por encerrada a reunião, não haverá a doação e vou levar a proposta do “amigo” para a diretoria. Porém que ninguém estranhe se, de imediato, a empresa cortar a verba destinada a esse clube - encerrou ele.*

Todos saíram comentando os acontecimentos. Notei que vários funcionários, entre eles Francirosa foram até a palhoça confabular com Misael.

No outro dia, ao percorrer a fábrica, quase não podia andar, pois era parado a todo instante para ser cumprimentado pelos funcionários, que entre doar e vender seus títulos, escolhiam a última opção.

Um deles me disse:

- *Você sabia que quando acabou a reunião, vários puxa-sacos cercaram Misael para endossar sua vontade de doar os títulos*

e criticar você e Livramento. Um deles, o Ezequiel (funcionário recalcado e invejoso do escritório administrativo) falou assim sobre você: “Ô Misael, por que vocês não demitem esse cara sumariamente? Ele é uma pedra no sapato da empresa e só quer sabotá-la”

Ao ouvir isso fui até a sala de Misael.

- Estou sabendo que estão pedindo minha cabeça. Quero que fique bem claro que não desejo prejudicar a empresa. Esse negócio de doar os títulos só pode ter saído da mente de algum puxa-saco que quer aparecer às nossas custas. Garanto que a matriz, se souber da coação que estão fazendo com os funcionários e da injustiça de se obrigar a doar algo que foi comprado com sacrifício, não vai aprovar tal medida.

- Não se preocupe – falou Misael, um mineirinho de mão fechada, abaixando a voz – Também tenho 5 títulos e não quero doá-los. No fundo todos gostaram da idéia de se vender os títulos.

O negócio melou e ficou em suspenso. A empresa continuou com a verba de manutenção do clube e cerca de um ano depois, veio a notícia de que iriam comprar os títulos. O valor foi irrisório, simbólico mesmo.

Passa-se o tempo e por volta de dois anos depois, quando eu já tinha me desligado da empresa, recebo um telefonema para comparecer em tal dia na empresa para resgatar os títulos. No dia e hora aprazados entro no refeitório da empresa e vejo uma

longa fila de pessoas para usufruir do resgate. Um dos primeiros era Francirosa. Fui até ele e perguntei:

- *Veio fazer sua doação?*

- *Que doação?* – disse ele fazendo-se de desentendido

- *Você prometeu naquela reunião no clube que, mesmo se a empresa quisesse pagar pelos títulos você se recusaria a receber e os doaria em quaisquer circunstâncias.*

- *Você está louco* - respondeu ele – *jamais disse isso!*

Chamei então alguns funcionários antigos que estavam na fila que, ao lembrar do fato, começaram a pressioná-lo. A fila parou para prestar atenção na celeuma.

- *É mentira* – negava o cara de pau – *Nunca prometi isso. Isso é sacanagem desse agitador e de seus amigos que não gostam de mim.*

Um dos funcionários ficou revoltado com a desfaçatez do pelego e se virou para a fila:

- *Olha aí turma* – ele falou bem alto - *A gente só está recebendo por esses títulos graças a esse cara aqui. Foi ele quem arriscou seu pescoço para obrigar a empresa a fazer a compra.*

Fui aplaudido e por deferência, quiseram que eu fosse o primeiro a receber pelos títulos.

Francirosa e Ezequiel, amuados, sem hombridade, não saíram da fila e igualmente embolsaram a quantia paga pela empresa.



69

A Sociedade

João Celestino era um dos dois lubrificadores da fábrica. O outro era o Jovelino, aquele dos pasteis. Celestino, beirando os quarenta, ficou com todo o serviço, depois que Jovelino se aposentou.

Era um crioulo boa praça, amigo de todos na empresa. Gostava de uma fofoca e dava conta de tudo o que via em suas andanças, sempre com uma engraxadeira nas mãos e os bolsos estufados com grandes pedaços de estopa.

Como um sujeito bom de conversa, não resistia a uma rodinha. Chegava e entrava nela sem a menor cerimônia e logo estava integrado ao grupo. Dessa maneira era um dos principais membros da equipe da “rádio peão”, o órgão noticioso dos empregados da fábrica que disseminava tanto notícias verdadeiras (poucas), como rumores, boatos e mentiras.

Sua função era lubrificar onde houvesse máquina que exigisse lubrificação. Toda semana ele pegava uma das 52 pastas de lubrificação onde estava o plano que deveria seguir, com o detalhe de cada ponto a ser lubrificado.

Sua rotina começava de madrugada e sua saída era por volta da 10 horas da manhã. Por volta das nove horas, nós, da administração, estávamos começando o nosso expediente,

enquanto ele já tinha acabado o seu e ficava correndo a fábrica para conversar e matar o tempo até a hora de sua saída.

Seu calvário era encontrar-se com Zazá, que, invariavelmente o cobria de cascudos e pontapés.

- “Nêgo”, “treis veiz nêgo”; “fio” de urubu com morcego! – era a saudação de Zazá

- *Zazá cabra batuta; branco viado e “fio” da puta!* - devolvia Celestino

Pareciam inimigos, mas na verdade ambos se divertiam com a situação, o que lhes dava a liberdade de um contar os podres do outro ou de um pregar peças no outro.

Um dos seus grandes amigos era Claudir, um encarregado de um setor da fábrica. Era uma amizade antiga e os dois eram sempre vistos confabulando. E um freqüentava a casa do outro.

E o tempo vai passando e chega dezembro. Passa-se o Natal e o Ano Novo e então todos notam que Celestino estava de cara virada para Claudir. Algo ocorrera na passagem de ano e os fofoqueiros da fábrica ficam doidos para descobrir o que aconteceu.

O interesse fica maior quando se nota que nenhum dos dois quer falar sobre o assunto.

- *Não aconteceu nada* – desconversava Claudir, com um sorriso safado – *O Celestino “tá” é meio pancada...*

E nada mais falava. Já Celestino, esse ficava visivelmente irritado.

- *Não aconteceu nada* – dizia sério – *E se tiver acontecido, a culpa é minha.*

Essas respostas enigmáticas acendiam mais a fogueira da curiosidade de todos. O fato é que tinham se tornado inimigos.

Mas, uma história assim é difícil de ficar escondida por muito tempo. Antes do final de fevereiro, já se contava uma versão.

- *Meu sobrinho* – dizia um dos fofoqueiros – *é colega de um sobrinho do Celestino e disse que os dois brigaram no Natal por causa de um porco.*

Essa história se espalhou pela fábrica e Celestino agora, fugia de quem puxava tal assunto. Já Claudir, sorria abertamente quando se falava em porco.

- *Sabia que o povo ia descobrir* – ria ele – *Mas não me comprometam. Não sei de nada.*

Pelas conversas de Claudir, havia mesmo um porco como pivô da discórdia. Claudir não se agüenta e cada vez dá mais pistas. Quem ia montando o quebra-cabeças, corria para Celestino e lhe perguntava detalhes daquilo que já se tinha apurado.

Celestino, aporrinhado, sabia que tinha entrado de gaiato e não queria dar o braço a torcer, passando a si mesmo um diploma de otário. Já Claudir, não queria que a história lhe desse fama de mau caráter. Ambos então a esconderam ao máximo, mas quando Celestino achou que Claudir estava deixando transparecer uma versão deturpada da história, não se conteve e soltou a língua.

Estávamos eu, Zazá, Livramento e Amanda perguntando a ele os detalhes, quando ele resolveu falar.

- No começo do ano passado, Claudir me propôs um negócio. Ele iria comprar um leitão (depois soube que o leitão foi um presente) e eu o engordaria durante um ano, com lavagem e restos de comida. No final do ano, esse que passou, ele mataria e limparia o porco, que seria dividido meio a meio, entre mim e ele.

Passei todo o ano cuidando do bicho e quando chegou dezembro o entreguei para Claudir matar e depois enviar a minha parte. O que foi feito, perto do Natal. No dia 24 de dezembro cheguei à casa de manhã e a mulher me disse que Claudir tinha deixado os pedaços de porco. Quando fui olhar levei um susto.

Claudir deixara a cabeça, o peito e dois dianteiros. “Ele deve ter se enganado” disse para minha mulher e fui falar com o safado.

“É a sua metade” falou ele. Respondi que não, que a metade seria o corte no sentido do comprimento, ficando uma banda

com ele e a outra comigo. Ou seja, cada um receberia um dianteiro, um traseiro, um lado do corpo e meia cabeça. E tinha ainda a metade dos miúdos. Do jeito que foi feito, ele tinha ficado com os dois pernis, as costeletas e os lombos.

“

O modo de cortar não ficou combinado” respondeu ele. “Portanto, nós achamos que você não se importaria se o corte fosse feito separando a parte da frente da parte de trás.” Então perguntei onde que ele tinha visto esse corte. Em lugar nenhum, em nenhum açougue se faz desse jeito e que eu me importava sim. Aí falei se ele achava esse tipo de corte justo, que trocasse comigo, ficando com a parte dianteira e me dando a parte traseira. Aí ele riu e disse que não se importava de trocar, mas que havia um pequeno problema.

O porco fora morto há dois dias e já tinham comido os pernis, os lombos e os miúdos. Desse modo, não dava mais para trocar. Vi que era mentira, mas tive que me conformar.

Zazá, ao ouvir isso, desatou na gargalhada.

- *Ô crioulo burro! Tu “tem” mesmo é que “se” ferrar!*

- *É muita sacanagem – disse Livramento – Que amigo da onça!!*

- *Tenho ou não tenho razão em ficar na bronca com esse merda? – perguntou Celestino*

A história se espalhou e aconteceu o que Celestino tanto temia: enquanto Claudir ficou sendo visto como “esperto”, Celestino era gozado por todos como “pato do Claudir” e como o trouxa que levou uma rasteira de mestre.

É, Celestino, a vida é cruel.....

NOTA:

Esse tipo de sociedade se tornou bastante perigosa no século XXI. Em 10 de julho de 2009, na cidade de João Pessoa, bairro Rangel, na Paraíba, duas famílias dividiram uma galinha na hora do almoço. De um lado estavam Moises Soares Forte seus 4 filhos e a mulher, grávida de gêmeos de quatro meses. Do outro, Carlos José Soares de Lima e sua esposa.

Carlos achou que Moises ficara com as melhores partes da galinha, então aguardou a noite e pela madrugada invadiu a casa de Moises matando a golpes de facão ele, os três filhos, a esposa e mais os dois que estavam na barriga, num total de sete vítimas. Dá prá encarar?



70

A Sala do Suplício

Tancredo entrou na empresa para trabalhar no armazém. Quietamente, calado, uma sombra em público. Mas, particularmente, mantendo contato de uma em uma pessoa de cada vez, um grande político que farejava oportunidades, um conspirador, um arquiteto de tramóias e golpes.

Assim, com o tempo, consegue uma promoção e de repente, estoura no escritório administrativo. Ninguém o conhecia e todos se espantavam quando ele mostrava que era funcionário da empresa há vários anos. Paralelamente, começou a vender produtos de informática importados, fornecidos por uma quadrilha que atuava no aeroporto de Guarulhos.

Com suas vendas – toda a empresa era cliente dele – e usando sempre a tática de atuar por trás dos panos, logo é promovido e ganha uma salinha de 4 metros quadrados, totalmente fechada, com janelas que não deviam ser abertas devido ao ar condicionado.

Acontece que o sujeito exalava um terrível mau cheiro, pois não usava desodorante. Meu amigo, o cara tinha um “cêcê” de lascar. Todos já tinham notado isso e conversavam com ele do mais longe possível.

Porém, agora, na maldita sala, não havia modo de escapar. A sala fria e fétida era um tormento para quem tinha necessidade de entrar nela. Além disso, ele não deixava abrir as janelas devido ao ar condicionado.

E sua fama ficou proverbial. Quando alguém estava de cara “amarrada” logo algum gaiato perguntava:

- O que foi? Vai ter que falar com o Tancredo?

Esse era o sentimento. Entrar naquela sala acabava com o dia de qualquer um. Nas poucas vezes que passei por esse transe, tive a chance de sentir uma grande aflição. A coisa era mesmo sufocante e angustiante. A vontade de sair correndo de lá era quase incontrolável.

O problema somente foi resolvido quando Jofre Lagos resolveu agir. Depois de entrar suado na dita sala, vindo lá fora, de um dia com sol escaldante e trabalho mais ainda, ele não se conteve.

- Amigão – disse ele, sufocado, abrindo uma janela, sem se incomodar com o ar condicionado - tu “sabia” que na farmácia “vende” um produto chamado desodorante? Acho que tu “tá” precisando de um, com urgência. E banho, de vez em quando, também é “bão”.

Tancredo sorriu amarelo, desconversou – era um vaselina de primeira e na frente da pessoa era só gentilezas – nada falou da janela aberta e fingiu que o conselho não era para ele.

A partir desse dia - que alívio! - a sala deixou de ser mal cheirosa, graças, portanto, à bendita sinceridade de Jofre Lagos.



71

Fiscalização

Quando estávamos em treinamento para assumir um cargo na empresa, a primeira lição que aprendemos foi que era ponto de honra não pagar insalubridade e/ou periculosidade para quem quer que fosse. Fazia parte de nossas tarefas o esforço para convencer os funcionários em desistir de pensar nesse assunto que era tabu, pois até falar nele era perigoso. A demissão era sumária.

Outro detalhe: os funcionários eram divididos em 3 categorias: os que “batiam” cartão, os que assinavam ponto e os que não registravam nada. Apenas os primeiros recebiam horas extras. Os segundos – encarregados de setor e funcionários da área administrativa, além do período normal trabalhavam à noite, em domingos, feriados e tinham salário fixo. Tinham que cumprir horário normal e se faltassem ou atrasassem eram descontados. Os terceiros eram os chefes de terceiro e segundo escalão. Não tinham horários, recebiam altos salários e somente os da manutenção, de vez em quando, trabalhavam à noite ou em feriados.

Outra coisa: nos ensinaram que a empresa era incorruptível. Não dava propina a ninguém e para isso matinha um batalhão de burocráticos para cumprir as leis fiscais rigorosamente. E isso realmente acontecia. Mas na área trabalhista

O tempo passa e, de vez em quando, havia um rebu na fábrica. Engravatados de terno e óculos escuros e gravatas berrantes apareciam de repente, em carros da empresa, vindos da sede. De três a seis, se reuniam com o gerente e então desapareciam. Depois ficávamos sabendo que eram advogados do setor jurídico que vinham “batalhar” para anular ação trabalhista de algum ex-funcionário demitido.

Ao lado da empresa estavam os laudos positivos apresentados pela fiscalização do Ministério do Trabalho e Sindicato. O reclamante deveria encontrar testemunhas, obviamente também demitidas, que atestassem suas alegações. No tramitar do processo – sempre demora o suficiente para os conluíus - essas eram procuradas pelos representantes da empresa e “convencida\$\$\$” a não testemunhar. Quando teimavam em fazê-lo, eram desqualificadas no tribunal: “*queriam se vingar da demissão*”. Assim, ganhar tal tipo de causa era uma pedreira.

Mas e a fiscalização? A do sindicato era piada. Querem uma prova? Basta verificar os bens dos presidentes dos sindicatos. Hoje! Existem alguns que possuem 5 ou seis imóveis, ganhando salário de peão. A do MT não existia. Nos meus quase vinte anos somente presenciei uma fiscalização do MT. Assim mesmo o agente – o próprio delegado do Trabalho - somente fiscalizou as empreiteiras. Decididamente havia carne embaixo desse angu.

Sem entrar em detalhes das circunstâncias, conto agora o que presenciei. Apartamento de uma pessoa, que comemorava seu aniversário. Sala privada. Reunião de quase dez outras. Partilha

de dinheiro. Uísque 12 anos, bolinho de bacalhau, caviar, champagne. O dinheiro não era contado. Foi arrumado em pilhas iguais e cada um pegou uma.

- *Isso cai do céu* – disse um deles, rindo, com um copo de uísque na mão - *Não existe trabalho igual a esse. A contradição é que se realmente trabalharmos não o ganhamos. Ele só vem se não fizermos nada. Tu “fica” curtindo somente esperando o fim do mês....*

A rodinha que estava ouvindo cai na gargalhada.

- *Nem todas as empresas estão nesse esquema...* – atalhei eu. Então a gargalhada foi geral

- *Todas! Todas!* – o aniversariante falou alto olhando para a platéia, que apoiou – *A “tua” é que dá mais!* – o cara quase que engasgou com a comida, num acesso de riso, que contagiou a todos, que até sentavam de rir.

O aniversariante estava feliz, pois, além disso tudo tinha ganho um “pequeno” regalo de uma grande rede de supermercados: uma motocicleta Honda CB500, estalando de nova. E isso era bem antes do PT e de Lula. Imagine como está hoje.

É meu amigo, a coisa foi bem definida por Jofre Lagos: “*Quem tem, tem. Quem não tem, rebola na manjuba*”



72

O Chefe

Pereira era tímido, QI abaixo da média, tipo caipirão. Não se sabe como, conseguiu fazer um curso técnico de eletricista e trabalhava conosco, na manutenção elétrica. Era o tipo de funcionário que fica no mesmo emprego até se aposentar. Cumpria suas atribuições, não reclamava, não criava problemas, não faltava, não tinha ambições, não sobressaia, nem positiva, nem negativamente. Jofre Lagos, seu chefe, conhecendo o material que tinha nas mãos, o destacava para funções rotineiras, sem muita responsabilidade.

Sua característica era chamar todos de chefe. Era chefe para cá, chefe para lá, e logo Jonilson o apelidou de “chefe”. Muitas vezes provocávamos confusão, ao ligar para a manutenção elétrica e mandar chamar o chefe. O atendente respondia que Lagos não estava. Então era esclarecido que queríamos falar com Pereira.

O tempo passa, eu me desliguei da empresa, Lagos foi transferido e o “chefe” continuou firme por lá. Então vem a notícia de que o chefe tinha se tornado chefe realmente. A empresa, na linha de destruir a fábrica – queriam fechá-la a qualquer custo e não faziam por questões políticas – promovera Pereira a chefe da manutenção elétrica.

Passa mais tempo e certo dia, estava em minha sala na coordenação do colégio em que lecionava, quando aparece em minha frente o “chefe”.

Conversa vai, conversa vem, descubro que ele tinha sido demitido e agora estava entrando com uma ação de insalubridade contra a empresa e precisava que eu testemunhasse que ele fazia a manutenção nas cabines de alta tensão, onde em uma delas, na entrada, a tensão recebida era de mais de 30 mil volts. Havia outras onde a tensão era abaixada para 110, 220, 380 e 440 volts. Concordei com o pedido e ele se retirou, dizendo que me avisaria do dia da audiência.

Novamente o tempo passa e o “chefe” sumiu. Já tinha esquecido o caso, quando, cerca de um ano depois me encontrei, casualmente com ele.

- *Então* – perguntei – *Não precisou do meu testemunho?*

- *Não movi a ação* – respondeu ele com voz arrastada.

- *Por que?* – perguntei

- *Eu estava preparando tudo* – contou ele – *quando um dia apareceu em minha casa um paulista engravatado. Acho que era paulistano por ser muito branquelo e ter aquele sotaque do pessoal da sede. Ele disse que eu ia perder a causa, que a empresa ia jogar duro comigo, que ela não era uma firma de fundo de quintal, mas a maior do mundo em seu ramo e não*

seria eu que faria com que ela mudasse sua política. Eu disse que isso a gente ia ver e ele então disse que não queira escândalos e que a empresa considerava muito os mais de vinte e cinco anos que eu trabalhara nela. E queria fazer um acordo. Então perguntou se eu estava empregado. Eu disse que não. Então disse que havia o cargo de chefe da manutenção elétrica em uma fábrica da região e que eles poderiam conseguir essa vaga para mim, caso eu desistisse da ação. Concordei e hoje estou nessa outra empresa. Assim tirei a ação.

Olhei para Pereira, que estava sorrindo ingenuamente em minha frente. Sorri também, me despedi e sai pensando em quanto estava certo Erasmus de Roterdam, ao chamar o povo, em “Elogio da Loucura”, de “*enorme e estúpida besta*”.



73

O Ratocorps

ratocorps:

rato corporativo - aquele que apesar de não produzir, sempre se dá bem com a chefia e consegue alcançar altos postos na empresa, à custa de expedientes pouco limpos

Fox, apesar do nome, era brasileiríssimo e um exemplar belíssimo de ratocorps. A descrição de ratocorps parece que foi feita para ele. Se encaixa perfeitamente. Porém, ao ser promovido a gerente em nossa fábrica - que, modéstia a parte, tinha fama de só ter cobras criadas - dançou feio.

Sem desconfiar onde estava pisando, tentou aplicar aqui, os golpes que passara toda a sua carreira aplicando. Acreditava ser super inteligente e pensava que sua esperteza iria camuflar sua incompetência e preguiça. Fazer armações era sua especialidade. Comecei a desconfiar dele, logo ao pegar a primeira CI - Comunicação Interna - que tinha vindo de S. Paulo a mim endereçada.

Toda correspondência passava antes pelo gerente que visava e a encaminhava. Ele não se contentou em visar, mas, numa atitude estranhíssima, incluiu, embaixo do seu visto, o dia da semana e a hora: 21:30.

Isso fez acender um aviso em minha cabeça. Com isso queria ele mostrar que estava trabalhando à noite? Seu horário normal era igual ao nosso, das 7 as 17.00. Que história é essa de 21:30?

Passei a verificar toda CI que podia - tinha acesso a muitas - e fui constatando que ele somente colocava o dia e a hora, quando eram fora do expediente. Havia sab, dom, 21:30, 23:00, 0:12, etc. Em horários normais, só visava. Note-se que o malandro morava em uma casa dentro da fábrica, a 50 metros da sua sala de trabalho.

Paralelamente, após alguns meses, notamos que sua chegada ao local de serviço estava se atrasando cada vez mais. Às nove e meia, dez horas, lá vinha ele, atravessando os 50 metros, carregando mais de dez pastas sob o braço.

Essa era outra demonstração de esperteza. Com isso queria mostrar que tinha levado trabalho para casa e estivera trabalhando até tarde, daí seu atraso.

Isso nunca acontecera com gerente nenhum - mesmo porque não havia serviço para tanto - e a coisa começou a dar na vista.

Logo, havia até uma assistência disfarçada, quando o pessoal se divertia em vê-lo desfilar pelo pátio, carregando aquele monte de pastas - tudo cheio de papel - e ir para o escritório, todo imponente. Sua malandragem, aliada à falta de preparo e preguiça, causaram sua transferência em tempo recorde.



74

O Teste

O almoxarifado precisava de mais um auxiliar e apareceram diversos candidatos. Serapião, logo cuidou para fazer a seleção pessoalmente.

Apesar de haver mais de dez funcionários com qualificação para assumir a função, a maçonaria tinha um candidato da cidade, cujo pai era "irmão" do novo gerente, o Sr. Fox. Este chamou Serapião e perguntou:

- *Serapião, você já tem alguém para a vaga ?*

- *Para falar a verdade, tem um rapaz na fábrica, que está fazendo curso técnico e é muito capaz, que acho vai se encaixar perfeitamente. Fora deles existem ainda mais uns 4 ou 5 que são sérios candidatos - respondeu Serapião - Por quê?*

- *É que eu também tenho um candidato - respondeu o boss - Você se incomoda com isso?*

Serapião sorriu servilmente e respondeu:

- *Claro que não, chefe. A vaga é sua. Em qual seção ele trabalha?*

- *Aí é que está o problema - explicou Fox - Ele não trabalha na empresa. É filho de um advogado, meu amigo, que está precisando muito de um emprego. Você acha que vai pegar mal, se a gente der a vaga prá ele?*

Serapião sorriu amarelo, pois já tinha prometido a vaga para um dos funcionários, mas não contrariou o chefe.

- *Que nada, chefe - passou vaselina - A gente dá um jeito. O necessário é inventar uma desculpa para a preferência por alguém de fora, quando se tem pessoas capacitadas dentro da fábrica.*

- *Estive pensando em fazer um teste com os candidatos - falou Fox com falso ar de despreocupado - Lógico que o nosso candidato vai ser o melhor colocado. Você pode pensar num esquema ?*

- *Deixa comigo, chefe. O cara já está admitido e haverá uma boa razão para isso. - prometeu Serapião, rindo canhalmente.*

- *Olha, Serapião - acrescentou Fox - Esses caras do sindicato ficam fazendo pressão e podem meter a colher nesse caso. Por isso temos que fazer a coisa bem feita, sem deixar furo, certo?*

- *Ok, chefe - Serapião saiu.*

(Nota: esse diálogo foi contado a mim por Hilário, o candidato de Fox, depois que Serapião o demitiu. O próprio Fox contou isso ao seu pai, inclusive a armação feita por Serapião)

Alguns dias depois, aconteceu o teste. Havia 6 funcionários da fábrica e somente um de fora: Hilário. O teste consistia em fazer uma redação, cujo tema era: "Como funciona um almoxarifado de uma fábrica". Hilário teve nota máxima.

Serapião, para conferir seriedade ao teste, resolveu mostrar as

redações a quem pedisse, e, numa reunião com os chefes de sua área, em torno da mesa em nossa sala, teve posta em dúvida a lisura desse concurso por alguns chefetes, que estavam inconformados pela preferência por pessoa estranha. Levantou-se, foi até sua sala e trouxe as sete redações e colocou a pasta em cima da mesa.

- *Taí. Para quem quiser ver. - trombeteou ele - Leiam e digam-me se o Hilário não é o mais competente.*

As redações passaram de mão em mão e os ingênuos chefetes ficaram maravilhados pela exatidão de Hilário. Santana, após ler, passou a pasta para Livramento, que passou para mim e o Esmeraldo.

Quando li a de Hilário, a fraude saltou aos olhos. O sujeito descrevera minuciosamente como funcionava O NOSSO almoxarifado. Detalhes que os outros candidatos, que apesar de funcionários da empresa, desconheciam.

Acabou a reunião e Serapião saiu com um largo sorriso, de vencedor.

Nessa época ainda não desconfiávamos desse concurso e comentei com Livramento.

- *Reparou que o cara sabe mais do nosso almoxarifado que nós mesmos? Como é possível isso?*

- *Alguém daqui escreveu e deu prá ele decorar* - cortou Esmeraldo - *Só pode ter sido isso.*

- *Mas, quem é que conhecia o teor do teste?* - indagou Livramento, que não podia supor ser o próprio Serapião o fraudador.

- *Vamos pedir pro Santana investigar isso* - sugeriu Esmeraldo

Para encurtar a história de Hilário, do almoxarifado foi promovido para auxiliar de Livramento. Casado, com um filho, começou a trair a mulher com uma funcionária da fábrica e era um folgado que não queria nada com a dureza.

Logo, suas andanças pela fábrica, o namoro com a funcionária e sua falta de vontade de trabalhar encheram o saco até de Serapião.

Hilário, esperto, se candidatou para ser membro da CIPA e assim conseguir estabilidade no emprego. Serapião, não se sabe como, ficou sabendo da lista de candidatos antes da publicação do edital e viu que Hilário estava inscrito. Imediatamente o chamou à sua sala. O diálogo foi o seguinte:

- *Bom dia, Hilário* - cumprimentou Serapião

- *Bom dia, chefe. Quer falar comigo?* - respondeu Hilário

- *Sim* - disse Serapião - *Quero lhe informar que a empresa não mais precisa de seus serviços e portanto, a partir de agora você está demitido. Vá até sua sala, pegue suas coisas e pode ir*

embora, que assim que sua rescisão estiver pronta lhe avisamos. Isso é tudo.

- Isso é definitivo? - perguntou Hilário

- Sim. Não tem volta - encerrou Serapião

Hilário deu meia volta, entrou em nossa sala e disse:

- Acabei de ser demitido e expulso. Até logo para todos - Pegou seus pertences e foi embora.

Mais tarde, xingando até a quinta geração de Serapião, contou-nos sua demissão ríspida, contou a armação entre Fox e Serapião e confessou que realmente tinha recebido um texto de Serapião, descrevendo o funcionamento do almoxarifado da fábrica, para decorar e transcrever no teste.



75

Desgraça Total

Josias era soldador. Treinava judô e corria diariamente 10 km. Ingênuo e completamente inculto, procurava esconder seu pouco saber tentando usar palavras incomuns em suas conversas. Era normal ouvir um “pragmático”, “deletério”, “nuance”, “conotação”, “dialética” e outras, totalmente fora do contexto do assunto tratado. Porém, a maioria das pessoas com quem ele convivia não sabia (nem ele mesmo) o significado delas e os ouvintes se impressionavam com a sua habilidade em usá-las.

Eis dois exemplos inesquecíveis:

“O meu cachorro ontem latiu muito durante a noite. Tive que me levantar às duas da madrugada para verificar se não havia ladrão em casa. Sempre estou atento e quando a dialética do bicho muda, é sinal de que algo não vai bem.”

Outro:

“Tinha levado minha noiva para comer uma pizza, mas ela estava muito irritada. Quase rompemos o noivado. Acho que o pragmatismo noturno não estava favorável naquele dia.”

Ele tinha uma boca enorme e foi logo apelidado de “Boca de Caçapa” que, abreviado, virou simplesmente “Boca”. Começou como empregado de uma empreiteira e devido às suas soldas impecáveis, logo lhe prometeram uma vaga na empresa.

Certo dia, conversando com Burt, lhe perguntou:

- *E aí, “seo” Burt. Quando é que sai minha boca na empresa?*
- *Que boca? – Burt não compreendeu a gíria – Está com problema na boca? Não fale comigo. Procure um dentista.*

Logo depois foi contratado e demonstrou que valia o salário que lhe era pago.

Apesar de inculto era muito inteligente e esforçado. Aprendeu a soldar tão bem que os representantes das empresas que vendiam produtos para soldas, o requisitavam para demonstrações em outros locais. Isso lhe deu um enorme orgulho e ele passou a estudar tudo o que podia sobre soldagem e tornou-se um mestre.

Sua fama espalhou-se e era requisitado para fazer os trabalhos “impossíveis” de soldagem nas indústrias da região de em outras partes do Brasil.

Todas essas atividades eram feitas nos fins de semana, pois continuava a ser um simples soldador na empresa. A chefia apesar de ter conhecimento de sua fama, fazia de conta que nada acontecia, com medo de pedir aumento ou promover o eficiente funcionário.

Mas, entre os colegas, o que mais divertia era a sua ingenuidade. Acreditava em quase tudo que lhe contavam e exprimia seus sentimentos com sinceridade, sendo alvo de piadas posteriores.

Certa vez, contava a todos os preparativos para seu casamento. Seu orgulho era o terno que tinha comprado em 12 vezes na Camisaria Polar. Falou desse terno para toda a fábrica e como teve que mandar apertá-lo para que caísse bem. Deveria retirá-lo na sexta feira, véspera do dia do casamento.

Estamos na quarta feira da semana fatídica. Boca está preocupado e fala com todos dos seus problemas de véspera de solenidade. Os colegas estão de saco cheio de ouvir as lengalengas de Boca e fogem quando o avistam.

De repente, sou chamado para ir até a bomba de incêndio, onde está estacionado um caminhão tanque dos bombeiros para ser enchido.

- *É incêndio mesmo?*- perguntei ao sargento da viatura. Em volta, estão quatro ou cinco pessoas, entre elas o Seringuinha.

- *É sim* – disse o sargento – *pegou fogo numa loja de tintas.*

De fato, no céu, à distância, podia-se ver uma coluna de fumaça negra elevando-se. Enchemos o caminhão e mal este se põe em movimento para sair, aproxima-se o Boca.

- *Essa água que eles estão levando é para apagar incêndio?* – perguntou ele
- *É sim* – disse o Seringuinha – *Olha lá a fumaça.*
- *Parece que é no centro da cidade* – disse o boca olhando para a fumaça – *Os bombeiros disseram onde pegou fogo?*
- *Disseram sim* – Seringuinha estava com uma expressão estranha – *É na Camisaria Polar.*
- *Tem certeza?* – Boca estava pálido
- *Absoluta. Todos aqui ouviram ele dizer isso* – Seringuinha falou sério

Ao ouvir isso, Boca sentou-se lentamente em uma pilha de sucata, colocou os cotovelos sobre os joelhos e apoiou a cabeça em ambas as mãos e falou baixinho, mas audível:

- *Desgraça total!*

Logo o grupo cresceu, com as pessoas querendo saber se Boca estava passando mal. E estava mesmo. Quase desmaiou, pensando em seu querido terno virando cinzas e sem ter o que vestir no casamento.

Seringuinha foi chamar a turma para se divertir com a angústia do pato, cuja frase “desgraça total” virou uma citação, empregada por muitos, por vários anos daí em diante.



76

Correio Sentimental

Sob as ordens de Ramalho, Celinho era encarregado de recursos humanos. Era como outros, que tinham sido contratados para trabalhar no escritório porque faziam parte dos melhores jogadores de futebol de salão da região.

Nessa época, dentro das fábricas, a grande maioria dos funcionários dos seus escritórios executavam tarefas repetitivas e burocráticas, pois não existiam computadores. Se o sujeito soubesse as quatro operações e tivesse noção de datilografia, estava contratado.

Havia funcionários com mais de 20 anos de serviço, que passaram todo esse tempo preenchendo dois ou três formulários - sempre os mesmos - e eram semi-analfabetos, pois, se lhes tirassem tais papéis de suas mãos e nelas lhes colocassem um relatório, não seriam capazes de entender o que tinham lido.

Assim, para formar um bom time de futebol de salão para disputar os jogos bi-anuais entre as fábricas, os chefes de escritório não hesitavam em abrir vagas para elementos com essas habilidades.

Acontece que Celinho era um "*bon vivant*". Seu interesse estava voltado inteiramente para a bola, cerveja e mulheres. Estava

satisfeito com o que ganhava, não tinha pretensões de fazer carreira - nem fazer o curso superior chinfrim da cidade (no escritório, todos tinham diploma de "administração de empresas" ou "direito" feito na mesma faculdade caça níqueis) - e estava na mira para ser substituído, pois havia colegas no escritório com "padrinhos" fortes (maçonaria) e mais aptos a executar a "política de fidelidade" da empresa.

Mas, não houve necessidade de uma atitude drástica, pois Celinho desenvolveu uma grave doença ocular e teve que ser aposentado. Em seu lugar foi colocado Domingues, um puxa-saco explícito, sem competência profissional mas de um servilismo asqueroso.

Ciente de suas "atribuições" Domingues fez um casamento perfeito com Ramalho e tornou-se intragável. Zazá não perdia chance de tirar um sarro do sujeito e o antipatizava e hostilizava abertamente. Domingues sorria, e contra atacava chamando-o de inútil e de "voador".

Certo dia, estava eu na sala de Zazá que me disse:

- Estou com um plano para sacanear o Domingues - deu uma risadinha - Mas tem que ficar em segredo. Você me ajuda?

Aceitei o convite alegremente e Zazá expôs o plano, que, em resumo, era assim:

Na época, existiam revistas de foto-novelas (Grande Hotel e Capricho, entre outras) que faziam grande sucesso entre as

mulheres. Ao final da novela, havia uma seção de "correio sentimental" onde pessoas carentes deixavam seu recado procurando parceiros(as) para um possível relacionamento.

Zazá escreveu uma carta com o seguinte teor:

"sou branco, alto, forte, porte atlético, sem vícios, cabelos pretos e lisos, olhos azuis, tenho menos de 30 anos, descompromissado, situação financeira completamente definida e procuro jovem com mais de 25 anos para futuro compromisso. Favor enviar carta com foto para o endereço tal "

Claro está que Domingues era o oposto dessa descrição, mas Zazá colocou o endereço da nossa empresa, assinou como Domingues e enviou a carta para o "correio sentimental" das revistas.

Passam-se alguns meses até que Zazá aparece com as revistas e mostra que a carta fora publicada.

- Agora é uma questão de tempo - disse ele, satisfeito - Vamos ver como esse escroto reage, quando as cartas começarem a chegar e a fábrica descobrir essa estripulia.

A mulher de Domingues - a quem este era fielmente "devotado" - está passando alguns dias na praia. O telefone toca e sua mãe, do outro lado da linha, em prantos, a assusta.

- O quê foi, mãe? - pergunta ela angustiada

- *Que tragédia, minha filha! Que tragédia!* - repetia a mãe, chorando copiosamente - *Como você está?*
- *Não "tô" entendendo nada. Pára de chorar e explica melhor.*
- *Onde está o safado agora? Quando foi que isso aconteceu? Por que você não me contou nada? Ele vai pagar pensão?* - disparou a mãe
- *Pelo amor de Deus, mãe, me explica, que não "tô" entendendo nada* - a mulher de Domingues estava perplexa.
- *É o cachorrão do Domingues. A sua separação...*
- *Que separação? Ficou maluca?*
- *Vocês não estão separados?* - perguntou a mãe
- *Não, isto é, que eu saiba, não* - respondeu a filha - *Por que esse drama todo?*
- *É que o merda de seu marido escreveu para uma revista procurando mulher...*
- ***O QUÊÊÊÊÊ?*** - a mulher virou uma fera.

Resumindo: a mulher liga para Domingues, que foi apanhado de surpresa e tremeu nas bases, pois tinha um medo enorme dela. Depois de muito negar, mandou a mulher comprar a tal revista. Após a confirmação de que a carta estava publicada, com o nome e endereço corretos, Domingues ficou na moita e aguardou.

Zazá também ficou na moita e escondeu as revistas.

Domingues, aos nos encontrar, jogou conversa fora, tentando descobrir algo. Ele já estava desconfiado que a coisa era armação de Zazá. Mas, disfarçamos e fingimos que nada sabíamos.

Alguns dias depois, o carteiro despeja na portaria, além da correspondência normal, um maço com mais de 200 cartas, para Domingues. A correspondência foi encaminhada para o escritório para triagem e as secretárias estranharam a quantidade de cartas para Domingues, porém as entregaram.

Domingues, colocou o pacote numa sacola de plástico e guardou. Mal acabara e uma secretária entra na sala e pergunta o que era aquilo. Domingues diz não saber e que iria ler as cartas em casa.

No outro dia a cena se repete. Outro maço de cartas para Domingues. E no outro, no outro, no outro... As cartas chegam às centenas e a fábrica inteira já se inteirou desse estranho fato.

Não dá mais para ficar calado e Domingues é obrigado a confessar a história para a chefia. Mostra a revista e diz que não foi ele quem escreveu tal carta e jamais daria o endereço da empresa.

A história se espalha e Zazá resolve também sair da moita e começa a mostrar a revista para os peões. Domingues fica furioso e evita sair de sua sala, pois é a bola da vez e, quando não há comentários maldosos, todos o olham com um sorrisinho safado.

Foram quase dois meses de cartas diárias. Passado o primeiro impacto, Domingues se vingou, recusando-se terminantemente a

mostrar qualquer carta para os curiosos que pediam para lê-las também. Na fila, Zazá, na maior cara de pau.

- *Tenho a absoluta certeza que isso é obra do Zazá ou do Valentin ou de ambos - dizia desconfiado (com razão) nos apontando - Só vocês é que têm tempo para ficar tramando coisas desse tipo.*

- *Se não foi você mesmo, isso só pode ser arte de alguém que você deve ter sacaneado e já saiu da empresa - rebatia Zazá - Ninguém é maluco para envolver o nome da empresa com brincadeiras. Vocês, de recursos humanos, porque lidam com empregos, acham que são deuses. Fez e agora tá tomando...*

- *E você acha que eu colocaria o endereço da empresa? - indignava-se Domingues*

- *Bom argumento. Ninguém irá pensar isso, principalmente de você. Isso é para despistar e sua mulher não ficar sabendo. Na certa você calculou que iria receber poucas cartas, ninguém notaria e você poderia acabar agarrando uma peruazinha bonitinha que lhe tivesse mandado a foto - replicava Zazá, colocando lenha na fogueira.*

Isso espalhava a dúvida e ninguém sabia direito a quem procurar para lançar a culpa.

- *Não me julgue por você - continuou Domingues, "pê" da vida*

- *Mas, de qualquer forma, isso não se faz. Meu sogro é cardíaco e quase foi hospitalizado; e minha mulher voltou da praia passando mal. Cortei uma volta para convencer a patroa de que não tinha sido eu quem escrevera a carta. E a gozação*

das amigas dela... Agora já passou, mas no começo foi um saco para agüentar!

Isso foi divertimento por muito tempo. Domingues, agora, já estava gostando da brincadeira. Diariamente, levava o pacote de cartas e as lia, à noite, juntamente com sua mulher.

Já eram mais de duas mil cartas de moças querendo fisgar o "bonitão de olhos azuis."

No outro dia, procurava Zazá e contava alguns detalhes do que tinha lido. Zazá morria de curiosidade e Domingues se sentia vingado.

- Não mostro nenhuma carta. Isso é quebra de privacidade de quem escreveu inocentemente. E vocês deviam ver as fotos que elas mandam. Cada mulher linda! Mas, não adianta pedir, que jamais alguém daqui vai ver sequer uma dessas fotos ou cartas.

Dito e feito.



77

A Trama-I

Serapião resolveu que, para acabar com o bom humor que tínhamos, a solução seria nos substituir. Assim, conseguiu que eu fosse fazer auditorias em outras fábricas, com promessa de promoção e transferência para a sede. O cargo em questão era chefia no terceiro escalão. Comecei meu serviço, visitando todas as fábricas da empresa.

Certo dia estava em uma unidade em S. Paulo, capital, quando um funcionário se aproximou de mim.

- *Olá. Você é da fábrica na cidade tal?* - perguntou ele
- *Sim* – respondi
- *Muito prazer. Eu sou encarregado do setor técnico. Aconteceu alguma coisa com o Livramento ?* – perguntou
- *Não que eu saiba. Por quê?* - respondi estranhando a pergunta
- *É uma história esquisita* - contou ele - *Meu chefe me informou esta semana que eu seria transferido para sua fábrica e ocupar o lugar do Livramento. Você pode me dar algumas dicas sobre a cidade?*

Ao ouvir isso, quase cai da cadeira. O que teria acontecido com Livramento? A noite, de volta ao hotel, liguei para a casa do Livramento.

- *Tá tudo bom aí ?* – perguntei
- *Sim* - respondeu ele calmamente - *Por quê?*

- *Você foi promovido? Vai sair da área ? Pediu demissão? - soltei várias perguntas*

- *Nada disso - riu - Estou aqui, quieto no mesmo lugar. Mas, por que essas perguntas sem sentido?*

- *Abre teu olho - contei então - que tem um cara aqui, o fulano, que está se preparando para ir aí ocupar o teu lugar. Ele diz que não pediu nada. Recebeu ordens para se transferir. Aliás, detestou a mudança.*

- *Cê tá maluco ? - Livramento parou de rir - Que história é essa?*

- *Olha - disse eu - isso só pode ser armação do Serapião. Trata de procurar saber que estão preparando para te dar uma rasteira.*

Livramento agradeceu e se despediu. Mais tarde soube que no outro dia Livramento foi falar com Serapião.

- *Que história é essa de trazer o fulano para me substituir? - disparou de primeira o Livramento*

- *O quê? - gaguejou Serapião, pego de calça na mão, ficando pálido - Como? Quem falou isso?*

- *Olha aqui Serapião - Livramento sabia que o cara era covarde - não adianta se fazer de desentendido que eu já sei de tudo.*

- *Não, Livramento, está havendo um mal entendido - recuperou-se rapidamente Serapião, abrindo seu pote de vaselina e sorrindo - a vinda do fulano para aqui é somente uma contribuição para você. Eu achei que você está muito sobrecarregado de trabalho e por isso pedi alguém para te auxiliar.*

Livramento riu

- *Auxiliar de mesmo nível, aliás, com a transferência, ele terá um nível funcional maior que o meu. Que merda é essa Serapião? Eu não pedi ajuda nenhuma, não tem serviço atrasado, tá tudo em dia e se precisar de auxílio, eu peço. Tá bom?*

- *Quer dizer que não há necessidade de um auxiliar?* - fingiu surpresa, Serapião

- *Não* - zombou Livramento - *E se aparecer um cara desses aqui, cê pode arrumar outro lugar para ele ficar, que comigo não vai ser não.*

- *Tá legal* - Serapião colocou ambas as mãos sobre o queixo, numa pose de conciliador e sorriu falsamente- *Eu só queria ajudar. Já que não precisa, ótimo....*

Livramento se levantou e saiu dali com vontade de esmurrar o sujeito.

Vale dizer que, Livramento tinha entrado no sindicato e tinha ganho estabilidade no emprego, além de contar nessa época mais de 25 anos de serviço, a maior parte nesta fábrica. Por isso Serapião estava tentando desesperadamente achar um jeito para se descartar dele, já que não podia demiti-lo pura e simplesmente.



78

O Inimigo do Riso

Axel entrou para ocupar o lugar de Hilário, como auxiliar de escritório, subordinado ao Livramento. Com dezoito anos, caladíssimo e preocupado em fazer corretamente o serviço, ficava na sala como uma sombra. Parecia que nem estava ali.

Nossa sala, sempre com alto astral, era muito movimentada, pois a consulta ao arquivo técnico era imperiosa para o bom funcionamento da fábrica. Todos os encarregados de seção, chefetes e alguns funcionários passavam por ela diariamente. Nessa hora, além de assuntos de serviço, saiam também comentários de notícias, política, futebol, mulher e piadas.

Sempre que alguém contava uma piada ou um caso jocoso, todos riam, menos Axel, que se abaixava e colocava a cabeça debaixo do tampo de sua mesa.

No princípio ninguém notou esse pormenor, mas com o passar do tempo, essa particularidade foi notada e certas pessoas iam ali, para contar piadas velhas, só para ver o coitado, na hora em que todos riam, se jogar para debaixo da mesa.

Depois de algum tempo, quando já tínhamos nos divertido bastante com esse comportamento estranho, Livramento resolveu espremer o garoto.

- *Olha aqui, Axel* - começou ele, paternalmente - *Você é um*

garoto esforçado, trabalha bem e estou satisfeito com você, que pode contar comigo.

- *Sim senhor, obrigado* - respondeu Axel, com os olhos baixos
- *Mas, tem uma coisa que está preocupando todo mundo* - continuou Livramento - *É esse seu tique nervoso de colocar a cabeça embaixo do tampo da mesa. Isso é de nascença ?*
- *Eu não sei do que o Sr. está falando* - vacilou Axel
- *Vamos ser claros, menino* - falou sério Livramento - *A fábrica inteira tá sabendo disso e tem gente que tá vindo aqui só prá ver você se comportar dessa maneira estranha. Quando eu achar que isso está atrapalhando o serviço, aí você já sabe... - e fez um gesto de facão cortando.*

Axel quase se mijou de medo e começou a gaguejar.

- *É que, eu, que..... quando....*

Esmeraldo começou a rir do embaraço do rapaz.

- *Pega leve, Livramento. O garoto pode ter uma doença...*
- *Você tem alguma doença nervosa ?* - emendou Livramento - *Vamos, desembucha já, porque vamos resolver essa situação hoje, agora.*
- *O Serapião* - Axel apontou tremendo para a divisória de vidro que separa a sala do Serapião da nossa - *É ordem dele....*
- *Essa não entendi* - respondeu surpreso Livramento - *Que ordem é essa? Vamos! Fala!*

Axel demorou um pouco, analisou a situação, olhou para a sala de Serapião, que estava vazia, olhou para Livramento, olhou para sua mesa de trabalho e abriu a boca, falando como nunca tínhamos ouvido antes:

- Tá bom, eu falo. Quando o Sr. me escolheu para trabalhar aqui, o Serapião, um dia antes de eu começar, me chamou para uma entrevista, me deu várias instruções e uma delas foi jamais rir durante o expediente. Ele disse que havia várias reclamações sobre risadas nessa sala e que se ele me visse rindo aqui dentro, a qualquer hora, me demitia sumariamente. Como esses caras vêm aqui contar piadas, eu não me agüento e quando tenho que rir, para garantir que o Serapião nunca vai me pegar rindo, escondo a cabeça embaixo da mesa. Tá explicado?

Soltamos uma gargalhada conjunta e Axel se jogou debaixo da mesa, para nos fazer companhia.



79

A Trama - II

Serapião passava os dias tentando encontrar uma forma de demitir Livramento. Consultou um advogado bobão - era casado com a filha de um gerente - e este lhe deu um conselho arriscado:

- A única maneira é a justa causa. Acho que se você arranjar uma briga feia com ele, e fazer com que ele te agrida, aí podemos pegar ele. Mas tem um detalhe: é necessário pelo menos uma testemunha.

A partir daí, Serapião estava ligado em como iniciar uma briga com Livramento, mas isso era a coisa mais difícil do mundo, pois Livramento era calmo ao extremo, condescendente, pacato e já tinha mais de 50 anos de idade. E, macaco velhíssimo!! Mas, para tudo se dá um jeito e Serapião, sempre atento, conseguiu enxergar uma saída e arquitetou um verdadeiro golpe de mestre.

A coisa foi assim: Certo dia, Serapião foi até o arquivo morto de documentos técnicos - o mesmo onde escondemos os salgadinhos - que fica no último andar do prédio administrativo. Um local de difícil acesso, pois era uma saleta adaptada entre as unidades de condicionamento de ar do sistema central.

O responsável por este arquivo era Livramento e como ninguém ia lá, a desarrumação era total. Estava atulhado por centenas de caixas, com documentos, catálogos, um episcopópio antigo e uma mapoteca com 5 gavetas, lotadas de originais em papel vegetal de desenhos antigos da fábrica.

Dentro da saleta, Serapiao já ia chamar e mandar o Livramento arrumar aquela bagunça, quando, ao se aproximar de uma montanha de papéis, notou um envelope. Era um envelope grande, tamanho ofício, em papel resistente, enviado por uma empresa fabricante de material elétrico para residências.

O detalhe que chamou a atenção de Serapião é que o envelope ainda estava completamente fechado, lacrado. Não tinha sido aberto. E estava no arquivo morto! Pronto! Achei! Dessa vez decapito o Livramento - pensou, colocando o envelope em local bem visível e desceu.

Na sala do arquivo técnico, Livramento conversava com um desenhista novato - que também tinha recebido instruções de Serapião para não rir, mas, nos contou, achou que ele estivesse brincando e não obedecia - quando Serapião o chamou

- *Olá Mauro* - disse Serapião

- *Como vai chefe?* - respondeu Mauro - *Qual é o galho?*

- *É, tem uma tarefa para super homem, e você vai quebrar esse galho prá mim* - falou sorrindo Serapião - *Recebi um pedido urgente da sede. Eles estão precisando de um desenho antigo da primeira linha de fabricação que foi montada aqui, para compor um acervo do museu da empresa. Dizem os mais velhos*

que só aqui é que tem esse desenho. Será que você pode encontrar ele, lá no arquivo morto ?

- *Claro chefe. Agora mesmo* - falou Mauro, enquanto se encaminhava para cumprir a missão

Acontece que esse desenho não existia, mas Mauro não sabia disso. Serapião aguardou uns dez minutos e aí chamou Livramento.

- *Bom dia, Livramento* - cumprimentou ele todo sorridente

- *Oi* - respondeu Livramento

- *Ô Livramento, cê tem um tempo disponível agora ?* - perguntou Serapião com cara de inocente

- *Tenho sim.*

- *Então vem comigo* - Serapião estava dando pulinhos de felicidade.

Subiram e foram direto à saleta do arquivo morto. Ao entrar, Livramento reparou que Mauro estava abaixado, vasculhando as gavetas da mapoteca.

- *Esta sala é de sua responsabilidade não é, Livramento?* - perguntou Serapião fazendo cara de sério

- *É sim* - começou a se queimar, Livramento - *Por quê?*

- *Você acha que esse chiqueiro, com essa desarrumação é condizente com nossa empresa ?* - começou a espetar, Serapião

- *Não, realmente está desarrumada, mas por três motivos: primeiro é que ninguém trabalha aqui, segundo, nós não temos tempo de arrumá-la e terceiro é que todo mundo entra aqui - mecânico, eletricista, escriturários - e desarrumam quando a gente arruma. Como aqui não tem chave, eu me responsabilizo*

somente pelo material aqui. Pela arrumação, não. - Livramento estava falando grosso

- *E o que é isto aqui?* - perguntou Serapião, segurando o envelope fechado

- *É um catálogo de interruptores* - disse Livramento, sem adivinhar as intenções de Serapião.

- *Como você sabe que é um catálogo, se você não abriu o envelope?* - Serapião fingia que estava ficando nervoso

Nesse momento, Mauro - que nos contou esse diálogo detalhadamente - parou a procura do desenho e começou a se preocupar com o tom de animosidade dos dois figurões.

- *Não abri, porque sei o que tem dentro. Essa empresa manda os mesmos catálogos a cada vinte dias. Um exemplar deles está arquivado lá embaixo. Já nos cansamos de abrir esses envelopes e deparar com o mesmíssimo catálogo* - Livramento riu nervosamente - *Pode abrir que você vai confirmar o que estou falando.*

- *Quem você pensa que eu sou? Um imbecil? Um ignorante? Você acha que vou destruir essa prova? Acha que sou burro?*

- Serapião estava falando alto, quase gritando

- *Que prova?* - respondeu no mesmo tom Livramento - *Acho que você está é piradão....*

- *Prova da sua incompetência, de seu desmazelo, da sua preguiça. Isso aqui vai lhe custar a cabeça. Você não cumpre a mais elementar tarefa de seu cargo que é ler a correspondência. Se não faz isso, o que será do resto....*

- *Incompetente é você, seu enganador...*

Nesse momento, Mauro contou que os dois estavam quase se atacando, o que lhe deu um grande medo. "Isso é briga de cachorro grande" - pensou ele - "O que é que estou fazendo aqui? Vai sobrar prá mim..." Pensando assim, tratou de dar o fora, o mais rápido possível. Os gritos, palavrões e insultos aumentaram. Mauro fugiu dali correndo e esse foi o diferencial que Serapião não havia previsto. Sua testemunha sumiu, antes que presenciasse o desacato ou talvez agressão que fatalmente Livramento cometeria.

Vendo que Mauro não estava mais ali, Serapião - era baixinho e capaz de apanhar do Livramento - resolveu que era hora de cair fora também.

- *Você está demitido. Por justa causa. Desrespeito ao superior. Eu vou providenciar sua saída agora* - gritou ele, saindo do quartinho.

Desceu até a sala de recursos humanos, seguido por Livramento, que estava quase pulando em cima dele, e falou com Ramalho:

- *Quero que você demita esse homem agora. Fui desrespeitado, desacatado. E tenho testemunhas* - falou ele, alterado, com Ramalho, enquanto Livramento transpunha a porta, bufando

- *Calma, calma!* - reagiu espantado Ramalho - *Que é isso? Que aconteceu? Calma!!!!*

- *É o que você ouviu* - Serapião estava a uma distância prudente de Livramento e falava sério - *Quero uma justa causa nele. Agora!*

Livramento notou que tinha caído no jogo de Serapião e se refez.

- *Você é quem sabe, Ramalho* - disse ele, já calmo.

- *Calma! Vamos todos falar com o gerente* - disse Ramalho, dirigindo-se para a porta.

O gerente acalmou os dois, e dispensou-os. Chamou depois Mauro, que disse só ter visto eles discutirem por causa de um envelope e depois saíra.

Ramalho chamou Serapião e lhe comunicou:

- *Se você quiser, demito Livramento, sob sua responsabilidade expressa, pois ele tem estabilidade e fatalmente vai ser reconduzido ao emprego, além de ganhar uma indenização. E a diretoria não vai gostar disso.....*

- *Tá bom, tá bom* - disse Serapião se pelando de medo em ter que enfrentar a Diretoria - *Deixa ele ficar.*

A tarde, todos foram convocados à sala do gerente, que colocou panos quentes no entrevero e deu uma advertência verbal para

Livramento. Uma semana depois, Serapião estava, com a cara mais deslavada do mundo, despachando calmamente com Livramento, como se fossem os maiores amigos.

Até sua transferência, quase um ano depois, passou a nos tratar na palma da mão. Era só sorrisos, cumprimentos, salamaleques....Nunca entendemos a mudança!

Em tempo: o tal envelope era da linha residencial de uma empresa de material elétrico e o catálogo realmente não tinha interesse para a fábrica. Livramento, macaco velho, quando os recebia, jogava direto no lixo. Aquele estava lá por excesso de zelo de Axel, que pensando estar ajudando, retirou o envelope do lixo e o guardou no arquivo morto. Levou a maior CR de Livramento.



80

A Aliança

A auditoria me levou até a fábrica de Jocelos, interior da Bahia, perto de Ilhéus. Como um bom anfitrião, depois do expediente, Jocelos aparecia no hotel para me levar aos “pontos turísticos” da cidade. E tome acarajé, suco de cacau, muito camarão, pimenta de cheiro, coentro, leite de coco, rabo de galo e cerveja gelada

-Tá vendo essa avenida – mostrava ele, quando lembrei do cemitério da Consolação – Aqui, no carnaval, todo mundo anda com um camisolão, sem nada por baixo. As pessoas mijam onde estão, no meio da rua mesmo. O mijo corre pela sarjeta como se fosse água.

- E o fedor? – perguntei espantado – Com o calor que faz aqui o cheiro não deve ficar muito bom

- Fede demais – respondeu ele – Mas tá todo mundo mamado e ninguém sente. De manhã a prefeitura manda lavar tudo, mas não adianta muito.

- E ninguém reclama? – perguntei inocentemente

- Tu é besta, rapaz? O pessoal briga é pra vir pra cá!

Já perto de minha partida, fomos a um barzinho comer muqueca. Fazia um calor de rachar e Jocelos tomava chope

entremeado por umas doses de rabo de galo (Cinzano tinto com cachaça). Eu fiquei só no chopinho estupidamente gelado.

A noite ia alta, já tínhamos traçado a muqueca e várias porções de camarão na brasa e Jocelos estava mamadão. De repente o cara passou a se lamentar, numa conversa de bêbado insuportável, contando que não estava se dando bem com sua noiva. Para reforçar, tirou a aliança e jogou-a dentro da tulipa de chope.

- *É esse o lugar dessa peste* – falou com a voz arrastada – *No meu dedo não fica mais.*

E continuou com a choradeira. Acontece que o garçom, vendo os copos vazios, trouxe mais uma rodada e Jocelos não notou que a aliança foi embora no copo vazio. Nem eu, que estava de saco cheio daquela lengalenga e só pensava em voltar para o hotel.

Tomamos mais alguns, pagamos e saímos. Jocelos entrou em seu carro, enquanto eu ia a pé para o hotel, a duas quadras dali. Não andei 20 metros, quando escuto Jocelos sair do carro, curado da bebedeira, gritando:

- *A aliança, a aliança...*- e correu para o bar

Também voltei e ao chegar lá, estava Jocelos explicando para o cara do balcão, que não conseguia compreender essa história de aliança no copo e estava impedindo Jocelos de entrar na cozinha para procurá-la.

- *Diz a ele* – falou para mim – *diz onde estava a aliança.*
- *Tava no copo* – falei para o balconista.

Se ajuntaram o garçom e outros fregueses e surgiu a maior discussão com Jocelos querendo entrar a força na cozinha para revistar os copos. Conseguiu entrar, mas, logicamente nada encontrou.

- *Que história da gota! Tu tá é tocado, moreno! Tu bebeu a aliança!* – disse o garçom

- *Vou beber é teu sangue, fio de uma égua, se eu não achar essa porra* – Jocelos partiu para pegar o garçom, mas nós o seguramos.

Resultado: Jocelos perdeu a aliança – acreditamos que o garçom ou o cozinheiro ficou com ela – e no outro dia, na fábrica, tentava encontrar uma boa explicação para dar à noiva, no meio da gozação dos colegas.

- *Será que tu não bebeu mesmo?* – perguntou um para sacanear
- *Vai ter que cagar na latinha e verificar.*

- *Até tu, fio de uma rapariga?* – choramingou Jocelos

Risada geral. Em tempo: Jocelos casou-se com essa mesma noiva.



81

O Descarte

Esmeraldo estava com uma enfermeira nova: Carlinha. Passam-se os meses e está ele firme com seu novo amor. É bondoso, amável, compreensivo, até que não se importou quando conheceu uns dois ou três casos anteriores dela.

Carlinha era vizinha de Jonilson, que certo dia apareceu com uma novidade.

- *Ô Cabreirito* – se voltou para Esmeraldo, com um sorriso safado – *Tem uma vizinha que te conhece e tá engordando...*

- *Nada! Tô fora!* – falou Esmeraldo fazendo um gesto para que Jonilson se calasse.

Jonilson, calou-se com cumplicidade. Depois nos contou tudo.

Carlinha estava grávida, realmente. Nessa época não havia AIDS e camisinha só era usada em último caso, com pessoas pouco conhecidas, para não se adquirir doenças venéreas. Assim, Carlinha deu o golpe, mais velho do que andar para frente, que é arranjar um filho, na esperança de conquistar um bom partido ou uma boa pensão.

Mas, ela não sabia onde estava se metendo. Assim que descobriu a gravidez, Esmeraldo afastou-se e bolou um plano

maquiavélico. Começou pedindo que Jonilson levasse recados para a “amada”. Jonilson, contente, esperando que pudesse ser premiado com alguma migalha daquele banquete, levava e trazia os recados entre os dois. Assim, se acostumou a passar na casa dela depois do expediente.

Dos recados, Esmeraldo, depois que o garotão nasceu, passou a mandar mensalmente cerca de 1/3 do salário mínimo. Jonilson, além de conselheiro e protetor, passou também a ser provedor e pai adotivo. Passa-se um ano. Jonilson agora, já dorme na casa de Carlinha.

- *Não sei como Esmeraldo foi largar esse material!* – comentava ele espantado – *Tô num verdadeiro paraíso!!!!*

No dia do aniversário do moleque, Carlinha liga para Esmeraldo intimando-o a ir ver o menino. Esmeraldo promete. Ao desligar, chama Jonilson

- *Ele comprou 12 latas de Skol e 12 potes de iogurte, e mandou eu levar, dizendo que apareceria lá mais tarde. Não apareceu e eu mesmo fiz a festa. O moleque comendo os iogurtes e eu e aquela gostosura, enchendo a cara de geladinha.* – comentou rindo, o pato.

Passam-se cerca de seis meses. Há tempo que Jonilson não fala da “gostosura”. Um belo dia, está melancólico e doido para falar. O levamos para um barzinho e, depois de 3 conhaques, ele abriu a boca e contou tudo.

- *De uns tempos pra cá - disse ele - Carlinha começou a ficar nervosa, sempre falando que Esmeraldo não tinha assumido. Ele tinha parado de mandar dinheiro e ela estava estressada. Começou a engordar de verdade e foi ficando uma baleia, um nojo. Aí, eu vi que era hora de pular fora e abandonei o barco.*

- *Vai ver que era nova gravidez, papai – falei brincando*

- *Que nada ! A bichinha tomava as pílulas religiosamente – disse ele – Semana passada foi procurar Esmeraldo para fazer uma cobrança e botar ele contra a parede. E o filho da puta disse que não tinha certeza de que o filho era dele (também, nessa época, não havia exame de DNA) e que tinha provas que ela saía com outros homens, além de viver maritalmente comigo. Disse ainda que ela podia ir consultar um advogado, que nessas condições ela não tinha chance. A coitadinha, está desesperada.*

Ficamos todos espantados com o jogo de cintura de Esmeraldo e censuramos Jonilson por ser tão ingênuo.

- *O pior é que estou na maior dúvida – disse ele, emborcando mais um conhaque – Não sei se ele é anjo ou demônio....*

Em tempo: Esmeraldo os abandonou completamente e o menino cresceu sem jamais ter contato com seu pai.



82

A Justa Punição

Misael era o chefe de fabricação. Por economia, também era chefe do armazém de matérias primas. Economia porca, saída da cabeça de incompetentes. Essa mistura de funções já vinha de longa data e, como era de se esperar, quando acontecia uma emergência na produção, o material era retirado do armazém por ordem verbal do chefe de fabricação, que também comandava o armazém.

Um belo dia, chega a auditoria na fábrica. Todos se cagavam de medo. Na minha área, era festa. Auditor comigo, não investigava, aprendia. Muito bem, chegou uma equipe de quatro. Achamos poucos, mas logo apareceu o motivo: iam verificar somente a matéria prima mais utilizada na produção. Nos últimos dez anos. Mais nada.

Depois de uma semana de serviço, chegaram a conclusão de que, nesse período, haviam desaparecido 13 toneladas do material. Uma carreta. Terminaram o serviço, prestaram contas à gerência e foram embora, para apresentar o relatório para a diretoria.

O gerente era um nissei – Sr. Yamaha – engenheiro, calmo e inepto. Já tinha sido chefe de fabricação antes de Misael. Diziam-se que as pessoas não gostavam muito de lidar com ele,

pois chegavam com um problema para resolver e saíam com dois.

Quem nos conta a história foi o encarregado do armazém, Eleutólio.

“O Yamaha, assim que os auditores foram embora, fez uma reunião comigo, Misael, e o Summit.

- *Sumiu mesmo essa quantidade. O físico não bate com o contábil. É claro que ninguém roubou isso, né?*

- *Isso é fácil de explicar – disse Eleutólio – Você mesmo já foi meu chefe, Yamaha, e sabe que essa diferença é o material que vocês tiram quando o armazém está fechado – à noite, depois do expediente, sábados, domingos e feriados – e não fazem a requisição para ser entregue ao administrativo. Assim eles ficam controlando no papel um estoque muito maior que o real. Em dez anos, dá isso aí.*

Todos concordaram e sob o comando de Yamaha, a reunião durou mais de uma hora, sem que surgisse sequer uma única medida prática para solucionar a questão. Ficou resolvido que iriam esperar o relatório da auditoria chegar.”

Um belo dia, Misael chama Eleutólio. Conta a ele que um diretor seu amigo disse que estavam amolando um imenso facão para cortar cabeças coroadas. A diretoria achava que aquele resultado era incompatível com o nome da empresa. Isso não podia passar em brancas nuvens. Era para ele se preparar que o emprego de todos estava em perigo.

O que ele não falou, foi a verdadeira conversa, que Petrin me contou depois que foi demitido, pois estava com esse tal diretor no dia do telefonema.

Na verdade, Misael receando uma demissão, tinha ligado para pedir orientação sobre o que fazer, depois que soube a irritação de toda a cúpula com aquela bagunça que a auditoria havia revelado.

O conselho, dado por uma raposa da politicagem da empresa foi para que a fábrica demitisse alguém, culpando-o do mal feito (mas não poderia ser peão). Isso, antes que fosse cobrada uma providência. Ao chegar na direção aquela medida rápida, do tipo “já sanamos a falha”, haveria um alívio em todos e o assunto seria esquecido.

E assim foi feito. Na segunda feira, depois dessa conversa com Eleutólio, estamos despreocupados em nossa sala, um pouco antes do almoço, quando adentra o mesmo. Estendeu a mão para mim, silenciosamente, com a fisionomia calma.

Vale dizer que nós não sabíamos de nem uma letra dessa história de auditoria. Tudo tinha corrido no mais restrito segredo.

- *Adeus* – disse ele

Todos se calaram e olharam

- *Como?* – disse eu sem entender

- *Acabei de ser demitido e estou indo embora – ele continuava calmo.*

Todos se espantam. Eleutólio era um ótimo funcionário, ágil, competente, sério, enfim, exemplar. Nos conta rapidamente o caso do sumiço do material e termina:

- *Eles disseram que a diretoria queria uma cabeça e eu, como responsável do armazém sou o ponto mais fraco dessa corda. Quebrou em minha cabeça, sendo que, todos concordam que não tenho a menor culpa.*

A diretoria se satisfaz com essa “solução”, Eleutólio perdeu o emprego, foi ser camelô, viver de bicos, a mulher se separou dele e a **retirada de material do armazém continuou da mesma forma.**



83

Eu me responsabilizo!

Nossa empresa tinha uma unidade numa cidade a oeste de Minas e fui enviado lá para realizar uma auditoria em determinada área. Lá pude constatar que o funcionário encarregado de realizar uma série de procedimentos na dita área, não os realizava, estando trabalhando na área técnica, ajudando na montagem de uma caldeira a lenha. Ao descobrir essa falha ele me contou:

- Não posso fazer nada. O chefe mandou largar isso e tenho que fazer o que ele manda.

Terminei a auditoria e fui expor os resultados ao chefe da área técnica. Era um neguinho bunda suja, mais parecendo um faxineiro. Depois soube que, como se seguisse uma cartilha, ele era quase analfabeto, sendo apenas mecânico formado no Senai e ocupando cargo de engenheiro. Idêntico ao Serapião.

- Aqui não tive muito trabalho - expliquei - pois o serviço não está sendo feito...

- Eu sei - cortou o chefe - Acontece que a caldeira a lenha tem um prazo para entrar em funcionamento e eu tenho que colocar todo meu pessoal trabalhando nesse projeto, para não estourar o cronograma.

- *Eu vou colocar isso no relatório, você compreende, não é?* - continuei

- ***Pode colocar. Coloca que EU MANDEI ele abandonar suas funções e que assumo toda responsabilidade por isso*** - cantou de galo o chefinho.

O funcionário chamado Lélis, assistiu a tudo e ao sair comentei com ele:

- *Você acha que não vai te prejudicar se isso for para o relatório?*

- *Não* - disse Lélis - *Você não escutou que o chefe assume a responsabilidade? Eles não vão demiti-lo por isso e o máximo que pode acontecer é ele ser chamado as falas e eu voltar a realizar minhas funções normais.*

Fiz o relatório que ao chegar na diretoria causou um mal estar danado. Uma semana depois, um diretor de nossa área (Petrin) chega a aquela fábrica. Vai falar com o chefe, levando uma cópia de meu relatório. A conversa que se seguiu me foi contada por esse diretor, anos depois, quando, furioso por ter sido demitido de surpresa, me chamou a São Paulo e ficamos, eu e o diretor de nosso sindicato, quase 3 horas escutando todos os podres que ele tinha presenciado.

- *Olhe este relatório. Ele está correto?* - perguntou o diretor ao chefinho

O chefe pegou o relatório, leu, e sem adivinhar o que estava por vir, respondeu:

- *Está. É isso mesmo.*

- *A diretoria quer uma cabeça por isso - falou o diretor - De qualquer um. E parece que a sua está perigando...*

O chefinho ficou branco e depois verde e perdeu a fala.

- *Você mantém que o serviço deixou de ser feito por ordem expressa sua ? - continuou o diretor, que também tinha ordens de tentar salvar a cabeça do chefinho - Veja bem, que nesse caso você ainda poderá ir a S. Paulo e explicar porque deu essa ordem e talvez você não seja demitido. Se você desmentir isso que está no relatório, demitimos Lélis imediatamente, sem qualquer chance.*

O chefinho olhou pela janela, olhou para o relatório, fez umas caretas, suspirou e por fim abriu a boca:

- *Nesse caso, só me resta **DESMENTIR** o que está no relatório. Acho que é a solução mais fácil para todos - falou servilmente*

- *Muito bem - falou o diretor - Você escreve uma carta endereçada à Diretoria, dizendo que houve um engano e que o funcionário Lélis deixou de realizar seu trabalho por deficiência própria, não servindo mais, desse modo, para trabalhar aqui e que você o demite a partir desta data. Combinado?*

- *Ok ! - respirou aliviado o chefe.*

No outro dia, Lélis, ao chegar na empresa, foi demitido sumariamente. E se tornou meu inimigo....



84

Fui eu "que fiz"- II

Após tentar, durante um bom tempo, degolar a mim e Livramento – sem conseguir – Serapião, usando de toda a sua sagacidade concluiu que suas sucessivas derrotas o estavam desgastando e que lucraria mais se aplicasse a velha máxima chinesa: “Quando não podes com um inimigo, junta-te a ele”. E foi o que ele fez.

De repente passou a nos tratar bem, com regalias e, logicamente vendo que a tática estava sendo boa, tratou de jogar suas atribuições em nossos ombros, sob a desculpa de nos dar “carta branca” para agir.

Desse modo, resolveu três problemas: obtive serviços de qualidade, eliminou o clima de litígio e ficou mais tempo ocioso.

Além do jargão que utilizava (“Veja bem”) em nove entre dez palavras – tinha até apelido entre os peões de “Serapião Veja bem” – quando vinha com uma conversa iniciada com “Você pode fazer isso pra mim?” e terminada com “Posso deixar isso em suas mãos?” a coisa era certa: você estava sendo cooptado para realizar mais um serviço para o esperto.

Com isso aparentava sempre estar de bom humor, fazendo piadinhas, mantendo um alto astral contagiante. Agora, ele não mais queria proibir o riso na sala. Ele próprio é quem ria.

Certa vez, volta preocupado de uma reunião em S. Paulo. Numa segunda feira, mal eu tinha chegado, me faz um sinal para que eu fosse à sua sala. Depois dos cumprimentos de praxe, falou.

- *Valentin, você sabe que seu conceito como profissional é bastante alto dentro da área técnica da empresa. Isso eu pude constatar nessa semana que estive em S. Paulo*– disse ele com um sorriso esquisito.

Alerta vermelho, pensei. Levantar escudos de proteção!

- *Você acha isso, Serapião?* – perguntei na defensiva

- *Claro, e é verdade. Por outro lado, você também sabe que, politicamente você é execrado por toda a diretoria, que detesta seu modo de trabalhar, sem espírito de corpo e sendo independente num grau que a empresa não tolera.*– Serapião estava sério

Esse era um embate de cobras criadas, e resolvi tirá-lo da posição de inquiridor – seu modo de falar estava muito seguro e consciente – para colocá-lo na parede e fazê-lo perder a linha de um discurso previamente ensaiado.

- *Veja bem, Serapião* – falei, usando seu jargão predileto – *acredito que estamos aqui para proporcionar lucro para a empresa. Acredito que estamos sendo bem sucedidos. Qual é a sua opinião a respeito disso?*

Serapião notou a virada, mas não deu para se desviar de uma pergunta direta.

- *Não há dúvida que esse é o objetivo principal, mas..... Não dei tempo dele se refazer e cortei.*

- *Você acha que pertencer a “panelinhas”, que é o que você chama de espírito de corpo, ou aceitar injustiças calado é fazer “política” dentro da empresa?*

Serapião mudou o semblante, e abandonou sua ponta de sorriso constante.

- *Veja bem– usou seu gancho predileto – uma coisa que você precisa aprender é que a moral religiosa ou moral de um estado é diferente da moral que vigora nas empresas e cada uma tem a sua, todas diferenciadas. Aqui não é diferente. A diretoria é composta de seres humanos, e o ser humano é falho. Junto ao interesse da empresa corre também o interesse pessoal. Quando o interesse pessoal é posto em perigo, quem pode, muitas vezes, prejudica a empresa para eliminar riscos pessoais. Muitas vezes temos de despende mais esforço gerenciando riscos pessoais do que no gerenciamento da empresa propriamente dito.*

O homem era mesmo esperto. Antes que eu começasse criticar, esclareceu e aceitou a situação. Fiquei sem argumentos e sem assunto.

- *Isso é que vocês chamam de fazer “política” dentro da empresa e é isso que eu não faço?– tentei escorregar*

- *Que você não se adapta a isso, já ficou bem claro. Agora, não é bem assim fazer política dentro da empresa – respondeu ele – A linha vem de cima. Nós, os escalões de produção, descobrimos qual é o pensamento dos elaboradores da linha, principalmente no que tange a interesses pessoais, e a mantemos, num esforço conjugado. Quando "os cabeças" conseguem ficar satisfeitos, a benesse sobra também para nós. Se estamos contra a linha, seremos uma voz destoante no coro, e antes que o desvirtuemos, eles nos descartam.*

Serapião estava dando uma aula.

- *Então, sou mantido por minha estabilidade sindical? – perguntei para testá-lo*

- *Exatamente. Quando você a perder, kaput!– fez um gesto de cortar o pescoço*

- *Você sabe que eu sei disso, não sabe? – perguntei*

- *Claro, por isso não adianta mentir – ele foi sincero – mas, apesar do papo estar bom, tenho uma missão para você. Por sinal é de caráter pessoal.*

Por isso que ele começou a conversa me elogiando

- *Manda ver – disse eu – se estiver ao meu alcance....*

- *Claro que está* – riu satisfeito, ao ver que eu não estava abalado – *Dentro de um mês teremos um simpósio de toda a área técnica de todas as fábricas do Brasil e os chefes técnicos deverão apresentar painéis de discussão. Por felicidade, caiu para mim um trabalho sobre riscos de incêndio em instalações de refrigeração por amônia, assunto de sua área, porém com um detalhe: os organizadores sacanas distribuíram material de apoio todo em inglês. Você pode traduzir uma apostila de 93 páginas sobre isso?*

- *Claro* – respondi – *mas vai levar algum tempo...*

- *Veja bem*– voltou ele – *eu não posso fazer feio e não sei nada de inglês. Você tem que traduzir e me dar pelo menos cinco dias para que eu a estude e monte uma apresentação.*

- *Isso quer dizer 25 dias, certo?* – perguntei

- *Não, se puder, no máximo 20 dias* – espremeu ele

Nessa época não havia computador na empresa e eu tinha em casa um “poderosíssimo” PC XT, com impressora matricial Epson FX, de 132 colunas (custara 1200 dólares!) 640 k de memória RAM e um "grande" HD de 20 Megabytes. O ambiente era o MSDOS da Microsoft, versão 3.2. Na época era um espanto, e Serapião sabia disso e continuou:

- *Você não precisa vir para a empresa. Vou te dar os 20 dias de licença e você me aparece aqui, no final, com a tradução, impressa no computador* – ofereceu ele

Aceitei, e em 10 dias úteis traduzi, editei e imprimi o calhamaço e apareci antes do fim do prazo com o trabalho pronto. Serapião

deu pulinhos de alegria, sentou-se e passou a tarde dissecando o trabalho.

No outro dia, reuniu-se com Regard e Santana e juntos iniciaram a montagem da apresentação. Ele se envolveu com isso até a data do simpósio, quando partiu confiante.

Quando voltou, quase que me beijou de alegria. Disse que foi muito elogiado e que todos nós estávamos de parabéns. Foi uma festa só e então, ele passou a se comportar (falsamente) não como chefe, mas como o maior dos nossos amigos.

Porém há o reverso da medalha. Mais tarde soubemos pelo engenheiro chefe da segurança, que, realmente o painel de Serapião foi o melhor de todos os apresentados. Ele deu um show de conhecimentos e de jogo de cintura, impressionando a diretoria.

O trabalho tinha sido editado e distribuído pelas fábricas e nele não havia uma menção sobre quem o traduzira. Como sempre, além do autor americano, só aparecia o nome de Serapião.

Mais uma vez, Serapião manobrou e apareceu bem. Era um fino “político”. O resultado disso é que, quando a empresa resolveu montar uma escola para filhos de funcionários, reconhecida pelo MEC, formando técnicos capacitados ao mesmo tempo em mecânica, eletricidade, refrigeração e vapor, Serapião foi convidado a ser seu implantador e primeiro diretor!



85

A Viagem de Esmeraldo

Esmeraldo chegou em casa às duas da manhã, em plena quinta feira depois de um bate bola no motel, e sua mulher - Aninha - estava uma fera. A briga foi tão feia - ambos, ele e a mulher, juram que não foram eles - que a cadelinha da família foi atirada da janela do terceiro andar e morreu na hora.

Esmeraldo só notou no outro dia, quando saiu do banheiro, onde se trancou para poder dormir em segurança, pois Aninha tinha prometido jogar água fervente no seu ouvido, assim que ele dormisse. Diante desse clima "ameno", ele passava uma grande parte de seu tempo, engendrando esquemas para enganar a cara metade.

Certa vez, arranjou uma dama, desquitada, que lhe mostrou um chalezinho na montanha, onde havia sauna, piscina natural, churrasqueira, tudo nos trinquês. Para economizar, podia-se levar comida e pagar somente a dormida. Ele adorou e logo pensou em passar lá um fim de semana, incluindo sexta à noite, sábado e domingo, retornando à tarde. O problema era Aninha, que não ia engolir uma desculpa simples. Pensou, pensou, pensou, até que achou a solução.

Na quinta feira, pediu nossa atenção.

- Ô Hilário - perguntou ele - *será que você pode me dar uma mãozinha?*

- *Claro Esmê* - falou Hilário todo prestativo - *Estamos aí.*

- *Aliás preciso da ajuda de todos aqui* - a sala parou nesse momento. Esmeraldo deu uma risadinha safada - *O caso é que tenho um "pessoal" marcado para esse fim de semana e para ficar livre vou falar para Aninha que tenho que fazer um serviço urgente na fábrica da cidade tal. Vou dizer que a coisa lá está preta e o Serapião mandou vir até um avião da empresa para me levar, às duas horas da tarde. Mas, isso só vou contar amanhã na hora do almoço. Aí ela não tem tempo de ficar pensando muito na coisa, nem de vir xeretar aqui. Como eu conheço a peça, sei que ela vai telefonar para ver se eu viajei realmente. Aí, quem atender o telefone aqui, deve confirmar a história, tá legal?*

Geralmente, quem atendia o telefone era o Hilário, por isso que Esmeraldo estava contando com ele. Como jogava nesse time, Hilário se pôs à inteira disposição.

- *Deixa comigo. E bom final de semana* - riu canalhamente.

No outro dia, dito e feito. Lá pelas 16 horas, o telefone toca.

- *É o Hilário. Sim. Ah, sim* - empostou a voz, o calhorda - *Realmente viajou. Foi resolver um problema na cidade tal. É,*

sim, veio um avião. Olha, acho que deve voltar domingo. Ah. Tá bom. Dinada.

Desligou e fez sinal de positivo para Esmeraldo, que se abria todo, sentado em sua mesa.

- Caiu que nem um patinho, Esmê - riu Hilário - Pode ir tranqüilo. Grande jogada!!

O tempo passou, chegou o final do expediente. Estávamos saindo, quando vejo Esmeraldo disparar numa corrida, em plena avenida, como se tivesse visto uma assombração.

Olhamos para o lado oposto e vimos Aninha, também correndo - certa que não poderia alcançar o velocista - se dirigindo para nossa direção. Chega ofegante até a portaria e grita com o vigilante:

- Chama o gerente desse puteiro, agora! Olha o cachorrão correndo lá em baixo! Safado! Cachorro! Vamos! - se voltou para o vigilante - Chama o chefe que eu quero esculachar com ele! E eu quero também saber quem é Hilário, um outro cachorrão safado que existe nesse antro!

Nesse momento, as moças do escritório que estavam saindo, solidárias, a arrastam para um carro, onde conseguem acalmá-la.

Esmeraldo passou esse fim de semana escondido na casa de um primo. Hilário quase desmaiou quando soube que a mulher o queria denunciar. Alguns dias depois, Esmeraldo alvo de todo

tipo de gozação na fábrica, nos contou o que dera errado no seu plano.

- *Deixei de levar em conta um detalhezinho, que só a lógica feminina pode alcançar. Sabe como a jararaca desconfiou?* - perguntou ele, todo desanimado

- *Não* - respondemos em coro

- *Ela contou prá minha irmã. Desconfiou na hora que eu não levei nem uma bolsa com troca de roupa. Ela pensou: "vai passar três dias fora e não leva nem uma cueca? Aí tem coisa.". Então ligou para o Hilário, mas não se convenceu, pois a tal da cueca estava falando mais alto e resolveu vir se esconder nas proximidades da portaria para ver se eu saía. Ainda bem que eu vi, quando ela estava bem longe, se não, ia ser obrigado a encostar a cara dela aqui, bem na frente de todo mundo.*

- *Pô, Esmê* - falou Hilário - *Ia haver necessidade disso?*

- *Você não conhece a fera! Aquilo só sossega com umas pancadas muito bem dadas. Ou você bate ou apanha. Não tem escolha* - suspirou Esmeraldo, abrindo sua Bíblia, para encontrar algum consolo.

Eu pergunto prá vocês: como é que a gente podia ficar sério numa sala dessas?



86

Os Sustos

Celestino não perdia a ocasião de malhar Zazá e este passava o tempo procurando um jeito, cada vez mais violento, de espremer o neguinho.

Houve uma vez que Celestino arranjou uma barata de borracha, idêntica a uma verdadeira. Nesse dia, em vez de se esconder de Zazá, o procurou por toda a fábrica. O encontrou conversando animadamente com dois encarregados e uma operadora de máquinas, em um canto de uma sala de fabricação.

Celestino entrou, fingiu que inspecionava uma máquina e se encaminhou para o grupo. Ao se aproximar, já foi incomodando.

- *Sujou!* – disse um encarregado

- *O que você quer aqui, macaco?* – Zazá entrou de sola – *Ninguém te chamou na conversa.*

- *Eu só quero dar bom dia aos queridos colegas* – Celestino ria.

- *Te manda* – disse o outro – *A conversa é particular.*

- *Ele “tá” rindo* – disse Zazá – *Esse neguinho não aprende nunca. Não adianta, acabou nosso papo. Ele não tem limites e vai ficar aqui, xeretando, rondando, sem se incomodar com mais nada.*

- *Já que não sou bem vindo, vou embora* – Celestino se abria todo e Zazá ficou desconfiado

- *Então te manda logo, rápido! Já foi?* – Zazá o enxotou

Celestino, então, num gesto rápido jogou a barata no chão, nos pés de Zazá. Este enlouqueceu, soltou um enorme grito, dando um pulo para trás, derrubando algumas caixas. A sala toda parou para olhar e depois todos caíram na gargalhada.

Celestino, rápido como um raio, pegou a barata e se escafedeu. Zazá, pálido e trêmulo, se levantou sob a gozação de todos e xingando muito correu atrás de Celestino, mas este tinha sumido.

Dias depois, Celestino estava na glória.

- Ele tem medo até da barata de borracha. Não pega nela de jeito nenhum. É só eu mostrar “ela” que ele se afasta. –
contava rindo e feliz

Zazá ameaçava de longe:

- Vai ter volta, “seu” crioulo! “Me” aguarde.

E o dia da volta chegou.

Celestino costumava ir até minha sala para presumidamente relatar condições inseguras por ele anotadas (ele era da CIPA). Mas isso era desculpa para sentar ficar papeando, dar uma olhada no jornal e olhar o movimento da enfermaria.

Minha sala ficava no complexo de saúde, um salão de espera que tinha em volta dois banheiros, a enfermaria, a sala do

médico, a do dentista e a minha. As salas não tinham janelas, mas sim basculantes situados rente ao teto.

Zazá, certo dia, de manhã cedo, pediu que eu saísse logo que Celestino chegasse. Sabendo que ia rolar mais uma peça, concordei.

Lá pelas 10 horas, chega Celestino. Entrou, sentou e começou a falar sobre um guarda corpo de uma plataforma que estava mal fixado. Dei uma desculpa, dizendo que voltava já e saí. Zazá, que estava escondido na enfermaria, atravessou a sala de espera e não deu chance a Celestino. Puxou a porta de minha sala e a trancou com chave.

Celestino ficou branco.

- *Zazá, brincadeira tem limite. Abre essa porta* – dizia abafadamente batendo discretamente na porta.

Zazá correu para sua sala e ligou para minha. Celestino atendeu.

- *Como é que é macaco?* – falou ele – *“Tá” gostando da jaula? Vai ficar aí, preso!*

- *Zazá, pára com essa brincadeira. Um chefe vai ver e vai sobrar “prá” todo mundo* – Celestino estava aflito.

- *Vai ficar preso...* – Zazá cantarolava

- *Pelo amor de Deus* – Celestino se desesperava – *Aqui é lugar de trabalho. Isso pode dar demissão por justa causa.*

- *Vai ficar preso...* – Zazá cantarolava, sem se incomodar. Depois de ouvir bastante os argumentos de Celestino, Zazá desligou e foi continuar seu plano. Correu até a sala de Regard, que era chefe de Celestino.

- *Regard, “cê” sabe onde está o Celestino?* – perguntou ele
- *Eu não* – resmungou Regard, cheio de preocupações.

Então Zazá contou o plano para dar um susto no crioulo e Regard adorou.

- *Então, “cê” liga agora pra ele e diz que está precisando dele aqui* - falou Zazá

Regard mandou bala.

- *Onde é que “cê” “tá”, crioulo?* - falou ele

- *Na enfermaria* – Celestino ficou gelado

- *Vem “prá” oficina urgente. Temos que instalar uma máquina e a produção parou. Vem rachando!* – Regard estava contendo o riso

Zazá ligou para Celestino.

- *Por tudo quanto é mais sagrado – gemeu Celestino – O Regard “tá” me chamando. A produção parou. Isso não é brincadeira. Eu vou perder meu emprego. Abre a porta, pelo amor de Deus.*

Zazá não dava papo.

- *Vai ficar preso... – cantarolava*

E desligou.

Zazá combinou para que Regard ligasse de novo em 15 minutos. Esses foram os mais longos minutos da vida de Celestino.

- *Ô crioulo! – Regard gritou ao telefone – Eu já não mandei “cê” vir para cá? “Tá” de brincadeira? “Cê” pensa que “tá” onde? Quero ver você aqui AGORA!*

Zazá correu até a janela de minha sala

- *“Tá” fazendo hora aí dentro, não é macaco? O Regard “tá” te procurando! Vai te preparando....*

Celestino estava completamente transtornado e fez várias súplicas pela janela. Zazá somente respondia:

- *Vai ficar preso...*

Celestino tomou uma decisão.

- *Não vai abrir, não é?* – falou ele – *Então vou sair pelo basculante. Se eu ficar entalado nele é até bom para que a chefia e toda fábrica vejam até que ponto chega sua irresponsabilidade.*

Dizendo isso, subiu em minha mesa, colocou uma cadeira nela e daí pôs a cabeça e o pescoço para o lado de fora, pelo basculante. Era evidente que não dava para ele sair por ali, mas, no desespero, estava valendo tudo. Alguns curiosos começaram a se ajuntar e quem ficou preocupado, dessa vez, foi Zazá.

- *“Tá” bom, “tá” bom* – disse ele – *Vou abrir. Mas pula fora desse buraco. Já!*

Dizendo isso, deu a volta e abriu a porta. Celestino saiu como um furacão. Parecia uma onça enjaulada que é solta na mata.

Quando chegou esbaforido na oficina, foi recebido com aplausos por vários mecânicos que sabiam da história.

- *Chegou o pato!* – todos riam e debochavam

Celestino, ao ver que tudo tinha sido armação, ficou feliz e também riu. De alívio....



87

A Festa Secreta

O pessoal do escritório estava combinando um churrasco no grêmio no final do expediente de sexta feira. Porém, de cara, vetaram Jonilson, por seu comportamento depois que bebia. Assim, por tabela, não convidaram ninguém de nossa sala.

Um funcionário do almoxarifado, Ruimar, era também a pessoa que explorava o bar do grêmio e o encarregado do churrasco.

Eu estava verificando um aparelho em uma das prateleiras do almoxarifado, quando chegou Celinho e, sem notar minha presença, deu uma série de instruções a Ruimar.

Nessa hora fiquei sabendo do churrasco secreto. O melhor da coisa foi que Celinho disse que Ruimar não devia falar disso para Jonilson, e contou do veto. Ao escutar isso, pensei: Ah! Então é assim?

Voltei rápido para nossa sala e falei com Jonilson.

- *Tá sabendo que vai ter um churrascão hoje no grêmio?*

- *Não...* – respondeu Jonilson interessado

- *Quer ir?* – perguntei

- *Se alguém me levar....* – o grêmio era longe e não dava para ir a pé.

- *Deixa comigo, que te levo. Mas não fala prá ninguém tá?*

Ruimar saiu as quatro horas e foi para o grêmio, iniciar os preparativos. O churrasco começaria depois das 18:30. Saímos as 16:30, peguei meu carro e levei Jonilson até o grêmio.

- *Você não vai ficar?* - Jonilson pensou que eu ia ficar no churrasco.

- *Depois eu volto.* - menti e sai disparado.

Segunda feira. Hora do café. Ruimar entra em nossa sala. Jonilson está quieto demais.

- *Esse crioulo passa dos limites* - falou Ruimar rindo - *Ô neguinho, cê não tem jeito não. Olha aqui a tua conta.*

- *O quê é que ele fez dessa vez?* - quis saber Esmeraldo

- *Eu não sei como* - começou a contar Ruimar - *mas, mal eu cheguei ao grêmio e essa peste surgiu como por encanto. Como eu tava precisando de ajuda, mandei ele ajeitar a churrasqueira e dar uma arrumada no local. Acontece que meu armário de utensílios estava aberto e esse corno viu uma garrafa de Drurys que eu guardava lá. Fechada.*

- *Nossa mãe!* - falou Esmeraldo fingindo espanto - *Ainda bem que Jonilson não gosta de uísque.*

- *Imagina se gostasse* - filosofou Ruimar

- *Só tomei uns goles – Jonilson se defendeu – E cê bem que gostou da ajuda, né?*

- *Que goles – atalhou Ruimar – Bebeu até a garrafa. Lá pelas seis horas já tinha comido três pães com molho, bebido várias latas de cerveja e, achando que a carne ia demorar muito para assar, cortou meia peça de contra filé – que era minha e nada tinha a ver com o churrasco dos caras – fez uns bifés e comeu ali mesmo. Quando dei fé, já tinha perdido quase toda minha carne.*

- *Mas te ajudei bastante – cortou Jonilson bem sério – Quem lavou todos os pratos e copos? Quem passou pano no banheiro? Quem arrumou as mesinhas?*

- *Também.... – continuou Ruimar – Depois que a turma chegou, ele já estava mamado. Levei a maior bronca do Celinho, que queria saber quem tinha levado ele e daí por diante tudo deu errado, com esse macaco enchendo o saco de todo mundo. Eu só ouvia reclamações...*

Nesse momento entra Celinho na sala com um papel na mão.

- *Ô Ruimar – falou – Além de levar esse traste para sacanear nossa festa, ainda quer roubar? Que conta maluca é essa?*

Ruimar tinha dado a conta para Celinho de manhã cedo.

- *Não levei ninguém e não tem nada de maluca. – se defendeu Ruimar*

- Ah é? – Celinho estava nervoso – Nós demos a carne e você tá cobrando aqui 1 kg de filé. E que história é essa de Drurys? Ninguém nem viu cheiro de uísque lá!

Antes que Ruimar explicasse, Jonilson rapidamente se levantou e vazou fora. Mais uma vez, nos divertimos imensamente com a discussão dos dois, que logo resolveram sair para caçar o fujão.



88

O Casamento

Depois de Valdinho, chegou Jamel, um descendente de árabe, para ser engenheiro assistente de Serapião.

Ele era muçulmano, ingênuo, uma ótima pessoa e, ao contrário de Valdinho, que estava instruído para não se misturar e nos vigiar de perto, logo se notou que Jamel estava louco para se integrar à nossa patota, porém disfarçava e tentava não fazer isso às claras.

Com o tempo notamos que ele guardava para si tudo que ouvia e via e, como era boa gente, ganhou nossa confiança. Livramento não perdia a ocasião de conhecer a cultura de sua gente, e o crivava de perguntas.

- *O Jamel é um fiel de araque* – disse eu para o provocar – *Nunca vi você fazer as orações obrigatórias, diárias, prostrado e voltado para Meca.*

- *Isso não cabe aqui* – respondeu ele – *Tem coisa que a gente não faz mesmo, principalmente num lugar que, acredito, não tenha nenhum muçulmano. É como o cara que diz que é católico e nunca vai à missa.*

- *E sua peregrinação obrigatória a Meca* – continuei alfinetando – *Uma vez na vida você tem que cumprir esse preceito. Já foi lá?*

- *Ainda não. Mas certamente, um dia irei. Você está muito esperto sobre o islamismo.* – disse ele.

- *Eu conheço um pouco de religião, por isso sou ateu – respondi eu – Sei algumas palavras de árabe, conheço a vida de Maomé melhor que muito fiel. Sei até o que significa Jamel.*
Ao ouvir isso, Jamel desconversou e deu um jeito de ir embora.

Mais tarde, quando estávamos sozinhos, ele perguntou:

- *Cê 'tava' brincando quando disse que sabe o que significa Jamel, não é?*
- *Não – respondi – Sei muito bem o que significa “djemmel” cuja pronúncia é exatamente “jamel”.*

Jamel olhou preocupado.

- *E, o que é?*
- *Camelo.* – respondi

Jamel riu um sorriso amarelo e falou:

- *Errado. Tá se vendo que você não sabe nada de árabe.*
- *Qual é o significado, então?* – devolvi
- *Não tem significado. É um nome próprio – disse ele, mentindo. Depois, abaixando a voz – Mas, vou lhe pedir um favor. Não comente isso com os outros. Sempre tem algum espírito de porco que pode querer pegar no meu pé. Achei graça de seu jeito e prometi que me calaria.*

Certo dia, Jamel anuncia seu noivado e casamento para breve. Era um casamento arranjado pelas famílias, como manda a tradição. E esta estava sendo respeitada ao máximo. Livramento arrancou de Jamel tudo o que podia sobre a

cerimônia, que seria comandada pelo xeique da comunidade, em São Paulo.

- *É uma cerimônia íntima, fechada – explicava Jamel – Praticamente somente a família e a comunidade participam.*

Esmeraldo, ao ouvir isso, ficou com uma expressão demoníaca.

- *Quer dizer que você não vai convidar os amigos?* – perguntou ele

- *Claro que vou* – disse Jamel

- *Estou falando de nós, aqui, que não somos de sua comunidade, nem muçulmanos* – continuou Esmeraldo

- *Claro. Para isso preciso de autorização do xeique, mas não acho que vai haver problema.* – falou alegre Jamel.

Depois disso, se retirou e Esmeraldo falou:

- *Vamos fazer uma sacanagem com Jamel. Tá na cara que o convite para nós será “pro forma”, pois ele sabe que ninguém daqui vai se abalar até São Paulo para assistir seu casamento. Vamos botar pressão, dizer que vamos e aí ele vai ficar preocupado.*

Todos concordaram e esperaram a ocasião adequada para pegar o pato.

Alguns dias depois, Jamel está preocupado, pois a data do casório se aproxima, e quando tocou no assunto conosco, Esmeraldo entrou de sola:

- *Jamel, amigo, temos uma grande notícia para te dar – falou ele sorrindo.*

- *Qual é?* – perguntou Jamel de alto astral

- *Já recolhemos o dinheiro para comprar seu presente de casamento e alugar uma van. Vamos todos nós aqui (3 pessoas) e mais outros da fábrica. Vamos lotar a van e chegar para a cerimônia na mesquita e para a festa.*

Jamel sorriu, sem acreditar e se virou para Livramento.

- *É verdade, 'seo' Livramento?* – perguntou, com um sorriso nos lábios, pensando que fosse brincadeira.

- *É sim, Jamel* – Livramento estava sério – *Já aprontamos tudo. É só você informar a data.*

- *Já pensou* – falou Hilário – *Essa turma toda chegando lá. Vamos animar esse seu casamento. E vamos levar uma faixa parabenizando os noivos, para ser aberta nas ocasiões adequadas.*

Jamel parou de rir, enquanto ouvia o que cada um ia fazer na festa.

- *Cê sabe que a gente costuma dar um banho de chopp no noivo?* – falou um

- *E beijar e dançar a valsa com a noiva?* – disse outro

- *E amarrar um montão de lata vazia no carro dos noivos, além de fazer uma baita decoração nele?* – falou Livramento.

Jamel estava visivelmente preocupado, pensando em nossa fama e já imaginando as cenas.

- *Não vai ter bebida alcoólica, nem valsa...* – resmungou baixinho

- *Não faz mal* – falou Esmeraldo – *A gente chega cedo e toma todas em algum bar. Depois já vai para a cerimônia calibrado e acaba de se afogar bebendo ponche, suco de fruta e comendo quibe.*

Jamel se assustou:

- *Vocês não seriam capazes disso...*

- *Cê vai ver. Seu casamento ficará na lembrança do xeique e da sua comunidade. Nós vamos arrasar, alegrando sua festa como jamais se viu!* – disse Hilário

Jamel tentou então nos dissuadir dessa empreitada, alegando que era uma solenidade particular, que havia regras religiosas, que o xeique poderia vetar a presença de não muçulmanos, e mais uma série de desculpas. Depois disso saiu, de cara fechada.

Passou então a nos evitar, e se mostrava sempre preocupado, com a perspectiva de ter que suportar vexames dados por nós em seu casamento.

Sua atitude somente voltou ao normal depois do casório, é claro, sem a nossa presença. E, até hoje, não sabemos em que dia Jamel se casou.



89

Adail

Adail veio de uma fábrica do interior de São Paulo para assumir a função de chefe da área administrativa. Pense numa nulidade! Pense num incompetente! Pense num covardão! Quando acabar, ainda não terá descido até ao perfil de Adail.

Era um verdadeiro filho da política de fidelidade acima da capacidade. Tinha menos de 30 anos e não dava um passo sem consultar os superiores. Não tinha coragem, iniciativa, instrução. Nunca a filosofia da música de Chico Buarque “Vence na vida quem diz sim” foi tão bem aplicada.

Foi ele quem instituiu o famoso livro onde o pessoal do escritório tinha que anotar suas saídas, marcando aonde ia, finalidade, horário de saída, e previsão do horário de retorno. Vale a pena notar que tal despautério somente funcionou por dois ou três meses, pois as pessoas foram deixando de anotar paulatinamente e o contador da empresa também foi parando de fiscalizar.

Também foi responsável por um enorme prejuízo causado à empresa, que testemunhei pessoalmente e será assunto de outra história.

Quando o gerente se ausentava, o comando da fábrica ficava

nas mãos desse mentecapto, que, para fugir da responsabilidade, congelava qualquer assunto gerencial, até que o mesmo voltasse. Certa vez, o gerente tinha viajado e Ramalho estava de férias. Portanto o comando da unidade ficou inteiramente com esse cretino.

Na portaria, um senhor, de terno preto, pasta, óculos escuros, pulseira grossa de ouro e relógio Rolex, também de ouro.

- *Fiscalização!* – falou autoritário para o porteiro – *Sou Delegado Regional do Trabalho e vou fiscalizar a empresa. Conduza-me a um local onde tenha mesa e máquina de escrever.*

Não era fiscal. Era o próprio Delegado. O porteiro se cagou todo.

- *Sim senhor, sim senhor, um instante* - disse tremendo o porteiro, ligando para Adail

- *Seo Adail* – gaguejou ele – *tem um senhor aqui, dizendo que é Delegado do Trabalho e quer entrar na empresa para fazer fiscalização. Quer uma sala com máquina de escrever.*

- *De maneira nenhuma* – falou o boçal – *Não admitimos fiscalização aqui. Diga que não autorizo a entrada dele.*

O guarda se voltou para o Delegado e falou:

- *Desculpe doutor, mas o chefe mandou dizer que não autoriza a sua entrada.*

Conta-nos o chefe da portaria que o homem tirou os óculos e com uma cara de espanto perguntou:

- *Como é!? Não autoriza!?* – ele estava incrédulo – *Fala prá ele que entro aí por bem ou por mal. A Lei me dá esse direito. Vou lhe dar 3 minutos. Se eu sair daqui, volto com apoio policial.*

Lembro mais uma vez que não havia telefone celular. O sujeito tinha de ir ao batalhão pedir a patrulha.

Ouvindo isso, o chefe da portaria, macaco velho, entrou na jogada e falou para o vigilante:

- *Deixa comigo, que vou ligar para o Ramalho.*

Deu sorte de encontrar Ramalho em casa, apesar de estar de férias.

- *Ô Ramalho! Tem um delegado do Ministério da Trabalho aqui e o Adail barrou a entrada dele na fábrica. Ele diz que vai buscar a polícia para entrar à força.*

Ramalho quase desmaiou.

- *Deixa ele entrar!* – gritou – *Pelo amor de deus nem pense em barrar ele. Esse corno incompetente só sabe fazer cagada.*

Manda o Adail prá puta que pariu e põe o homem na minha sala que vou já para aí.

O delegado entrou e daí a cinco minutos chega Ramalho, a pé, correndo igual um maluco, de calção, camiseta e chinelo.



90

A Noite dos Casais

Helber era presidente do Grêmio de nossa unidade. No segundo ano de seu mandato, resolveu agitar as noites do clube, que geralmente ficava fechado. Assim, passou a fazer a “Noite dos Casais”, uma vez por mês, em uma determinada sexta feira, evento esse que tinha como principal característica não se levar os cônjuges titulares. Somente podia-se entrar acompanhado da regra três.

O evento era exclusivista. Só os homens eram convidados, pois as mulheres, se soubessem dessa particularidade não aceitariam. Ou seja, a mulher levaria o marido ou namorado, e, logicamente, ao ver o salão cheio de marmanjos comprometidos, com garotas estranhas, ia pôr a boca no trombone e melar a coisa. Assim a “Noite dos Casais” ocorria meio clandestinamente. O convite era passado disfarçadamente e ninguém fazia propaganda.

Esmeraldo vibrava nesse dia. Ele e Santana eram os grandes incentivadores de Helber e, se pudessem fariam a tal noite todas as semanas. Desse modo, na sexta feira fatal, passavam boa parte do dia combinando com “o pessoal” a ida ao convescote.

E o mesmo ocorria animadamente. Os primeiros tinham no máximo dez casais. Com o passar do tempo, a tal noite ficou

famosa também entre os solteiros, que fizeram a fama da noitada. Mas, não há mal que não se acabe, nem bem que sempre dure, já diz o ditado popular. Esmeraldo, que não tinha noção da hora de parar ou de manejar, foi o responsável pela fim da famosa noite.

Selma era irmã de Aninha, a mulher de Esmeraldo. Era jovem, tinha 18 anos e tinha o mesmo gênio da irmã. Esmeraldo dizia que ela era mais feroz que Aninha e ficava lamentando previamente a sorte do futuro marido de Selma.

Na quinta feira antes da da sexta da Noite dos Casais, Selma vai até a casa de Aninha.

- *Aninha – disse ela – Você sabe de uma festinha que vai ter no Grêmio amanhã? O Esmeraldo falou alguma coisa?*

- *Não - Aninha já ficou desconfiada – Festa prá quê?*

- *Prá nada – Selma notou a desconfiança da irmã – É que um boiola lá do colégio me convidou prá ir no embalo. Disse que fica muito legal. Disse também que tinha uns caras da empresa lá, na última vez que ele foi.*

- *Dá mais uma pesquisada nisso – pediu Aninha – Eu vou sondar o canalhão (era assim que estava tratando Esmeraldo)*

A noite, perguntou, como quem nada quer.

- *Esmeraldo, nunca mais teve festa no Grêmio. Cê não sabe quando vai ter uma? Tô com saudades daquelas festinhas.*

- *Aquilo tá paradão. O Helber largou o clube. Tá entregue às*

baratas – respondeu Esmeraldo, de sobreaviso. - *Agora, estão alugando o salão. Tem dia que é casamento, outros, aniversário. Mas são festas particulares* – completou, dando uma informação que justificasse alguma festa, já prevendo que Aninha tinha sabido de alguma coisa.

E, realmente, isso acalmou a fera. No outro dia, Esmeraldo tinha seu plano traçado. Não daria satisfação em casa. Do trabalho iria para algum bar e depois, partiria para mais uma noitada alegre: a Noite dos Casais.

- *Cê nem vai trocar de roupa ?* – quis saber Hilário

- *Nada* – disse Esmê – *Vou com essa mesma aqui. Quando eu chegar a noite em casa, arranjo uma desculpa.*

Dito e feito. Porém, Aninha, com sexto sentido aguçado, ligou para irmã, ao ver que Esmeraldo não tinha chegado do trabalho.

- *Como é?* – perguntou ela – *Soube de alguma coisa a mais dessa festa de hoje?*

- *Não* – respondeu Selma, desinteressada – *A única coisa que o cara lembrou é que o Helber tava lá. Ele não o conhece, mas um amigo dele mostrou um cara e disse que ele era o presidente do Grêmio. Ainda é o Helber, não é?*

Aninha quase caiu da cadeira.

- *Se veste, não fala nada com ninguém, que vou passar aí. Nós*

vamos lá naquele antro, pois acho que hoje vai ter caçada – disse ela, já furiosa.

As 22 horas, Aninha chamou um táxi e foi para a casa da irmã.

Ruimar, que explorava o bar do Grêmio nos conta, na segunda feira.

“Eram umas dez e meia. O salão não estava muito cheio, não. Helber tinha mandado desligar a luz e colocado apenas umas três lâmpadas verdes e uma luz negra. Tinha umas dez mesinhas. A cambada estava toda lá. Helber, Esmeraldo, Santana, Hilário, os encarregados pilantras, todos com seus respectivos pessoais. Hilário tinha acabado de colocar uma fita romântica, acho que era Julio Iglesias, e tinha uns pares dançando.

Eu estava na parte de baixo do bar, preparando umas bebidas, quando ouço um barulhão super esquisito. Quando vou subir pra ver o que era, escuto uma gritaria e vejo Hilário descendo a escada correndo.

- Sujou – disse ele – passando por mim sem parar de correr e saindo pela porta dos fundos do bar.

Não deu tempo nem para respirar. Santana passou por mim igual um raio. Atrás dele, também disparado, Helber. Subi. A cena era a seguinte: Aninha tinha chegado com a irmã. Abriu a porta do salão de supetão e logo localizou Esmeraldo, de camisa branca brilhando na luz negra, sentado com seu pessoal e mais duas garotas.

- Hoje acabo com esse puteiro – adentrou ao salão Aninha, aos berros, derrubando as mesinhas, por onde passava

Enquanto os mais espertos tratavam de escapar, Esmeraldo se desespera, pois seu “pessoal” resolveu ficar e enfrentar a luta.

- Levanta e corre, pelo amor de Deus – *falava ele para sua valente amada* – Cê não conhece a fera!

Sua doce donzela, com um sorrisinho, respondeu

- Eu não! Não devo nada pra ela!

Aninha, que já estava perto, viu o sorriso da outra e aloprou de vez.

- Ta rindo né? – ***gritou enquanto voava para cima da rival*** – Vou quebrar todos esses dentes!!!

Esmeraldo entrou na frente.

- Calma Aninha, eu posso explicar ...– *falou ele, segurando-a pelo braço.*

Aninha deu um safanão, se soltou e atacou Esmeraldo. As outras vendo a porrada comer, então, decidiram fugir. Esmeraldo, também achou que era melhor dar no pé e tentou escapar de Aninha. Deu-lhe um empurrão e esta lhe segurou pelo punho da camisa. Esmeraldo fez força para escapar e a camisa se rasgou na altura do ombro, ficando toda a manga nas mãos de Aninha, enquanto Esmeraldo escapava, a mil por hora, pelos fundos do bar, com a camisa sem uma manga. Aninha, vendo que não tinha mais em quem descontar, promoveu um quebra-quebra homérico, jogando as mesinhas no chão, quebrando as garrafas e vidros dos janelões. Aí, seguraram ela, que estava gritando que nem uma possessa. Foi um custo para ela se acalmar. Ainda bem que a irmã dela tava lá”

No sábado, de manhã, estava eu passando por uma rua de um

bairro, quando vejo Esmeraldo, caminhando em direção ao centro, vestindo uma camisa sem uma manga. Parei o carro e ele entrou.

- Pode ir parando com gozação – foi logo dizendo ao entrar – A coisa está séria pra meu lado.

Quando parei de rir, contou-me por alto a aventura da noite anterior.

- Agora não dá pra voltar pra casa. Me leva para casa do Helber, vou ver se arranjo outra camisa e se tiro uma pestana – falou desanimado – Dormi no banco da praça essa noite....

De fato, depois dessa, acabou-se a Noite dos Casais e Aninha se separou de Esmeraldo. Sem pensão, sem nada. Simplesmente pegou a filha e foi morar com outro.

A separação fez tanto bem aos dois, que três meses depois já estavam amigos, ela, com o novo marido, visitando os filhos, que ficaram com ele e todos se confraternizando na maior alegria.



91

A Fuga pelo Riacho

Esmeraldo estava livre. Um filho tinha ido para a Europa, tentar a sorte. Assim, morava com os outros dois. Suas preocupações tinham acabado. Chegava ao trabalho assoviando, rindo, no mais alto astral. Santana, morrendo de inveja, se lamentava quando perdia programas que Esmeraldo arranjava durante a semana.

Mas, na vida, nem tudo são flores. Lenice, a companheira de Esmeraldo no dia do fatídico Baile dos Casais – aquela mesma que quis enfrentar Aninha – era uma MENOR e com um pai de maus bofes, um conhecido comerciante da cidade. Ela estudava durante a parte da manhã no mais tradicional colégio de freiras da cidade, que ficava a 200 metros da portaria da nossa empresa.

Esmeraldo, na maior cara de pau, já cinquentão, fazia ponto na porta do colégio na hora do almoço, para namorar a adolescente que saía da escola. E ficava perto de uma banca de jornal, gastando todo seu tempo de almoço, num namorico digno de colegiais, à vista de todo mundo.

Mas, apesar do namoro firme, continuava sua vida de aventuras, o que começou a incomodar a donzela, que não suportava ser

apenas mais uma na vida do trouxa. Assim, aplicou-lhe o velho golpe: ficou grávida.

Antes que a barriga estufasse, começou a passar muito mal e os médicos logo descobriram o motivo. Assim, dois meses após, Otacílio, o pai da moça, ficou sabendo da chocante notícia e, se desesperou.

Certo dia, um sol lindo, céu azul, Esmeraldo está todo faceiro, sentado à sua mesa de trabalho, fingindo que estudava um desenho de uma tubulação, quando o telefone toca. Era da portaria. Alguém queria falar com ele.

Esmeraldo desce e cinco minutos depois, volta, pálido, agindo como se tivesse levado uma paulada na cabeça. Pega o telefone e liga para Santana. Fala tão baixo que ninguém escuta a conversa. Vai até sua mesa, remexe nas gavetas, põe algo no bolso do guarda pó e desce apressado.

Conta-nos o porteiro. Otacílio chega à portaria e pede para falar com ele. Esta segurando uma bolsa capanga, que de tão estufada parece que tem um tijolo dentro. Ao falar com o porteiro a coloca sobre seu balcão, o que ressaltou ainda mais seu tamanho.

Chega Esmeraldo. Eis o diálogo.

- *Você é o Esmeraldo?* – perguntou Otacílio com voz ameaçadora

- *Sou* – respondeu Esmeraldo empalidecendo ao reconhecer Otacílio

- *Eu sou o pai da Lenice* – a voz de Otacílio era francamente inamistosa – *e nós precisamos resolver um assunto agora.*

- *Espera um pouco que vou pegar meus documentos* – Esmeraldo deu um sorrisinho amarelo, enquanto voltava rápido para sua sala

Após ligar para Santana, passa de novo pela portaria.

- *Vou pegar minha identidade que está lá dentro* – falou de passagem para Otacílio, que segurava a capanga de modo estranho. E zarpou para dentro da fábrica, atravessando o pátio quase correndo.

O tempo passa. Após vinte minutos, toca o telefone. Eu atendo.

- *Cadê o Esmeraldo?* – pergunta o porteiro

- *Sei lá* – respondi – *Faz quase meia hora que ele desceu. O que está havendo?*

Nessa hora, nós não sabíamos que estava se desenrolando tal drama.

- *Tem um homem aqui na portaria. Parece que está esperando Esmeraldo. Acho que eles vão sair, pois ele disse que ia pegar a carteira de identidade e logo voltaria. O homem está muito nervoso e até já tentou entrar a força para procurar ele* – e baixando a voz – *Parece que o cara tem uma arma dentro da capanga. Ela tá quase rasgando de tanto estufada. E, quando pôs no balcão, parece que é bem pesada. A coisa tá muito esquisita.*

- *Vou procurar ele* – respondi

Ato contínuo, desci para a fábrica. Ao passar pela portaria confirmei a capanga estufada. Cruzei o pátio e comecei a procurar Esmeraldo. A fábrica possuía um imenso pátio cimentado – mais de 3 000 m² – em cujo se distribuíam os diversos prédios dos setores. Atrás do almoxarifado ficava uma derivação do pátio que se ligava às residências dos chefes (3) por um pontilhão sobre um ribeirão, que atravessava a fábrica por cerca de 300 metros, sendo coberto pelo pátio principal. Ao chegar perto dele vi o Sr. Máximo, um faxineiro, mais de 50 anos, brancão, avermelhado, olhos azuis, cabelo branco cortado a escovinha, totalmente bronco e analfabeto.

- Ô "seo" Máximo! Viu o Esmeraldo? – perguntei a ele

- Vi, sim senhor – respondeu ele, com uma voz parecida com a do Scooby-Doo.

- Cadê ele? – continuei a perguntar

- O sr. quer falar com ele ? – respondeu Máximo, tentando esconder algo

- Quero sim. E é importante – fiz pressão

- Não vai “dá” não – ele fez cara de triste – Ele acabou de ir embora...

- Que ir embora, que nada – disse eu – Estou vindo da portaria e o guarda disse que ele está aqui dentro.

- *É, mas ele foi sim* – Máximo deu um sorriso maroto – *Vou explicar pro senhor.*

“Eu estava vindo lá de baixo e ao passar em frente as “caldeira”, vi “seo” Esmeraldo saindo da sala do Santana. Ele estava muito esquisito e ao me ver pediu prá eu trazer uma escada, que ele precisava medir uma coisa dentro do ribeirão. Aí eu disse que ali no pontilhão (5 metros de altura) precisava de uma escada grande e pedi prá ele esperar enquanto eu ia na obra (setor de construção civil) buscar uma. Aí ele disse prá eu ir correndo que ele estava com muita pressa. Mas, quando cheguei lá não encontrei uma escada, tava tudo sendo usada. Fui procurar e demorei um pouco em achar uma. Aí peguei ela e “truxe” ela até aqui. Quando cheguei aqui (onde nós estávamos, a cerca de 60 metros do pontilhão) vi “seo” Esmeraldo em cima do corrimão, quase pulando lá dentro. Aí eu gritei: “Seo” Esmeraldo, “óia” a escada aqui. Já tô chegando! Mas ele já tinha se dependurado e gritou “Não precisa mais não!” e pulou.”

- *Ele está no ribeirão?* – perguntei incrédulo

- *Não senhor* – disse ele – *Ele se enfurnou lá prá baixo. Achou que fugiu pelo subterrâneo. Pode ir lá ver. Só tem as “pegada” dele no barro.*

Fui até lá e vi o local onde ele tinha pulado e depois, as suas pegadas, uma bem distante da outra, que significava que a fuga fora feita em alta velocidade.

Depois de atravessar a fábrica, o córrego passava por baixo de

uma avenida da cidade e após ela, se podia subir por suas margens antes que o mesmo passasse sob a via férrea.

- *Bem que "seo" Esmeraldo falou* – comentou Máximo olhando as pegadonas– *Ele tava mesmo com muita pressa!*

Fui até a sala do Santana, que a princípio quis negar tudo.

- *Ainda não vi Esmeraldo hoje* – mentiu bem sério

- *Pode ir parando* – falei eu – *Todo mundo viu ele sair correndo de sua sala agora mesmo. Cê sabe que ele pulou dentro do ribeirão e fugiu?*

- *Claro* – Santana se deu por vencido – *Esse tal de Otacílio é bandidão e pra encher de chumbo a cara do Esmê não custa nada. Essa foi a única opção dele.*

- *Aposto que foi você que lhe deu esse "ótimo" conselho* – eu disse rindo

- *Eu não...* – mentiu Santana, continuando sério – *Mas era a única coisa a fazer. Cê tá rindo porque a vida em risco não é sua....*

Voltei e avisei ao porteiro, mandando que ele ficasse de boca fechada. Otacílio estava do outro lado da rua, conversando com alguém.

- *O cara tá muito nervoso* – disse o porteiro – *Disse que ia*

invadir a fábrica. Já xingou o Esmeraldo de tudo quanto é nome.

- Pede reforço e deixa ele aí fora, cozinhando em banho-maria – falei – Ele acaba se cansando e vai embora.

Em menos de uma hora, realmente, Otacílio foi embora, deixando um recado dizendo que Esmeraldo estava lhe devendo e ia pagar bem caro. Em menos de uma hora, Máximo tinha espalhado a notícia por toda a fábrica e o pontilhão virou ponto turístico. As pessoas paravam o trabalho para ir lá e ver as pegadas do cagão.

Burt chegou pondo fogo pelo nariz e queria uma explicação nossa. Dissemos que sabíamos tanto quanto ele. A gozação foi geral em toda parte. Zazá não cabia em si de felicidade. Fez até versinhos para comemorar o fato. (leia no final “*A Vida do Garanhão*”)

Esmeraldo saiu pelo barranco todo enlameado. Foi até uma casa e pediu para tirar a lama com uma mangueira de jardim. Todo molhado, já sem lama, correu pelos trilhos do trem em direção ao centro, até chegar perto de sua casa. Chegando lá, tomou banho (esse ribeirão era um esgoto a céu aberto) e foi para rodoviária, onde pegou um ônibus e foi se esconder em Minas, na casa de um parente. Ao chegar lá, a primeira coisa que fez foi telefonar a um amigo que tinha no fórum, que se prontificou a ajudar.

Esse amigo pediu ao promotor que chamasse Otacílio e conversasse com ele. Assim foi feito e Otacílio foi convencido a

nada fazer, desde que o futuro papai bancasse o filho e a nova esposa. Chamaram Esmeraldo de volta, que somente aceitou a coisa na presença do promotor, onde se certificou que Otacílio estava com boas intenções.

Ficou doze dias sem trabalhar, Burt lhe deu todo apoio e nem lhe descontou os dias. Por outro lado, ao voltar, ficou mais de uma semana sendo alvo de todo tipo de gozação por parte da fábrica em peso.

Para todos dizia que aquilo era mentira e que faltou mais de uma semana pois estava sofrendo do coração. Mas para nós, não adiantava negar.

- Uma coisa que não suporto é quando o cara chega, não fala nada e fica me olhando com um sorrisinho de viado – desabafou ele.

A Vida do Garanhão

I

Em março de 44
Nasceu um garoto comilão
Que desenvolveu sua tara
Lá no distrito de S João

III

Aos treze anos de idade
Responsável e cheio de horário
Conseguiu na fundição
Entrar como estagiário

V

Após alguns anos passados
Ganhando mais um pouquinho
Passou logo a desenhista
Mesmo sendo um garotinho

VII

Ô barbudinho danado
Que gostava de prancheta
Nela sempre um desenho
E na cabeça uma boceta

IX

Tentando ser honrado
Deixando a farra de lado
Não querendo ser falado
Tornou-se homem casado

XII

Com uma vida famosa
De carro e muito prosa
Vivendo num mar de rosas
Numa vida não nervosa

XIV

Mas, como a carne é fraca
Um dia lhe fez bem
Ficando no vai-e-vem
E não disse nada a ninguém.

XVI

O garanhão assustado
Vendo aquele cabra macho
Saiu escondido por baixo
Pulando lá no riacho

II

Mais tarde já na cidade
Com vocação de conquistista
Estudou em muitas escolas
Querendo ser desenhista

IV

Com carteira assinada
Como menor empregado
Sabendo o que queria
Mesmo sendo levado

VI

Aí veio a adolescência
E já de barbinha na cara
Procurava as mocinhas
Para mostrar sua tara

VIII

Com seu jeitinho calado
Ainda um garotão
O seu futuro mostrava
Que seria um garanhão

XI

Depois da lua de mel
Com um destino cruel
Espalhando filhos no mundo
Tornou-se marido infiel

XIII

Nessa vida beleza
Nunca via o mal
Namorava todo dia
Uma doce colegial

XV

O pai da moça era bravo
E queria satisfação
Veio na portaria
Prá falar com o garanhão

XVII

Com este susto danado
Que o fez perder a noção
Teve o coração inchado
Subindo muito a pressão.

XVIII

Aquele coração tão grande
Que cabia muito amor
Agora ficou pequeno
Depois que passou o pavor

XX

Triste lá no seu canto
Pensando sem porquê
Procurando solução
Prá continuar a viver

XXII

Tá mostrando uma tristeza
Como um barraco de zinco
Deitado em sua prancheta
Esperando os 55

XXIV

Quando estiver bem velhinho
Tens muito a recordar
Das tristezas e alegrias
Do riacho a te molhar

XXVI

De um ganhão já acabado
Com o saco todo arriado
Cansado de se esbaldar
E de tantos filhos deixar.

Solrac – 10/04/84

XIX

Agora o que o preocupa
São as leis do dia-a-dia
Criadas pelo governo
Para a aposentadoria

XXI

Trabalhar mais treze anos
Para ele é o fim
Agora pergunta a Deus
O que ele fará de mim

XXIII

Vamos em frente, ganhão!
Tudo vai melhorar
Pense só no seu futuro
Depois de se aposentar

XXV

Aqui vai meu conselho
Prá quando o dia chegar
Volte lá prá S. João
Para uma vida só recordar



92

O General

Ele chegou do interior de Minas Gerais. Era magrinho, branquelo e semi-analfabeto. A empregada de um chefe conseguiu arranjar uma vaga na fabricação em nossa empresa, cujo chefe era Werner, um estrangeiro com 1,90m, 100 kg, louro, com um bom humor incrível.

Veio para o Brasil sem saber nada da língua e do povo, acreditando que iria encontrar cobras e índios cruzando as avenidas do Rio de Janeiro e São Paulo. Trouxe a mulher e duas filhas bem pequenas. Estava no país há quase um ano, e, para variar, adorava as mulatinhas, caipirinha e feijoada.

Nosso amigo mineirinho foi trabalhar sob suas ordens. Não me lembro mais do seu nome, pois todos somente o chamavam pelo apelido: general.

General era muito trabalhador e esperto, nunca recusava serviço e não discutia. Fazia! Assim, todos o elogiavam.

Um certo dia, Werner estava procurando alguém que cuidasse do jardim de sua casa, e ao saber disso, General se ofereceu. Foi aceito e, enquanto Werner esteve aqui, General foi seu empregado particular. Ao sair da fábrica, depois do expediente,

assumia o posto na casa de Werner, cuidando do jardim, limpando o quintal, lavando seu carro e fazendo mandados para sua esposa. Todos gostavam dele.

Werner, por sua competência, foi transferido e assumiu a gerência de uma unidade no interior de Minas, um cantão esquecido por Deus.

Quase um ano depois - isso nos contou General e depois confirmei com o próprio Werner - estando de férias em sua cidade, por coincidência bem próxima de onde estava Werner, General quis matar a saudade e, um belo dia, bateu às portas da fábrica.

- *O gerente aqui ainda é o "seu" Werner ?* - perguntou ele ao vigilante

- *É sim* - foi a resposta

- *Quero falar com ele* - continuou general - *Diz que é o General da cidade tal.*

O vigilante - matuto e bobo - acreditou ser um militar a paisana e rapidinho ligou para a secretária.

- *Rosana ? É o João. Tá aqui, na portaria, um General da cidade tal, querendo falar com seu Werner.*

- *Quem? Um general ? Ihhhh!*

Rosana desligou e tocou o bip de Werner. Nessa época, o bip só apitava. Era preciso, ao ouvir o sinal, procurar um telefone e se inteirar da mensagem. Werner estava em reunião com seu staff quando o aparelho deu sinal. Saiu, procurou um telefone e ligou para a secretária.

- "*Seo*" Werner - disse ela - *Tem um general na portaria e quer falar com o senhor.*

- *Quem? Generral ?* - espantou-se Werner

- *É sim senhor!*

- "*Chá*" "*fou!*" - disse ele

Vale a pena lembrar que estávamos sob o regime militar e o exército - ao contrário de hoje - era respeitadíssimo. Mesmo um sargento era tratado por todos com a maior deferência. Imagine então, um general!

Werner voltou, cancelou a reunião, transferindo-a para a parte da tarde e correu para a portaria.

Ao chegar lá, viu o general todo sorridente, acenou para ele e dirigiu-se ao guarda:

- *Onde está.....* - parou no meio da frase, compreendendo o que estava acontecendo - ***Generral ! Generral !*** - falou apontando para nosso herói, esmurrando a parede enquanto se dobrava de rir - *Essa é boa!*

Depois de ter desopilado o fígado, chamou General e o levou até sua casa para que ele cumprimentasse sua esposa e visse as crianças.



93

É de Berço!

Ao lado de nossa fábrica, a 50 metros, havia uma padaria. Bastante antiga, ocupava uma esquina e o ponto era, tradicionalmente, um local de alimentação, pois antes, por mais de 50 anos, tinha sido um restaurante.

A padaria tinha se remodelado e apesar disso, não primava muito pela higiene, como era de se esperar de um comércio desse tipo na década de 70. Apesar disso era razoavelmente limpa e não espantava a freguesia.

Certo dia estava eu, depois do expediente, tomando uma cerveja, sentado nas banquetas da lanchonete no balcão, quando adentra ao salão principal, onde os fregueses compravam pão, a mulher de Werner e sua filha, de cerca de 2 anos. Estrangeiros, super-brancos e louros, contrastavam com os nativos. A pequerrucha andava, agarrada à mão da mãe.

Esta comprou pão e foi ao caixa para pagar. Ali estava o dono da padaria que deu o troco e mais uma bala para a criança. A mãe deu a bala para a menina e dirigiu-se para a saída. A menina desembrulhou a bala, colocou-a na boca e saiu andando atrás da mãe, parando, porém, no meio do salão. A mãe saiu da padaria e sumiu.

Então aconteceu o fato espantoso. A reação normal de qualquer criança, seria correr atrás da mãe. Mas esta não.

Com o papel da bala na mão, ela começou a olhar para todos os lados. Eu estou boquiaberto, paralisado vendo essa cena. A menina olha em volta até descobrir, em um canto, uma cesta de lixo, com mais lixo em volta que dentro. Vai então para lá e coloca na cesta o papel da bala, em seguida, sai da padaria correndo, para alcançar a mãe.

Eu corri atrás, para ver se ela ia se reunir à mãe, que já estava quase chegando ao portão da fábrica. Tudo ok, voltei para terminar minha cerveja bem a tempo de ver um dos freqüentadores atirar a ponta de cigarro acesa no meio da rua.

Werner disse que, quando chegou ao Brasil, imaginava encontrar cobras e índios passeando pelas ruas do Rio e S. Paulo. Pelo tipo de povo que encontrou aqui, acho que cobras e índios teria sido uma opção melhor.



94

O Mistério

A empresa tinha se modernizado. Estávamos comentando isso, enquanto se inaugurava um posto bancário em suas dependências. A peãozada se agita e visita a agência mais vezes que o normal. A toda hora tiram extrato na máquina, ficam de conversa dentro do ambiente – refrigerado – enfim, um novo problema para os chefetes, que temerosos, começam a emitir regras e horários para o sujeito freqüentar o posto.

E seu desespero aumentou depois que o banco começou a mandar umas mocinhas bonitas para trabalhar ali. Aí a romaria cresceu. A cambada babava com qualquer delas e se encantou de vez quando chegou Mara.

Baixinha – 1,50 m – mas completamente proporcional e uma carinha de anjo, linda, linda! E sabedora disso, lançava charme para todos. E todos se derretiam, cada um pensando que estava abafando.

Passam-se os meses e Mara continua firme no posto. Estranhamos o fato, pois o banco fazia rodízio de funcionários, que ficavam ali, no máximo 90 dias.

Um belo dia, Celinho entra em nossa sala.

- *Contratei uma nova funcionária. Começa na semana que vem. Adivinhem quem é ela.* – disse todo risonho

Claro que não tínhamos a menor idéia, e depois de uns chutes fora, Celinho contou

- *É Mara. A do banco. Até que enfim a empresa contratou um filezinho. Tava de saco cheio de só ver pelanca* – falou esfregando as mãos.

Era uma época de demissões, de crise. A empresa tinha feito cortes em 50% do pessoal. Conseguir tal emprego, e na área administrativa, era uma verdadeira façanha. Não entendíamos o poder de Mara.

- *Só pode ser um padrinho muito forte* – disse Esmeraldo, passando a mão na barba desconfiado – *Vai ver que ela tem um parente na maçonaria. Ou faz programas com algum deputado ou político. Não tem outra explicação.*

- *Tá com despeito* – falou Hilário rindo – *A mina não dá bola prá ele. Garanto que ele já andou se insinuando com aquela conversa mole e não colou. Dor de cotovelo pura!*

- *É mesmo* – disse Esmeraldo – *mas estou em boa companhia. Ela não dá bola prá ninguém aqui na fábrica. Esnoba todo mundo. Até você, Hilário....*

E a discussão continua, sem uma conclusão.

Mara começa a trabalhar e logo todos se acostumaram com ela. Mas, já não era a mesma. A mocinha bonitinha, sempre sorridente, charmosa e simpática, agora é séria, recatada, introvertida e triste. E o tempo passa.

Após cerca de um ano, Mara piorou. Anda pelos cantos, isola-se, vive com cara de choro. Breve descobrimos o motivo. Sua barriga começa a crescer e logo não dá mais para esconder a gravidez.

Quem é o "felizardo" papai? Mistério profundo. Celinho jura que nada tem a ver com isso. As moças do escritório vêm investigar, pois também não sabem quem foi o autor da proeza e estão mortas de curiosidade

- *Não falei, não falei?* – Esmeraldo vibra – *Sabia que essa piranhinha não era santa. Mas isso não fica em segredo por muito tempo. Daqui a pouco a gente fica sabendo. Foi assim com o aborto da Marlene* (funcionária do escritório que namorou um diretor de um clube de futebol do Rio – um velho rico que vinha à nossa cidade nos fins de semana para fazer um curso de direito nas coxas. Aliás, foi colega do repórter da Globo Sérgio Chapelin, que também tirou seu diplominha por aqui, sem freqüentar, somente pagando o curso. Marlene quase que morre com a trapalhada, mas o caso ficou tão abafado que, quando aconteceu, apenas umas 5 pessoas sabiam. Com o tempo, até Esmeraldo tomou conhecimento do fato), *com as escapadas de Clóris e com a viadagem de Túlio Pacas* (chefe de fabricação gaúcho, pai de duas filhas, que em nossa fábrica

era enrustido e tirava onda de machão, mas era gay e foi morto em um canavial de uma cidade do interior de São Paulo por um garoto de programa. Passou em todas as TVs)

- *E com seu pulo no ribeirão* – completou rindo Hilário.

- *Cuidado com o coração dele* – sacaneou Livramento – *Ele não pode ser contrariado.*

Esmeraldo mandou todo mundo para aquele lugar. Mas, apesar de tudo, a questão ficava no ar, devido a discrição em que tudo ocorreu. Quem seria o papai?



95

É Preciso Saber Jogar

Elísio era bastante jovem, alto, magro, brancão igual leite, feio prá caramba, mas, era chefe de produção. Tinha sido contratado recentemente, era engenheiro, casado e com duas filhinhas de menos de cinco anos.

Competente, dinâmico, revolucionou a produção e por isso conquistou a admiração de quem trabalhava sério e apreciava tais qualidades, e a inveja da grande maioria da chefia, que não suportava alguém desse tipo.

Eles simplesmente não tinham condições de entender o significado de palavras como honra, independência, capacidade, competência, preparo. Para eles, o posto de chefia se resumia ao primarismo de obediência cega, sem discussão e puxa-saquismo explícito. Não, decididamente Elísio não era um deles. Consideravam que jogava no time adversário.

A história que se segue me foi contada pelo próprio Elísio, cerca de dois anos depois que foi demitido, quando o encontrei em nossa cidade, à noite, ao sair da escola onde eu era professor. Surpreso por vê-lo ali – estava trabalhando agora em Sta Catarina e tinha vindo aqui por um motivo especial – convidou-me para tomar uma cerveja, pois partiria na manhã seguinte. Aceitei e ... outra lavada de roupa suja!

Além de trabalhar a sério, Elísio tratava seu pessoal com justiça. Poderia até ser classificado como “chefe estrangeiro”. Porém deu uma escorregadela em sua vida particular e cometeu uma falha gravíssima como chefe.

Havia algumas moças que trabalhavam em sua área e eram operadoras de máquinas (nove ou dez). Acontece que ganhavam 30% a menos que os operadores de máquina masculinos que faziam a mesmíssima coisa. Elísio, vendo aí uma injustiça prometeu equiparar os salários. Pronto! Buliu num vespeiro sem tamanho. Parece que ele tinha um padrinho forte na diretoria, pois, os chefetes viram com assombro a sua audácia em mexer com os salários, um tabu na empresa.

Todos sabiam que precisava muito peito e muita justificativa para se conseguir um aumento fora daquele determinado pela diretoria, que, diga-se de passagem, não admitia ingerências nesse assunto, em hipótese nenhuma. Aumento, só com promoção. Como ninguém queria se desgastar, não se pedia aumento para ninguém. Essa era a política.

Por isso, todos se espantavam ao ver Elísio trabalhando para colocar verba no orçamento, fazer justificativas e todos os outros procedimentos, esquecidos pela maioria, para se conseguir aumento em prol de uma causa justa. E os corvos festejavam. Isso era mesmo que assinar a própria sentença de morte. Uma questão de tempo. Elísio já era!

Inconsciente disso, Elísio continuou e o aumento veio. Os

chefetes estavam de boca aberta. Elísio, mesmo com problemas particulares, é dono da cocada preta. Provisoriamente é bajulado pelos puxa-sacos de sempre, que sabem que essa vitória é efêmera. Três meses depois, ó desgraça, o padrinho de Elísio na diretoria perdeu força. E a máquina começa a rodar suas engrenagens para triturá-lo e a sua patota.

Um belo dia, Elísio recebe uma convocação da diretoria para participar de uma reunião. No dia seguinte. Parte para S.Paulo, imaginando que receberá um aumento ou, talvez uma promoção. Porém o que lhe aguarda é bem diferente disso. A empresa não perdoava sua intromissão na área salarial. Era um osso atravessado na garganta de todos.

Pego de surpresa, Elísio, atirado às feras, tenta usar seus trunfos de uma gestão exemplar, de produtividade excelente, de aumento de lucratividade, de bem para a empresa. Em vão. Se o preço para incrementar produtividade e lucratividade era esse, eles o dispensavam. Isso era aceitar a competência em troca de politicagem e todos ali eram, antes de tudo, políticos.

Depois de uma reunião prolongada e estafante, sem entender essa postura, Elísio queria uma explicação para sua crucificação.

- *Seu problema é que você não sabe jogar* – disse candidamente um diretor

- **JOGAR!?** – Elísio perdeu a calma e a compostura – **Jogar!?** *Saibam que eu não sou pago para jogar. Sou pago para produzir. E o faço com competência e eficácia. Eu não jogo. Eu*

engrandeço a empresa. Se vocês querem um jogador, não contem comigo.

Elísio tinha chegado no ponto que todos queriam e falou demais.

- Bem - seu chefe satisfeito- se é assim, acho que não podemos continuar com você.

Elísio, caiu em si e viu que tinha perdido o controle e tentou remendar.

- Bem, acho que meu trabalho deve valer alguma coisa.

- Vamos encerrar a reunião e levaremos o problema para o presidente da empresa. A tarde lhe comunicaremos a decisão – disse o chefão.

Lá pela dezesseis horas Elísio foi chamado na sede da empresa.

Um assistente o levou ao gabinete do chefe, onde ficou até as 18:30h, quando o chefe chegou e lhe comunicou a sua demissão e que teria dez dias para desocupar o apartamento que a empresa lhe cedia.

- Fui para lá coroadado e voltei decapitado – sorriu Elísio, enquanto abocanhava um torresmo e tomava um gole de chope – Fico imaginando se essa situação ocorre também nos outros países. Acho que não....Agora pense bem: se isso ocorre numa multinacional, imagine o que deve ocorrer nas estatais e no governo federal.

Não pensei, pois com suas revelações minha cota diária de estresse já tinha se esgotada!

Ah, ia esquecendo: Logo após a saída de Elísio, todas as nove operadoras de máquina foram também demitidas sumariamente. Tudo voltou como dantes na casa de Abrantes.

Mas, eram operárias qualificadas (algumas com 15 anos de empresa) e nem mesmo a mais estulta direção não pode deixar de enxergar isso. Seis meses após, das nove, sete continuavam desempregadas e cortando uma volta nas dificuldades. Foram chamadas, e receberam uma oferta: fariam o mesmo serviço de antes, mas seriam classificadas na carteira de trabalho com outra função, pois a de operador de máquinas não existia mais. O salário era o mesmo de antes da estripulia de Elísio. Todas aceitaram sem pestanejar.

Paro por aqui para tomar uma dose de Courvoisier , pois nesse momento estou ficando estressado mesmo



96

Bráulio

Estamos na época em que o Governo resolveu combater a AIDS. Quem tem mais de 30, certamente se lembrará da malfadada campanha para se usar camisinha, quando os “iluminados” do marketing governamental resolveram chamar o pênis de “Bráulio”, para o desespero de metade do estado Ceará, onde tal nome era muito comum. A propaganda estourava na TV, enquanto os “bráulios” cearenses eram alvos de intensa chacota.

Em nossa fábrica foi contratada uma moça que fez sucesso. Seu nome era Marinda e sua beleza espantava a todos. Mas o que tinha de bela, tinha também de seriedade e recato. Assim, logo, logo, os conquistadores de plantão desanimaram, pois a moça, diante da aproximação de homens, baixava a cabeça e fitava o chão e não dizia uma palavra, se não fosse perguntada.

Mas, existem pessoas e pessoas. Clarindo, um peão grosso, que trabalhava junto à moça, se apaixonou perdidamente. Seus dias eram passados, agora, em imaginar formas de, pelo menos, iniciar uma conversa com a moça e quebrar o gelo. Tentou de tudo de seu acanhado arsenal de comunicação, e nada!

No seu desespero, sem nada mais ter o que pensar, ao ver o comercial do Bráulio na TV, teve mais uma idéia de jerico: “Se o Bráulio fazia sucesso na TV, talvez fosse a solução para fazer a moça sorrir”. Então, pondo em prática tal idéia infeliz, levou semanas esculpindo em um tarugo de borracha branca, um belo Bráulio, copia fiel do órgão estrela da TV.

Certo dia, quase na hora do almoço, Amanda vê sua enfermaria invadida, por duas moças que amparam Marinda, em estado de choque. A moça chora e soluça sem controle. Amanda lhe dá um copo de água com açúcar e espera que ela se acalme, sentada em um canto da sala de curativos. Enquanto isso quer saber o que aconteceu.

A história é a seguinte: estava Marinda trabalhando normalmente, quando Clarindo se acercou dela com algo envolvido em pedaço de pano. Ele a chamou e, quando ela se aproximou, desembrulhou e mostrou o imenso Bráulio, com um sorriso de satisfação iluminando seu rosto.

Logo que Marinda viu o bicho, começou a gritar, parando toda a seção. O encarregado e os demais funcionários se aproximam e testemunham uma cena insólita: Marinda chorando e se debatendo, enquanto suas amigas a seguram e Clarindo, como um idiota, paralisado, segurando o Bráulio, sem saber o que fazer.

Marinda é levada à enfermaria e o encarregado confisca o Bráulio. Sem saber como agir numa situação como aquela, resolve passar a bola para seu chefe, Werner.

A sala do chefe de produção era uma dependência de cerca de 7 metros quadrados, com janelas envidraçadas e ar condicionado, dentro do edifício de fabricação e naquele momento Werner não se encontrava ali, pois estava em reunião com a chefia. Assim, o encarregado colocou o Bráulio, enrolado no pano, em cima de sua mesa e saiu.

Porém não foi longe. Toda a fabricação já sabia do acontecimento e os curiosos para ver a arma do crime, aumentavam. A produção parou e os encarregados tiveram que suar para fazer com que a rotina voltasse. Em dez minutos, toda a fábrica estava sabendo e rindo do caso. Menos a chefia.

Acabada a reunião, Werner foi almoçar e quando voltou à sua sala depois do almoço, sem saber de nada, achou estranho que todos os encarregados do turno – seis - estivessem rondando em volta dela.

- *Que aconteceu?* – perguntou desconfiado

- *Tem um presente 'pro' senhor, em cima de sua mesa* – disse um.

- *Prrrrresente? Bom, muito bom* – sorriu Werner, sempre com seu bom humor

Entrou na sala e foi seguido pelos seis encarregados. Enquanto Werner se sentava, os outros fecharam a porta e rodearam a mesa. Werner ficou com pulga atrás da orelha.

- *É alguma brincadeira? Não estou gostando....* – falou olhando para a turma à sua volta e para o embrulho na mesa.

A cambada não podia conter riso e Werner percebeu que havia algo ali.

- *Você são uns putos e querem me pegarr* – falou sorrindo também, mas imóvel.

- *Não vai abrir o presente?* – perguntou um deles, rindo abertamente – *Pode abrir, que não é nenhuma sacanagem, não.*

Werner então, criou coragem e começou a desembulhar o Bráulio. Quando viu o que era, caiu na gargalhada e perguntou, balançando o Bráulio, que tinha 30 cm por 1” de grossura.

- *UUUUUHHHH! Grande! De quem é?*

A turma caiu na risada, contando a história. Werner que se julgou incompetente para julgar Clarindo, embrulhou o Bráulio e foi falar com o gerente.

Ao passar pelos pátios com o embrulho, era ovacionado pela peãozada que estava de prontidão, de orelha em pé para descobrir qual seria o desfecho da história. Contente e rindo muito, Werner retribuía, balançando o embrulho sobre sua cabeça.

Final da história: Clarindo recebeu uma suspensão e Marinda, não agüentando a gozação dos colegas e a vergonha, pediu demissão.

Quanto ao Bráulio, depois de ser atração turística, foi picado e jogado no lixo pelo encarregado, de saco cheio com os intermináveis pedidos “*para dar uma olhadinha*”.



97

Parabéns Papai !!!

A barriguinha de Mara não parava de crescer. Logo, ao cuidar da gravidez, foi obrigada também a revelar para a chefia da empresa e para os médicos o nome do gostosão. Era.... Elísio.

A ficha do plano de saúde passa por várias mãos. As fichas de cadastro da empresa também; no hospital onde faz exames idem. Assim, enfermeiras, médicos e funcionários da empresa ficam sabendo o nome do pai da criança e logo, a notícia se espalha por toda fábrica.

Nessa hora o quebra cabeça fechou. Entendemos como Mara tinha arranjado um bom emprego em plena crise. Entendemos porque Elísio andava, em seus últimos meses na fábrica, sempre de cara fechada e preocupado.

Logo o mistério se desfaz. Esmeraldo nos conta: “Todo mundo ficava rondando o posto bancário. O Elísio também, apesar de ser casado. Seu salário era o segundo maior da fábrica, ficava apenas abaixo do gerente e isso deve ter enchido os olhos de Mara, ao ter acesso à folha de pagamento da empresa.

Logo, mais uma vez, aplicou o velho golpe feminino. Jogou charme prá cima do brancão, que, pensando que era o bom,

engoliu a isca. Começaram a sair juntos, na maior caluda, sem despertar qualquer suspeita.

A primeira vantagem logo pintou, quando Mara pediu que ele lhe arranjasse um emprego melhor. E assim foi feito”

- *Diferente de você, né mesmo?* – Hilário gostava de sacanear Esmeraldo – *Faz tudo às claras e todo mundo fica sabendo das suas cagadas.*

- *Fica quieto aí* – Esmeraldo ria – *E quem é que não sabe de seu enrabichamento pela lourinha da fabricação? Deixa tua mulher descobrir.....*

- *Volta para a história* – falou Livramento

- *Pois bem* – voltou Esmeraldo – *Ficaram vários meses nesse paraíso, mas a gatinha queria uma situação sólida. E aí, o quê fez ela? O quê? O quê? Engravidou de propósito. Só que o feitiço virou contra o feiticeiro. Elísio percebendo a truta, ficou uma fera e acabou com tudo. Disse que ia dar todo apoio para a criança, mas com ela.... fim de papo! Por isso que a menina ficava chorando pelos cantos. Tinha perdido o “amado”, que optou ficar com sua família original.*

Todo mundo riu. Esmeraldo vibrava, pois tinha vários filhos que abandonara sem qualquer cerimônia. Zazá pegava no seu pé e até fazia versinhos para ele (leia no final “*Outra do Garanhão*”)

O certo é que logo depois Elísio foi demitido e Mara teve uma menina. Quando Elísio se encontrou comigo, tinha vindo visitar a filha, com dois anos de idade. Mara se arranchou com um peão que trabalhava no armazém e parece que estão juntos até hoje.

Outra do garanhão

I

Hoje, manhã nublada e fria,
Surgiu em nossa Portaria
Com o filho pequeno no colo
Uma pobre mãe que sofria

III

Desce, e lá vai o canalha
Atender a preta estafada
Quem, chorando, reclamava:
"Lá em casa não tem nada!"

V

"Na hora de comer, cê prometia
Que para mim tudo faria
Hoje estou à sua procura
Com o neguinho que cê não queria"

VII

"Tem que assumir esse macaco
Que fizeste me enganando
Com promessas de vagabundo
E agora vai se safando."

IX

Partiu a macaca em disparada
Deixando o barbudo na mão
Que, ao voltar a seu canto
Pensava naquela confusão

XI

Aqui vai um conselho
Prá esse grande cabra safado
Tome cuidado malandro,
Que o riacho TÁ FECHADO

II

Veio de longe, de bicicleta
Muito cansada, pobre pretinha
Chegou logo perguntando
Onde estava o "canalhinha"

IV

O neguinho chorava cheio de fome
A mãe disse: "Você lá não abastece!
A partir de hoje quero leite e pão
Seja como for, cê dá ou desce!"

VI

"Já comeu a carne
Agora mastiga e engole o osso
Seu canalha, seu safado!
Senão jogo esse crioulo no fosso!"

VIII

E, a crioula muito brava,
Com o dedo em riste dizia:
"Toma vergonha, seu guarú,
Senão lhe faço uma porcaria"

X

Ganhou parabéns da galera
Sorrindo com safadeza
A todos respondia
"O neguinho é uma beleza"

XII

Quero ver você correr
Da macaca e da macacada
Gritando pela cidade

XIII

A crioulada te pega
E vai te comer também
Já pensou o barbudo
Levando também seu neném?

XV

Assim falou o mano da crioula
Para o grande pilantrão
"Você é papo furado
E deixou a mana no chão!

"Comeu, agora tem porrada!"

XIV

"Você é bem sem vergonha
E merece uma lição!"
Pensando ficou o canalha
Neste conselho doidão

XVI

Tu é canalha, safado e pilantra
Com esse seu jeito maroto
Tem que assumir o que fez
Inclusive esse garoto"
Solrac 06/08/86



98

Santana – II

Passa o tempo e Santana foi promovido a chefe do terceiro escalão. Comprou uma casa num condomínio popular em um bairro afastado – seu sonho era sair do aluguel – e partiu para realizar outro sonho, de há muito acalentado: ser cantor.

Sua mulher, que tinha sangue quente e adorava comprar uma briga, descobriu Bardot e o pau comeu em todos os cantos. Esta, depois que foi vítima do escândalo na porta de seu apartamento e no hall de seu prédio, resolveu pular fora do relacionamento e Santana foi dedicar-se às artes líricas.

Para cantar seus amados boleros e tangos, recrutou um amigo, peão numa obra, que tocava guitarra, o Cabeça. Este, conhecia um tecladista e uma baianinha que também cantava. Resolveram formar um conjunto.

Desse modo, foram a campo, nos barzinhos e boates, para oferecer música ao vivo. Logo acharam um incauto que se dispôs a contratá-los. Eles tocavam às sextas e sábados, começando às nove da noite e se arrastando até às duas da madrugada. O detalhe importante: Santana pagava os instrumentos, o transporte dos “artistas” (ninguém tinha carro e Santana, além disso, não sabia dirigir) e muita vezes dava a eles uma espécie de mesada.

É claro, que Santana não tinha voz, não cantava nada e o conjunto era uma josta. Notando isso, e principalmente que o “crooner” Santana, digamos, não “entusiasmava” o público, o Cabeça arranjou a baianinha para cantar (melhorou um pouquinho só).

Dizem as más línguas que as apresentações agora se faziam assim: Santana cantava duas ou três músicas e depois entregava o palco para a baianinha, que encarava o resto do repertório.

Enquanto ela cantava, Santana sentava-se numa mesa na platéia, e ficava ali, observando calado, bebericando uma cerveja, vendo a noite passar.

Mesmo assim, não as sabe se por força da ruindade do conjunto e dos cantores ou por mera coincidência, Santana perdia os contratos porque as casas onde se apresentava, faliam e fechavam. Quando descobrimos que isso tinha virado rotina (ele mesmo vinha avisar: “Não estou mais no bar tal. Ele fechou. Agora estamos tocando no lugar tal”) a assunto virou motivo de piada. Zazá, com muito tempo livre, se apressou em versificar a história (leia no final “*Conjunto Praga*”)

Mas nada atingia o alto astral de Santana, que agora, desiludido por não conseguir mais contratos, cantava no Grêmio, gratuitamente, pagando de seu bolso os componentes do conjunto (sem a baianinha).

Porém, o Grêmio se localizava longe do centro da cidade, não havia linha de ônibus passando lá (naquela época) e quase ninguém aparecia para prestigiá-lo nas sextas feiras à noite.

O tempo passou, Santana abandonou o conjunto e dedicou-se a voltar acompanhar Esmeraldo nas noitadas.

Alguns anos após se aposentar, Santana me convidou para visitá-lo. Fui até sua casa, subimos ao terraço, tomamos umas latinhas de cerveja e relembramos o passado. Nesse dia, Santana contou, sempre com um cigarro aceso nos lábios, várias peripécias de Esmeraldo, principalmente como ele tomava as suas namoradas.

- Pois é – dizia ele – A vantagem de Esmeraldo é o carro. Ele é muito traíra. Depois que conhecia as gatas que eu conseguia arranjar, ligava para elas às escondidas e as convidava para sair. Assim eu perdia todas. No final, eu não mais estava saindo com ele, por esse motivo.

Mesmo assim, estávamos rindo, de bom humor e Santana, como sempre, parecia de bem com a vida.

Quinze dias depois dessa visita, recebo um telefonema de sua mulher. Ela dizia que ele tinha ficado muito doente depois daquele dia em que o visitei e que agora, o médico lhe tinha dado poucos dias de vida. Custei a acreditar e perguntei qual era a doença e ela não quis falar e nem permitiu que eu o visitasse. Alegou que ele pedira para que nenhum amigo o visse naquele estado. Ele estava pele e ossos.

No outro dia, Amanda me liga. Santana tinha falecido de um câncer no pulmão feroz, insidioso e fulminante.

Conjunto Praga

I
Dono de boate com movimento
Que deseja se preocupar
Com dividas subindo, sem alento
É só por musica ao vivo a tocar

II
Se desejar mais preocupação
Contrate conjunto prá tocar
Verá que as despesas subirão
Vendo casais a dançar

III
Enquanto eles estão dançando
O dono não leva em conta
Do prejuízo que vai levando
Enganado pelo movimento

IV
O conjunto vai alegrando
E os fregueses batem palmas
E o dono bem sorridente
Vai se entregando às almas

V
Para melhorar seu progresso
Conjunto novo contrata
Aí vão Santana e Cabeça
Num táxi com sua mulata

VI
A mulata é a baianinha
Que canta músicas sem parar
E o Cabeça com a guitarra
Vê Santana sentado a esperar

VII
O dono da boate irado
Com as contas a pagar
Fica puto com o conjunto
E manda a casa fechar

VIII
Aí começa a decadência:
A casa com pouca freqüência
O dono na sua inocência
Vai descobrindo a falência

IX
Então o dono canta e conta
Prá todo mundo escutar:
“Quer se foder com falência
Contrata o Santana prá cantar”

X
Ele cantou no 292
A casa estava legal
Não demorou baixou as portas
Pois houve abandono geral

XI
Aí foi cantar no Kintal
Casa do amigo Paulinho
Sem freguês, fechou as pressas

XII
Na cidade vizinha entrou
Cantando até madrugada
Numa casa, o Chafariz

Pois ele ficou sozinho

XIII

Teve também dias de Grêmio
Onde cantava por prazer
Fez muita propaganda
Mas só Esmeraldo ia ver

XV

Êta conjuntinho bom
Onde toca, atraí desgraça
Engana fazendo som
E acaba fechando a casa

XVII

Prá praga não pegar
O conjunto manda avisar
Proteção nunca é demais
Prá casa agüentar.

Fechada sem lucro, sem nada

XIV

Não sabemos o que acontece
Nem se esse conjunto encanta
Mas sabemos por onde passa
Quando canta, também espanta!

XVI

Se for cantar outra vez
Em casa sem benzedeiros
Pode esperar, pessoal
Que só vão ficar as cadeiras

XVIII

Que lugar que se preza
Com freguesia a zelar
Se cubra com boa reza
Antes de o contratar.

Solrac – 01/08/89



99

Com ou sem álcool?

Mauro foi contratado para substituir Esmeraldo. Era um rapaz com cerca de 25 anos de idade, completamente sem cultura. Tinha curso de desenho técnico e só. Hilário já tinha sido demitido e em seu lugar estava Axel.

Nossa sala refletia a situação do Brasil. Os velhos saindo de cena, levando consigo a cultura, o conhecimento, o refinamento, a crítica, o raciocínio, o senso de humor, a elevação do pensamento, a sede de saber e a inteligência; os novos chegando trazendo apenas a capacidade de repetir chavões decorados da mídia, uma cultura de botequim, reles, rasteira e mínima, um total desinteresse em aprender e uma incompetência perigosa em raciocinar e concluir.

Mauro além de ser calado – igualmente a Jonilson - também não conseguia entender nosso dialeto, mas diferente dele, não estava preocupado em aprender, nem conversar com ninguém – era um fanático religioso. Evangélico, vivia satisfeito consigo mesmo, pois estava convencido que a única coisa importante na vida era obter a “salvação da alma” e estava crente que a dele estava garantida pelo caminho que abraçara.

Trabalhava cantarolando baixinho um hino, que de nossas mesas somente dava para perceber o que parecia um estribilho

“Espírito, espírito, espírito...”. Qualquer pausa que ocorresse, era para ele uma ocasião de abrir uma bíblia e mergulhar na leitura. Um verdadeiro estranho no ninho. Para nós, passou a ser como um móvel na sala.

Mauro está conosco há seis meses e, agora perdeu completamente a falsa moral que aparentava, pois descobrimos uma imperfeição em sua máscara de santo. Amanda me chama.

- *Hoje aconteceu um arranca-rabo aqui no consultório – disse-me ela – O médico perdeu a linha com uma pessoa. Adivinhe com quem.*

O médico era um colega de escola e uma ótima pessoa. Porém se irritava com os hipocondríacos da fábrica, pois todos pediam receitas para comprar remédios subvencionados pela empresa que arcava com 30% do seu valor. Era um tormento. Falei uma série de nomes, sem acertar.

- *Não sei – me dei por vencido – Quem foi?*

- *O Mauro desenhista – respondeu Amanda*

- *Não é possível – retruquei – Ninguém perde a linha com um santo!*

- *Santo, né? – Amanda estava rindo – Segura aí. Depois de uns dois meses de ter começado a trabalhar, Mauro passou a pedir receita de um remédio, segundo ele, para seu filho. O Dr. foi dando. Mas o tempo foi passando e a coisa ficou muito freqüente e então o médico desconfiou que havia algo errado e mandou que se levantasse o que ele já tinha levado. Fizemos a pesquisa e descobrimos que em 90 dias, ele tinha comprado 2 vidros por semana.*

- *Qual era o remédio?* – perguntei

- *Espera, que ainda não acabou* – ela fez suspense – *Estávamos comentando o caso quando disse ao médico que o sujeito era evangélico. O Dr. então, informou que matou a charada e ia esperar que ele aparecesse para pedir outra receita. E ele veio hoje.*

- *Mas, que remédio era esse?* – eu estava curioso

- *Calma* – disse ela – *Ele chegou, sentou-se e pediu: “Dr. pode me dar mais uma receita do tônico?” O Dr. olhou para ele e falou “Ô Mauro, presta bem atenção. Isso aqui é um consultório médico para tratar quem está verdadeiramente doente e necessitando auxílio. Isso que você está fazendo é pilantragem. AQUI NÃO! COMIGO NÃO! Se você quer beber, vá comprar no supermercado. E não me apareça mais aqui com tal pedido!”*

*Mauro ficou branco e saiu calado. O remédio que ele tanto gostava era **VINHO RECONSTITUINTE SILVA ARAÚJO**. Que contém álcool, sim senhor* – falou ela dando risada – *Nosso santo homem bebia e dizia para a torcida que estava tomando remédio. Não se fazem mais santos como antigamente.*

É escusado dizer, que contei o caso para Livramento, na presença de Mauro, que teimava que o “tônico” não tinha álcool. Mandamos que ele tirasse a máscara, pois aquela aura de perfeição não colava mais.

Depois desse dia, ele começou a se integrar mais e nunca mais leu a bíblia em nossa sala.



100

A Escolha do Substituto

O nosso chefe técnico era Bernadelli. Era sobrinho de outro Bernadelli que trabalhava há mais de 40 anos como secretário do diretor técnico da empresa, em S. Paulo. Esse diretor técnico, Sr. Hottinger, era um dos mais influentes manda-chuva dentro da empresa, não só no Brasil como na sede internacional da empresa e tinha Bernadelli (o tio), nesse tempo todo, na mais alta consideração e estima. E mais, uma fé cega, uma confiança nele sem limites. E Bernadelli correspondia a altura. Assim, arranjar uma vaga para o sobrinho foi uma moleza.

Bernadelli Sobrinho foi colocado como mecânico, pois tinha 2º grau e era técnico formado no SENAI. Era uma pessoa boníssima, ingênua, bom caráter, um simples capiau do interior de S. Paulo, pouca cultura e conhecimentos, já com mais de 35 anos de idade.

Nos conhecemos quando ele foi destacado para fazer o curso de técnico de segurança, na capital paulista. Daí, como colegas de profissão continuamos a ser amigos por vários anos (mais de dez).

Passados esses longos anos, Bernadelli sobrinho conseguiu fazer um curso de engenharia industrial, à noite, aos trancos e barrancos, numa dessas faculdades caça-níqueis que abundam

no interior de S.Paulo. Como prêmio, Bernadelli tio conseguiu para ele a vaga de chefe técnico em nossa unidade.

Porém não pude usufruir de nossa amizade, pois por razões particulares tinha ingressado num plano de demissão voluntária da empresa e me desligaria em seis meses. Berna (assim que o tratávamos) pediu-me para elaborar um teste a ser aplicado nos candidatos a ocupar minha vaga. Criei um teste bem teórico, abrangendo tudo que o candidato precisava saber para desempenhar a contento as funções que me eram atribuídas.

No dia do teste, havia 16 candidatos. Todos fizeram o teste, menos um, Adriano, que o leu com atenção e depois de uns quinze minutos o entregou. Praticamente em branco. Perguntei-lhe o que acontecera e ele, em voz baixa disse-me que, em seu emprego atual, sua função era exclusivamente de campo – anotar quem estava sem máscara, cinto de segurança e óculos, etc – e que não sabia nada de teoria, muito menos de legislação.

Havia pessoas competentes, que estavam de olho nesse emprego e dois ou três responderam com perfeição quase tudo. Adriano acertou apenas uma questão parcialmente (de 20, só respondeu três)

Corrigi os testes e os enviei com os resultados para Berna. E, esperei o tempo passar.

Depois de mais de um mês, um certo dia, vejo Adriano sentado na sala de espera. Perguntei-lhe que tinha acontecido e ele disse não saber. Apenas tinha recebido um recado para comparecer à

empresa. Berna o recebe, conversam longamente. Depois desaparecem. Quase no fim do expediente, Adriano entra em nossa sala e nos informa que tinha sido escolhido para o meu lugar.

Levei um choque, esperei que fosse embora e fui falar com Berna, inteiramente perplexo.

- *O quê é isso? Vocês ficaram malucos? O cara não sabe nada. É o pior dentre todos. Você não viu os testes?* – eu estava surpreso e indignado

- *Calma, calma* – falou Berna com aquele jeitão de caipira – *Olha, você sabe como é a política da empresa, e para você eu posso comentar...*

- *Não vai dizer que ele tem um padrinho forte aqui* – cortei eu – *Ninguém conhecia esse cara.....*

- *Não é nada disso* – continuou Berna, com uma voz arrastada – *Eu vi o teste, vi os resultados, tô sabendo de tudo...*

- *Porra* – disse eu – *palavra que não tô entendendo nada...Por que você escolheu esse cara, então?*

- *É simples* – Berna falava sem a menor vergonha – *Não sou eu quem escolhe. Cê sabe que na empresa trabalhamos em equipe e essa decisão não é só minha. Recebi ordens do gerente para levar os resultados e os testes para ele, bem como a minha avaliação. Eu tinha escolhido o cara que você indicou, o que fez o melhor teste, mas o gerente já tinha ordens da diretoria*

para como proceder nesse caso. Aí me chamou e disse para contratar o Adriano. Também fiquei surpreso. Depois, liguei para meu tio, pois não me conformei com isso. Ele disse que ia conversar com o sr. Hottinger e depois falava comigo. De noite ligou para minha casa e disse para eu não me meter e apenas cumprir ordens. Como insisti para que me desse alguma luz nesse caso, ele respondeu: “Não fique “cavucando’ muito nisso. Eu apenas posso te dizer que a empresa, definitivamente, não mais quer alguém muito esperto nesse posto. Daí essa escolha. Agora não faça mais perguntas e esqueça o resto”. Foi isso.

Olhei demoradamente para Berna, pensando que realmente, vivemos num mundo onde se gasta uma boa parte da energia produtiva para se ocultar a verdade. Disse até amanhã, me levantei e fui embora, pois o expediente já tinha acabado há muito.

Faltava um mês para meu desligamento e, enquanto andava de volta para casa pensava em como era bom deixar de ser rabo de leão e passar a ser focinho de cachorro. Tive pena de Berna (morreu dois anos depois) e dos amigos que ainda ficariam ali.

Hoje, ainda restam lá dois deles. Uns heróis. Dizem que, comparado com hoje, o que acontecia nessa época é pinto. **Cruz credo, esconjuro pé de pato, "mangalô treis veiz" !!!!**



101

Qual é a sua Opção?

O peão de fábrica tem a sua filosofia própria e vive num universo à parte. Muitos de seus conceitos, apesar de simplórios, possuem fundos de verdade. Um exemplo são os seus provérbios, espelhando uma cultura rica, imaginativa e prática.

Existe o famoso “*gato escaldado tem medo de água fria*” ou “*cachorro mordido por cobra tem medo de lingüiça*”, que passam a mesma mensagem. Ou “*faca de dois gumes*” que o inculto, sem saber o significado de “gume”, tratou de adaptar para “*faca de dois legumes*”. O mesmo acontece com “*aviso prévio*”, que se tornou “*aviso breve*” e “*palpos de aranha*” que se transformou em “*papos de aranha*”.

Meus favoritos são dois ditados zoológicos, por serem bastante didáticos em suas comparações. Um deles é “*não procedas de forma a parecer um cordeiro na frente do leão e um leão na frente dos cordeiros*”.

Esse é o modo do peão definir aquele sujeito que na frente do mais poderoso se abaixa, se humilha, é bajulador, solícito, prestativo, educado, cortês, enfim, um verme asqueroso. E não procede assim de forma dissimulada. Age às escâncaras, sem

tomar nota de quem esteja presente. Porém, quando está diante de inferiores, torna-se prepotente, orgulhoso, mal-educado, descortês, distribuindo patadas a torto e a direito, humilhando a todos e gostando de ter bajuladores à sua volta. Eles são corrompidos e diferem de Napoleão Bonaparte que disse: “*Gosto dos que me criticam porque me ajudam a acertar; detesto os que me bajulam, porque me corrompem.*”

Infelizmente tais exemplares da fauna industrial não são a minoria. E, mais infelizmente ainda, é desse conjunto que, geralmente, se escolhem os dirigentes.

Como já disse em outras partes, jamais consegui me portar assim. No princípio, cheio de inexperiência, até que tentei seguir a onda vigente. Porém, não consegui passar do ensaio. Essa forma vil de proceder violentava de tal forma meus princípios que eu não conseguia nem pensar em me pegar agindo dessa forma. Era uma rejeição mais forte que qualquer outro fator, mesmo o de perder um lugar em uma das “panelas” que estavam estabelecidas. Ser livre inclui uma aversão genética a esse tipo de comportamento desonroso.

Por falar em perder o lugar na panela, aqui se encaixa o meu outro ditado favorito: “*é preferível ser focinho de cachorro que rabo de leão*”.

Quem perde sua liberdade, humilhando-se diante de poderosos, bajulando-os descarada e vergonhosamente para conseguir alguma vantagem, passa a ser o rabo de leão. Os livres, que não

estão comprometidos com “panelas” abdicam dessas vantagens em troca de seu livre arbítrio.

Mas, podereis perguntar, ó esperto leitor, não será realmente de melhor política escolher a primeira opção e ficar na galeria dos rabos de leão?

A resposta é não. E explico. O ideal é ser focinho de leão. O focinho de cachorro representa a liberdade de escolher os caminhos quando e onde for necessário. Porém o cachorro sempre estará sob o comando do leão. De vez em quando receberá patadas, mordidas e arranhões, mas o leão jamais o matará, pois reconhece que precisa dele. O cachorro sabe ainda que o leão não gosta de sua liberdade e vai sinalizar que promoverá apenas os que se resignam a ser rabos.

Já os rabos de leão são enganados por essa sinalização. Aceitam ficar numa parte menos nobre do leão – em português vulgar: perto do cu do leão – e “usufruir” do contato com os dejetos do chefão. O leão urina no rabo, pisa e deita sobre ele e o utiliza para funções pouco importantes, como espantar moscas.

Os rabos de leão não escolhem seus caminhos, não têm vontade, vivem ao capricho do dono. Todo esse sacrifício portentoso, para, em um futuro remoto, se arriscarem a conseguir ser focinho de leão.

Porém, o que não percebem é que essa transição é lenta e que passarão mesmo na rabeira a maior parte de suas vidas profissionais. Quando enfim chegam – apenas alguns poucos o

conseguem – a ver o seu sonho realizado, ficam pouco tempo como leões, pois logo estará na hora de se aposentar.

Será que isso vale a pena? Você vai perder longas noites de sono, preocupado com o leão e com as vicissitudes de ser rabo dele. Viverá em permanente sobressalto, pois se o leão cair, os rabos vão com ele.

Terá vantagens, mas não estará em estado de espírito de usufruí-las. Não verá seus filhos crescerem, não tirará férias, viverá estressado, de mau humor, com colesterol alto, hipertensão, taquicardia, diabetes e excesso de peso; ficará impotente, careca e barrigudo; terá deixado para trás os pequenos prazeres da vida, que podem ser gozados em seu decorrer, mas que, na velhice não mais estão disponíveis.

Enfim, aposentado, curtindo a má saúde que ganhou, lhe restará apenas o arrependimento de ter deixado a vida escorregar por entre seus dedos, a sensação de inutilidade de sua existência e a certeza de que não há remédio para isso.

Se você, que me lê agora, está nesse caso, deixo-lhe meus pêsames. Se, porém, está no começo de sua vida profissional, pense bem no que vai fazer no resto de sua vida. Pense que nada pode pagar a satisfação de ver seus filhos darem os primeiros passos, de compartilhar com eles momentos de lazer e felicidade, de estar presente em suas conquistas de infância e adolescência. Essas são as coisas que verdadeiramente importam.

Pense que viver é encontrar a felicidade nos pequenos eventos que acontecem durante uma existência. Se você não foi feliz, não viveu.

É claro que se pode chegar a ser leão sem passar pela humilhante etapa de ser seu rabo. E, nesse caso, quando, por seu trabalho e competência, chegar a um posto de mando, a sua primeira providência deve ser cortar o rabo.



102

A Alma da Empresa

O cargo de chefia na fábrica, quando era ocupado por alguém que tinha subido na escala hierárquica, estava reservado para aqueles que procediam de acordo com o ponto de vista da “lealdade”. Esses tinham uma visão distorcida do cargo de chefia e acreditavam que agora podiam tudo e estavam imunes a procedimentos de segurança patrimonial e pessoal.

Como chefes, não mais “batiam cartão”, nem assinavam ponto; podiam sair e entrar na fábrica quando quisessem, podiam entrar de carro na fábrica e saírem sem serem revistados; e daí por diante. Porém, não satisfeitos, acreditavam que era humilhação passar pelos mesmos controles que os “peões”.

É necessário, a bem da verdade, frisar que isso acontecia somente com peões desqualificados profissionalmente promovidos a chefes. Os profissionais, as pessoas competentes, formadas, cultas, se enquadravam aos controles sem a mínima objeção.

Em meados da década de 80, liderei dentro da fábrica diversas campanhas: reforçar a segurança na portaria para coibir roubos, a proibição geral de fumar e o uso de crachás de identificação.

A proibição de fumar foi introduzida aos poucos, principalmente devido à resistência corporativa da chefia, que

estava acostumada a fumar em qualquer local da fábrica, a qualquer hora. Nas linhas de produção já era proibido fumar.

Após alguns anos de luta, proibiu-se o fumo nos pátios, armazéns e outros locais, com exceção das salas dos chefes, onde quer que se situassem, e no escritório. Havia salas de chefes com um constante “fog” onde era praticamente impossível respirar, pois nela se concentravam encarregados de seção para fumar com o chefe. A sala de Santana era uma delas. Detalhe: para o peão a proibição era total.

Mais alguns anos, também conseguimos proibir o fumo nesses locais. Foram instalados fumódromos ao ar livre para os viciados. Mais uma vez, o peão foi proibido de usar tais locais.

A gerência da fábrica sempre fazia questão de lavar as mãos sobre tais proibições, com receio de causar atritos com seu quadro de chefia. Espírito de corpo. Veja-se o caso dos crachás que lutei para implantar, de forma global, para todos indiscriminadamente.

Mas não foi isso que aconteceu. Para variar, todos foram obrigados a usar crachá, COM EXCEÇÃO da chefia, das empreiteiras, dos visitantes, dos terceirizados e de todos mais. Em resumo: crachá somente para o peão. A norma implantada pela empresa era infantil: “TODOS” deviam apresentar o crachá na entrada, com as devidas exceções. Só.

Em 20/12/83 recebi a seguinte carta de advertência:

“Hoje, 20/12/83, você esqueceu de apresentar, na portaria da fábrica, sua carteira de identificação.

Como você sabe, através de comunicação anteriores(sic), à(sic) apresentação da referida carteira é obrigatório(sic), não cabendo exceção a nenhum colaborador.

Portanto, pedimos, mais uma vêz(sic), a sua colaboração no sentido de não esquecer de apresentar, na hora da entrada na fábrica a sua respectiva identificação, pois caso contrario(sic) você estará contrariando(sic) uma norma implantada pela Empresa, Certos de contarmos com sua colaboração agradecemos, antecipadamente.”

Ramalho

Recebi a original da presente

colaborador

Desconsiderando o “primor” da redação do texto, assinei o recebimento e escrevi embaixo, na mesma folha:

Assino sob protestos, por considerar, essa apresentação de carteira, discriminatória, sem fundamentos e inútil, pois, se estivesse baseada em segurança todos deveriam não só apresentá-la, como também usá-la dentro da fábrica.

Como tal não acontece, estando, inclusive, estranhos (empreiteiras, visitas, terceirizados etc) sem identificação nenhuma dentro da fábrica, chegamos a conclusão de que não é a sua segurança que está em jogo.

Desse modo, a apresentação da carteira por alguns, fica sendo, como é, uma medida antipática e ridicularizada por todos, devido à sua gritante inutilidade.

Sugerimos, desse modo, sua revogação, com a apresentação da carteira somente quando for solicitado ou a implantação da identificação como deve ser feita: todos usando, o tempo todo.

Lembramos ainda que segurança não é política. Não existem privilégios para ninguém dentro dela, pois acidentes acontecem com todos, independente de qualquer fator, a não ser um único, necessário e suficiente: estar vivo.

Ass: L Valentin

Realmente, reconheço (somente agora) que, como político eu era um desastre e que, cada vez mais, me tornava a bola da vez, nesse jogo de mentecaptos. Mas, estava de saco cheio de ser cobrado por segurança pelos mesmos que se furtavam a obedecer suas mais elementares regras. Veja uma circular do mesmo Ramalho sobre uso de protetores auriculares em locais com alto nível de ruído:

“... Recentemente foi criado pelo Setor de Segurança da Fábrica uma atividade denominada “Controle de Atos Inseguros” e no relatório do mês de setembro aparecem 29 inspeções realizadas onde foram anotados os seguintes atos inseguros.... Entre as pessoas anotadas, figuram alguns chefes.

.....

A NR-6 que é uma norma legal, diz o seguinte:

.....

São obrigações do empregado:
1 – Usar obrigatoriamente o EPI (equipamento de proteção individual)

.....

Ao colaborador de modo geral estamos impondo o uso de acordo com a Lei e podemos chegar a uma advertência, suspensão e até mesmo demissão.

Aos chefes, deixamos a carga de sua consciência agindo ou não como chefes.

.....

ass: Ramalho”

É inacreditável que um Chefe de RH tenha emitido tal circular, cuja cópia tenho em meu poder, endereçada a mim por seu próprio punho e visada pelo Gerente.

Ora, com que moral fica alguém, ao proceder com tamanha e deslavada parcialidade, onde em uma linha, obriga os simples sob ameaças de graves punições e, em outra linha, demonstra claramente não ter controle sob determinada classe? E mais. Chama à luz uma Lei, que engloba todas as pessoas e, adiante, informa que existem cidadãos imunes a essa mesma Lei.

É certo que no final da Circular, diz que:

*“**se** a Fábrica for penalizada por descumprir a Lei, a responsabilidade será do infrator pois os Chefes são obrigados a cumprir e fazer cumprir a Lei.”*

Porém, no sentido amplo da circular, esse último parágrafo fica claramente configurado como uma HIPÓTESE, e que, no frigidar dos ovos, o que se entende dela é que o peão é obrigado a usar os EPIs, sob pena de sanções e os chefes ajam como melhores aprover. **E era exatamente isso o que acontecia.**

Era difícil trabalhar assim. O peão, lhe puxando pela manga e lhe mostrando o chefe sem protetor auricular em local ruidoso, tendo em volta um grupo de peões com seus fones corretamente posicionados; Burt escalando a chaminé das caldeiras, a mais de 15 m de altura, usando, por equipamento, calças jeans, camiseta e tamancos; o soldador incendiando uma seção onde se limpava o piso com solvente inflamável, mesmo tendo sido avisado disso e alegando pressa por ordem de Serapião; Burt, de

motocicleta, fazendo piruetas nos pátios da fábrica em alta velocidade, ou Misael entrando, sem proteção respiratória, num ambiente onde, por acidente, havia se produzido gás cloro (sufocou e pagou caro, pois passou a sofrer de uma doença pulmonar). E eu, sem moral e sem justificativa, respondendo: eles podem tudo...

A alegação principal era que, submeter a chefia a procedimentos de segurança, causava constrangimentos e humilhações. Eu não me conformava e pressionava incessantemente para universalizar as medidas. E a chefia devolvia a pressão na mesma intensidade, visando obter minha cabeça, a qualquer custo. O motivo, único e encoberto, dessa queda de braço era, simplesmente, o roubo feito pela chefia. Todos se utilizavam dos seus carros para retirar pequenos objetos da fábrica ou peças feitas nas oficinas.

Por exemplo, houve uma fase de churrasqueiras. Eram feitas de inox e duravam para sempre. Todos os mecânicos e eletricitas possuíam uma em casa e também as faziam para os amigos. Elas saíam em partes, nos porta-malas dos carros dos chefes da área técnica. Saíam também bombas hidráulicas, que depreciadas pela empresa e depois recauchutadas nas oficinas, duravam ainda um bom tempo nas casas dos funcionários. Saíam também válvulas e registros de latão para água, e os mais diversos objetos de inox que podiam ser úteis em casa.

TODOS SABIAM dessa atividade. Por isso, fiz campanhas para moralizar a segurança da portaria, sugerindo revistas em QUALQUER VEÍCULO que saísse da fábrica, inclusive

caminhões de transportadoras, dos chefes que moravam dentro da fábrica – contando com o gerente – e dos chefes do terceiro escalão. Minhas sugestões sempre foram repelidas violentamente, com a alegação de que a revista era humilhante. Somente se aceitou revistar os caminhões das transportadoras.

Hoje, nas fábricas, a segurança está em um nível muito mais elevado que aquele pelo qual lutei, a proibição de fumar é geral e incontestada, e eu tenho o consolo de que, apesar das críticas e perseguições, a verdade estava comigo e minha atuação sempre foi pautada por lealdade a empresa – **não aos chefetes dela** – cuidando da preservação de seu patrimônio, pela justiça, valorizando e defendendo o empregado humilde. E, importante, **me recusei a perder a alma.**

Certa vez, um funcionário do escritório, já falecido, embriagado, numa festa de veteranos, tomou o microfone e diante de toda a fábrica fez um discurso que começava assim “A (nome da empresa) **é uma máquina sem alma...**”. As pessoas, que lotavam o salão do grêmio, num imenso churrasco, riram até chorar de seu discurso embolado e de seu estado cambaleante.

Poucos entenderam o que ele queria dizer com aquilo, em sua embriaguez. Na realidade, em uma empresa pequena, onde os empregados trabalham ao lado do dono, este tem a chance de humanizar o seu negócio, pois pode avaliar o desempenho de cada um sob a óptica principal que é a segurança e o engrandecimento de seu empreendimento. Ele sabe quem se esforça, quem se sacrifica, quem lhe traz lucro e prejuízo. E,

com a caneta na mão, promove os que têm méritos e descarta os inúteis. Isso realiza e fortalece a alma do empregado. Essa é a alma da empresa.

Numa grande multinacional não existe dono. Ela é fria e impessoal. Não há a quem recorrer para destacar qualidades individuais. Não existe ninguém indispensável, pois sua estrutura é projetada para funcionar automatizada, e para cada um que cai, existem dez para preencher sua vaga. A utilização de robôs é o passo final nessa estrutura, onde a máquina se liberta totalmente da alma.

Você se sacrifica durante anos de sua vida em prol da empresa, imaginando se o seu sacrifício será avaliado e recompensado, pois quem faz tal avaliação, freqüentemente, o avalia, não pelo o que foi feito pela empresa, mas pelo que foi feito por ELE, particularmente. Ele sabe que a estrutura da empresa é mantida automaticamente, que deslizos no gerenciamento de unidades, afetam de maneira mínima, ou nula, o seu funcionamento global; enquanto seu cargo e carreira, são instáveis e sujeitos a ventos e tempestades.

E, quando ele sobe, em seu lugar é colocado outro, que desconhece e desvaloriza os feitos que você prestou à empresa e, daqui para frente, o vai avaliar por seus feitos atuais, nos mesmos moldes do seu antecessor.

Seu passado de nada vale. Seu futuro dependerá, não de você, mas do humor de alguém, que se transformou em algo moldado

pelo sistema. Você é menos que um robô. Você também perdeu sua alma, dentro da máquina sem alma!



103

Brasilino

Nery era o caixa de nossa empresa. É, na década de setenta, as empresas possuíam um caixa para fazer pagamentos. Na sala, com uma janela em forma de guichê, havia até um enorme cofre verde, imponente, com quase 2 metros de altura, que impunha respeito em todos que o viam.

Tinha uma família numerosa, com diversos irmãos, que eram muito conhecidos e populares em toda a cidade. Ele se desesperava, pois a empresa centralizava todas as compras em São Paulo – não era raro os chefes de compras de lá enriquecerem e abandonarem a firma, depois de embolsar os famosos 10 ou 20% dos valores das transações – e, para as fábricas no interior do país limitava os gastos no comércio local a um valor irrisório. Assim, não havia possibilidade de se incluir o famoso jabá nas compras.

Nery tinha outro problema: a esposa, que era meio neurótica e assustadiça. Sua maior dor de cabeça eram os filhos: um rapaz e uma moça, que, criados num ambiente super-protetor, não tiveram uma infância normal. Jamais saíram sozinhos, e Nery era obrigado a levá-los e buscá-los na escola, mesmo depois de jovens. Fora a escola, eram trancafiados em casa. Não saíam para nada, por medo da mãe que algo lhe acontecesse. À noite, então, nem pensar.

O tempo passa e o menino, mais velho, está um rapaz em idade de prestar o serviço militar. Os irmãos de Nery conseguem facilmente sua dispensa, mas o jovem bate o pé: queria servir o exército de qualquer maneira. E, estarecidos, os pais o vêem aparecer fardado e mais feliz que pinto no lixo.

O moço, louro, alto, de olhos azuis, porte atlético faz sucesso com sua liberdade. E tenta recuperar o tempo atrasado de sua juventude. Todos os domingos, de manhã, no clube da empresa, nos reuníamos para uma partida de futebol de salão. Um belo dia o rapaz aparece lá.

- *Tem uma vaga prá mim?* - pergunta a meu irmão, que tinha um chute violentíssimo.

- *Quem é você?* - perguntou ele. E uma rodinha dos que estavam acostumados a jogar é criada em volta do moço.

- *Sou filho do Nery. Mas vou avisando logo. Nunca joguei bola e nem sei chutar direito. Mas quero aprender. Se vocês deixarem eu pego no gol.*

A simpatia e sinceridade do rapaz cativaram a todos e o colocaram no gol, já com um apelido, depois que viram sua vibração como soldado: Brasilino. E espanta a todos com a coragem e disposição com que vai atrás da bola. Não desistiu nem mesmo depois que uma bolada desferida por meu irmão atingiu-lhe o peito com extrema violência, deixando-o sem fala por alguns minutos.

E assim, Brasilino segue sofregamente atrás do tempo perdido. Um de seus passatempos prediletos era a piscina do Clube mais sofisticado da cidade. Era tão da elite, que ainda nos anos 60,

não aceitava negros como sócios. Nós tínhamos um amigo de infância, negro, que meu pai, mesmo usando de toda sua influência, não conseguiu que fosse aceito como sócio, para que nos acompanhasse nas idas à piscina.

Então, encontramos Brasilino, que obviamente não sabia nadar, pulando de um dos três trampolins na parte mais funda da piscina, quase cinco metros. Ele mergulhava do trampolim que ficava perto de uma escada lateral e com o impulso, embaixo d'água, conseguia chegar até a escada, segurar-se e sair da piscina. Estava acostumado e quase que mergulhando bem. Mas nadar, que era bom, ainda não sabia.

O clube era da elite, mas a diretoria era relapsa. E deixou de cuidar da piscina. Guarda-vidas? Nem pensar. A água foi se tornando verde-escura, mas os freqüentadores continuavam a usá-la. Brasilino já saltou várias vezes do trampolim, como de costume, e dá mais um salto. Porém, não notou que havia um rapaz nadando embaixo d'água ali por perto e se choca com ele.

Desesperado por não alcançar a escada agarra o outro que se debate, mas não se livra e ambos afundam. Isso foi num dia de semana, o choque foi embaixo d'água e os poucos freqüentadores nada notaram.

Ambos morrem afogados. A água está tão escura que não dá para ver o fundo junto aos trampolins. O dia passa.

No outro dia uma patrulha do exército vai até a sua casa, pois ele faltara ao serviço. Sua mãe que pensava que ele estava no

quartel tem uma síncope. Nery, os irmãos e a polícia o procuram por toda a cidade. O dia passa. No outro dia, refazendo seus passos, a polícia chega a conclusão que ele foi visto pela última vez na piscina. Encontram suas roupas no vestiário. O porteiro o viu entrar, mas não viu sair. Investiga aqui, investiga dali, um detetive, reparando na água da piscina, bastante turva, tira a roupa e mergulha. Bingo. Encontra os dois corpos agarrados no fundo.

Imaginem a dor da mãe, que quase enlouquece. Nery envelhece 10 anos em dois dias. Ambos ficam completamente arrasados. De quem será a culpa?

Resumo da história. O Clube foi processado e condenado a pagar uma pesada indenização às famílias. Alguns anos depois, quando a sentença transitou em julgado e houve necessidade de desembolso, a nova diretoria do clube, resolveu, por unanimidade, que o quadro de associados iria arcar com essa despesa.

Um amigo, que fazia parte dessa atual diretoria, chegou a mim, com essa notícia e o carnê para o ano, já com um acréscimo cavaluar nas mensalidades para essa finalidade.

- *Não pago* – disse eu – *Quem deve arcar com esse ônus é a diretoria relapsa que estava na direção do clube quando do ocorrido.*

- *É* – disse ele – *Isso seria o justo, mas todos eles são nossos*

amigos e se tiverem que arcar com tal valor muitos ficarão na pobreza.

- Não interessa – respondi – O cargo possui direitos e deveres. Eles usufruíram dos direitos e relegaram os deveres. Agora que paguem por isso.

- Se você não pagar – respondeu ele – será desligado do clube.

- Agora mesmo – disse eu. E naquele mesmo momento, fiz uma carta de demissão.

Muitos também deixaram o quadro de associados, por não poderem pagar a mensalidade extra. Hoje, esse clube está decadente e está com sua sede em ruínas.



104

O Paco

Viegas era o chefe da manutenção da fábrica há vários anos. Depois de se acidentar gravemente por duas vezes, quase morrendo em um deles, resolver se demitir e criar uma empresa de manutenção, para prestar serviços à nossa. Estávamos no começo da terceirização.

Já labutava nessa atividade por algum tempo, quando um antigo funcionário da administração pediu-lhe que colocasse seu filho adolescente, Narciso, de 16 anos. Viegas o empregou como boy e Narciso provou ser um eficiente trabalhador. Assim ganha a confiança de todos e passa até a fazer serviços bancários.

Um certo dia, sua função era ir ao banco e retirar uma quantia equivalente hoje a 10 mil reais, para Viegas fazer o pagamento do pessoal. Narciso enfrenta uma fila quilométrica e depois de quase 3 horas consegue sacar a grana que coloca em uma pasta preta, e sai do banco. Mal tinha dado alguns passos na rua quando um rapaz bem vestido e falante, que vinha atrás dele o chama:

- *Ei, Ei! Pára aí, moleque.*

Narciso pára, se vira e vê que era com ele.

- *Eu?* – pergunta

- *Sim* – diz o rapaz – *você deixou cair esse cheque.*

E mostrou um cheque preenchido e assinado.

- Não – deu papo Narciso – *Não é meu, não.*

- *Olha cara, só pode ser teu – enrolou o outro – Eu vinha atrás de você e o cheque apareceu depois que você passou. Olha bem: É um cheque gordo*

Narciso pegou o cheque e viu que era uma quantia equivalente a cinco mil reais.

- *É, cara – disse ele , devolvendo o cheque – Mas não é meu, não. Nem conheço quem assinou. Você viu o cheque quando deixei cair?*

- *Não – respondeu o outro – Só vi que ele estava no chão e você era a pessoa que estava na minha frente. Como você não pegou, achei que você tinha deixado cair.*

Narciso ia falar alguma coisa quando aparece outro boy, igual a ele, que chegou gritando.

- *Esse cheque é meu!*

Os dois olharam a nova figura, que dizia ter perdido o cheque.

Sem mostrar o cheque, o rapaz perguntou.

- *Se é teu, diga a quantia e o nome de quem assinou.*

O boy respondeu corretamente e o outro passou-lhe o cheque.

- *Tá legal! É teu mesmo.*

- *Cara, você não sabe o sufoco de que você me tirou – falou o boy agradecido – Vou te contar.*

- *Tu ia ser despedido, não é? – perguntou Narciso se metendo na conversa*

- *Não. Vocês não conhecem meu patrão. Ele é muito rico, honesto e faz muita caridade. Aposto que, se eu contar a atitude de vocês ele vai recompensá-los.*

- *É mesmo? – perguntou o rapaz*

- *Claro! Já vi ele fazer isso antes. Quer saber? Vou levar vocês lá para falar com ele e então vocês vão ter a prova do que eu estou falando.*

- *Prá mim não vai dar – disse Narciso – Tenho que voltar para o escritório.*

- *Ora, uns minutos a mais ou a menos não vão fazer falta – disse o boy – E você pode por a mão em uma boa gratificação.*

- *Vamos lá – disse o outro – Ninguém tem nada a perder.*

Narciso, ingênuo e envolvido pelos dois, concordou e foram andando até pararem diante de um edifício muito conhecido da cidade.

-*É nesse prédio que fica o escritório do patrão. É no terceiro*

andar, mas tem que ir pela escada, pois o elevador tá quebrado. Sala 302. Eu vou lá e vou contar a história prá ele. Esperem um pouco.

Dizendo isso, o boy atravessou a rua e entrou no edifício.

Narciso e o outro ficaram esperando do outro lado da rua. Cerca de quinze minutos depois, o boy reapareceu.

- Não disse? O patrão ficou até com lágrimas nos olhos e disse que a honestidade de vocês tem que ser premiada. Mandou que você subissem, mas com um detalhe. Um de cada vez e sem nada nas mãos a não ser a carteira de identidade.

- Por que isso? – estranhou Narciso.

- Por causa de assaltos. Você tem que deixar a identidade com a secretária, para depois entrar na sala do patrão.

Narciso estava meio desconfiado e até gostou quando o rapaz se ofereceu.

- Tá legal! Eu vou primeiro. Segura minhas coisas.

Dizendo isso, deu uma bolsa que carregava a tiracolo e uma pasta de papelão bem gorda, para Narciso segurar. Tirou a carteira de identidade e com ela na mão entrou no prédio.

Passam-se dez minutos, enquanto o boy fazia a cabeça de Narciso, elogiando o patrão, quando aparece o rapaz com um envelope na mão.

- *Cara, esse seu patrão não é deste mundo. Olha o que ele me deu.*

Dizendo isso abriu o envelope onde estavam o equivalente a duzentos reais de hoje. Isso era o salário mensal de Narciso.

- *Vai logo, cara. O homem disse que vai dar isso prá você também.*

Narciso não pestanejou. Entregou a pasta com o dinheiro para os caras, tirou a identidade e entrou no prédio. Subiu as escadas e no terceiro andar procurou o número 302. Apertou a campainha. Silêncio. Apertou de novo. Nada. Então bateu na porta, já suando frio. A porta do apartamento ao lado se abre e surge uma senhora.

- *O que é?*

- *Aqui é o escritório do Sr. Fulano?* - perguntou Narciso

- *Escritório?* – estranhou a mulher – *Aqui não tem escritório.*

Do segundo andar prá cima são somente apartamentos. Esse daí é de uma senhora que está no hospital. Não há ninguém aí.

Narciso se desespera e desce as escadas correndo. Chega à rua e procura os rapazes. Nada. Desesperado corre de um lado para o outro e nada. Volta ao escritório aos prantos e tremendo.

Tremendo de raiva fica Viegas, que tem uma crise de hipertensão e precisa ser hospitalizado.

Perdeu, malandro!



105

Pilotos

A empresa possuía alguns aviões e até um bimotor. Devido a isso, sempre tínhamos pilotos na fábrica. E eles se arranchavam na nossa sala, por haver espaço, uma grande mesa de reuniões com cadeiras e pelos habitantes da sala, nós, que sempre eram uma boa companhia.

Os pilotos sabiam de mil histórias, engraçadas, a maioria e sérias, outras. E nos contavam com alegria. A história da [Banda](#) é uma delas. Outra nos conta Hassan, um desses pilotos.

Estava ele pescando em um rio em Goiás, quando de repente aparece um guarda florestal. Hassan, como todo bom pescador exagera na história.

- *Meu amigo* - disse o guarda - *é proibido pescar aqui.*

- *Mas eu tenho licença* - responde ele

Isso foi para iniciar a conversa. Hassan então narra com detalhes como guarda queria uma propina e como ele, malandro velho, se esquivava das investidas do oficial. O guarda não queria perder a viagem e queria sair dali com uma grana e Hassan está firmemente disposto a não dar nada. Depois de muito papo e indiretas, o guarda já estava perdendo a paciência.

- *Muito bem - disse ele - Se o senhor tem mesmo licença eu quero ver. E se estiver irregular, serei obrigado a prendê-lo.*

Hassan tinha muito orgulho de seus documentos. Andava com uma carteira que parecia um tijolo. Era daquelas tipo sanfona que quando aberta apresentava uma infundável sucessão de receptáculos para cartões de crédito, carteirinhas diversas, cpf, carteira de identidade e o escambau.

- *Nesse momento - continua Hassan - dei xeque mate no guarda. Peguei na mochila minha carteira de documentos e dei para ele. Quando ele abriu, a sanfona caiu até o chão. Eu tinha tudo: identidade, cpf, cópia reduzida da carteira de trabalho, licença de de piloto, carteira de motorista vários cartões de crédito, carteirinha de pescador, licença do veículo, carteirinha do clube de leitura, de sócio do clube da minha cidade, e mais algumas outras. O guarda até ficou calado diante de tantos documentos.*

- *É, mas você correu perigo mesmo assim - atalhou Esmeraldo -tava bem fácil para o guarda te prender..*

- *Qual é a tua, camarada? - Hassan se voltou para ele - Prender? Prender? O cara diante disso fez o que tinha que fazer: me devolveu a carteira e foi embora.*

- *Mesmo assim - teimou Esmeraldo - ele podia te prender.*

- *Prender como? - Hassan se espantava - por que?*

- *Por excesso* - replicou Esmeraldo

- *Excesso de quê?* - Hassan já estava incomodado

- *Excesso de documentos* - Esmeraldo falou com tom de riso

A gargalhada foi geral e Hassan, vendo que estava sendo gozado pelos exageros da sua história, fechou a cara e saiu da sala.



106

O Retrato da Derrota

Essa vou contar aqui, porém não aconteceu na indústria. Lá pelos idos de 1987, uma escola do segundo grau da região estava montando cursos de segundo grau profissionalizantes e precisava de professores. Era uma entre as três maiores, com mais de mil alunos e, Maldonado, não sei por que cargas d'água conseguiu uma vaga de professor no curso de técnico de informática.

Como eu o tinha iniciado na informática, logo forneceu meu nome à diretoria da escola para ajudar a preencher o quadro de professores daquela área. Modéstia à parte, assumi três cadeiras (fiquei lá 10 anos) e, depois de algum tempo, a coordenação do curso técnico de eletrônica.

Apesar de ter uma responsabilidade para com os cursos, reconhecida por todos, após cinco anos, depois que a filha do dono da instituição – ligado à política, ao CADE em Brasília e dono da única faculdade da região – assumiu a diretoria, comecei a incomodar. Minha filosofia de trabalho sempre foi norteadada por duas normas:

- É preferível ser focinho de cachorro que rabo de leão
- Sempre procurar não agir como um leão na frente de cordeiros e como cordeiro na frente do leão.

A orientação dada pela moça era o faturamento. Ela estava se lixando para o ensino e cultura e seu grande desafio era conseguir mais alunos e manter os existentes. Isso tornou – e torna ainda – a vida do professor um calvário. O aluno, assim como o freguês, sempre tem razão e o desrespeito, descaso, desmoralização e humilhação com que os mestres foram obrigados a conviver tornou-se uma constante. Acabaram-se a seriedade e disciplina dentro da instituição, principalmente entre os alunos do segundo grau, noturno.

O sistema de avaliação – criado para impossibilitar a reprovação – injusto para quem estudava (raros) e premiando a desídia, a bagunça, o desrespeito, a desorganização e indisciplina, jogou na lata de lixo qualquer esforço por parte dos professores para passar algum conhecimento à turba.

A avaliação dos professores pela diretoria, agora era feita da seguinte maneira: os alunos avaliavam os professores e passavam o resultado aos orientadores. Lógico que os professores – a maioria precisando do emprego e muito mal formada – logo trataram de envidar esforços para agradar os alunos e com isso, receber uma boa avaliação. O resultado para a aprendizagem foi o caos. Fingia-se que se ministravam aulas e fingia-se que se aprendia.

Eu não concordava com esse estado de coisas – mesmo entendendo a política de empresa dos donos do estabelecimento – e achava que se deveria manter um mínimo: um mínimo de estudo, um mínimo de disciplina, um mínimo de respeito, e,

entendia que quem deveria se dar ao respeito era o professor. Assim pensando, exigia esse mínimo, valorizando minha pessoa, meu caráter e meus conhecimentos.

Meu pai, professor preparadíssimo e rigoroso, formado na Itália e França entre 1925 e 1935, sempre dizia: "*o bom aluno, aquele que entende e valoriza o conhecimento que lhe é passado pelo professor, durante o resto de sua vida, sente gratidão e amizade por seus mestres. O mau aluno, sente o oposto*".

Assim, minha avaliação pelos alunos era péssima. Os alunos não gostavam daquele estranho no ninho, o único que ainda não tinha se dobrado ao esquema vil e hipócrita implantado numa máquina de fazer dinheiro.

Professores bons eram aqueles que "inovavam": mandavam os alunos comprar jornais e na hora da aula dividiam a turma em grupos para que se fizessem comentários sobre as notícias. A algazarra era imensa e os alunos adoravam. Professor bom era aquele que nos testes só colocava questões já resolvidas em sala; professor bom era aquele que dava peso 2 aos testes e 8 ao "conceito social" na hora de tirar a média. Professor bom era aquele que não reprovava ninguém!

Assim fui me desgastando com a diretoria e com os colegas. Numa reunião de coordenação, participando o dono do estabelecimento, sua filha diretora, e mais uma dúzia de parentes deles – todos coordenadores de área – ao ser questionado sobre a má imagem que os alunos tinham de minha pessoa, tomei a palavra e expliquei que meu salário de três

meses era gasto integralmente com livros de informática – todos os anos – para que pudesse reciclar-me e estar sempre atualizado. Mostrei que o esforço pessoal e dinheiro despendidos em prol da qualidade deveriam ter uma contrapartida por parte dos alunos, que deveriam responder com um mínimo. E ainda, que somente assim, eles poderiam ter alguma chance no vestibular em uma capital, numa universidade pública.

Nesse ponto, fui interrompido pela sobrinha do dono, coordenadora dos cursos de primeiro grau. Lembro que o dono desse colégio também era dono da única faculdade da região e toda sua família tinha se formado nela.

- Eu acho que o colega não deixa de ter certa razão. – iniciou pausadamente – Devemos procurar mesmo nos atualizar e manter um certo padrão de qualidade. Mas, não devemos nos esquecer o que somos, como somos e onde estamos. Nossa análise e nossa procura devem ser sempre norteadas pela realidade. E, sendo realista, ao ouvir que o colega deseja formar alunos que possam concorrer em universidades públicas da capital, pergunto agora: quem de nós aqui, passaria em um vestibular numa dessas escolas?

Ao perguntar isso, olhou em volta, convencida que tinha abafado – estávamos sentados em círculo, nas carteiras dos alunos – e olhou fixamente para mim, sem sequer imaginar o que lhe esperava. Sustentei seu olhar e todos agora olhavam também para mim. Sorri e "lasquei":

- *Eu passei! Escola de Engenharia de São Carlos, da USP, 1970.*

A mulher fez uma cara de palerma; um silêncio pesado desceu na sala. O desconforto entre todos era visível. Eu mantive o olhar sobre ela, que abaixou o seu. Ninguém sabia o que dizer, pois a confissão de incompetência que ela fizera pelos demais, o silêncio de todos em concordar com sua incapacidade de passar em um vestibular sério, numa escola séria, sua tirada de efeito, humilhante para os colegas, era vexatória demais, patente demais, diante de alguém, a quem ela tinha querido esmagar e agora estava em posição favorável e superior.

Seu tio, percebendo o mal estar, rapidamente colocou em pauta umas amenidades, desviando o assunto. A reunião acabou e comecei a ser "fritado".

Perdi a coordenação do curso de eletrônica e, por continuar reprovando mais de 10% das turmas, inclusive o filho de uma coordenadora, acabei sendo demitido. Pelo correio. Nenhum dos "pedagogos" dirigentes teve a coragem de conversar comigo e dizer frente à frente que eu estava demitido.

Esse é o Brasil...



107

Low Profile

Meados da década de 1960. A unidade da Empresa em nossa cidade está em franco progresso. Reformou sua fachada, escritórios administrativos e casas dos funcionários graduados situadas dentro dos limites da fábrica.

A cidade também está progredindo e um dos avanços é a inauguração da rede de telefones automáticos, ou seja, aqueles com disco onde bastava discar o número e a ligação se completava sem auxílio da telefonista. A falta de intimidade com esse sistema foi a causadora do caso a seguir.

Vanderlei era uma péssima figura. Metido a malandro, beberrão, nervosinho, briguento, criador de casos, trabalhando em bicos e habitué dos bares do bairro, onde, aos sábados e domingos, se embebedava e invariavelmente criava uma briga, um verdadeiro risca faca nos finais de noite nesses estabelecimentos. Sua fama de violento e arruaceiro corria as ruas e vielas do bairro onde morava e nas dos adjacentes.

Porém tal fama não chegou aos ouvidos dos responsáveis do

setor de pessoal (hoje recursos humanos) da Empresa, que o contrataram. Logo, logo se percebeu quão errada fora essa ação.

O sujeito se portava dentro da fábrica como se estivesse em um bar, brigava com todos, discutia com os superiores e, por conta do alcoolismo, errava constantemente nas tarefas. Resultado: depois de 90 dias de experiência foi cortado.

Tudo certo. Vanderlei continua sua vida de bicos (fazia pintura de paredes) e bares, além de procurar um emprego fixo. Com tal propósito, visita diversas empresas na região: foi a uma metalúrgica, a diversas oficinas mecânicas, à Cooperativa de Produtores de Leite, a fábricas de artefatos de cimento, a uma gráfica, entre outras, e nada de conseguir emprego.

Vanderlei, nos bares, conversa com companheiros de farra, quase todos empregados em algum lugar e não entende como há emprego para muitos, mas para ele as portas estão sempre fechadas.

Passam-se meses, até que em uma dessas conversas, um empregado em uma olaria lhe informa que lá estão precisando, com urgência, de serventes.

Vanderlei, segunda feira cedo parte para um bairro afastado onde se localiza a tal olaria, de propriedade de um português semi analfabeto, o Sr. Oliveira.

Em lá chegando, nota que há um cartaz logo na entrada: “Fichase” Serventes. Entrou, preencheu um papel com referências e

endereço e mandaram que voltasse na quarta feira. Nesse dia, chegou cedo à olaria e ficou aguardando que o encarregado do escritório aparecesse. Este, assim que chegou, chamou Vanderlei e lhe disse que a vaga já tinha sido preenchida e que ele fosse embora. Vanderlei voltou para casa arrasado.

Passam-se duas semanas e Vanderlei encontra o companheiro da olaria em um bar. O sujeito, grosseiro e ignorante se aproxima e interpela Vanderlei:

- *Olá Pintor. Dizem que tu ainda tá desempregado. Cê tem que correr atrás. Se tu não for lá na olaria o emprego não vem aqui te buscar.*

Vanderlei ia contar que já tinha estado lá, quando teve um estalo na cabeça.

- *Piu-Piu (esse era o apelido do companheiro). A vaga ainda tá em aberto?*

- *Claro. Os “homi” tão fichando serventes porque “aumentou” muito os “pedido”. Talvez precise de uns dois ou três.*

Vanderlei então conta que foi rejeitado lá na olaria e pediu para Piu-Piu descobrir o motivo. Este se comprometeu em ajudar o colega de copo.

Na outra semana, Piu-Piu até tinha esquecido o assunto, quando o Seu Oliveira passando perto dele perguntou se ele não conhecia candidatas a servente. Lembrando-se de Vanderlei, Piu-Piu disse que já tinha mandado um.

- *Aquele tal de Vanderlei ?* - perguntou Seu Oliveira, que completou com sinceridade - *Aquilo não presta...*

- *O Sr. já conhecia ele?* - perguntou Piu-Piu

- *Nunca o vi mais gordo* - respondeu Seu Oliveira com sotaque carregado - *Mas o menino telefonou para a última empresa que ele colocou como referência e foi informado de que o sujeito não era uma boa bisca. Foi o próprio chefe de pessoal de lá que cantou a pedra, espinafrando esse tal de Vanderlei. Vê se tu “arruma” outro melhor, porque “tamo” precisando de gente. Mas, de gente boa....*

Piu-Piu ficou calado e na primeira oportunidade contou a história para Vanderlei, que enlouqueceu de raiva. Depois de se aclamar, traçou um plano.

Na próxima semana, Vanderlei foi até a telefônica, onde havia três cabines de telefone público, as únicas da cidade. Nessa época ninguém nem sabia o que era um orelhão. Chegando lá, comprou uma ficha e se trancou na cabine, discando o número de nossa Empresa. Pediu à telefonista da empresa para falar como Chefe de Pessoal, Sr. Vieira e disse que era de uma metalúrgica da região.

- *Vieira falando* - disse o chefe

- *Olá Seu Vieira* - disse Vanderlei - *Aqui é o Cosme da Metalúrgica ABC. Estamos aqui com um pedido de emprego de um certo Vanderlei Silva Santos que disse já ter trabalhado aí com vocês. Qual é o seu perfil?*

Vieira não perdeu tempo e soltou o verbo, descascando Vanderlei. Só não o chamou de santo.

- *Corre desse cara* - completou Vieira - *Ele só vai dar dor de cabeça.*

Vanderlei, espumando de ódio, agradeceu e desligou. Agora sabia a explicação do porquê não conseguia emprego na cidade. Mas ele vai me pagar, pensou. Ah! Se vai!

Vieira morava dentro da fábrica e Vanderlei tramou pegá-lo quando fosse fazer alguma coisa na cidade. Passou a vigiar as andanças de Vieira e em um dia que este saía de um armazém com uma caixa de papelão com compras, Vanderlei travou sua passagem na calçada.

- *Então cê tá fazendo minha caveira para as outras empresas, né?* - gritou ele para Vieira, que tomou o maior susto

Em seguida, sem esperar resposta, deu-lhe uma rasteira e com Vieira no chão o espancou violentamente com um cabo de vassoura, deixando-o desfalecido, ensanguentado com vários cortes na cabeça, rosto e hematomas por todo o corpo. Vieira ficou três dias no hospital e assim que melhorou foi transferido.

A empresa, grande multinacional que sempre pagou para ocultar um escândalo, tomou as seguintes providências: não denunciou Vanderlei, transferiu Vieira, baixou uma ordem para jamais se dar referências por telefone e uma norma para que o

Chefe de Pessoal jamais ficasse sozinho com funcionários que fossem ser punidos ou demitidos. E assim foi feito.



108

A Premonição

A empresa estava abrindo uma vaga de supervisor eletricitista para trabalhar em sua área Técnica situada em uma cidade do interior de São Paulo. Como propaganda, para não haver favoritismo nem nepotismo, resolveu pedir que cada fábrica mandasse dois candidatos que deveriam apresentar um projeto para uma banca examinadora formada por técnicos daquela unidade.

Serapião, sempre atento a uma oportunidade, viu nisso uma chance de se livrar de mim e ao mesmo tempo deixar-me indefeso contra uma demissão e imediatamente me inscreveu, juntamente com um técnico eletricitista do nosso quadro.

Quando me comunicou o fato, eu tentei pular fora de mil maneiras, inclusive dizendo que eu não era da área. Baseado na minha função de Coordenador do Curso de Eletrônica numa escola da cidade, ele bateu o pé e não aceitou meus argumentos.

Já contei anteriormente que quando demitiram o engenheiro chefe da segurança, o Petrin, ele fez uma reunião comigo em S. Paulo e durante algumas horas, completamente abalado e desestruturando, alternando a conversa com crises de choro, abundante e incontrolável, narrou tudo que sabia sobre as tramoias que faziam contra nós. E eu, que me julgava como um mero peão, invisível dentro do enorme âmbito da empresa, me

encontrei sendo foco de holofotes de diretores considerado como elemento perigoso.

Petrin, a medida que o tempo avançava, falava sem parar: *“Lembra aquela ocasião, assim, assim, assado....etc? Você achava que era para conseguir tal objetivo? Nada disso, na verdade o objetivo era esse, aquele, etc”* E assim ficamos sabendo de pormenores de bastidores realmente incríveis, a maioria que estão fora do contexto dos nossos assuntos aqui.

Um porém, cabe perfeitamente agora. Foi a colocação de Serapião como chefe de nossa área técnica. Além de seus deveres do cargo vinha também com instruções expressas de nos eliminar: Livramento e a mim. Olhando ao passado, em muitas ocasiões vejo que escapei por pura sorte.

Portanto, na ocasião dessa inscrição na disputa por uma vaga talvez ele tivesse esperança que eu fosse o escolhido e aceitasse uma transferência, coisa que eu não tinha nenhuma intenção de fazer.

Enfim, partimos em meu carro, eu e o técnico chamado Antônio, rumo à cidade para apresentarmos nossos projetos à “banca examinadora”. Serapião quis saber o que eu ia apresentar e disse a ele que mostraria um projeto de automação de elevadores. Não me lembro mais qual foi o projeto de Antonio, mas sei que ele levou muito a sério a ocasião.

Passamos por São Paulo, chegamos à cidade do interior, apresentamos o projeto, sendo que minha apresentação foi

desanimadoramente ridícula. Vários conhecidos daquela unidade, inclusive os da minha área, que assistiram a tudo vieram depois me perguntar:

- *Que foi isso cara? Você não levou a sério esse exame? Não quer a vaga?*

Ao explicar que estava ali quase que obrigado todos então entenderam.

Era uma sexta feira quando voltamos. Ao chegar perto de São Paulo combinei com Antonio que passaríamos em um hipermercado para fazer algumas compras, acho que era o Carrefour, numa das marginais, do lado direito de quem vai para o Rio. Chegamos ao entardecer e, na hora do rush, perdi a saída para acessar o mercado.

Fui adiante até encontrar um retorno, e nisso caímos num emaranhado de ruas e ficamos perdidos. Depois de perguntar duas ou três vezes, encontramos novamente a marginal.

Entramos nela e verificamos que o mercado tinha ficado para trás. Procurei novamente o retorno, encontramos um, bem longe, o utilizamos e novamente ficamos perdidos.

Dessa vez, nos desorientamos tanto, subindo e descendo viadutos, entrando em ruas estreitas, o escambau, que quando entramos na marginal tocamos para frente. Depois de cerca de três minutos, Antonio grita:

- *O Carrefour, o Carrefour....*

Olhei para a minha direita e nada vi.

- *Do outro lado* – falou Antonio

Olhei e desanimei. O Carrefour estava à minha esquerda do outro lado da pista. Nós tínhamos entrado na marginal que levava para o centro de S Paulo. Estávamos voltando.

Encontramos novo retorno, mas, desta vez, caímos na via expressa, que não dava entrada para pegar as pistas laterais. Nada como um jacu dirigindo dentro de uma metrópole.

Já tinha escurecido e comecei a dirigir pela via expressa, sabendo que o retorno era somente em Guarulhos. Enquanto fazia isso, pensei em falar com Antonio dizendo que ia desistir, que não compensava voltar de Guarulhos para São Paulo, que ia gastar muita gasolina, etc, etc e que ia tocar para frente até chegar em casa.

Já estava abrindo a boca, quando Antonio falou primeiro.

- *Nossa, que surra que a gente levou. Mas essa situação é claríssima para mim. Você entendeu o que aconteceu conosco?*

Antonio era espírita e ao ouvir isso, imediatamente desisti de falar e curioso sobre o que ele ia dizer, respondi:

- *O que aconteceu? Perdemos a entrada porque eu sou um pato no meio dessas pistas que eu não conheço.* – disse eu

- *Grande engano seu. Para mim, com a mais completa certeza, não foi você quem estava guiando esse carro.*

- *Não?! Quem era, então?* – perguntei surpreso
- *Foi uma força espiritual protetora, que está nos desviando do perigo. Ela não quer que a gente vá a esse supermercado* – falou ele em tom de mistério.
- *Você acha isso? Por quê?* – perguntei eu, diante dessa conclusão totalmente sem sentido.
- *Porque pode acontecer algo com a gente se formos lá* – respondeu ele candidamente
- *Algo de bom ou de ruim?* – comecei a gozar o cara
- *Claro que algo ruim* - respondeu ele, aparentemente sem notar a gozação
- *Você está dizendo então* – dei mais corda para ele – *que no Supermercado vamos sofrer algo, certo?*
- *Não é bem assim* – respondeu ele como se estivesse dando uma aula a um aluno burro – *Você precisa entender que o campo espiritual é muito amplo. Provavelmente estamos sendo guiados por um espírito de luz, o pessoal chama de anjo da guarda, que está nos protegendo de algum malefício. Mas não precisa ser especificamente no Supermercado. Pode ser no retorno, na pista que vamos usar, pode ser na chegada ao supermercado, pode ser dentro dele, na sua saída ou na nossa volta para casa.*

- *E como é que você sabe que não vai acontecer algo daqui a 30 segundos?* – perguntei

- *Porque os sinais que ele enviou, e que eu entendi bem, são as diversas falhas em encontrar a entrada do supermercado. Isso significa que, se desse ponto em que estamos, nos dirigirmos direto para casa, nada vai nos acontecer. Mas, se mudarmos a rota e voltarmos para o lugar que ele não quer que alcancemos, tudo vai mudar em nossos destinos e ele terá esgotado todo os seus esforços para nos ajudar.*

Eu, claro, quase que não estava acreditando como uma pessoa com estudos podia ser tão irracional ao chegar a tais conclusões totalmente sem fundamento. Simples achismo. Eu acho que é assim. Pronto. Resolvi dar uma lição nele.

- *Nesse caso, acho que o anjo da guarda é teu, pois eu jamais teria pensado nisso – falei rindo – Você não acha que esse seu raciocínio e a ação do anjo estão muito complicados? Se o anjo quisesse te proteger não precisaria que você tivesse que notar e decifrar os sinais que ele enviou. Bastava provocar um defeito no motor do carro e a gente parava e tinha que ir passar a noite em um hotel.*

- *Pensando desse modo – respondeu ele – poderia até ser. Mas nós não podemos saber o que tem na cabeça do anjo. Se ele fez assim é porque essa é a melhor maneira de fazer.*

Então entrei de sola nele.

- Antonio, deixa eu te falar uma coisa. Um segundo antes de você começar com essa lenga-lenga, eu ia te comunicar que tinha desistido do supermercado.

- Viu, viu – ele bateu palmas – o anjo também falou com você. Agora eu tenho certeza de tudo.

- Calma! – disse eu – Mas, depois dessa história de conto de fadas vou lhe dizer o que será feito. Vamos retornar lá na casa do cacete, vamos voltar todo esse caminho que já percorremos, vamos ao Supermercado e somente depois disso é que rumaremos para casa. Se você ficar com medo te deixo em um ponto de ônibus e você se vira para voltar para casa.

Ele ficou calado. Eu também. Fizemos o retorno. Perguntei se ele continuava. Ele disse que sim. Voltamos, entrei no Supermercado de primeira, fizemos compras, seguimos para casa. Chegamos cerca de uma hora da manhã e o levei até a sua casa. Enquanto tirava as compras dele, perguntei:

- E agora? Até que horas a gente tem que contar que vai nos acontecer algo de ruim?

- Já vi que você não acredita – disse ele – mas a verdade é que às vezes a premonição falha. Para nosso bem a falha ocorreu hoje.

- Eu acho que você está é triste. – falei

- Triste? Por quê?

- Já imaginou se eu sigo seu conselho e venho direto? Agora nesse momento, você estaria se preparando para contar para sua comunidade como um espírito de luz nos guiou e nos salvou porque obedecemos a sua intuição. Espero que você conte a verdade.

- *Que verdade?* – falou ele

- *Que o anjo avisou, que nós não obedecemos e que não aconteceu nada.*

Ele sorriu.



109

A Quadrilha

Dissemos anteriormente que uma das políticas mais bem definidas na Empresa é a de abafar escândalos, geralmente provocados por roubos e furtos feitos por funcionários contra o seu patrimônio.

É infantilidade pensar que uma grande multinacional com diversas fábricas no Brasil, portanto empregando brasileiros, somente teria santos como funcionários. Pelo contrário, está cheia de pessoas que, digamos, adoram levar vantagem em tudo. E não importa o nível do cargo que ocupam. Eles estão espalhados em todos os estágios e postos de trabalhos, somente aguardando uma brecha na segurança, uma ocasião, um descuido, para poderem agir.

O esforço para abafar é imenso, mas sempre há aquele parente de um funcionário ou ex- funcionário, aquela testemunha, aquele curioso, aquele fofoqueiro ou mesmo um inocente útil que deixa vaziar algo.

Então se fica sabendo, que numa década em que a empresa estava em expansão, construindo fábricas novas, o diretor responsável pelas empreiteiras enriqueceu de tal modo que ficou impossível esconder sua situação e teve que aceitar sair da

empresa para gerenciar uma imensa e super moderna firma de engenharia que tinha fundado solertemente.

Ou aquele titular do departamento central de compras, que fazia as compras de todas as fábricas do Brasil, que ao ser descoberto recebendo propinas, foi convidado mansamente a se desligar da empresa e saiu para gerenciar o patrimônio que tinha acumulado, composto por alguns apartamentos na capital de São Paulo e um haras em Vinhedo.

E o caso de um funcionário do baixo clero que aceitou algumas propinas e a própria mulher do dono de uma empresa para lhe dar em troca a manutenção de equipamentos contra incêndio.

Mais recentemente, num caso que saiu na imprensa há cerca de dois anos, o escândalo cortou cabeças coroadas, mas que não pode ser narrado aqui, para manter os personagens incógnitos.

A história que se segue é absolutamente verídica e está estruturada em informações esparsas colhidas de testemunhas fidedignas. É lógico que não se pode afirmar que tudo aconteceu exatamente como narrado aqui, mas os pontos importantes e interessantes são fatos reais.

Começando de modo diferente, vamos ver como se encerra tal história. O mentor do esquema foi o próprio gerente da fábrica, (o posto mais alto na unidade) a quem chamaremos de Leonel Zalyjemr.

Depois de descoberto foi demitido e expulso da fábrica quase que a pontapés. Mas somente isso lhe aconteceu. Não houve polícia, denúncia ou más referências. Saindo desse emprego, conseguiu em outra empresa do ramo o cargo de diretor industrial e continuou sua vida.

Hoje tem uma firma de consultoria e aparece sorridente e feliz nas redes sociais. Igualmente os outros envolvidos (cerca de 20). Foram demitidos - eles diziam que saíram num plano de demissão voluntária - ficaram de boca fechada e continuaram suas vidas normalmente.

Leonel entrou na empresa como chefe de fabricação. Eficiente e competente, após alguns anos, foi promovido a gerente de fábrica. Nesse posto tomou conhecimento do projeto ultra secreto de fechamento da fábrica (codinome “Bam-Bam”). O prazo para a terminação era de cerca de três anos.

Pensando com calma Leonel viu uma brecha no esquema de segurança e controle. Uma fábrica que está destinada a fechar não mais será auditada e com a produção tendendo a cair todos os controles serão relaxados e colocados em um segundo plano. Pensando assim, bolou um esquema para se apoderar de parte da produção.

A coisa funcionaria assim: Digamos que a produção do dia seja 100 toneladas. Essa seria a quantidade efetivamente produzida, mas constaria em todos os controles que a produção daquele dia tinha sido 80 toneladas. As 20 toneladas sobrando seriam furtadas.

Com um esquema montado em todos os setores envolvidos, desde a programação das matérias primas até a expedição, o único ponto fraco seria o consumo de matérias primas, que não iria condizer com a quantidade produzida.

Fraudando também as entradas, somente uma auditoria profunda descobriria que as notas fiscais de entrada eram maiores que a menor quantidade de entrada informada. E essa auditoria não seria feita ou quando alguém descobrisse por acaso tal discrepância a fábrica já estaria fechada e desativada.

E para alguém descobrir isso, tem que ser alguém da fábrica encarregado de verificar a autenticidade do físico com o contábil, pessoas essas que estavam compactuadas com o esquema. Plano perfeito na teoria, precisando apenas de estar favorecido pela sorte.

“Fortuna imperatrix mundi” - Sorte, a imperatriz do mundo, já diz o ditado. Exatamente a sorte era o fator da qual dependia o sucesso de tal plano. E é a sorte que conduz o fator humano, impossível de ser incluído em qualquer planejamento.

Começa o funcionamento do esquema. O produto está na expedição, sendo embarcadas em carretas de cerca de 30 toneladas. Digamos que no dia de hoje sejam embarcadas 60 toneladas. Uma carreta sai cheia com 30 toneladas. A outra também. Porém na segunda, a Nota Fiscal somente informa 25 toneladas. A carreta está então transportando 5 toneladas não informadas que serão roubadas.

O encarregado da expedição lacra a segunda carreta com um simulacro de lacre, que será inspecionado displicentemente na portaria de saída pelos vigilantes. O lacre verdadeiro vai com o motorista.

Depois de ganhar a rodovia rumo ao centro de distribuição da empresa, após 30 minutos, o motorista entra numa via secundária, de pouco movimento, e pára depois de andar cerca de um quilometro. No local já está posicionado outro veículo. Transferem então as 5 toneladas de carga para ele. Terminada a tarefa, o veículo com o roubo vai embora e o motorista da carreta lacra as portas com o lacre digital verdadeiro. Volta para a rodovia e dirige até seu destino final.

Detalhe importante: o produto é acondicionado em paletes. O palete é formado por um estrado de madeira com quatro cantoneiras de aço. As caixas com o produto são empilhadas no estrado até uma altura de cerca de 1,80m. Depois, nos quatro cantos do estrado são colocadas as quatro cantoneiras, que são então mantidas no lugar por uma fita. Feito o palete, ele somente pode ser movimentado, devido ao peso, com empilhadeira ou com carrinho hidráulico.

Ao transferir a carga roubada, os ladrões cortavam as fitas, tiravam as cantoneiras e transferiam o produto, caixa por caixa, para o veículo deles. Agora o detalhe fatal: as cantoneiras e os estrados eram da empresa e contabilizados. Eles não podiam ser roubados, porque logo seria notado que faltavam estrados para fazer os paletes. Assim eles eram deixados na carreta. As fitas

cortadas eram recolhidas e não havia mais nenhuma pista de que houvera produto excedente dentro do veículo.

Ao chegar para descarregar, os funcionários iniciavam imediatamente o processo, menos nas carretas do roubo, onde primeiramente era necessário descarregar manualmente os estrados vazios e suas cantoneiras, que estavam atravancando a porta, para se poder chegar aos paletes com os produtos. E isso irritava os funcionários.

Maicon (nome derivado de Michael Jackson, que se pronuncia assim “*Maicon jéquisson*”) era um crioulinho da favela de Paraisópolis. Inteligente, esforçado e perspicaz, conseguiu emprego na Empresa, estando trabalhando justamente no descarregamento das carretas. Prestativo, queria subir na empresa e estava fazendo cursos de inglês e informática.

Maicon detestava descarregar carretas com cantoneira e estrados vazios, sentimento que também era dos outros que trabalhavam nesse setor. Certo dia, estavam retirando os tais estrados vazios e jogando-os ao lado da carreta. O Chefe passava por ali e vendo a cena chamou atenção para que os estrados fossem tratados com cuidado e não se danificassem.

Os outros não deram atenção ao fato, porém Maicon foi consultar o encarregado.

- *Esses estrados que chegam na carreta são nossos ou da transportadora?* - perguntou ele

- *Nossos* - respondeu o encarregado - *E o chefe já veio me dizer que vocês estão danificando 'eles'. É prá tomar cuidado, viu? Eles são bem caros, feitos de madeira nobre.*

- *Sempre achei que eram da transportadora e que faziam parte do equipamento da carreta. Por isso é que a gente joga 'eles' dessa forma* - acrescentou Maicon - *E com raiva, pois sempre atrasam o descarregamento.*

- *Por que você achava que eram da transportadora? Quem disse isso?* - quis saber o encarregado - *Atrasa como?*

- *De vez em quando chega uma carreta com 5, 6 ou mais estrados vazios. Semana passada peguei uma com 8 estrados vazios. Fora os estrados, são 32 cantoneiras de aço, bem pesadas, que temos que retirar, uma a uma, na mão.*

Maicon parou e pensou um pouco

- *Me explica uma coisa: se os estrados são nossos, por que a fábrica manda 'eles' vazios, com as cantoneiras para nós? Dá trabalho e tempo para carregar os estrados e cantoneiras para dentro da carreta. Por que eles perdem esse tempo? Só para encher o nosso saco aqui?*

O encarregado pensou um pouco.

- *Isso, não sei. Mas também só acontece de vez em quando, né mesmo?*

- *De vez em quando é modo de falar* - disse Maicon - *Acontece pelo menos duas vezes por semana, no turno da noite. E, pelo que os veteranos me contaram, já faz bastante tempo que isso acontece.*

- *Olha* - disse o encarregado intrigado - *não fala nada com ninguém sobre isso, que vou investigar. Depois lhe conto o que descobrir.*

O encarregado falou com o chefe, que estranhou muito o caso.

- *Já trabalhei na fabricação* - disse ele - *E sei que a expedição é programada para levar carretas fechadas completamente cheias. Não há espaço para estrados vazios e nem lógica em colocá-los dentro de uma carreta sem qualquer finalidade. Mantenha sigilo que vamos investigar. Enquanto isso, quero um relatório completo das carretas que chegam com estrados vazios. Mas tudo deve ser feito sem levantar suspeitas e muito discretamente.*

O encarregado já estava saindo quando o chefe acrescentou:

- *E nada de conversas com o motorista. Se houver algo erado, ele, com a mais absoluta certeza, vai estar metido no meio.*

A coisa rendeu, foi parar na diretoria que, além de recomendar o maior segredo possível, contratou uma agência para, camufladamente, seguir as carretas.

E assim foi feito. Quando a carreta deixava a fábrica era seguida por um veículo com dois agentes. No quarto dia, já houve resultados. Passava da meia noite quando os agentes viram a carreta sair da estrada e entrar na via secundária.

Eles também fizeram isso, parando no desvio e aguardando cerca de dez minutos. Então, com os faróis altos, bem rápidos, começaram a percorrer a estrada. Passaram velozes pela carreta estacionada junto ao veículo dos ladrões, e chegaram a ver que já estavam trabalhando na descarga. Ninguém do roubo desconfiou de nada. Era só um carro passando.

Para não levantar suspeitas os agentes continuaram até encontrarem um ponto onde podiam voltar à rodovia. Aguardaram cerca de uma hora até que a carreta aparecesse e a seguiram normalmente até seu destino. Reportaram o roubo e no descarregamento se constataram os estrados vazios.

O local do roubo era numa pequena reta em uma baixada entre dois morros. Totalmente deserto. Os agentes montaram em um morro um posto de observação onde um motoqueiro com câmera infra vermelha ficava escondido no meio de arbustos.

Todos os dias, assim que qualquer carreta saía o motoqueiro ficava no posto. Quando a carreta passava e não entrava no desvio ele era avisado e ia embora. Passaram-se nove dias nessa rotina até que o motoqueiro recebe o aviso que uma carreta entrara no desvio. O roubo foi então filmado e fotografado nos mínimos detalhes.

De posse desse material, na distribuição aguardaram a chegada de uma carreta roubada. Assim que abriram as portas e viram os estrados vazios, os vigilantes receberam ordem para deter o motorista e levá-lo para a sala da gerência.

Desconfiado o motorista se viu na sala com o gerente e mais dois sujeitos de terno (agentes). Falaram sobre o roubo, o motorista negou, mas depois de ver as fotos e filme da descarga e receber garantias de que não haveria polícia envolvida, resolveu colaborar e contou o esquema dando o nome do encarregado que lhe passava o lacre.

Resolvido o problema. Os agentes então partiram para a casa do encarregado, que os recebeu sem desconfiar de nada e quase morreu de susto quando viu que tinha sido descoberto. Foi também convencido a colaborar, entregou mais alguns nomes. Recebeu a instrução para trabalhar normalmente, seguir com o esquema e ficar de bico calado.

Essa cena se repetiu com todos os outros até que tiveram um quadro completo da quadrilha, onde o chefe era o próprio gerente, Leonel.

A manhã estava abafada. Perto da onze horas, um calor infernal, chega um veículo preto da sede da empresa à fabrica gerenciada por Leonel. Descem dois diretores que se dirigem à gerência.

Leonel fica surpreso e se desmancha em sorrisos.

- *Que surpresa* - diz apertando as mãos dos diretores - *Ninguém me avisou dessa visita. A que tenho a honra?*

- *Acho que você não vai gostar do motivo, Leonel* - falou um dos diretores, bastante sério.

Leonel vendo que ninguém está rindo, fica preocupado.

- *Não vou gostar?* - pergunta ele

Leonel está sentado em sua mesa enorme e os diretores sentados à frente dela. Um deles abre uma pasta e, sem dizer uma palavra, coloca sobre a mesa, virado para ele, fotos do roubo. Leonel fica pálido ao reconhecer o assunto, mas não dá o braço a torcer.

- *O que significa isso?* - diz apontando para as fotos.

- *Significa apenas que a casa caiu* - disse o outro - *Não adianta tentar negar e nos fazer perder tempo. Leia isso.*

Ao mesmo tempo em que falava, o diretor passou a Leonel as confissões dos quadrilheiros. Leonel vê os nomes e passa os olhos na papelada, se recosta na poltrona e fica em silêncio.

- *Não dá prá negar, não é mesmo?* - fala o diretor - *Vamos então entrar em acordo. Você vai embora, fica calado e o assunto vai morrer aqui. Não haverá processo policial, nem más referências, nem qualquer tipo de divulgação.*

Leonel balança a cabeça afirmativamente e continua em silêncio.

- *Ótimo* - diz o diretor recolhendo o material de sobre a mesa - *Coloque na mesa todas as chaves da empresa. Fique somente com as suas. Depois pegue tudo que é de sua propriedade particular que esteja nessa sala e ponha nas caixas.*

Ao dizer isso, o diretor ligou para a portaria e mandou que subissem duas caixas de papelão grandes.

- Esses pertences particulares serão examinados e enviados ao seu apartamento - disse o diretor.

Leonel obedeceu e somente pediu para ficar de posse de seu celular e uma agenda. O diretor manda então chamar o chefe da vigilância.

- Conduza o Sr. Leonel para seu carro. Ela acabou de pedir a sua demissão a não mais faz parte do quadro de colaboradores desta empresa. Seu carro deve ser revistado antes de sair e sua entrada fica proibida nesta fábrica a partir de agora.

Leonel olhou em frente e sem dizer uma palavra acompanhou o vigilante.

Nesse mesmo dia iniciou-se a demissão dos integrantes da quadrilha. Como a fábrica ia ser fechada, as demissões eram frequentes e ninguém estranhou o fato.

Ficam algumas perguntas sem resposta: Quem eram todos os componentes da quadrilha? Qual foi o total roubado? Quanto recebeu cada um?

Assim termina mais uma história que somente poderia ter acontecido neste país punheteiro. Os ladrões - sim todos são LADRÕES - foram viver suas vidas, limpos, limpos e

incógnitos. Aqui o rabo abana o cachorro e a impunidade está no sangue, no DNA deste povo traiçoeiro.

Para os que se revoltam com tal estado de coisas, vale a lembrança da frase atribuída a Machado de Assis: “***A ocasião faz o roubo. O ladrão já nasce feito.***”

110

A Paulada na Mamãe

Jackson trabalhava em uma unidade dessa mesma grande multinacional e vivia estressado pelo ambiente que existia nela. Esse é o tal “ambiente corporativo” em que imperam a bajulação e a incompetência dos bajuladores elevados a cargos de chefia.

Fim de ano. Aparece logo a indefectível “festa de confraternização”, que nada tem de confraternização. Para quem não sabe, nesse tipo de festa se reúnem todos que não gostariam de estar junto e vão ali obrigados pelas circunstâncias. Ou seja, tem que mostrar aos chefes que você está “integrado” e contente em trabalhar com eles.

É aquela empresa dos sonhos, em que todos gostariam de estar. Mas quando se entra nela e se topa com a fauna existente em seu seio, a pessoa se decepciona com sua gente e com a própria empresa.

E na “confraternização” se é obrigado a apertar a mão de todos – mesmo daqueles que você sabe que tentam puxar seu tapete a todo instante – ouvir e sorrir das piadas sem graça dos chefes que o querem demitir e, se for mulher, levar cantadas e

insinuações de como proceder para manter o emprego ou subir de cargo.

Mal começa a festa já se formam as panelinhas que se separam uma das outras. Depois os discursos – que se sabem são hipócritas, mentirosos falaciosos - e finalmente as despedidas, que são bizarras pelo estado de embriaguez do pessoal.

Jackson volta de uma dessas festas totalmente chapado e empanzinado com o churrasco que comeu. Antes de entrar m casa, vomitou tudo na porta da garagem e no outro dia não se lembrava de mais nada, a não ser do terrível pesadelo que o atormentou durante a noite.

No sonho ele se via em um imenso corredor com portas em ambos os lados da parede. Quer olhasse para frente, quer para trás, o corredor não tinha fim. E ele andava tentando abrir as portas, mas todas estavam travadas. Andando sempre para frente chegou a uma porta com um teclado brilhando, onde se lia em sua tela a mensagem piscando “*Você sabe a senha*”.

Tentou abrir, mas não conseguiu. Tentou várias senhas, mas nada. Decidiu então, já quase desanimando, digitar o nome de sua empresa. E a porta se abriu com um estrondo e ele foi sugado passando por ela em alta velocidade.

Estava voando rápido subindo como um raio. E vê sua casa desaparecer, depois seu estado, seu país, a Terra, o sistema solar e enfim voa para o espaço exterior à Via Láctea. Esta também desaparece e ele viaja na escuridão até entrar em nova galáxia e daí mergulhar nela até encontrar um planeta azul como a Terra e se aproximando dele, sobrevoar um local que parecia uma fazenda.

Viu milhares de cabeças de gado branco com corcova, plantações, lagos, riachos, até pousar em frente a uma gigantesca casa de fazenda, luxuosa e maravilhosa. Parado no caminho que levava a frente viu sentado no terraço um velho com um copo na mão que também o observava.

Aproximou-se lentamente e para sua surpresa escutou o velho falar:

- Entre e venha se sentar aqui comigo

Mas, o velho não abriu a boca para falar. Então Jackson percebeu que ele se comunicava por telepatia.

- É telepatia mesmo – sorriu o velho- venha, não tenha medo.

Jackson pensou em agradecer e notou que o velho tinha captado isso também. Cautelosamente

aproximou-se e sentou-se a mesa diante do velho. Ele tomava um destilado e lhe ofereceu. Jacson agradeceu e se serviu de um copo de suco amarelo como laranja. Estava enjoado de uísque.

- Eu estava lhe esperando e vou contar a história desde o começo – disse o velho – Eu sou Wath e era presidente neste país da maior empresa multinacional no ramo.

Passou então a revelar uma história interessante. Estava ele cansado, em seu escritório em uma tarde de outono. Sentiu o cansaço aumentar e foi se recostar em um sofá bem confortável que ali existia.

Logo, entre acordado e sonolento, viu um vulto vestido de negro, com um grande capuz que lhe escondia as feições, materializar-se diante dele. E lhe disse que deveria contar sua história de vida a um estranho que entraria em contato. Disse ainda que depois dessa visita, teria apenas poucos dias de vida. Ao fazer isso estaria praticando uma boa ação, pois ensinaria alguém como ter sucesso na vida, e neste caso uma boa ação seria extremamente valiosa. E para provar que ele não era um sonho, disse-lhe que em breve receberia uma carta com envelope azul.

Ao se recompor e sentar-se de novo diante de sua mesa, ficou impressionado com esta visão. E sorriu ao

pensar que até já tinha se esquecido do que era uma carta. Elas não eram usadas há mais de meio século. E o fantasma disse que ele ia receber uma. Sorriu mais e voltou a seu trabalho.

Passaram-se algumas semanas e eis que, certo dia, um entregador deixa na empresa um pacote destinado a ele. Ao receber e abri-lo, para sua surpresa, dentro havia um grande envelope azul destinado a ele. No seu interior um convite de casamento da filha de um primo que morava em outro país. Havia também um bilhete dizendo que a filha queria fazer um casamento com um tema do século passado e o envelope e o convite faziam parte desse tema antigo.

Wath recostou-se na poltrona. Bela maneira de iniciar sua aposentadoria pensou, ao notar que essa era sua última semana na direção da empresa. A merda do fantasma acertara na profecia da carta. E se a chegada do estranho fosse também realizada? Será que depois disso sua morte seria iminente?

O tempo passou e agora, já aposentado, morando em uma de suas fazendas, Wath passava os dias aguardando o estranho. Mas, o tempo transcorre e esse acontecimento, que não se realiza, vai se apagando aos poucos de sua mente. Até que, de repente, o estranho surge.

- Imediatamente eu soube que você era o estranho a que o fantasma se referiu – disse ele a Jackson – Por acaso estava olhando na direção do caminho em que você apareceu. E o vi surgir do nada, se materializando instantaneamente.

- Isso significa que.... – começou Jackson

- Isso significa que, – atalhou Wath – se o fantasma está certo, minha vida está terminando. Ele disse que teria poucos dias de vida depois de falar com você. Então, vou praticar uma boa ação lhe ensinando os pulos do gato para ter sucesso.

Começou então contando que nasceu de família rica, dona de um laboratório famoso em todo o país. Possuíam muitos bens, imóveis e fazendas de criação de gado – aquele branco com corcova – dos quais frequentemente faziam leilões. Formado em economia se especializou em marketing.

Na cidade onde o laboratório tinha sede – seu pai foi prefeito dela – havia também a sede de uma grande multinacional – a maior do mundo no seu ramo – naquele país. Depois de formado entrou como estagiário nesta empresa. Com o prestígio e poder da família, logo sobe na empresa sendo enviado a outros países para especialização. Sempre exercendo cargos de chefia, passa por três países até se fixar em um país do hemisfério norte.

Após 25 anos de trabalho na empresa, enfim é lavado ao cargo de diretor presidente da empresa nesse país, onde ficou no cargo por quatro anos. Passado esse tempo voltou ao seu país de origem onde também assumiu o mesmo cargo ficando nele por 14 anos, até se “aposentar”.

- Aqui começa o pulo do gato – disse sorrindo – Presta atenção na receita prá ficar rico.

Trinta anos de empresa e o que ele tinha conquistado? Alguns bens que poderiam ser comprados com seu salário. Nada de mais para aqueles com tal faixa salarial. Classe média alta, quase rico, mas longe de ser milionário. Ele então começou a pesquisar um modo de sair daquela situação, partindo para um enriquecimento, que, justificava ele, seria a compensação adequada aos anos que dedicara à empresa. E esse enriquecimento deveria ser provido, logicamente, pela empresa.

A questão, porém, era apenas uma: como fazer isso de forma elegante, sem poder ser acusado de nada ilícito? Como canalizar dinheiro da empresa para seu bolso sem roubar?

Desse modo não se cansa de estudar e repassar toda sua experiência na empresa à procura de uma brecha

que lhe trouxesse a solução desse problema. Passam-se dois ou três anos sem que consiga vislumbrar uma saída. Enquanto isso trabalha duro na presidência da empresa.

Compra seu principal concorrente no país, em uma tacada audaciosa e genial. Agora eles detém 90% do mercado. Seu trabalho com marketing eleva os ganhos da empresa, ano após ano. Quando saiu dela, tinha quintuplicado os ganhos da empresa. Isso o tornou um guru dentro do país e fora dele. Respeitado e quase adorado, era o senhor da situação e sua palavra agora era lei e ninguém ousava ir contra ele.

Mesmo assim, não via modo de realizar seus planos de enriquecimento. Não havia brecha aparente. Mas seu faro lhe dizia que sempre há a brecha. Pode estar muito escondida, mas sempre existe. E continuava na busca.

As fazendas de sua família faziam leilões de gado, e agora ele era acionista em uma delas e sempre participava, quando podia, desses eventos, que ocorriam com milionários investindo seu dinheiro em matrizes selecionadas e com muita festa para eles.

Em um desses leilões notou que havia uma grande movimentação. Um humorista famoso – o mais famoso do país, trabalhando na maior rede de TV também do

país – com muito dinheiro para gastar, estava ali presente. Lógico que foi convidado para todos os eventos da festa, inclusive um almoço com os organizadores. Wath entre eles.

O humorista sentou-se o seu lado e conversaram muito. Lá pelas tantas, confessou a Wath que realmente não comprara nada no leilão. Estava com uma grande despesa, pois criava cavalos – tinha 3000 – e essa criação era demasiado dispendiosa. Se conseguisse um contrato de publicidade com a empresa de Wath, aí sim poderia também criar gado. E a conversa girou por esse tema até o final do almoço.

A noite, Wath foi dormir com uma sensação estranha. De madrugada acordou pensando na conversa com o humorista e seu instinto lhe dizia que deveria esmiuçar o evento, analisando cada vírgula do que tinha sido dito. No outro dia, um domingo, na beira da piscina de sua fazenda, ele tomava um destilado com gelo e pensava, com o olhar perdido no fundo do céu azul.

O cara criava 3000 cavalos. Que absurdo, pensou. Por isso estava precisando de dinheiro. Um contrato de publicidade com uma empresa lhe salvaria. Os ricos quanto mais sobem de padrão de vida mais necessitam de dinheiro. Esses contratos são milionários. Corre muito dinheiro.

Sua cabeça dava voltas. Pensou novamente: Os ricos quanto mais sobem de padrão de vida mais necessitam de dinheiro. Esses contratos são milionários. Corre muito dinheiro. Aceitam um acordo? Um dinheiro fácil que pode ser repartido. Claro que aceitariam um acordo. E se ligasse o contrato com os leilões?

De repente Wath levantou-se jogou o copo para o ar, que foi cair na piscina. Deu uma gargalhada, socou a mesa e falou sozinho em alto e bom tom: **“achei a brecha!”**

Passou o dia maquinando um plano e no dia seguinte com um esboço completo, tratou de, item por item, transformar o esquema em um verdadeiro sistema para fraudar a empresa. Mais alguns dias e ele começou a agir.

Qual foi o golpe? A empresa fazia um contrato de milhões com uma celebridade para que ela fizesse propaganda de seus produtos. Com o dinheiro na mão a celebridade aparecia então em um dos leilões de Wath e arrematava um lote de gado por um valor recorde, sempre milhões.

Por exemplo, digamos que o cantor mais famoso do país, faça um contrato de 10 milhões. Depois, no leilão de Wath, comprasse gado por 2 milhões. Tudo certo e nada a espantar. Mas, na maioria das vezes, a

celebridade nem tinha fazenda para colocar os animais que “comprara”. Mas ninguém foi atrás disso. E daí? Qual é o esquema?

Wath, malandro, fez mudanças na empresa e colocou o marketing diretamente subordinado a ele. E os tais contratos com celebridades eram feitos exclusivamente com ele. A celebridade precisava de dinheiro. Fechava o acordo prometendo repassar 10 a 20% para Wath, através da falsa compra de gado em seus leilões.

O que acontecia? A propaganda com a celebridade aumentava o faturamento da empresa e Wath recebia os parabéns por isso. Os leilões viravam notícia com o afluxo de artistas e apresentadores de TV, jogadores de futebol e modelos famosos. Inclusive a filha de Wath se casou com um conhecido apresentador de programas culinários. Se a pessoa não ficava com o gado isso não era nem ventilado. Era uma festa só.

Wath passou quase dez anos fazendo esse jogo. Comprou dez fazendas, as encheu de gado e fundou uma empresa de agro negócio. E seguia feliz, feliz, sabendo que agora tinha se tornado milionário....

Mas, ninguém agrada a todo mundo e quem faz muito sucesso, também faz muitos inimigos e invejosos. Assim, depois de 13 anos como presidente da empresa

no país, viu-se de repente, denunciado por esse esquema. Os inimigos apuraram tudo e entregaram à diretoria mundial mostrando como a mamãe tinha levado uma paulada.

Esta iniciou uma investigação e ao seu final Wath estava seriamente comprometido. Ele foi chamado até o país sede, negou tudo, tentou se defender, mas as evidências, a procissão de famosos em suas fazendas, a compra de dez fazendas entre outras, eram muito fortes.

Então, como sempre, fizeram um acordo para não haver escândalo. Não haveria policia, nem processo, nem devolução do que tinha sido subtraído. Em troca Warth pediria a aposentadoria se desligando da empresa.

Wath ficou milionário, fundou um império agropecuário, e deu uma paulada na mamãe se apoderando de milhões num esquema que não pode ser provado como criminoso. Hoje é reverenciado como rei do marketing e homenageado pelos mais diversos setores industriais.

Jackson ia falar alguma coisa, mas acordou de repente. Estava em seu quarto, com uma terrível dor de cabeça. Olhou o relógio: meio dia e meia. Se levantou cambaleante e foi para o chuveiro. Sua mulher gritou, dizendo que já ia servir o almoço.

Jackson caiu na realidade. Deixou a água quente escorrer pelo corpo enquanto pensava no pesadelo: que história incrível. Fechou os olhos e pensou que amanhã deveria retomar aquela rotina no ambiente pesada na empresa. Voltou a pensar em Wath e seu esquema e como enriqueceu.

Sorriu, abanou a cabeça e falou em voz alta: “*Isso não passou de um sonho*”

* * *

EPÍLOGO

Como Fechar Uma Empresa

A sorte foi lançada e a matriz resolveu fechar nossa fábrica após quase 70 anos de atividades. A grande multinacional desenvolveu uma estratégia para desativar unidades sem afetar sua marca mundial. Criou uma empresa laranja, com um nome totalmente desconhecido que passou a controlar as unidades que seriam fechadas. Essas unidades tiveram seu nome mudado na aparência externa, mas internamente continuou a ser gerenciada pela matriz da multinacional.

Vamos exemplificar o processo. Imagine que a General Motors (obviamente que não é a General Motors) tenha dez fábricas no Brasil. Todas com o nome de General Motors na fachada. Imagine que a GM queira fechar 5 dessas fábricas. Ora, isso repercutiria mundialmente, e mal.

Para contornar esse problema, a GM cria uma empresa laranja, chamada *Dynamic Products Association* e “vende” as cinco condenadas a ela. Todas passam a ostentar a marca da *Dynamic Products Association*, mas seu controle interno não muda e continua a ser feito pela mesma GM, que passa então a implementar o projeto de desativação, no maior sigilo.

Quando a fábrica fechar, em dois ou três anos, não será a GM que fechou, mas a desconhecida *Dynamic Products Association*, que não merecerá nem uma linha em qualquer jornal.

Os funcionários sentem cheiro de pólvora no ar. As demissões são lentas, mas constantes. O peão vê, aos poucos, os departamentos serem desativados, um a um. A gerência faz de tudo para não alertar os funcionários e manter a discrição, inventando as mais tolas desculpas. Mas, *business is business*, e os equipamentos que saem dos departamentos desativados vão ser reaproveitados em outras unidades da empresa. E quem os transportam são caminhoneiros. É impossível guardar segredo na unidade de destino.

- *Esse é o material que veio da fábrica da cidade tal?* – pergunta um peão curioso ao motorista da carreta.

- *É sim* – responde ele – *Já dei quatro viagens. A fábrica lá está ficando pelada. Não fazer o quê lá?*

- *Não sei* – responde o peão – *mas tem um “zum-zum-zum” de que aquela fábrica vai ser fechada.*

Assim, o motorista, na próxima viagem, avisa aos pobres funcionários da Dynamic, que seus dias estão contados. A revolta se alastra e a gerência se vira para acalmar a peãozada.

O tempo passa, e em cerca de dois anos desativam 80% da fábrica. Diante das salas fantasmas abandonadas, os peões não mais duvidam do seu destino, apesar da gerência continuar negando. Chega uma carreta de uma grande transportadora. O motorista está impaciente e nervoso com a demora do carregamento e desabafa:

- *Ô cidade maldita. Ainda bem que esta é a ultima viagem que faço para cá.*

- *Por que?* – pergunta o peão do armazém
- *Porque meu chefe me disse. Ele falou que essa merda aqui vai fechar e que depois dessa não vamos mais fazer viagens por essas bandas.*

A notícia se espalha. Mas nesse altura tudo já estava pronto. O fechamento está próximo. No dia 12 de outubro, feriado, a gerência convocou todos os empregados para compareceram à fábrica, às 9:00 horas.

Quando os funcionários chegaram, eram impedidos de entrar, por cerca de 200 seguranças, que estavam espalhados no portão e pátio da fábrica. Enquanto os cerca de 300 empregados ficavam na rua, chegaram uma procissão de vans e um batalhão de assistentes sociais, contratados pela empresa. Todos foram colocados nas vans e rumaram para o auditório da faculdade local.

No auditório, explicaram os motivos do fechamento da empresa e foram chamando grupos de 15 a 20 pessoas, que eram direcionados a uma determinada sala, onde psicólogos e assistentes sociais faziam uma pajelança para amenizar a angústia dos demitidos.

Os que ficaram no auditório (cerca de 20) foram convocados a trabalhar em outras fábricas. A seguir passaram também para uma sala onde psicólogos com aqueles joguinhos mentecaptos tentaram desfazer o pseudo choque de um fechamento de surpresa, que todo mundo já sabia que ia acontecer, principalmente por notícias trazidas por motoristas de

caminhão, de transportadoras, que passaram mais de um ano levando máquinas e equipamentos daqui para lá. Eles diziam para todos que, eram as últimas viagens que faziam para esta cidade, pois a fábrica ia fechar. A direção tentou guardar segredo aqui, mas se esqueceu de calar a boca também nas fábricas de outros locais.

A coisa foi em um feriado, não causou nenhum impacto na cidade, pois poucos ficaram sabendo. Quem podia reclamar, principalmente o Sindicato, recebeu um “cala boca” bem generoso e todos os “sindicalistas” aceitaram caladinhos o fechamento.

Como é difícil ficar de boca fechada, os diretores do sindicato andam se gabando: uns estão com carro zero, outros dizem que receberam um bom dinheiro como “indenização”, a grande maioria foi aposentada, alguns sem terem 55 anos de idade. A grana correu solta e atingiu até os esquemas de aposentadoria fraudulenta do INSS.

Como era esperado, apenas um jornal local noticiou o fechamento. Não houve qualquer repercussão nacional e a multinacional já fechou várias de suas unidades no Brasil através desse mesmo esquema.

Fim de uma era.



Mensagens

Marcos Prado disse...

Valentin

Sensacional, estou me divertindo muito e tb decifrando que são os personagens.

[]Marcos Prado

15/11/07 18:37

Grande Luis, parabéns pela ideia. Estou devorando um a um e apesar de não ter participado direta, tb convivi com alguns personagens.

Confirme minhas dúvidas, ok

O Portão: ??????

A Promoção ??????

O Dia da Caça: essa é fácil: Burt=???? (Estive com ele em Ilhéus (2005) onde mora numa belíssima mansão, onde estava em convalescença devido a um novo acidente automobilístico, devido a excesso de álcool. É um cara estranho, chega a ter alguns pontos legais.

A empresa vai parar: Livramento=????? por acaso onde ele está, retornou p/ o nordeste? Bom sujeito.

O Espião I: Petrin=????? e o espião quem era?

Parei por aí, amanhã lerei mais.
um abraço

Marcos Prado
15/11/07

É padrinho cê tá com tempo heim?
Não paro de rir, quando terminar passo a relação dos codinomes
que não consegui decifrar;
Tchau!
Cláudio Ignácio
16/11/07

Anônimo disse...
É um meio excelente de usar meu tempo livre, conhecendo suas
experiências. Continue...
um beijão

Flavia.
16/11/07 22:35

Alex disse...
Valentin!
Parabéns pelo registro e inspiração dos momentos memoráveis
de nossa unidade. Sou testemunha de pequena parte desta
história e adorei sua iniciativa de transmitir com humor

refinado, uma pequena parte da "memória" que restou da empresa. Nesta empresa, ri debaixo da mesa, chorei, dancei, amadureci...enfim vivi e saio dela com muita saudade dos amigos que convivemos!

Novamente, parabéns por compartilhar estas histórias.

Abraços / Alex

09/12/07 20:05

Anônimo disse...
Esse é o retrato de muitas empresas brasileiras.
triste e divertido.

Parabéns

15/04/08 23:10

Valentin, bom dia.

Abri este arquivo e achei fantástico. Agora pela manhã dei muitas gargalhadas com alguns contos.

Este da barata foi triste. Posso passar seu Blog para amigos(as)?

Ainda não li todos os contos mas vou ler. Dá saudade. Que bons tempos!

Abraços e parabéns.

A Carlos

10/08/09

